

PATRÍSTICA

CIPRIANO DE CARTAGO

Obras Completas I



CIPRIANO DE CARTAGO

OBRAS COMPLETAS I

A conduta das virgens
Os lapsos
A unidade da Igreja católica
A oração do Senhor
A mortalidade
As boas obras e a esmola
O bem da paciência



ÍNDICE

Capa

Rosto

Apresentação

Dedicatória

Siglas e abreviações

Cipriano de Cartago – Vida

Posteridade, obras e pensamento do Doutor suavíssimo

A conduta das virgens

Introdução

Texto

Os lapsos

Introdução

Texto

A unidade da Igreja católica

Introdução

Texto

A oração do Senhor

Introdução

Texto

A mortalidade

Introdução

Texto

As boas obras e a esmola

Introdução

Texto

O bem da paciência

Introdução

Texto

Coleção Patristica

Ficha Catalográfica

Notas

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e pre parada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve, com os dados históricos essenciais de que se necessita para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patristica

e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das srcens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da

~~teologia simbólica e da teologia especulativa ou filosófica. A Padrede Pais da Igreja, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espera encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de s. João Damasceno (675-749).~~

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner e A. Stuiber. Patrologia, São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

DEDICATÓRIA

Às Monjas Beneditinas
da Abadia de Nossa Senhora das Graças – Belo Horizonte, MG –
e aos membros do Centro Dom Vital – Rio de Janeiro, RJ –,
por seu trabalho de tradução e de difusão
das obras de São Cipriano na década de 1940,
gentilmente cedidas para publicação nesta coleção.

SIGLAS E ABREVIACÕES

CCL	<i>Corpus Christianorum. Series Latina</i> Turnhout: Brepols
CSEL	<i>Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum</i> , Wien: Tempsky/OAW
DPAC	<i>Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs</i> A. DI BERARDINO (org.), Petrópolis / São Paulo: Vozes / Paulus, 2004
<i>ep.</i>	<i>Epistula(ae) - Carta(s)</i>
LCL	Loeb Classical Library, Harvard University Press
MA	<i>Miscellanea Agostiniana. Testi e Studi</i> Roma: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1930-1931, 2 vol.
PatrPaulus	Coleção Patrística, São Paulo: Paulus
PG	<i>Patrologia Graeca</i> ed. J.-P. MIGNE
PL	<i>Patrologia Latina</i> ed. J.-P. MIGNE
<i>s.</i>	<i>Sermo(nes) - Sermão(ões)</i>

CIPRIANO DE CARTAGO

INTRODUÇÃO GERAL

Vida

Monjas Beneditinas
Abadia de N. S. das Graças
Belo Horizonte, MG

Tácscio Cecílio Cipriano^[1] nasceu de uma família pagã, abastada e com membros no governo municipal, provavelmente em Cartago (nas proximidades da atual Túnis, Tunísia), capital da África Proconsular, entre os anos 200 e 210. Conservou durante toda a sua vida o temperamento africano, vivo e exaltado, o que, aliás, empresta às suas obras vigor e força raras – embora, diversamente de seu patrício Tertuliano (ca. 155-220), a quem chamava de mestre,^[2] mostrasse dotes de amabilidade e espírito conciliador. Era um *honestior* (nobre), talvez pertencente, como mínimo, à ordem dos equites (cavaleiros).

Embora seus escritos, sobremaneira as cartas, e as *Atas* de seu martírio sejam rica e confiável fonte de informações sobre sua vida a partir do episcopado,^[3] notícias anteriores a sua conversão são escassas. Sabe-se que foi educado em Cartago, onde sempre o encontramos, se excetuarmos alguma estadia em lugares próximos. Teve sólida formação em latim, grego, direito, retórica. De fato, era mestre de oratória quando, por intermédio do presbítero Ceciliano,^[4] chegou à fé cristã. Seu batismo data, provavelmente, de 246, já que no opúsculo *Ad Donatum* espécie de autobiografia normalmente datada também de 246, em que Cipriano narra a mudança que o batismo acarretara na sua vida, diz que sua conversão é recente.

Convertido, doa parte de suas propriedades para os pobres e parte põe à disposição da Igreja. Entre 248/249, é ordenado presbítero e, logo após, torna-se bispo da sua cidade natal. O consenso popular, que pedira sua ordenação, pode ter visto nele um

atranus,^[5] considerando-se sua posição social precedente, seu possível raio de influência e sua generosa doação de bens. Sua ordenação episcopal, porém, não foi consensualmente aceita entre o clero cartaginês. Com efeito, cinco presbíteros locais^[6] – ou por considerá-lo neófito ou por serem possíveis ambiciosos da posição que Cipriano estava por assumir – se opuseram, sem sucesso, a sua eleição para a Sé de Cartago.

A Sé metropolitana de Cartago tinha grande importância. Seu bispo exercia certo primado sobre o episcopado e toda a África latina.^[7] A cidade, um dos principais centros do Império Romano e um dos maiores portos do Mediterrâneo, não perdia em nada para as outras duas metrópoles do Império, Roma e Alexandria.^[8]

Uma vez bispo, Cipriano se viu a braços com dificuldades e problemas que,

sucedendo-se quase ininterruptamente, encheram o seu pontificado. Por ocasião da perseguição de Décio (250), quando foram confiscados os bens que tinha posto a serviço da Igreja, Cipriano achou preferível retirar-se^[9] de sua sede antes mesmo que o Editto fosse publicado, o que não foi unanimemente bem aceito. Com efeito, quando a Igreja de Roma noticiava o martírio de Papa Fabiano, aí já se sabia, e se admirava, que Cipriano estivesse ausente de sua sede. Sentindo-se obrigado a dar razão de sua atitude, ele diz que o fizera – sem negligenciar as tarefas de seu posto, mantendo contato frequente com seu povo e seu clero – tendo em vista o bem da sua Igreja, para não aumentar, com a presença de sua personalidade eminente, a violência do conflito.^[10]

Quanto à cura das almas sob sua responsabilidade, de fato, a correspondência desse período^[11] – bem como uma doação de bens para suprir as necessidades dos perseguidos – evidencia o zelo do pastor para com seu rebanho e seu empenho em manter a ordem e administrar a disciplina de sua comunidade.

A questão disciplinar ocupa não pouco espaço em seu epistolário, particularmente porque, durante a ausência de Cipriano, os presbíteros que se haviam oposto a sua eleição puseram-se a afirmar que ele fugira covardemente, a tomar decisões contrárias às do bispo e a nutrir divisões internas.^[12] Cipriano teria voltado a sua sede assim que cessaram as perseguições, mas as referidas divisões impediram que retornasse logo. Seu retorno só foi possível depois da Páscoa de 251.

O fim da perseguição, naquela primavera, porém, não tornou a administração de Cipriano mais fácil, pois deveria voltar a afrontar a questão disciplinar – que surgira um ano antes e dividia sua comunidade – da readmissão dos *lapsi*, daqueles que, durante a perseguição, tinham apostatado.^[13] Cipriano, sem se situar nos extremos do negar a readmissão e o concedê-la sem mais, propõe medidas ponderadas que servirão de base para concílios posteriores e para a normativa da readmissão de apóstatas.

No ano seguinte, 252, e até 254, uma peste assola o Império e deixa sua região em estado de calamidade material e moral. O flagelo da peste fez as divisões caírem no olvido e dispôs o bispo de Cartago a prestar todo auxílio possível à população cristã e a empenhar-se também em favor dos pagãos da metrópole, da qual ele se torna a alma,

com um verdadeiro sistema de beneficência. Contudo, quando o imperador Treboniano Galo (251-253), sem ocasionar propriamente uma perseguição, emanou um editto determinando que a população fizesse sacrifícios, provavelmente ao deus Apolo, de quem esperava socorro para a situação, houve quem quisesse que Cipriano fosse jogado aos leões.^[14] O bispo, todavia, não deixa de fazer o bem e exortar seus fiéis a que também o façam.^[15]

A peste sendo contornada, pelo final de 254 – e até seu martírio –, Cipriano enfrenta a polêmica, em oposição a Estêvão de Roma (254-256), sobre o batismo administrado por hereges e cismáticos.

As divisões ocasionadas pela questão em torno à readmissão ou não dos lapsos, após a perseguição de Décio, deixaram grupos cismáticos como consequência. Nesses grupos

havia bispos e presbíteros. Cipriano e seus coepíscopos, nos passos de seus predecessores,^[16] insistiam que o batismo administrado por aqueles que se separaram da Igreja não é válido; e quem vem à Igreja de um grupo dissidente deve ser batizado mesmo que tivesse sido batizado pelos cismáticos. Não se trata de rebatismo, afirmam os africanos, mas de batismo verdadeiro e próprio, já que entre hereges não há verdadeiro sacramento.^[17] Estêvão, em linha com uma tradição distinta,^[18] opõe-se fortemente a ^[19]

~~essa prática, considerando-a uma inovação. A polêmica não parou e se tornou mais insuportável para a comunidade envolvida. Por fim, não se sabe se, por respeito, não sabemos que fim teria tido a controvérsia entre ambos, já que foi interrompida por outra perseguição, a do imperador Valeriano (253-260), iniciada em agosto de 257.~~

Diversamente da perseguição de Décio, que visava indivíduos, Valeriano, temendo a cristianização do império, golpeou diretamente a instituição: deixando de lado os leigos, bispos e presbíteros seriam exilados, vigiados e proibidos de presidir qualquer cerimônia; quem desobedecesse seria executado.^[20]

No dia 30 daquele mesmo mês, isto é, agosto de 257, Cipriano, tendo-se recusado a “reconhecer as práticas romanas” (*romanas caerimonias recognoscere*),^[21] isto é, a ^[22] admitir que tais práticas fossem úteis para a salvação do Império, foi exilado em Curubis (atual Korba, Tunísia). Nesse período, prepara textos que animem sua comunidade a perseverar na fé, a não desfalecer diante do martírio.

Em agosto do ano seguinte (258), Valeriano emite um novo decreto, desta vez determinando a proibição do uso dos edifícios de culto – que poderiam ser confiscados –, o confisco dos bens de leigos ilustres, particularmente do senado e da corte, e seu exílio – com sua subsequente execução, se insistissem em professar a fé cristã – e a execução de todos os bispos, presbíteros e diáconos. Informado da decisão imperial, Cipriano esconde-se novamente. Desta vez, porém, ele o faz de modo a ser encontrado, pois pretendia que o procônsul o julgasse em Cartago, sua cidade, e não em outro lugar.^[23] Em 14 de setembro daquele ano, tendo sido processado, Cipriano, decapitado no campo de certo Sexto, recebe a graça do martírio, tornando-se o primeiro bispo africano mártir.

São Cipriano, o autor dos opúsculos que apresentamos vertidos em português, é, cronologicamente, o segundo grande nome do cristianismo africano, e um dos maiores Padres da Igreja nos três primeiros séculos. Até Santo Agostinho, foi ele a maior autoridade na Igreja latina. As suas obras eram muitíssimo estimadas e consideradas quase como canônicas; assim se compreende o elevado número de manuscritos que no-las transmitiram.^[24]

A maioria das suas obras foi escrita para atender a questões de toda espécie que surgiam uma após outra. É, com efeito, o caráter eminentemente prático dos escritos de São Cipriano que o torna muito precioso e acessível, muito querido de uma época como a nossa, quando urge a reconstrução de uma nova cristandade.

POSTERIDADE, OBRAS E PENSAMENTO DO DOUTOR SUAVÍSSIMO

Heres Drian de O. Freitas

Agostinho de Hipona^[25] – em uma das suas mais de 660 referências a Cipriano – emprega o epíteto *Doutor suavíssimo* para designar o bispo de Cartago, de quem sempre reconheceu a autoridade,^[26] como bispo, mártir, defensor da Igreja, e a santidade. Agostinho, porém, não inaugura a reverência a São Cipriano.

Posteridade

No ano seguinte (259) ao martírio do grande Bispo Cartaginês, seus ensinamentos são recordados, no momento do martírio, para serem postos em prática.^[27] Alguns anos mais tarde (295), seu túmulo é considerado referência para outros mártires.^[28] Lactâncio (ca. 260-330) e Jerônimo (ca. 347-419) louvam sua eloquência, sua elegância de estilo, seu talento fecundo.^[29] Além disso, o Estridonense, juntamente com as Escrituras, indicará também a leitura das obras de São Cipriano.^[30] Agostinho atesta a leitura das *Acta*^[31] e a celebração anual^[32] do martírio do santo bispo de Cartago, e louva-o como exemplo de fé viva. No séc. V, o cristianismo africano já tinha enraizadas em si a memória e a autoridade do Doutor suavíssimo. Memória e autoridade, aliás, que se estendiam a toda a Igreja.

Na Espanha, o poeta Prudêncio (*348) dedicara a Cipriano os mais de 100 versos da 13ª poesia de seu *Peristephanon*.^[33] No Concílio de Éfeso (431), o santo mártir cartaginês é citado em apoio às doutrinas da *Theotókos* e da dupla natureza de Cristo.^[34] O *Decretum Gelasianum*^[35] (496) põe Cipriano e todas as suas obras entre os *Patres orthodoxi*, os Padres cujas obras e teologia são recomendadas por sua fé reta. Algo semelhante fará mais tarde Cassiodoro (†ca. 485), ao inseri-lo em sua lista dos Padres latinos^[36] e, assim, promover sua leitura na Idade Média. No desenvolvimento do movimento monástico, o santo bispo de Cartago pode ter influenciado São Bento (ca. 480-547) – ou quem por ele – na composição de sua *Regula*.^[37] e, além de modelo de mártir, de santidade, de bispo, de ortodoxia, foi também modelo de Abade.^[38]

Embora os latinos não fossem muito lidos e conservados entre os orientais, também entre esses podem ter-se difundido obras de São Cipriano; suas cartas certamente eram conhecidas. De fato, deve ter havido um *corpus* das epístolas do Cartaginês na biblioteca de Eusébio de Cesareia^[39] e, talvez, outro em Constantinopla.^[40] Na Capadócia, Gregório Nazianzeno atesta sua fama dedicando-lhe, em 379, um panegírico inteiro.^[41]

N a Lídia, no início do séc. V, Cipriano é recordado pelo bispo Macário de Magnésia como taumaturgo, e é também como taumaturgo que os bizantinos encontram São Cipriano cultuado em Cartago no séc. VI.^[43] Dez séculos mais tarde, o Concílio de Trento invocará o santo bispo mártir de Cartago para tratar do episcopado na estrutura da Igreja.^[44]

Para evitar continuar com uma infinidade de indicações de obras de variado gênero, basta dizer que a figura do Doutor suavíssimo atravessou tempos e lugares, sendo cultuado e tendo suas obras reproduzidas, citadas e traduzidas, como autoridade moral, teológica, litúrgica, canônica. Mesmo em realidades eclesiais mais próximas de nós, como o Vaticano II, Cipriano só perde em número de citações, em um documento como a *Lumen Gentium*, por exemplo, para Agostinho: 21 deste, 14 daquele.

Obras

A enorme recorrência a São Cipriano não suscita tanta admiração se se tem presente que suas obras e cartas miravam questões pontuais práticas – o que explica o motivo de o diácono Pôncio indicar, supostamente em ordem cronológica,^[45] quase todas as obras do bispo de Cartago dentro do quadro de sua atividade pastoral,^[46] questões, todavia, não dificilmente experimentáveis em qualquer comunidade eclesial ao longo dos tempos.

Mesmo que cada uma das suas obras, dada a sua própria finalidade, e com dados gerais daquelas consideradas autênticas, a começar pelo epistolário:

- O epistolário de Cipriano contém 81 cartas autênticas. Nem todas, porém, são propriamente suas: de algumas, de remetentes vários, ele é destinatário; de outras, como epístolas sinodais, ele é redator. A datação da maioria delas parece acertada. Como suas obras, as cartas dizem respeito a questões práticas com as quais teve de lidar ao longo de seus cerca de dez anos de episcopado.

- *Ad Donatum* (*A Donat*): é a primeira das obras cipriânicas. Composta depois de seu batismo (ca. 246), Cipriano a endereça e dedica a seu amigo Donato, a quem conta de sua conversão, do abandono de um mundo em decadência, das transformações da graça batismal e da paz e da felicidade a que chegou pela fé. De estilo prolixo, é a obra que mais demonstra sua formação clássica.

- *De habitu virginum* (*A conduta das consagradas*): talvez anterior a seu episcopado (248-249), o texto é uma exortação às consagradas a estarem atentas à vaidade e aos vícios pagãos: uma verdadeira vida ascética manifesta-se no portar-se e no que se porta. A obra é indubitavelmente inspirada no *De cultu feminarum* de Tertuliano.

- *De lapsis* (*Os lapsos*): durante a perseguição de Décio, em 250-251, muitos cristãos negaram a própria fé, ofereceram ou o sacrifício ou o incenso aos deuses, enquanto outros, sem de fato terem oferecido um ou outro, obtiveram ilicitamente um atestado de tê-lo feito. Pelo fato de terem decaído na fé, embora em graus distintos, estes não devem ser readmitidos na comunidade sem a devida penitência. Cipriano admoesta a não dar aos lapsos bilhetes de perdão indistintamente, pois a administração da disciplina eclesiástica cabe ao bispo somente. Composta em 251, a obra motiva e reflete as deliberações do Concílio de Cartago daquele ano.

- *De ecclesiae catholicae unitate* (*A unidade da Igreja católica*): composta também em 251,^[47] imediatamente depois do *De lapsis* provavelmente seja a obra cipriânica de maior influência, reprodução e discussão ao longo dos tempos. A questão dos lapsos teve como consequência imediata dois cismas: o dos laxistas, em Cartago, e o dos rigoristas, em Roma. Cipriano, independentemente de que cisma tenha tido em mente, exorta os fiéis a não abandonarem o único rebanho de Cristo para seguir aqueles que deste se separaram, criando comunidades próprias, iludindo-se e iludindo seus seguidores. É neste único rebanho, a Igreja, que está a vida do Espírito; e sua unidade, fundada no Cristo, expressa-se na comunhão dos e com os apóstolos. Os bispos são os zeladores dessa

unidade. Esse é o primeiro tratado – mesmo se não no senso contemporâneo do termo – de eclesiologia da história da Igreja.

– *De dominica oratione* (A oração do Senhor): inspirada no *De oratione* de Tertuliano, superando este último ao desenvolver com mais profundidade a matéria, a obra, datada no período entre o final de 251 e o início de 252, é um comentário ao Pai-Nosso, considerado síntese da fé cristã, com indicação de quando rezar e dos requisitos necessários para, na unidade dos fiéis batizados, rezar bem.

– *Ad Demetrianum* (A Demétrio): texto apologético, normalmente datado de 252 (no início de uma epidemia). Demétrio deve ter sido um personagem de relevo entre os pagãos, cuja voz difunde, acusando os cristãos de serem responsáveis pelas calamidades do Império. Ele considera tais calamidades como punição dos deuses pelo fato de os cristãos os terem abandonado. Para Cipriano, os pecados dos pagãos, sua idolatria e as perseguições que instauraram contra os cristãos é que são causa dos males que padecem. O que há de salvá-los não será o retorno dos cristãos aos deuses pagãos, mas a conversão dos pagãos ao único e verdadeiro Deus, cultuado na única verdadeira religião.

– *De mortalitate* (A mortalidade): em 252, uma peste deixava mortos em quase todos os lares, pagãos e cristãos; morte era comum a ambos, e o que distinguia um de outro era o modo como era afrontada. Cipriano convida os cristãos a não temê-la, porque é partida

para o encontro com o Cristo que chama a entrar na imortalidade e na felicidade eterna. Mesmo que a obra não seja de grandes proporções, é o primeiro tratado – embora não no senso técnico contemporâneo do termo – na história do cristianismo a propor uma teologia da morte.

– *De opere et eleemosynis* (As boas obras e a esmola): a peste surgida em 252 levou muitos à pobreza ou a distanciar-se dos doentes. Por isso, no mesmo ano em que publicou a obra precedente – ou pouco depois, talvez 253 –, Cipriano viu a necessidade de mover seus fiéis, particularmente os mais abastados, a fazer o bem. A salvação recebida no batismo deve desdobrar-se em caridade constante; e essa caridade não é feita tanto a um nosso par, mas ao próprio Deus. Por isso a assistência aos necessitados não é insignificante para a salvação.

essa obra pode ter sido escrita por paciência): 256, datada no *De patientia* de Estevão de Roma sobre o batismo. É um convite a imitar a paciência – que não se confunde com indiferença – de Deus, do Cristo e dos patriarcas.

– *De zelo et livore* (O ciúme e a inveja): 251-252 (para os estudiosos novecentistas) ou 256-257 (na cronologia de Pôncio). Enquanto o paciente imita Deus, o ciumento e invejoso imita o próprio diabo. O ciúme e a inveja são males perigosos, levam a outros vícios e pecados, e, com esses, ameaçam a unidade e a paz da Igreja mediante desobediências, cismas, heresias. O elenco das obras cipriânicas do Diácono Pôncio põe o *De zelo et livore* depois do *De patientia* do qual seria a contrapartida. Já estudiosos do final do séc. XIX, mas particularmente do séc. XX, consideram-na, por tratar de

cismáticos e hereges, no contexto do *De lapsis* do *De unitate ecclesiae*

– *Ad Fortunatum* (*A Fortunato*): exortação a perseverar na fidelidade ao Cristo até o extremo, isto é, a abraçar o martírio – o que é evidente pelo acréscimo de alguns manuscritos ao título: de *exhortatione martyrii* –, a obra, dedicada ao bispo Fortunato, constitui-se de uma seleção de passagens (florilégio) bíblicas sobre idolatria, perseguição, perseverança e a sorte dos mártires. Embora o contexto de uma perseguição seja inegável, os estudiosos dividem-se em três posições distintas quanto a sua datação: 250-

251 (a perseguição de Décio); 253 (a de Galo, que não se deu como se esperava); 257 (a de Valeriano).

Duas obras, todavia, têm sua paternidade ainda em discussão: o *Ad Quirinum* (*Testimoniorum liber* ou *Testimonia ad Quirinum*) – *A Quirino, livro de testemunhos – e o Quod idola dii non sint* (*Os ídolos não são deuses*). A maioria dos estudiosos reconhece a autenticidade cipriânica da primeira obra e reputa espúria a segunda. Essa é marcadamente construída a partir do *Octavius* de Minúcio Félix, do *Apologeticum* de Tertuliano e, particularmente, das *Divinae Institutiones* e *Epitome divinarum institutionum* de Lactâncio, sendo, portanto, posterior a Cipriano. Aquela é um florilégio bíblico, uma série de testemunhos encomendada por certo Quirino, dividido em três partes. Seu objetivo é demonstrar que os cristãos são o novo povo de Deus, e que o Cristo é o Messias prometido; sua terceira e última parte é constituída de exortações morais. A obra é datada entre 248 e 250.

Há ainda um *corpus* de obras pseudocipriânicas. Constante de escritos vários – tratados, sermões, poemas – e com proporções semelhantes ao *corpus* das autênticas, esse é constituído das seguintes obras: *Adversus Iudaeos* (*Contra os Judeus*); *De montibus Sina et Sion* (*Os montes Sinai e Sião*); *Ad Virgilium episcopum de iudaica incredulitate* (*Ao bispo Virgílio, sobre a incredulidade dos judeus*); *De pascha computus* (*O cálculo da Páscoa*); *De laude martyrii* (*O louvor do martírio*); *De rebaptismate* (*O rebatismo*); *Ad Novatianum* (*A Novaciano*); *De aleatoribus* às vezes intitulado *Contra aleatores* (*Contra os jogadores de dado*); *De singularitate clericorum* (*O celibato dos clérigos*); *De centesima, sexagesima, tricesima* (*Centésima, sexagésima e trigésima: as partes da recompensa*); *Exhortatio de paenitentia*

(*Exortação à penitência*); *De duodecim abusivis saeculi* (*Os doze abusos deste mundo*) (*De ebrietate, de luxuria, de gloriâ, de ira, de invidia, de avaritia, de gula, de somno, de tristitia, de timore, de ira, de invidia, de avaritia, de gula, de somno, de tristitia*); *De Iona* (*Jona*). Entre essas havia o *De spectaculis* (*Os espetáculos*) e o *De pudicitia* (*A castidade*), hoje atribuídos a Novaciano. Multiplicado durante a Idade Média tanto quanto o *corpus* das obras autênticas, esse *corpus* de obras pseudepígrafas também é indicador da autoridade e da influência do santo bispo de Cartago e seus ensinamentos.

Pensamento

Os ensinamentos de São Cipriano são como seus escritos: nas cartas como nos tratados, são bastante pontuais e com objetivo bastante prático; não contêm a teologia de uma mente especulativa, como a de seu contemporâneo e opositor Novaciano, por exemplo. Tampouco se propõem como apresentação de qualquer sistematização da fé cristã como um todo ou um compêndio dela. O santo bispo de Cartago é mais um administrador eclesiástico, no sentido mais positivo que se possa dar à expressão; é

prático, homem de ação, mas de agir reto. É pastor de almas; sabe que a vida futura de suas ovelhas está intimamente relacionada à sua vida neste mundo, vivida, certamente, conforme as Escrituras. Não encontramos citações dos clássicos nas obras pastorais de Cipriano,^[48] nem o encontramos a fazer leituras cristãs dos filósofos; sua fonte são, fundamentalmente, as Escrituras; em seguida, com autoridade subordinada a estas, outros textos eclesiásticos, autores – particularmente Tertuliano – e documentos conciliares.

Os florilégios que compôs – e o uso que faz das Escrituras em suas outras obras – evidenciam como ele considerava as Escrituras o norteador da vida, da sua própria e da vida da Igreja; ou – e talvez mais apropriadamente e conforme o próprio Cipriano –, da vida da e na Igreja, onde vive o cristão. Com isso em mente, não causa estranheza que sua teologia seja basicamente eclesiológica.

Em sua eclesiologia, tem evidente destaque a estrutura, natureza e organização da Igreja, cuja disposição hierárquica é funcional; mas não o é ao grau do simplismo: sua funcionalidade expressa o que ela é: “povo reunido da unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.^[49]

Fruto da unidade da Trindade, a unidade da Igreja – manifesta, entre outras imagens e realidades, na túnica de Cristo^[50] e na Eucaristia,^[51] íntegras e indivisas – expressa a unidade de sua fonte, à qual está unida. Estar fora dela é privar-se da vida do Espírito, da graça, é estar fora da salvação.^[52] A unidade, por isso, é a característica essencial da eclesiologia de São Cipriano. É só na unidade que os irmãos – vivendo a vida do Espírito e, por isso, os ensinamentos divinos – podem ter paz, harmonia, concórdia. Essa unidade

é centrada sincrônica e diacronicamente na figura do bispo (*episcopus*).^[53] Em linha sucessória direta, ininterrupta e legítima, o bispo é, através dos tempos, como os próprios apóstolos, vicário do Cristo; e como tal, o episcopado é instituição divina, não somente porque desejado por Deus, mas também porque instituído por ele.

^[53] É isso, de fato, que faz o Cristo ao edificar sua Igreja sobre Pedro e conferir-lhe o poder das chaves.^[54] Como Pedro é único, único é o episcopado;^[55] e o poder das chaves dado a Pedro é dado igualmente a todos os apóstolos, isto é, a todos os bispos:

Pedro é o único a recebê-lo para manifestar sua unicidade.^[56] Assim, embora o fundamento da Igreja seja o Cristo – dele ela parte, nele ela vive pelo Espírito, a ele ela remete –, o episcopado faz parte da essência da Igreja: “O bispo está na Igreja e a Igreja

no bispo, e se alguém não está com o bispo, não está na Igreja”.^[57] Já nisso se manifesta o aspecto sincrônico do episcopado, que se desdobra em dupla perspectiva: a da Igreja local e a da colegialidade dos bispos da Igreja una.

Realidade única, o episcopado de uma Igreja local torna claro que aí, em determinada Igreja local, está a Igreja toda, inteira: fiéis e clero em comunhão entre si e com seu bispo, e somente sob autoridade de seu único legítimo bispo.^[58] Não há, portanto,^[59]

subordinação do bispo local a outro bispo, ou de uma Igreja a outra. Nem por isso,

O bispo local, com efeito, inclui-se no colégio episcopal, no qual, como os doze, todos estão vinculados entre si pela fonte comum de seu ministério apostólico e pela indivisa caridade,^[60] fruto do Espírito que confere vida à Igreja. Como o poder das chaves é dado ao colégio apostólico, a colegialidade expressa a unicidade do episcopado,^[61] que se desdobra em desvelo – particularmente pela fé reta – para com todas as Igrejas,^[62] a começar pelas mais próximas, mediante, primeiramente, a realização de Concílios.^[63] Assim, na união de uma comunidade de fiéis a seu bispo local, a Igreja local vincula-se a todas as demais como Igreja única dispersa pelo mundo. Portanto, sem o único e legítimo bispo local, não há vínculo com a Igreja única dispersa pelo mundo.

Tudo isso manifesta o caráter objetivo do poder – sem qualquer conotação sociopolítica e episcopal: só o bispo, qual vicário de e instituído por Cristo, legitimamente governa a Igreja e, pela administração da disciplina, mantém sua unidade; sua lealdade e fidelidade ao ministério conferido por Cristo – que funda a Igreja – garantem que a Igreja em curso na história seja – constitua-se como – Igreja de Cristo^[64] a gozar da concórdia da caridade.

Lealdade, fidelidade e mesmo santidade não são, contudo, realidades intrínsecas ao caráter objetivo do poder episcopal; estas dizem respeito ao caráter subjetivo do episcopado, dizem respeito à pessoa do bispo. Virtudes e santidade não são obtidas com a eleição episcopal, nem se mantêm por estar no colégio episcopal; requerem empenho em viver conforme o ministério assumido. Integridade e santidade, aliás, são requisitos necessários para a eleição,^[65] e que se devem – pelo menos – conservar depois da ordenação. Mas e se o bispo errar?

Se o bispo errar, outros bispos, supostamente íntegros e santos, ajudá-lo-ão a emendar-se,^[66] seja, primeiramente, com conselhos e advertências – pessoalmente ou por cartas –, seja convocando-o diante de um concílio. Se, porém, não emendar-se, se perseverar no erro, chegando ao extremo do cisma, terá rompido o vínculo da caridade e da paz, a unidade do Espírito, terá perdido *de facto* seu ministério e terá deixado a Igreja una de Cristo.^[67] Consequência disso é que qualquer sacramento que esse bispo administrar será somente aparência de sacramento, não terá validade alguma. Assim, a eclesiologia da unidade “episcopocêntrica”^[68] de São Cipriano é corroborada por parte

de sua sacramentologia, particularmente quanto ao batismo, à Eucaristia e à penitência.

O estar unido à Igreja de Cristo é tão importante que o santo bispo de Cartago, que reconhece, além da habitual celebração do batismo, o batismo de sangue – ou seja, que o catecúmeno que se torne mártir é batizado em seu martírio,^[69] passando imediatamente ao Reino dos Céus^[70] –, não reconhece que o receba aquele que, dissidente da verdadeira Igreja de Cristo, tenha sido “martirizado” entre cismáticos e/ou hereges, pois não pode testemunhar a fé verdadeira estando desconectado da vida da Igreja. A questão da invalidade do batismo, na Igreja norte-africana, porém, é anterior – mesmo se não centenária – ao próprio Cipriano e remontaria, pelo menos, a Tertuliano,^[71] com quem o santo bispo de Cartago concorda em muito. Diversamente de Tertuliano, porém, Cipriano propunha que a administração do batismo não fosse postergada à idade de certa consciência de Cristo, ainda na infância,^[72] mas que os recém-nascidos fossem batizados o mais cedo possível.^[73] Como o único e verdadeiro batismo confere pertença à única e verdadeira Igreja,^[74] é somente nessa Igreja que existe o sinal do vínculo da sua unidade e do vínculo entre Cristo e seus fiéis: a Eucaristia.^[75]

É no corpo eucarístico do Cristo que a multidão de fiéis da Igreja torna-se um só corpo, unindo-se ao próprio Cristo^[76] que se oferece como sacrifício em cada Eucaristia.^[77] Por isso a celebração eucarística só é legítima se corresponder à Paixão do Senhor.^[78] Porque a Eucaristia une àquele em quem se crê – ao Cristo –,^[79] e una é a fé circulante na única Igreja do único Senhor, a tentativa de hereges e cismáticos de celebrá-la estabelece *outro* altar, em oposição ao único altar divino.^[80]

São Cipriano é o primeiro *Padre* a afirmar a Eucaristia como oblação e sacrifício, e o único pré-niceno a dedicar um texto exclusivamente à matéria. Sua *p.* 63 é como que um pequeno tratado sobre o sacrifício eucarístico, cujo valor objetivo é, segundo o grande Bispo, demonstrado no fato de ser oferecido pelo repouso das almas^[81] e em honra dos mártires.^[82]

Acerca da remissão dos pecados, Cipriano reconhece – tratando exatamente de divergência sobre a concessão ou não do perdão ao grave pecado de adultério – que não constitui um problema o fato de as Igrejas locais terem práticas distintas e mesmo divergirem quanto a algumas dessas práticas, desde que se mantenham na harmonia da unidade.^[83] Quanto a sua prática, porém, o bispo mártir de Cartago parece jamais ter distinguido pecados remissíveis de irremissíveis.^[84] Com efeito, São Cipriano é figura importante entre aqueles que no séc. III introduziam na Igreja uma concepção penitencial mais ampla^[85] – sem perder em seriedade, de que o *De lapsis* é prova –, pois admite que o pecador, mesmo depois do batismo, possa ser purificado^[86] – e não parece

referir-se à exomologese única^[87] –; só assim a exortação à penitência tem sentido.^[88]

São Cipriano desenvolve sua teologia por dois prismas, ambos interconectados: bíblico-teológico e litúrgico-sacramental. Sua argumentação é plenamente fundada nas Escrituras como um todo, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento; quer em suas imagens, quer em seus preceitos. A vida litúrgico-sacramental da Igreja expressa o conteúdo das Escrituras, como no caso, por exemplo, da missão do pastor, associada particularmente à remissão dos pecados, conferida pelo próprio Cristo com o dom do Espírito.^[89] Por isso, do ponto de vista litúrgico-sacramental, o batismo de hereges e cismáticos não tem sentido: realizado fora da Igreja, ele não confere o dom do Espírito e, portanto, nem a remissão dos pecados.^[90] O rompimento de cismáticos e hereges, para São Cipriano, não se dá como mero rompimento numa esfera conceitual – nem poderia ser, a menos que a Igreja não passasse de uma espécie de grêmio acadêmico –, mas com a própria vida da graça, com a própria salvação. Exatamente esse é o fim de ambas as argumentações, a soteriologia. Sem remissão dos pecados, sem a vida da graça, a salvação não é possível.

Embora a unidade da Igreja esteja centrada na figura do bispo, esse objetivo soteriológico diz respeito à Igreja toda, clero e leigos (*populus* e *plebs*), como

^[91]
comunidade única de fé reta. Essa comunidade formada por clero e leigos é um povo só.^[92] Nesse sentido, a hierarquia existe em vista da garantia da verdade da mensagem salvífica do Cristo, para que, íntegra, esta se realize integralmente na vida dos fiéis.

Por fim, mesmo que soe extremamente rígida para o cristão do século XXI, a insistência de São Cipriano na unidade da Igreja e sua centralidade no bispo – unidade dos fiéis e do clero entre si e em torno do próprio bispo, e unidade dos bispos entre si – é teologia com pés na história. Após a perseguição de Décio (249-251),^[93] a questão dos lapsos gerou um momento conturbado na segunda metade do séc. III, com algum dilaceramento da Igreja em seitas cristãs posicionadas em extremos – ou o laxismo ou o rigorismo –; dilaceramento motivado e ocasionado por posições individuais incapazes de reconhecer decisões colegiadas. A pontualidade, todavia, do momento e das questões

sem que o santo bispo, mártir próprio, não vitalidade a vida de sua teologia em termos fundamentais para o cristianismo contemporâneo.

A CONDUTA DAS VIRGENS

INTRODUÇÃO^[*]

Monjas Beneditinas
Abadia N. S. das Graças
Belo Horizonte, MG

O santo bispo mártir de Cartago tão bem soube ser bispo da grande metrópole africana, tão bem soube guiar sua Igreja na sua peregrinação para a pátria, que exerce ainda hoje a sua paternidade sobre todos nós, transmitindo-nos palavras de vida, ecos do Cristo, a Palavra Eterna.

O opúsculo *De habitu virginum*, do qual ora apresentamos nossa tradução, é uma exortação pastoral dirigida às virgens de Cartago logo no início do seu pontificado, em 249.^[1] Essa obra do Santo Bispo, apesar do seu reduzido tamanho, é um documento sobremaneira precioso, pois é a mais extensa e completa contribuição da Tradição nos três primeiros séculos para a história e a teologia do monaquismo.

Com efeito, sabemos que a vida monástica vem do próprio Cristo, que “a sagrada ordem monástica inspirada por Deus e fundada pelos próprios Apóstolos” – na feliz

sentença do Concílio de Chateau-Thierry, do ano de 844 – é tão antiga como a Igreja. Sabemos também que houve monges e monjas em todos os tempos, se bem que sob as mais diversas formas (eremitas, cenobitas, no deserto, nas cidades, monges leigos, monges clérigos exercendo a cura de almas etc.). Nos três primeiros séculos da nossa era, antes de ser criado o próprio vocábulo *monge*, eram comumente designados como ascetas e virgens. A virgindade, quando equiparada ao estado monástico, não indica apenas a integridade do corpo, nem mesmo apenas a vida de castidade perfeita, mas adquire um sentido pleno de virgindade espiritual, de indivisão, de sequela total do Cristo, de vida na unidade. Quando, pois, no decorrer desta introdução falarmos em virgindade, será sempre nesse sentido espiritual. Resta saber se as virgens de Cartago, às quais se dirige o grande Cipriano, foram virgens no sentido pleno, isto é, se levaram ou não vida monástica. Respondemos pela afirmativa: uma vida monástica de forma *sui generis* desconhecida ou mesmo impossível no estado atual de evolução do instituto monástico, mas sempre vida monástica.

O *De habitu virginum*, escrito, como todos os seus outros opúsculos, à maneira de uma carta pastoral,^[2] para solucionar crises surgidas no seio da comunidade de Cartago, reveste-se também do acostumado caráter de circunstância, palpita ao contato da realidade viva. Nada mais banal do que os fatos que lhe deram ocasião. São Cipriano mesmo os resume no cap. 20: “querendo ornar-se com mais luxo, vaguear com mais liberdade, deixam de ser virgens”. O que provocou a intervenção do bispo foi a faceirice leviana de algumas virgens que, além de se pintarem – de se maquiarem^[3] – e de se enfeitarem de modo inconveniente, ainda frequentavam lugares e festas de todo incompatíveis com a sua profissão virginal.

Essa crise da moda, que parece sempre atual, dizia naquela época respeito também às virgens, devido ao estágio em que então se encontrava o instituto monástico. Com efeito, não havia ainda hábitos próprios para as virgens, determinados minuciosamente, como os temos hoje, e a clausura nem de longe aparecera. Mesmo a existência de mosteiros (*parthenones*) na Cartago do século III é uma suposição que, apesar de legítima, é dificilmente comprovável. Viviam, pois, as monjas de então ou com as suas respectivas famílias ou reunidas em pequenos grupos, mas tanto umas como outras viviam dispersas

no seio das grandes comunidades de fiéis, apenas um lugar de honra na igreja durante as celebrações, distinguindo-as exteriormente dos outros cristãos. Assim se compreende facilmente como puderam surgir os abusos condenados por São Cipriano.

Mas o santo mártir não era um moralista estreito, nem um mero “agente de polícia de costumes”. Por isso, na sua intervenção, não se contentou com denunciar e profligar os abusos, mas, partindo daqueles casos banais, formulou os princípios mais elevados da teologia do monaquismo. Com efeito, São Cipriano é sumamente razoável. Sabe realçar de tal modo a grandeza e a beleza da virgindade, isto é, da vida de unidade, de totalidade, [4] em Deus e para Deus, que, ao entendermos isso, nem estranharemos mais a severidade de suas expressões e o rigor de suas exigências. Ele mostra o caminho com tanta clareza que corta pela raiz toda vontade de regatear, toda uma casuística sutil de centímetros, toda aquela ansiedade dos compromissos de quem só se quer dar pela metade. Para que pedir abatimento quando sabemos que tudo o que podemos dar ainda é pouco?

São Cipriano escreveu para as monjas de então. As de hoje não se pintam, e, em matéria de moda, seguem com bastante fidelidade o que lhes prescrevem as respectivas Constituições. Também não frequentam banhos – aqueles como os do séc III. [5] Mas com isso o nosso opúsculo não se tornou inútil, não é uma peça de museu, deleite para “esnobes”, “arqueólogos” saudosistas da Igreja primitiva.

Mesmo a parte que pessoas menos reverentes chamariam de obsoleta é de suma atualidade para certas beldades católicas à la Hollywood. Não é o momento de fazer um sermão contra determinadas roupas, contra determinadas pinturas, tudo baseado num minimalismo casuístico, mas o de reivindicar, com São Cipriano, para as moças cristãs uma maior consideração da roupa que é a graça santificante e das joias que são as boas obras. Trata-se de pedir um pouco menos de divisão, um pouco menos de serviço a dois senhores. [6] É a velha advertência do Evangelho: “não andeis preocupados, dizendo, [...] que iremos vestir?” [7] Aliás, não é preciso comentar esta parte do opúsculo, pois a linguagem de São Cipriano é clara. Talvez mesmo clara demais para certos ouvidos, porque o Santo Padre tem a coragem de chamar as coisas pelos seus nomes. E se a alguém parecer exagerado o rigor de suas recriminações, lembre-se de que o bispo se dirige especialmente às virgens consagradas a Deus.

Mas, sem dúvida, o que merece mais a atenção do leitor é a parte em que o santo mártir se refere aos elementos estruturais do monaquismo.

Na introdução,^[8] no cap. 3, São Cipriano faz o elogio do estado virginal, e termina uma sua frase denominando as virgens como “a mais ilustre porção do rebanho do Cristo”. A excelência do estado monástico foi, séculos mais tarde, proposta pelo magistério infalível da Igreja na seguinte formulação do Concílio de Trento: “se alguém disser que o estado conjugal deve ser preferido ao estado de virgindade ou de celibato, e que não é melhor e mais feliz permanecer na virgindade ou no celibato do que unir-se em matrimônio, seja anatematizado”.^[9] Na, digamos, teologia dos estados de vida, a dignidade da vida monástica é superior às outras, por ser uma antecipação da vida na Jerusalém Celeste. Monjas e monges vivem, já nesta terra, o que toda a Igreja será na eternidade. Por isso, é, de fato, “a mais ilustre porção do rebanho de Cristo”.

Noutra passagem, São Cipriano estabelece o paralelo entre a vida monástica e o martírio: “o primeiro lugar cabe ao fruto centésimo dos mártires, o segundo ao sexagésimo, que é o vosso” (21). É a mesma concepção que, mais tarde, faz Santo Atanásio dizer de Santo Antão, o grande patriarca do monaquismo egípcio: “era diariamente mártir na sua consciência”.^[10] Hoje em dia, é lugar comum afirmar que os monges foram os sucessores dos mártires; seria, porém, mais exato constatar a coexistência na Igreja desses dois carismas. mártir é o que testemunha “diante dos reis e dos presidentes” a morte e a ressurreição do Cristo. Monge é o que testemunha pela sua

vida o mesmo mistério, na unidade e na totalidade da virgindade. Vida que é um testemunho (martírio) do Cristo em sua exaltação e em sua glorificação, tem, por conseguinte, a vida monástica um caráter acentuadamente escatológico. É o que São Cipriano diz: “o que seremos, vós já começastes a ser. Já possuíis neste mundo a glória da ressurreição” (22).

Comparadas aos mártires, possuindo antecipadamente a glória da ressurreição, merecem ainda as virgens ouvir da boca do santo bispo: “sois iguais aos anjos de Deus” (22). Não se trata, é claro, de um falso angelismo, de um angelismo do homem que pelo seu próprio esforço (numa espécie de autossalvação) se eleva acima de sua condição corpórea, desprezando o corpo e o matrimônio. São Cipriano, para dizer que as virgens são iguais aos anjos, se baseia numa passagem do Evangelho de São Lucas na qual o próprio Cristo descreve o estado dos bem-aventurados no céu: “aqueles que forem julgados dignos do outro século e da ressurreição dos mortos não se casam, nem contraem matrimônio [...], são iguais aos anjos de Deus, sendo filhos da ressurreição”.

^[11] Ora, pensa o bispo, como as virgens fazem uma profissão de sua virgindade, antecipam o estado futuro, tornando-se filhas da ressurreição, iguais desde já aos anjos de Deus.

É, pois, a vida monástica vida sem compromisso, sem acordos, vida da melhor parte e do único necessário, vida do martírio, vida acentuadamente escatológica, vida angélica. A essas designações São Cipriano ainda acrescenta, no cap. 23, mais uma caracterização da vida monástica: vida total do batismo no seu lado espiritual. Diz o Santo Padre: “Todos os que, pela santificação do batismo, chegam ao dom e à herança divinos, aí se despojam do velho homem pela graça do lavacro de salvação; e, renovados pelo Espírito

Santo, purificam-se das máculas do antigo contágio num segundo nascimento. Mas a maior santidade e verdade desse novo nascimento cabem a vós, que já não tendes os desejos da carne e do corpo. Em vós só permaneceu o que se refere à virtude e ao Espírito para a glória”.

Tínhamos dito que o monge é aquele que testemunha pela sua vida o mistério da morte e da ressurreição de Cristo, na unidade e na totalidade da virgindade. Ora, esse testemunho não é algo de extrínseco, mas, graças ao sacramento do batismo que opera a

nostra presença permanente na ressurreição do Senhor, é uma realidade mística, cuja vida na monástica um desenvolvimento pleno do lado espiritual do batismo que a Igreja, no decorrer dos séculos, introduziu um sacramental denominado consagração virginal ou monacal – qualificado por vezes de segundo batismo –, para conferir aos que abraçam o estado monástico uma consagração peculiar, que, como toda consagração constitutiva, imprime algo em quem a recebe, explicitando e, de certo modo, reatualizando o mistério do batismo.

Vida total do mistério contido nos sacramentos da Igreja, numa plena correspondência ao dom divino, é a última caracterização da vida monástica, e não a menos grandiosa, que São Cipriano nos transmite no seu opúsculo: “Em vós, só permaneceu o que se refere à virtude e ao Espírito para a glória”.

A CONDUTA DAS VIRGENS

Cipriano de Cartago

Vantagens, utilidade e fim da disciplina

1 A disciplina, guarda da esperança, laço da fé, guia no caminho da salvação, incentivo e alimento da boa índole, mestra da virtude, faz permanecer no Cristo, viver sempre e continuamente para Deus, faz obter as promessas celestes e os prêmios divinos. Segui-la é salutar; desviar-se dela, negligenciá-la, é mortal. Nos Salmos, diz o Espírito Santo: “Abraçai a disciplina, para que o Senhor não se ire, e não pereçais fora do caminho reto, quando daqui a pouco se incendiar contra vós a sua ira”^[1]. E, de novo: “Mas ao pecador disse Deus: Por que falas tu dos meus mandamentos, e tens a minha aliança na tua boca? Tu que aborreces a disciplina e rejeitaste as minhas palavras”^[2]. E, mais uma vez, lemos: “É desgraçado aquele que rejeita a disciplina”^[3]. Também de Salomão recebemos as [mesmas] recomendações de sabedoria: “Não rejeites, meu filho, a correção do Senhor, nem caias no desânimo quando ele te castiga, porque o Senhor castiga aquele a quem ama”^[4].

Por conseguinte, se Deus castiga a quem ama, e castiga para que se corrija, também os irmãos e, principalmente, os sacerdotes não odeiam, mas amam aqueles mesmos que estes castigam para que se emendem, visto que o próprio Deus, por Jeremias, prenunciou os nossos tempos, quando disse: “E vos darei pastores segundo o meu coração, os quais vos apascentarão com a disciplina”^[5].

2 Se a Sagrada Escritura frequentemente e em diversas passagens recomenda a disciplina, e se o fundamento da religião e da fé começa pela observância e pelo temor, que mais ardentemente desejar, que mais nos convém querer e possuir do que – lançando raízes mais profundas e consolidando as nossas moradas com forte edificação sobre a pedra – permanecermos inabaláveis diante das procelas e tempestades do século e alcançarmos os dons de Deus pela observância de seus preceitos?

Consideremos e reconheçamos que os nossos membros, purificados de todo vestígio do antigo contágio pela santificação do batismo vivificante, são templos de Deus, e que não nos é lícito violá-los ou maculá-los, pois quem os profana será também profanado. Somos os adoradores e os pontífices desses templos; sirvamos àquele de quem já

~~comecemos a ser a propriedade de Deus~~ São Paulo em sua epístola aos romanos, nos diz: “Não ofereçais os membros como comprados por alto preço; glorificai e trazei a Deus no vosso corpo”^[6]. Glorifiquemos e tenhamos a Deus num corpo imaculado e puro, e com melhores costumes.

Remidos pelo sangue de Cristo, obedeçamos ao mandato do Redentor com total submissão e acautelemo-nos para que não se introduza algo de impuro ou profano no templo de Deus, para que ele, ofendido, não venha a abandonar a sua morada. “Olha, que foste curado; não tornes a pecar, para que não te suceda coisa pior”,^[7] são palavras do Senhor, que salva, ensina, cura e aconselha. Depois de haver concedido a saúde, dá a vida temente a Deus, a lei da inocência e, ameaçando com mais pesada escravidão, não permite vaguearem a rédeas soltas os que antes sanara. Pois é menor a culpa de teres

pecado antes de conhecer a disciplina de Deus, [mas] nem mesmo é possível admitir que se peque depois que se começa a conhecê-lo. A isto atentem tanto os homens quanto as mulheres, os moços e as moças, qualquer sexo ou idade, e, pela religião e fé devidas a Deus, cuidem em conservar com temor não menos sólido o dom santo e puro recebido da misericórdia do Senhor.

A beleza da virgindade

3 Agora falamos às virgens, a quem devemos tanto maior cuidado quanto mais sublime é a sua glória. São elas a flor da semente da Igreja, beleza e honra da graça espiritual, índole feliz, obra íntegra e incorrupta, digna de louvor e estima, imagem de Deus correspondendo à santidade do Senhor, a mais ilustre porção do rebanho de Cristo. Alegra-se por elas, e nelas profusamente floresce a gloriosa fecundidade da Igreja, nossa mãe, e quanto mais cresce o número das virgens, tanto maior é o gáudio da mãe.

Falamos às virgens, exortamo-las mais por afeto do que em razão de nosso poder; não que, sendo os últimos e os menores, conscientes de nossa abjeção, reivindicamos algum direito de censurar os abusos, mas porque, quanto mais prudentes somos em nossa solicitude, mais receamos o ataque do demônio.

4 Não é vã essa precaução, nem inútil esse receio que velam pelo caminho da salvação, guardam os preceitos vivificantes do Senhor, a fim de que aquelas que se dedicaram ao Cristo e – renunciando à concupiscência carnal – consagraram a Deus seu corpo e sua alma consumam a sua obra destinada a grande recompensa. E, assim, não mais se apliquem a ornar-se, nem a agradar a quem quer que seja, a não ser ao seu Senhor, do qual esperam a recompensa de sua virgindade, porquanto ele mesmo diz: “Nem todos compreendem essa palavra, mas só aqueles a quem foi dado compreendê-la: há eunucos

que assim nasceram do seio materno, há eunucos que a isso foram reduzidos ^[8] pelos homens, e há eunucos que se castraram a si mesmos por causa do reino dos céus”.

Enfim, o valor da continência é também manifestado por estas palavras do anjo, pregando a virgindade: “Estes são os que não se mancharam com mulheres: são virgens e seguem o Cordeiro aonde quer que ele vá” ^[9]. E Deus não prometeu a graça da continência somente aos homens, negligenciando as mulheres; mas porque a mulher é uma parte do homem e porque dele é tirada e formada, ^[10] em quase todas as Escrituras Deus se dirige àquele que foi formado primeiro, por serem dois numa só carne, ^[11] e pelo masculino se designa também a mulher.

Os perigos das vaidades

5 Mas, se a continência segue o Cristo e a virgindade é destinada ao Reino de Deus, o que têm elas a ver com os cuidados mundanos e os ornamentos, pelos quais procuram agradar aos homens e ofendem a Deus? Não refletem na predição [do profeta]:

“os que agradam aos homens foram confundidos porque Deus os reduziu a nada”? ^[12]

Nem na pregação sublime e gloriosa de Paulo: “Se procurasse agradar aos homens, não ^[13]

seria servo do Cristo”? A e pureza não consistem apenas na integridade da carne, mas também na dignidade e no pudor dos costumes e dos ornamentos, a fim de que, segundo diz o Apóstolo, a mulher não casada seja santa de corpo e de alma. Ensina São Paulo: “Quem não é casado cuida das coisas do Senhor e procura agradar a Deus; mas quem contraiu matrimônio cuida das coisas deste mundo e procura agradar à mulher. Destarte, a virgem e a mulher não casada cuidam das coisas do Senhor e procuram ser santas de corpo e alma”. ^[14]

A virgem não deve simplesmente ser virgem, mas conhecida e acreditada como tal. Que ninguém, ao ver uma virgem, possa duvidar da sua virgindade. Mostre-se igualmente a integridade em todas as coisas, e os cuidados do corpo não desonrem o bem da alma. Por que se apresenta ornada, ataviada como se tivesse marido ou como se o procurasse? Se é virgem, antes receie agradar [aos outros pelos ornamentos]; não incorra nesse risco aquela que se guarda para realidades melhores e divinas. Aquela que não tem esposo, a quem pretenda agradar, persevere íntegra e pura, não só corporal, mas também espiritualmente. Não é permitido a uma virgem ornar-se para parecer mais bela ou gloriar-se do corpo e de sua beleza, pois ela não tem luta maior que aquela contra a carne, nem certame mais pertinaz senão para vencer e domar o corpo.

6 Paulo proclama em alto e bom som: “Longe de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo”; ^[15] e a virgem na Igreja se gloria da formosura da carne e da beleza do corpo!

Paulo acrescenta: “Os que são de Cristo crucificaram a sua carne com as paixões e as ^[16]

concupiscências” e encontram a sua carne e as paixões renunciadas.

Foste surpreendida, ó virgem, foste descoberta: te vanglorias de uma coisa e procuras outra. Manchas-te com as nódoas da concupiscência carnal, embora te apresentes à integridade e ao pudor. “Clama”, diz Deus a Isaías, “toda carne é feno e toda sua glória é como a flor do feno! O feno secou, e a flor caiu, mas a palavra do Senhor permanece eternamente”. ^[17] A nenhum cristão convém, muito menos a uma virgem, contar com algum brilho e honra da carne, mas só desejar a palavra de Deus, alcançar os bens que hão de permanecer para sempre. Se há motivo de gloriar-se na carne, seja então quando ela é atormentada na confissão do nome [do Senhor], quando a mulher se torna mais forte do que os homens que a torturam, quando suporta o fogo, as cruces, a espada ou

as feras, a fim de ser coroada. Essas são as joias preciosas da carne, são estes os seus melhores ornamentos do corpo.

7 Existem, porém, algumas, ricas e opulentas pela abundância de bens, que ostentam as suas riquezas e afirmam que devem fazer uso delas. Saibam, antes de tudo, que é rico quem o é em Deus, que é opulento quem o é no Cristo; que os verdadeiros bens são os divinos, os espirituais, os celestes, que nos levam a Deus e que permanecem conosco na posse eterna junto dele. Quaisquer outros bens terrenos, recebidos neste mundo e que não de ficar com este mundo, devem ser desprezados na mesma medida em que se despreza o mundo, a cujas pompas e delícias já renunciámos quando, por melhor caminho, voltamos a Deus.

São João nos desperta e exorta com voz espiritual e celeste, afirmando: “Não ameis o mundo, nem o que há no mundo. Quem ama o mundo não tem em si o amor do Pai; porque tudo o que há no mundo é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba da vida, e isso não vem do Pai, mas da concupiscência do mundo. Passará o mundo e a sua concupiscência, mas quem fizer a vontade de Deus permanece eternamente, como também Deus permanece para sempre”.^[18]

Por conseguinte, devemos desejar as realidades divinas e eternas, e fazer tudo o que for da vontade de Deus, a fim de seguir os passos e os ensinamentos de nosso Senhor,

que advertiu dizendo: “Não desci do céu para cumprir a minha vontade, mas sim a vontade daquele que me enviou”;^[19] e se o servo não é maior que o seu senhor e se o liberto deve obséquio ao seu libertador, os que desejamos ser cristãos devemos imitar o que o Cristo disse. Está escrito e lê-se e ouve-se e, para exemplo nosso, repete-se pela boca da Igreja: “Quem afirma estar no Cristo deve também caminhar assim como ele caminhou”.^[20] Devemos caminhar com passos iguais, esforçar-nos por imitar-lhe o andar. Então, à fé expressa^[21] corresponderá a sequela da verdade e o prêmio será dado ao crente, se pratica aquilo em que crê.

As vaidades alimentadas pela riqueza

8 Dizes que és rica e opulenta; mas Paulo opõe-se às tuas riquezas e com sua própria voz ordena que os teus cuidados e adornos devem ser moderados por um justo limite. “As mulheres” – diz ele – “ataviem-se com recato e modéstia, e não venham com cabelos frisados, adereços de ouro, pérolas e vestidos de luxo; mas com boa conversação, como convém a mulheres que fazem profissão de castidade”.^[22] Concordando com os mesmos preceitos, diz também Pedro: “Que não haja na mulher um adorno exterior de ouro ou de vestuário, mas antes o ornato do coração”.^[23]

Se eles advertem que devem ser corrigidas e levadas à disciplina eclesiástica por um viver religioso as mulheres que costumam apresentar o marido como desculpa dos seus cuidados exagerados, quanto mais justo é que a virgem o observe. No seu caso, os atavios não encontram desculpa, nem o disfarce da culpa pode ser atribuído a outrem, mas permanece ela sozinha no delito.

9 Dizes que és rica e opulenta; mas nem tudo o que se pode deve-se fazer, nem os desejos fúteis ou provenientes de ambição mundana devem ultrapassar a honra e o pudor da virgindade, porque está escrito: “Tudo é permitido, mas nem tudo convém. Tudo é permitido, mas nem tudo edifica”.^[24]

De resto, se tu te panteias, luxuosamente, se andas em público com ostentação, se seduzes os olhos dos jovens, se atraís os suspiros dos adolescentes, se inflamas a paixão, se inflamas os incentivos do desejo, de modo que, embora não te percas, leves outros à perdição, oferecendo-te como gládio e como veneno aos que te contemplam, não te podes desculpar como sendo casta e pudica em espírito. O luxo inconveniente e o ornato impudico acusam-te [de falsidade]. Já não podes ser contada entre as donzelas e virgens de Cristo, pois vives de modo a poder suscitar paixão.

10 Dizes que és rica e opulenta; mas não convém à virgem gabar-se de suas riquezas, porquanto diz a Sagrada Escritura: “De que nos aproveitou a soberba? De que nos serviu a vã ostentação das riquezas? Todas elas passaram como sombra”,^[25] e o Apóstolo, além disso, adverte: “E os que comprem sejam como se não comprassem, os

que possuem como se não possuíssem, e, os que usam deste mundo como se não usassem; porque passa a figura deste mundo”.^[26]

Pedro, por sua vez – a quem o Senhor confia o pastoreio e a guarda de suas ovelhas, sobre quem firmou e fundou a Igreja –, afirma não possuir ouro nem prata, porém ser rico da graça do Cristo, opulento na fé e na força dele, pelas quais milagrosamente faria numerosos prodígios, pelas quais abundaria em bens espirituais para a graça da glória. Não pode possuir tais bens e riquezas aquela que prefere ser rica para o mundo a sê-lo para o Cristo.

11 Dizes que és rica e opulenta, e julgas que debes usar das posses que Deus te concedeu. Usa-as, mas em coisas proveitosas. Usa-as, mas em boas obras. Faze uso delas, mas para o fim que Deus ordenou e que o Senhor manifestou: que os pobres

reconheçam que és rica; os indigentes reconheçam que és opulenta; de teu patrimônio empresta a Deus com juros, alimenta o Cristo.^[27] Para que possas conservar até o fim a glória da virgindade e chegues a obter a recompensa do Senhor, roga com as orações de muitos.^[28]

Deposita os teus bens lá onde nenhum ladrão os desenterre, onde nenhum salteador de emboscada faça irrupção. Junta de preferência riquezas celestiais, cujos lucros perenes, inesgotáveis e livres de qualquer influência prejudicial do século a ferrugem não gasta, o granizo não fere, o sol não queima, nem a chuva faz apodrecer. Pois pecas, e contra Deus, se julgas que ele te concedeu as riquezas para que delas fizesses um uso que não fosse salutar.

Com efeito, foi Deus quem deu a voz ao homem, mas nem por isso se deve cantar coisas dissolutas ou indignas. Deus quis que o ferro existisse para a cultura da terra e nem por isso se devem cometer homicídios. Ou, então, porque Deus criou o incenso, o vinho e o fogo deveis sacrificar aos ídolos? Ou imolar vítimas e holocaustos aos deuses porque abundam os rebanhos de ovelhas nos teus campos? Na verdade, um grande patrimônio é uma tentação, se a fortuna não servir para boas obras, de modo que, cada qual, quanto mais rico for, tanto mais deve resgatar os pecados com o seu patrimônio, em vez de aumentá-los.

A inconveniência de certos ornamentos

12 O luxo de ornamentos e vestes e a sedução das formas só convêm às prostitutas e às mulheres impudicas, e ordinariamente não há vestes mais preciosas do que as daquelas cujo pudor é vil. Assim, as Sagradas Escrituras, pelas quais o Senhor quis instruir-nos e admoestar-nos, descrevem a cidade meretriz ricamente ornada e ataviada, destinada a perecer com os seus atavios, ou, antes, por causa deles: “E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças, e se aproximou de mim dizendo: Vem, que te mostrarei a condenação da grande meretriz sentada à beira das grandes águas, com a qual praticaram luxúrias os reis da terra. E conduziu-me em espírito, e vi uma mulher montada numa fera. E a mulher estava revestida de um manto purpúreo e escarlate, adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas, trazendo na mão uma taça de ouro repleta das abominações, da imundície e da fornicção de toda a terra”^[29]. As castas e modestas virgens fujam do luxo das impuras, do vestuário das impudicas, dos ornatos dos prostíbulos, dos enfeites das meretrizes.

13 Também Isaías exclama, cheio do Espírito Santo, e repreende as filhas de Sião corrompidas pelo ouro, pela prata e pelas vestes, e censura as que possuem em abundância riquezas perniciosas, afastando-se de Deus pelos prazeres do século: “As filhas de Sião se elevaram e andaram com o pescoço emproado, fazendo aceno com os olhos, arrastando as túnicas com andar afetado, e ao mesmo tempo saltitando. O Senhor humilhará as principais filhas de Sião e lhes arrebatará as vestes. O Senhor tirará a glória das suas vestes e os seus ornamentos, os seus cabelos, os seus cabelos anelados, as lúnulas, as fitas de cabelo, os braceletes, os toucados, as cadeias de ouro, os anéis, os brincos, os vestidos de festa tecidos de ouro e jacinto, e em lugar de cheiro suave, poeira, e por cinta te cingirás de corda e por ornamento áureo da cabeça terás a calvície”^[30].

Isto é o que Deus repreende, isto é o que indica: a corrupção delas consiste em todas essas coisas; é isso que ele declara; esse é o motivo de se afastarem do ornato verdadeiro e divino. Exaltadas, decaíram; pelos seus atavios, mereceram ignominiosa fealdade. Cobertas de seda e púrpura, não podem revestir-se do Cristo; adornadas de ouro, pérolas e joias, perderam os ornatos da alma e do coração.

Quem não abominaria e evitaria o que foi ruína para outros? Quem desejaria e tomaria [para si] o que foi para a morte de outras qual espada e seta mortal? Se depois de tomar uma bebida alguém morresse, saberias ser veneno o que bebeu; se, ao ingerir um alimento alguém sucumbisse, saberias ter sido mortal o que, uma vez recebido, pôde tirar a vida; não ousarias comer nem beber daquilo que, antes, viste matar a outros. Portanto, quanta ignorância da verdade, quanta loucura de espírito em querer o que sempre prejudicou e prejudica e julgar que não hás de perecer onde sabes terem outros encontrado a perdição.

14 Deus não fez as ovelhas escarlates ou purpúreas, nem ensinou a tingir e colorir a lã com o suco de ervas e púrpuras. Não ensinou a fabricar joias engastando no ouro pedras preciosas ou pérolas numa sucessão compacta e encadeadas por numerosas

ligações, para ocultares a cabeça por ele criada, cobrindo-se o que formou no homem e ostentando-se, por cima, o que o demônio inventou.

Porventura quis Deus que se fizessem incisões nas orelhas e que por meio delas se torturasse a infância inocente e ainda ignorante do mal deste mundo, a fim de que, em seguida, das cicatrizes e orifícios pendessem pedras preciosas, pesadas ainda que não pelo tamanho, mas pelo seu elevado preço?

Os anjos pecadores e apóstatas exibiram tudo isso por seus artifícios, quando,

~~precipitados pelos contágios terrestres, se afastaram da força celeste. Eles ensinaram a metamorfosear a cabeleira por meio de coloridos falsificados e a destruir toda a verdade da boca e da cabeça pelo ataque de sua corrupção.~~

15 Neste ponto, pelo temor que a fê nos sugere, pelo amor que a fraternidade exige, julgo dever exortar não só as virgens ou as viúvas, mas também as casadas e todas as [demais] mulheres a não corromperem de modo algum o trabalho de Deus, as suas obras e modelos, aplicando-lhes a cor loura, pó negro ou vermelho, ou qualquer preparado que falsifique os traços naturais. Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”;^[31] e alguém ousaria transformar e mudar o que Deus fez! Atacam ao próprio Deus quando se aplicam a reformar e transmutar o que ele formou,

~~ignorando ser obra de Deus tudo o que é natural e do demônio tudo o que é alterado.~~
Quando um artista cria numa obra a sua forma de alguém, exprimindo que quadramente a [sua] aparência e os [seus] traços, e, uma vez terminado e pronto o trabalho, um outro resolvesse pôr a mão em seu quadro para reformar o que já fora delineado e pintado, como se fosse mais qualificado, essa ação pareceria um grave insulto ao primeiro artista e causa de justa indignação; e crês que cometerás impunemente a tão perversa e temerária audácia de teres ofendido ao Deus criador? Embora por tais disfarces sedutores não sejas impudica e impura em relação aos homens, és pior que uma adúltera, corrompendo, assim, e violando o que é de Deus. O que pensas ser adorno, o que pensas ser enfeite é atentado contra a obra divina, é prevaricação da verdade.

16 “Lançai fora o velho fermento, para que sejais uma massa nova, como sais ázimos. Porquanto o Cristo, a nossa Páscoa, foi imolado. Celebremos, portanto, a nossa festa, não no fermento velho, nem no fermento da malícia e da iniquidade, mas nos ázimos da sinceridade e da verdade”;^[32] são as palavras de exortação do Apóstolo.

Porventura a sinceridade e a verdade persistem, quando o que é autêntico é maculado pela adulteração das cores, e o que é verdadeiro se transforma em mentira pelos disfarces dos preparados?

O teu Senhor diz: “Não podes tornar branco ou preto um só fio de cabelo”;^[33] E tu, para sobrepujar a palavra do Senhor, queres ser mais poderosa, ungindo os teus cabelos numa tentativa audaz e com desprezo sacrílego! Com mau presságio do futuro, já vaticinas teus cabelos vermelho-fogo^[34] e pecas – ó crime – contra a tua cabeça, isto é, a parte mais nobre do corpo. Pois está escrito [a respeito] do Senhor: “Tinha a cabeça e

os cabelos brancos como a lã ou a neve”;^[35] e tu abominas as cãs, detestas a brancura que tem semelhança com a cabeça do Senhor!

17 Tu que assim procedes, pergunto, não receias que, quando chegar o dia da ressurreição, o teu Criador não te reconheça? Que, quando vieres para receber os prêmios prometidos, ele te afaste e exclua? Que, repreendendo-te com energia de censor e juiz, diga: “Isto não é minha obra, nem é nossa imagem”?

Sujaste a cútis com falsos preparados, modificaste a cabeleira adulterando-lhe a cor, tua face foi vencida pelo disfarce, teu rosto foi poluído, tornou-se estranho o teu semblante. Não poderás ver a Deus, porque os teus olhos não são os que Deus fez, mas os que o demônio desfez. Tu o seguiste, imitaste os vermelhos e tingidos olhos da serpente; ornada à custa do teu inimigo, arderás juntamente com ele.

Tudo isso, pergunto, não deve ser pensado pelas servas de Deus? Não deve ser temido sempre, dia e noite?

Vejam como as esposas, pelo zelo de agradar, se lisonjeiam com a satisfação do marido e, apresentando-o para sua desculpa, o associam à participação de um criminoso consentimento. Por certo, as virgens – a quem no momento^[36] se dirigem estas palavras – que se ataviavam com tais artifícios não devem ser contadas entre as virgens. Mas, como ovelhas contaminadas e animais doentes, devem ser afastadas do santo e puro rebanho da virgindade, para que não manchem as demais com seu contágio vivendo em comum, para que as que pereceram não percam as demais.

Frequentações inconvenientes

18 E uma vez que buscamos o bem da continência, evitemos tudo quanto lhe é contrário e pernicioso. Não omito aqueles usos que, introduzidos pelo relaxamento, usurparam o título de liceidade, embora contrários aos costumes sóbrios e modestos.

A algumas [virgens] não causa vergonha estar entre os consortes e, naquela liberdade de conversações lascivas, travar colóquios torpes, ouvir palavras inconvenientes, dizer o que não é permitido, observar e presenciar discursos desonestos e festins licenciosos, nos quais se inflama o incentivo das paixões, em que a noiva é impelida à tolerância do defloramento e o noivo à petulância [de deflorá-la].¹⁵⁷

Haverá lugar em [tais] núpcias para aquela cujo propósito não são as núpcias? Ou, que prazer e alegria pode haver aí, quando tão diversos são os gostos e anelos? O que aí se aprende ou o que se vê? Quão mais impudica se retira aquela que chegara pura! Embora possa permanecer virgem no corpo e no espírito, a virgindade que possuía diminui nos olhos, nos ouvidos e na língua.

19 O que dizer das que frequentam banhos promíscuos, que expõem a olhos curiosos e sensuais os corpos consagrados ao pudor e à pureza? Quando algumas veem torpemente os homens [nus], e por eles são vistas despidas, não apresentam elas mesmas uma sedução para os vícios? Não solicitam e atraem para sua corrupção e desonra os desejos dos presentes? “Veja cada uma”, dizes, “com que disposição vai a tal lugar. Quanto a mim, vou apenas re refrescar e lavar o corpo”. Essa defesa não te purifica, nem desculpa o [teu] pecado de lascívia e descaramento.

Essa ablução mancha, não lava; não limpa os membros, macula-os. Podes não olhar a ninguém impudicamente, mas és contemplada impudicamente pelos outros. Podes não profanar teus olhos em vergonhoso deleite; contudo, te contaminas quando a outros divertes. Fazes do banho um espetáculo; vais a lugares mais indecorosos do que o teatro. Despe-se aí toda a vergonha; juntamente com a veste, se depõe a honra e o pudor do corpo; a virgindade se desnuda a fim de ser observada e contemplada. Considera agora se és pudica entre os homens quando estás vestida, tu a quem a audácia da nudez convida ao despudor.

20 Assim, pois, frequentemente a Igreja lamenta as suas virgens; assim chora as suas desflorescidas e detestáveis histórias. Assim se extingue a flor das virgens, desaparece a glória e o pudor da continência, é profanada toda honra e dignidade. Assim o inimigo conquistador se insinua por suas astúcias. Assim o demônio, às ocultas, se intromete com enganosas ciladas. Assim, querendo ornar-se com maior luxo, vaguear com mais liberdade, deixam de ser virgens – corrompidas por furtiva desonra, viúvas antes de serem desposadas, adúlteras não em relação ao marido, mas a Cristo – aquelas que tinham sido, como virgens, destinadas a imensas recompensas; e tão grandes suplícios hão de sofrer pela virgindade perdida.

Exortação à coerência

21 Ouvi-me, pois, ó virgens, como a um pai. Ouvi, eu vos rogo, aquele que vos reverência e, ao mesmo tempo, vos admoesta. Ouvi a quem fielmente provê aos vossos interesses e vantagens. Sede tais como Deus criador vos fez. Sede tais como vos plasmou a mão do Pai. Permaneça em vós a face impoluta, a cabeça não adornada, a beleza sem artifício. Não se abram chagas em vossas orelhas, nem a cadeia preciosa de pulseiras e colares vos aperte os braços ou o pescoço. Estejam os pés livres de áureos grilhões, não se tinjam os vossos cabelos, os olhos sejam dignos de contemplar a Deus. Frequentem-se os banhos em companhia de mulheres entre as quais o banho seja a modéstia para convosco. Evitem-se as inconvenientes festas nupciais e os banquetes lascivos, cuja participação é perigosa.

Tu que és virgem, sê superior às vestes. Tu que vences a carne e o mundo, vence também o ouro. Não convém ser invencível nas coisas maiores e deixar-se superar nas menores. Áspero e estreito é o caminho que conduz à vida, dura e árdua a estrada que leva à glória. Por essa trilha caminham os mártires, adiantam-se as virgens, seguem todos os justos. Evitai os caminhos largos, espaçosos, onde se encontram funestas seduções e mortíferos prazeres: aí o demônio lisonjeia para enganar, sorri para prejudicar, seduz para matar.

O primeiro fruto, de cem [por um], é dos mártires; o segundo, de sessenta [por um], é o vosso.^[38] Assim como não é próprio dos mártires pensar nem na carne nem no mundo, nem é pequeno ou fácil seu combate, assim entre vós, a quem é atribuído o segundo prêmio da graça, haja sempre força à altura do padecimento. Não é fácil a ascensão às grandes coisas. Quanto suor, quanto trabalho nos custa quando tentamos subir as montanhas e galgar os cumes dos montes! Qual será, então, [o suor] para subirmos ao céu? Se consideras a recompensa prometida, tornar-se-á menor a fadiga. Aos perseverantes é concedida a imortalidade, prometida a vida eterna e oferecido o Reino pelo Senhor.

22 Conservai, ó virgens, conservai o que começastes a ser; conservai o que sereis. Aguarda-vos grande recompensa, o prêmio sublime da virtude, o dom máximo da castidade. Quereis saber de quanto mal está livre a virtude da continência e quanto bem encerra? “Multiplicarei”, diz Deus à mulher, “as tuas tristezas e os teus gemidos. Na tristeza darás filhos à luz, a paixão te fará buscar o teu esposo e ele te dominará”.^[39] Quanto a vós, estais livres dessa sentença, não temeis as tristezas e os gemidos das mulheres e nenhum receio tendes pelo nascimento de filhos. Não tendes homem por marido, e, à semelhança e em vez de marido, tendes por Senhor e cabeça o Cristo, cuja sorte e condição partilhais.

Esta é palavra do Senhor: “Os filhos deste mundo geram e são gerados. Aqueles, porém, que forem julgados dignos do outro mundo e da ressurreição dos mortos não se casam nem contraem matrimônio. Nem poderão mais morrer. São iguais aos anjos de Deus, sendo filhos da ressurreição”.^[40] O que seremos, vós já começastes a ser. Já

possuís neste mundo a glória da ressurreição; atravessais o mundo sem o contágio do mundo. Perseverando castas e virgens, sois iguais aos anjos de Deus, contanto que a virgindade permaneça sempre intacta e ilesa; e continue sem cessar, com a mesma força do início; sem buscar ornamentos de joias ou de vestes, mas os dos [bons] costumes; contemple a Deus e o céu, e não abaixe para a concupiscência da carne e do mundo os olhos fixos no alto, nem os volva para as coisas terrenas.

O primeiro decreto [divino] mandou crescer e gerar; o segundo aconselhou a continência. Assim, enquanto o mundo ainda estava vazio e inculto, gerando, fomos propagados com copiosa fecundidade e crescemos para aumento do gênero humano. Agora, já que o orbe se acha povoado e o mundo repleto, os que podem assumir [o preceito da] incontinência, vivendo como eunucos, se castram para o Reino.^[41] O Senhor, todavia, não o ordena, mas exorta [a assumi-lo]; não o impõe como jugo forçado, visto que permanece o livre-arbítrio da vontade. Tendo, porém, declarado haver muitas moradas na casa de seu Pai,^[42] aponta os aposentos da melhor mansão. Essas melhores mansões vós as buscais; reprimindo os desejos da carne, alcançais no céu prêmio de maior graça.

Com efeito, todos os que, pela santificação do batismo, chegam ao dom e à herança divinos, aí se despojam do velho homem pela graça do lavacro de salvação; e, renovados pelo Espírito Santo, purificam-se das máculas do antigo contágio num segundo nascimento. Mas a maior santidade e verdade desse novo nascimento cabem a vós, que já não tendes os desejos da carne e do corpo. Em vós só permaneceu o que se refere à virtude e ao Espírito para a glória.

É palavra do Apóstolo a quem o Senhor chamou instrumento de sua escolha,^[43] enviando-o a promulgar os celestes preceitos: “O primeiro homem”, diz ele, “vem do limo da terra, o segundo homem, do céu; qual o terrestre, tais são os homens terrestres, e qual o celeste, tais os celestes. Assim como trouxemos em nós a imagem do que é terrestre, assim também havemos de trazer a imagem do que é celeste”.^[44]

A virgindade traz em si essa imagem, a integridade a guarda; reproduzem-na a santidade e a verdade; trazem-na em si aquelas que, lembradas da disciplina divina, observam a justiça unida à religião, firmes na fé, humildes no temor, fortes para tudo sofrer, mansas ao suportar as ofensas, propensas a usar de misericórdia, unânimes e concordes em paz fraterna.

24 Deveis observar, amar e praticar cada uma dessas virtudes, ó boas virgens, que, progredindo para o Senhor, vos consagrastes a Deus e ao Cristo e vos antecipais [a nós] na maior e melhor parte.

As mais adiantadas em anos ensinem as mais jovens; as moças estimulem as suas companheiras. Inflamai-vos mutuamente com exortações; rivalizando em provas de virtude, animai-vos à glória. Perseverai corajosamente, progredi espiritualmente, alcançai o feliz termo. Lembrai-vos, porém, de nós, quando se revelar a glória da vossa virgindade.

OS LAPSOS

INTRODUÇÃO

Heres Drian de O. Freitas

Título

O verbo latino *labor* (-beris)^[1] – *escorregar, deslizar, cair, errar, equivocar-se* –, *lapsus* é particípio passado e, como se sabe, pode qualificar o sujeito a que se refere, isto é, pode desempenhar a função de adjetivo. Este, por sua vez, igualmente bem sabido, presta-se à substantivação. É o que acontece com o *De lapsis* que, substantivado, significa, como preferiu nosso tradutor, *Os lapsos*, ou, *Os caídos*. Considerando-se o particípio, o título poderia ser traduzido em *Sobre aqueles que caíram*.^[2] À parte esses dois exemplos, mais conformes ao srinal latino, alguma tradução amplia o título, acrescentando a seu elemento literal de quais caídos trata a obra e qual a ocasião de sua queda, como no caso de *Sobre os cristãos caídos na perseguição*,^[3] enquanto alguma o faz mais sucintamente com um termo mais técnico, como ao se traduzir *De lapsis* em *Os apóstatas*.^[4]

Enquanto latinistas discorrem acerca de qual tradução do título é a mais reprovável e qual a mais apropriada, apropriado pareceu-nos não tanto indicar ao leitor os diversos títulos que encontrará – se já não encontrou – desta mesma obra quanto explicar o título.

Lapsus e *apostata* são usuais na literatura clássica, e ambos têm seu uso cristão inserido na literatura patrística por Tertuliano. Em suas obras, embora não o use muito, o latim *lapsus* designa – além dos sentidos usuais, já indicados – aquele que se desvia da *Regula fidei* (a *Regra da fé*) ou que cai em pecado após o batismo.^[5] Já *apostata*, que Tertuliano praticamente translitera do grego,^[6] é mais recorrente em suas obras,^[7] particularmente em contexto polêmico, e, geralmente, identifica alguém separado da comunidade. Em geral, pelos contextos das ocorrências de um e de outro termos em Tertuliano, poderíamos concluir – sem considerar rigidamente esta distinção – que *lapsus* é usado para indicar alguém que caiu, mas que, sem ter rijamente deixado de fazer parte da comunidade, pode reerguer-se; já o *apostata* é, também, alguém que caiu, mas cuja queda é polarizada na separação da comunidade.

Em Cipriano, conhecedor das obras de Tertuliano,^[8] ambos os termos são empregados, e não é impossível que o bispo de Cartago tivesse presente a distinção que se acaba de apresentar, pois ele parece usar *apostata* também em referência a rompimentos consumados.^[9] O título, portanto, da obra de Cipriano, bem como seu uso de *lapsus*, não se refere a apóstatas cristalizados,^[10] mas a cristãos que, tendo cedido ao medo e às pressões – possíveis ou efetivas –, não permaneceram firmes na fé e, todavia, buscaram logo voltar à vida na comunidade em que sua fé e a graça circulam como bem comum de salvação. Os lapsos, então, são aqueles que fraquejaram, em oposição àqueles que permaneceram firmes, os *stantes* (do latim *stare*), e que afirmaram a própria fé.^[11]

Datação e ocasião

O *De lapsis* é a primeira obra de Cipriano já de volta a sua sede.^[12] Pode ter sido um sermão,^[13] proferido na primavera de 251, talvez maio, sendo imediatamente em seguida posto por escrito e lido no Sínodo de Cartago daquele mesmo ano. O concatenamento imediato desses fatos – proferição, redação e leitura sinodal – indica a urgência da questão, surgida durante a ausência de Cipriano, e já de então tratada,^[14] no contexto da perseguição do Imperador Décio (249-251).

Tendo chegado ao poder no outono de 249, Décio – fervido defensor e promotor das tradições romanas^[15] – considerava o descaso com os deuses e a religião tradicional causa dos infortúnios do Império.^[16] Em janeiro de 250, ao oferecer seu sacrifício no Capitólio a Júpiter, determinou que esse sacrifício fosse estendido às cidades das Províncias e que fossem instaladas comissões que verificassem sua realização.^[17]

Mesmo que fosse “base” da piedade religiosa romana, e embora vinculasse às tradições quem a realizasse, a oferta do sacrifício pode, até então, não ter acarretado maiores consequências para os cidadãos que não a realizassem. A instalação, porém, de comissões para aplicação do decreto e para certificação de sua realização mediante a outorga de um *libellus* – espécie de certificado do dever cívico-religioso cumprido – torna sua realização prova de adesão ao Estado e suas tradições:^[18] quem realizasse o sacrifício dentro do período estabelecido receberia, com reconhecimento oficial, o *libellus*;^[19] quem se negasse a participar do sacrifício seria processado e penalizado.^[20]

À parte as discussões acerca das razões da perseguição, e se fosse ou não dirigida específica e exclusivamente contra os cristãos,^[21] a oferta dos sacrifícios implicava os cristãos de modo direto: por todo o Império,^[22] estes se encontraram diante do ter de escolher entre professar a própria fé ou sacrificar aos deuses; do ponto de vista cristão, alternativas inconciliáveis, mutuamente excludentes.

De fato, a profissão da fé no Deus único cristão acarreta, entre outros elementos, a rejeição dos deuses, enquanto oferecer sacrifícios a esses deuses implica reconhecer que o Deus cristão não seria único – questão que inevitavelmente afloraria na própria soteriologia. Em todo caso, optar por professar a fé significaria colocar a própria vida em risco; por sacrificar aos deuses, negar a própria fé, a relação com a fonte mesma e os meios da salvação. A fuga – escolha do bispo Cipriano^[23] – era o único modo de não incorrer numa ou noutra situação. É neste período em que Cipriano – durante a perseguição – encontra-se ausente de sua sede que surge a questão dos *lapsi*, e é também quando o bispo de Cartago reflete acerca de suas causas e de como solucioná-la.

A causa da perseguição

No início do séc. III, no norte da África, o cristianismo difundia-se rápida e igualmente entre a população inculta e a letrada; como em Roma, já havia pervadido todas as classes sociais. Sua estrutura interna era já bastante sólida, tanto organizacional quanto teologicamente. Contudo, a solidez da adesão à fé jamais é demonstrada por estruturas organizacionais ou teológicas, mas por sua incidência na vida de seus aderentes, plasmando suas atitudes quotidianas, o que poderíamos chamar, usando

termos de Cipriano, a *disciplina dos costumes*.

Pastor atento e conhecedor de sua grei, Cipriano vê essa disciplina corrompida e a fé acomodada, adormecida.^[24] Assim, a Igreja tanto crescia em número quanto perdia em fervor: entre os fiéis, prevaleciam individualismo, avareza e cobiça, fraudes e enganos. Entre os membros do clero, bispos inclusive, a situação não era muito diferente: além do que se acaba de citar, havia falta de devoção, de misericórdia, de obediência; com soberba e arrogância, a missão divina era abandonada por bens materiais.^[25] Para o santo bispo de Cartago, independentemente das razões de Décio, a perseguição é reprovação divina dessas atitudes para despertar a fé.^[26]

Isso não significa, todavia, que não houvesse verdadeira intenção religiosa entre os cristãos ou que sua adesão à fé não fosse sincera; significa que intenção religiosa e adesão à fé eram de tal modo dispersas que a vida cristã perdia lugar no quotidiano, distanciando-se das atitudes que deveriam reger. Se é que não se estivesse tornando “elemento cultural”, cindida de sua, chamemos assim, dimensão horizontal, isolou-se em sua dimensão vertical, relação pessoal e individual com Deus, e, inevitavelmente – quando falta qualquer uma dessas dimensões –, a fé se desprepara para seu ato último, sua consumação no morrer por Cristo.^[27] Neste sentido, era preciso que a fé fosse despertada, para que sua demonstração heroica, o professá-la publicamente – com o risco de morrer por Cristo –, fosse seu ato último justamente porque em conexão com seu ato quotidiano.^[28] Mesmo assim, não faltou quem professasse a própria fé e se tornasse *confessor* ou mártir.

Embora Cipriano às vezes use indistintamente os termos como sinônimos, *confessor* designa aquele que professou a fé, não realizou o sacrifício e sua pena foi o encarceramento – talvez com o confisco dos próprios bens e/ou alguma tortura –; ou seja, professou a fé sem derramar o próprio sangue na oferta da própria vida. Já *mártir* é quem chegou a esse extremo. Mas as *Atas* de martírios de então – mesmo que se acrescentem a estas as referências aos *confessores* – deixam claro que o número de apóstatas na Igreja norte-africana, e não só, foi assombroso.^[29]

O problema dos *lapsi*

A apostasia não era novidade para a Igreja. Inicialmente, com o homicídio e o adultério, constituía pecado grave e autoexcludente, isto é, quem os cometesse colocava-se fora da comunhão eclesial; tais pecados não eram perdoados nem mesmo na exomologese [30] única após o batismo. No séc. III, contudo, teve movimento uma alteração nessa prática, definindo “uma doutrina que consentia aos bispos reconciliar, [31]

após, adequada penitência, todos os pecadores arrependidos, não a disciplina eclesiástica teve de lidar com uma questão generalizada, [32] tanto geográfica quanto numericamente, pois houve lapsos por toda parte no Império e em gigantesca quantidade. Todavia, uma quantidade também espantosa desses lapsos recorreu, logo em seguida a seu ato de apostasia, à Igreja, para ser reintegrada à comunidade de fé, cujo abandono não se havia dado de todo; afinal, algum arrependimento imediato estaria a movê-los de volta à comunhão eclesial.

Na ausência de Cipriano, parte do clero e dos *confessores* – instigados por Novato e os quatro opositores de Cipriano – decidiram aceitar de volta, sem penitência alguma, aqueles que tinham abjurado, os lapsos, distribuindo um *libellus pacis*, espécie de nota de concessão de perdão. Algumas dessas notas nem mesmo eram nominais, isto é, não continham o nome daquele a quem se concedia a readmissão na comunidade eclesial; outras, ainda, circulavam em nome de algum mártir. [33] Esse grupo ficou conhecido como laxista, permissivo.

Tendo professado a fé e sofrido o cárcere, os *confessores* gozavam de autoridade moral. Cipriano, por outro lado, tendo fugido, e sendo difamado por alguns de seus presbíteros, [34] foi relegado pelos *confessores* quanto às decisões que lhe caberiam. Os *confessores*, então, arrogaram-se também a autoridade disciplinar, própria do bispo.

Outro grupo, menor – mas não por isso menos extremista e, assim, causador de divisões –, considerava que os lapsos não deveriam, de forma alguma, ser readmitidos na comunidade. Esse era o grupo rigorista. [35]

Cipriano, ainda ausente, foi informado da situação; considerou que seria melhor tratar da questão assim que tudo estivesse mais calmo e quando estivesse de volta a sua sede; [36] autorizou a reconciliação imediata somente para os lapsos moribundos, [37] e, reconhecendo o papel dos *confessores* como intercessores – não permitindo, porém, que usurpassem da autoridade sacerdotal da remissão dos pecados –, convidou-os a serem prudentes.

Antes do retorno do bispo, todavia, Felicíssimo, rico leigo inconformado com a ausência do bispo, provocou um verdadeiro cisma na cidade: com a promessa de assistir economicamente aos cristãos locais e reorganizar a diocese, conseguiu, à revelia de seu bispo, [38] tornar-se diácono do presbítero Novato [39] – a quem substituiu como guia dos opositores de Cipriano e como líder dos laxistas –, sendo, pouco depois,

excomungado e, por sua vez, excomungando Cipriano e seus seguidores.^[40]

Roma passava por situação semelhante à de Cartago, e ambas se informavam sobre seus problemas. Cipriano e Cornélio apoiaram-se mutuamente. Cornélio, após o martírio do bispo Fabiano em Roma (janeiro de 250), foi eleito como sucessor deste último, pouco mais de um ano mais tarde. Cornélio tinha posições semelhantes às de Cipriano quanto à admissão dos lapsos^[41] mesmo antes de tornar-se bispo de Roma. Mas Cornélio tinha a oposição do rigorista Novaciano, que, não reconhecendo a eleição de Cornélio e propondo a si mesmo como bispo de Roma, não admitia o retorno dos lapsos à comunhão eclesial: readmiti-los seria levar a Igreja mesma à apostasia.

Chegado o momento de retomar a questão da readmissão dos lapsos, Cipriano reúne e preside o Concílio de Cartago (251^[42]) pouco depois de seu retorno. O Concílio, antes de pronunciar-se oficialmente, decide enviar emissários a Roma para verificar o estado da situação entre Cornélio e Novaciano,^[43] que, conhecendo a situação de Cartago e considerando que Cipriano e seus partidários seriam vencidos, envia uma delegação à metrópole africana.^[44] Mas, com o retorno da delegação cartaginesa, a eleição de Cornélio é confirmada pelo Concílio de Cartago, que também declara Novaciano e os seus como cismáticos.^[45] É igualmente confirmada a excomunhão de Felicíssimo, que, no ano seguinte (252), em resposta à decisão do Concílio, com cinco bispos apóstatas,^[46] consagra Fortunato – do já referido grupo de presbíteros opositores de Cipriano^[47] – como bispo da comunidade laxista. O cisma dos laxistas, contudo, não foi o único a ser enfrentado por Cipriano.

Máximo, um sacerdote da delegação de Novaciano, assume a liderança dos rigoristas de Cartago e se faz ordenar bispo.^[48] A comunidade católica de Cartago encontra-se fragmentada em três partes em torno à questão da readmissão ou não dos apóstatas: os rigoristas, guiados pelo bispo novacianista Máximo, que não a admite de modo algum; os laxistas, guiados pelo bispo Fortunato, que a admite indistintamente; e, entre esses extremos cismáticos,^[49] guiados pelo bispo Cipriano, aqueles que defendiam sua readmissão, mas não de qualquer modo, não todos do mesmo modo – pois, embora se tratasse do mesmo pecado, sua modalidade não era a mesma –, não sem a devida penitência.^[50] Essa foi a concepção que prevaleceu onde se manteve a ortodoxia. A Igreja, então, evitava dois excessos: o de algum “ajuste” com o mundo, que debilitaria sua mensagem, e o de identificar-se como elite de “puros”, isolada do mundo e em constante confronto com este. O Concílio Cartaginês de 251, então, ainda que tenha abordado o cisma dos laxistas, tratou principalmente dos lapsos. Embora as *Atas* do Concílio não se tenham conservado, suas deliberações não distam do conteúdo do *De lapsis*,^[51] que contém os princípios adotados pelo bispo de Cartago e confirmados pelos padres conciliares.

Divisão e conteúdo

A obra apresenta três partes gerais nítidas: introdução (1-6), desenvolvimento (7-28) e conclusão (29-36).

Na introdução, Cipriano manifesta alegria pelo fim da perseguição e pela força demonstrada então por alguns, particularmente os *confessores*, (1-3) e apresenta a condição de pecado dos lapsos – aqueles que espontaneamente sacrificaram aos deuses ou que se empenharam em conseguir o atestado de ter realizado o sacrifício –, seguida daquelas que considera terem sido as causas de seu decaimento (4-6), entre as quais estão a falta de santidade e de pureza de fé do clero (6).

No núcleo da obra (desenvolvimento: 7-28), Cipriano trata, em ordem de gravidade decrescente, dos diversos graus de decaimento da fé, dividida em dois blocos, o dos que sacrificaram (7-14) e o dos que não sacrificaram (27-28).

Dentre os que sacrificaram, chamados *sacrificati*, uns se apressaram a oferecer o sacrifício (7-12), outros o fizeram sob tortura (13-14). Os primeiros preferiram, sem resistência alguma, os próprios bens à fé; por isso seu pecado é maior. Aqueles que foram torturados não suportaram as aflições corporais; tendo suportado por algum tempo, seu pecado é menor que o dos primeiros. Conceder facilmente o retorno de todos estes à comunhão é solução enganosa, que mais favorece a condenação do pecador que sua salvação (15-26).

Em seguida, volta-se aos do segundo grupo, o dos que não sacrificaram, subdividido, também este, em dois: o dos que, ilicitamente, obtiveram o atestado do dever cumprido (*libellus*, por isso foram chamados *libellatici*) (27), e o dos que estavam dispostos a ceder, embora não tenham tido ocasião de fazê-lo (28). O crime dos primeiros é como o dos que sacrificaram, pois preferiram, de algum modo ilícito, não admitir a própria fé. Os que não sacrificaram, mas pensaram em fazê-lo, não têm sua consciência sem mancha. Por isso, embora menor, seu pecado também deve ser submetido à penitência.

Muitos lapsos arrependeram-se e puseram-se logo a trilhar um caminho de retorno à fé, pedindo para ser readmitidos na comunidade, mediante qualquer que fosse a penitência a ser-lhes imposta. É exatamente com uma exortação à penitência, que alcança misericórdia e perdão divinos, que Cipriano conclui sua exposição (29-36).

OS LAPSOS[*]

Cipriano de Cartago

Retorno à paz e alegria pela força dos fiéis

1 Eis que, irmãos diletíssimos, a paz foi restituída à Igreja e, coisa que há pouco parecia difícil para os incrédulos e impossível para os pérfidos, a nossa segurança foi restabelecida por obra e vingança divina. As mentes retornam à alegria e, tendo-se dissipado a tempestade e a nuvem da aflição, refulgiram a tranquilidade e a serenidade. Louvores sejam dados a Deus e sejam celebradas com ações de graça as suas benevolências e as suas dádivas – ainda que a nossa voz nem durante a perseguição tenha cessado de render graças. O inimigo não possui um poder tal que nós, que amamos a Deus com todo o coração e alma e vigor, não possamos proclamar gloriosamente as suas bênçãos e os seus louvores, sempre e em todo lugar. Almejado pelas orações de todos, veio o dia e, após a terrível e sombria obscuridade da noite, o mundo brilhou, irradiado pela luz do Senhor.

2 Miramos com olhos alegres os confessores, preclaros pela fama do seu bom nome e gloriosos pelos méritos da virtude e da fé; cingindo-os com santos beijos, os abraçamos com inesgotável ardor, eles, tão longamente desejados. Aí está a cândida legião dos soldados de Cristo, os quais, com firme união, quebraram a ferocidade turbulenta de uma perseguição bravia, preparados para o sofrimento do cárcere, armados para suportar a morte.

~~Resististes bravamente ao mundo, desta vez Deus um espetáculo glorioso, confesseis~~
~~exemplo aos irmãos que vos seguiu. Uma vez a Igreja proclamou glorioso, confesseis~~
que nele acreditou de uma vez por todas. As mãos ilustres, que estavam acostumadas somente às obras divinas, se recusaram aos sacrifícios sacrílegos; as bocas santificadas com alimentos celestiais pelo Corpo e Sangue do Senhor cuspiram os contatos profanos e as relíquias dos ídolos; a vossa testa permaneceu livre do véu ímpio e celerado, com o qual eram cobertas as testas cativas dos que ofereciam sacrifícios; a fronte pura com a marca de Deus não pôde carregar a coroa do diabo e se preservou para a coroa do Senhor. Ó, como vos recebe alegremente em seu seio a Mãe Igreja, vós que retornais da batalha! Quão feliz, quão jubilosa ela abre suas portas para que entreis em fileiras compactas, levantando os troféus tirados do inimigo vencido!

Junto com os homens triunfantes vêm também as mulheres, que venceram, além do mundo, também o sexo. Também vêm as virgens, com a dupla glória da sua batalha, e vêm os meninos, que, com suas virtudes, foram além de seus anos. Também a restante multidão dos que permanecem firmes segue a vossa glória e acompanha os vossos passos com insígnias de louvor bem próximas e quase idênticas. É a mesma, nestes, a sinceridade do coração, é a mesma a integridade da fé tenaz. Estes, fincados nas raízes inabaláveis dos ensinamentos celestes e fortificados pelas tradições evangélicas, não temeram os possíveis tormentos, nem as penas da propriedade e do corpo. □ Os dias da provação da fé estavam com prazo delimitado: mas aquele que lembra de ter renunciado ao mundo desconhece o dia do mundo, e já não estima os tempos terrenos aquele que espera de Deus a eternidade.

Ninguém, irmãos, ninguém mutile esta glória, ninguém diminua com crítica maldosa a

3 firmeza incorrupta dos que permanecem firmes na fé. Tendo passado o tempo previsto para a negação,^[2] todo aquele que, neste tempo, não se apresentou, confessou ser cristão. Mas o detento que, sob as mãos dos pagãos, confessa Deus tem a primeira honra para a vitória. Aquele que ficou escondido em cauto recesso para preservar-se para Deus tem um degrau inferior para a glória.^[3] Aquela é uma confissão pública, esta é privada; aquele vence o juiz do mundo, este, contente de Deus como seu juiz, guarda a consciência pura pela integridade do coração; lá a fortaleza é mais pronta, aqui a cautela é mais segura. Aquele, aproximando-se a sua hora, já foi encontrado maduro; este, talvez, teve sua hora adiada, mas, deixado o patrimônio, se escondeu não porque teria negado: sem dúvida teria confessado, se também ele tivesse sido detento.

O pecado dos lapsos é resultado do laxismo na fé

4 Uma só tristeza aflige estas coroas celestes dos mártires, estas glórias espirituais dos confessores, estas virtudes máximas e exímias dos irmãos que permaneceram firmes na fé: o fato de o violento inimigo do seu próprio povo ter matado uma parte arrancada de nossas vísceras. O que vou fazer aqui, irmãos caríssimos, desvairando num delírio contínuo da mente, o que e como dizê-lo? Necessita-se mais de lágrimas que de palavras para expressar a dor com que deve ser chorada a ferida do nosso corpo, com que deve ser lamentada a múltipla perda de um povo já numeroso. Quem é tão duro e insensível, quem é tão esquecido do amor fraterno que – encontrando-se entre as multiformes perdas e os restos lúgubres e esqualidamente deformes dos seus – consiga manter os olhos secos e, irrompendo imediatamente o choro, não extravase os seus gemidos mais com lágrimas que com palavras?

Sofro, irmãos, sofro convosco; nem a minha própria integridade física e a minha saúde ajudam a mitigar minhas dores, pois na ferida do seu rebanho o pastor é ferido mais ainda. Junto o meu peito com cada um, partilho os fúnebres pesos da dor e do luto. Choro com os que choram, soluço com os que soluçam, sinto-me morto com os mortos. Por aquelas flechas do inimigo furioso foram golpeados ao mesmo tempo os meus membros, as espadas cruéis transpassaram as minhas vísceras. O espírito não conseguiu ficar imune e livre da incursão da perseguição, pois o afeto prostrou também a mim nos irmãos prostrados.

5 Deve permanecer, porém, irmãos diletíssimos, o senso da verdade; nem a tenebrosa escuridão da feroz perseguição deve ter cegado a mente e o sentimento a tal ponto que nada tenha sobrado de luz e de iluminação, pelas quais os ensinamentos divinos possam ser percebidos. Quando se conhece a causa da desventura, encontra-se também o remédio da ferida. O Senhor quis pôr à prova a sua família; e, já que uma longa paz tinha corrompido a disciplina transmitida a nós divinamente, a reprovção celeste reergueu uma fé acomodada e, diria, quase adormecida; e, malgrado merecêssemos mais pelos nossos pecados, o Senhor clementíssimo ordenou as coisas de tal forma que isso tudo que aconteceu parecesse mais um exame que uma perseguição.

Cada um por si, todos procuravam aumentar o patri-mônio e, esquecidos daquilo que os crentes ou fizeram no tempo dos apóstolos ou sempre deveriam ter feito, dedicavam-se a ampliar as riquezas com o ardor insaciável da cobiça. Não havia nos sacerdotes a religião devota, nem nos ministérios a fé íntegra, nem nas obras a misericórdia, nem nos costumes a disciplina.

A barba era deturpada nos homens; nas mulheres, a forma era afetada. Eram adulterados os olhos feitos pelas mãos de Deus; os cabelos eram coloridos com falsidade. As fraudes eram astuciosas para enganar os corações dos simples, as intenções eram enganosas para lograr os irmãos. Contraíam o vínculo matrimonial com infiéis, prostituíam aos pagãos os membros de Cristo. Não tinham receio apenas de jurar, mas até de perjurar. Criticavam os superiores com orgulho soberbo, amaldiçoavam-se com boca envenenada, discordavam uns dos outros com ódios obstinados.

Muitíssimos bispos, que deveriam servir de exortação e exemplo aos outros, desprezada a missão divina, tornavam-se agentes das coisas mundanas: deixado o magistério, abandonado o povo e vagando por terras alheias, procuravam os mercados semanais do negócio lucrativo. Enquanto na comunidade eclesial os irmãos passavam fome, eles queriam ter dinheiro mais abundantemente. Roubavam os fundos com fraudes insidiosas, aumentavam a renda com usuras que se multiplicavam. Sendo tais, o que não mereceríamos sofrer por pecados desse tipo, uma vez que já antigamente a censura

divina alertou e ensinou: “Se abandonarem a minha observação, não os visitarei, pois, se negligenciam os seus próximos, os meus desamigos não os visitarão” [4]

O esquecimento das palavras divinas, causa do decaimento da fé e do levar outros a fazê-lo

7 Estas coisas nos foram preanunciadas e preditas. Mas nós, esquecidos da Lei dada e de sua observância, nos comportamos em nossos pecados de tal forma que, enquanto desrespeitamos os mandamentos do Senhor, chegamos à correção dos pecados e à provação da fé com remédios bem mais severos. Nem, pelo menos, retornamos tarde ao temor de Deus, para suportarmos pacientemente e fortemente esta nossa correção e provação divina. Logo aos primeiros anúncios do inimigo, ameaçador, um número altíssimo de irmãos negaram a sua fé e não foram vencidos pela violência da perseguição, mas derrotaram a si mesmos em lapso voluntário.

O que, vos peço, de inaudito, o que de novo tinha acontecido, para que o juramento de Cristo fosse desfeito com temeridade precipitada, como se tivessem aparecido coisas incógnitas e inesperadas? Não predisseram estas coisas primeiro os profetas e depois os apóstolos? Não ensinaram sempre, cheios de Espírito Santo, as opressões dos justos e as injúrias dos pagãos? Não diz a Escritura Divina, sempre fortificando a nossa fé e corroborando com voz celeste os servos de Deus: “Adorarás o Senhor teu Deus e servirás somente a ele”^[5] Não diz ela novamente, mostrando a ira da indignação divina e advertindo sobre o medo da pena: “Adoraram os ídolos que seus dedos fizeram, e o

homem se curvou e o varão se humilhou, e não os perdoarei”^[6] E não diz Deus ainda: “Quem sacrifica aos ídolos, e não somente a Deus, será extirpado”^[7] E em seguida, também no Evangelho, o Senhor, doutor em palavras e praticante nos fatos, ensinando o que deveria ser feito e fazendo tudo aquilo que ensinou, não advertiu sobre tudo aquilo que acontece e acontecerá? Não reservou de antemão os suplicios eternos aos que negam e os prêmios salutareis aos que confessam?

8 Para alguns, todas estas coisas perderam-se como algo nefasto, saíram da sua memória. Nem ao menos esperaram, uma vez presos, subir os degraus para negar sob interrogatório. Muitos foram vencidos antes da batalha: prostrados antes do ataque, nem se permitiram parecer que sacrificavam aos ídolos contra a vontade; pelo contrário, correram espontaneamente para o tribunal, aproximaram-se livremente da morte, quase querendo abraçar a oportunidade dada, pela qual optariam com prazer. Quantos foram mandados embora pelos magistrados em razão do cair da noite, quantos até tiveram que suplicar para que a morte não fosse diferida! Qual força exterior tal pessoa pode alegar como desculpa do seu pecado, quando ele próprio fez força maior para perecer?

Aconteceu, por acaso, que, após ter chegado espontaneamente ao Capitólio, e após ter se aproximado à observância do terrível delito do sacrifício, o passo vacilou, o rosto empalideceu, as vísceras tremeram, os braços caíram? Aconteceu, por acaso, que os sentidos paralisaram, a língua ficou presa, faltou a palavra? Podia estar ali o servo de Deus e falar e renunciar a Cristo, após ter já renunciado ao diabo e ao mundo? Não foram aqueles altares, dos quais se aproximou para morrer, um rogo para ele? Não devia ele detestar e fugir do altar do diabo, que tinha visto fumaçar e cheirar de um fedor

repugnante, quase fosse o enterro e a pira da sua vida? Por que, miserável, trazes uma vítima contigo, porque colocas uma vítima para sacrificar? Tu mesmo és uma hóstia para os altares, tu mesmo vieste como vítima; ali imolaste a tua salvação, a tua esperança; ali queimaste a tua fé com aqueles fogos funestos.

9 Mas a muitos não bastou a sua própria ruína: com exortações mútuas o povo foi impulsionado para a destruição, a morte foi administrada reciprocamente com veneno letal. E, para que nada faltasse à perfeição do crime, até as crianças, carregadas ou trazidas pelas mãos dos pais, pequenas como eram, perderam aquilo que tinham recebido nos primeiros momentos do nascimento.^[8] Não dirão estas crianças, quando chegar o dia do julgamento: “nós nada fizemos, não deixando a comida e a bebida do Senhor, nem nos aproximamos espontaneamente dos contágios pagãos; nos arruinou a maldade dos outros, sentimos os pais como parricidas; foram eles que negaram a Igreja Mãe e Deus Pai para que, enquanto pequenos e desprovidos e ignaros do mal, fôssemos anexados ao consórcio do crime e caíssemos na armadilha pela fraude dos outros”?

O decaimento da fé por amor aos próprios bens

10 Não há, infelizmente, qualquer causa justa e grave que desculpe tanto pecado: devia ser abandonada a pátria e suportado o dano do patrimônio. Quem, na hora de nascer e de morrer, não deve deixar a pátria e perder o seu patrimônio cedo ou tarde? Cristo não seja deixado; tema-se a perda da salvação e da habitação eterna! Eis que o Espírito Santo clama pelo Profeta: “Ide embora, ide embora, saiais daí e não toqueis o imundo. Saiais do meio dele, separai-vos, vós que levais os vasos do Senhor”^[9] E aqueles que são os vasos do Senhor e o templo de Deus não saem do meio do imundo e retrocedem, para não serem coagidos a tocá-lo e a serem poluídos e violados por alimentos mortais? E também em outro lugar se ouve a voz do céu advertindo os servos de Deus sobre aquilo que é conveniente fazer: “Sai daí, povo meu, para que não sejas partícipe dos seus delitos e não fiques atado às suas desgraças”^[10] Quem se afasta e recua não se torna partícipe do pecado; mas fica atrelado às desgraças aquele que é encontrado sócio do pecado. E assim o Senhor mandou retirar-se e fugir na perseguição e, para que isto aconteça, o ensinou e o fez. Com efeito, quando descer a coroa por concessão de Deus – e esta não poderia ser recebida se não fosse a hora de recebê-la –, todo aquele que, permanecendo em Cristo, se retira interinamente, este não renega a fé, mas espera o tempo oportuno; quem, ao contrário, caiu por não ter se retirado, permaneceu para renegar.

11 A verdade, irmãos, não pode ser dissimulada, nem a matéria e a causa da nossa ferida devem ser omitidas: o amor cego do patrimônio enganou muitos; e não puderam estar preparados ou prontos para se esconderem aqueles que às suas próprias riquezas, como algemas, mantiveram-se presos. Elas foram as correntes dos que ficaram para trás, elas foram as algemas daqueles cuja virtude estava retardada, a fé pesada, a mente vencida e a alma fechada, de modo a se tornarem presa e alimento da serpente – condenada por Deus a devorar a terra – aqueles que estiverem presos às coisas terrestres.

Por essa razão, o Senhor, mestre dos bons, também prevenindo o futuro, diz: “Se queres ser perfeito, vende tudo e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus; e vem, e

segue-me”^[11] Se os ricos fizessem isso, não pereceriam pelas riquezas; depositando o tesouro no céu, eles não teriam agora um inimigo e um expugnador doméstico; estariam no céu o coração, a alma e o corpo, se o tesouro estivesse no céu; nem poderia ser vencido pelo mundo aquele que não tivesse no mundo pelo que ser vencido. Ele seguiria o Senhor desimpedido e livre, como fizeram os apóstolos e muitos no tempo dos apóstolos e alguns que, deixadas as suas coisas e os parentes, aderiram a Cristo com laços indivisíveis.

12 Como, porém, podem seguir Cristo aqueles que são presos pelo vínculo do patrimônio? Ou, como se encaminham para o céu e ascendem para as coisas sublimes e altas aqueles que são sobrecarregados pelas cobiças terrenas? Creem que possuem, mas são mais possuídos, servos da sua riqueza; e mais que senhores da

riqueza, eles são vendidos à riqueza. É este tempo e são esses homens que o apóstolo indica quando diz: “Aqueles que ambicionam tornar-se ricos caem nas armadilhas do demônio e em muitos desejos insensatos e nocivos, que precipitam os homens no abismo da ruína e da perdição. Porque a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro. Acossados pela cobiça, alguns se desviaram da fé e se enredaram em muitas aflições”.[12]

O Senhor, ao contrário, com quais prêmios nos invita ao desprezo das coisas familiares! Com quais retribuições ele recompensa as pequenas e exíguas perdas desta vida! “Ninguém há – ele diz – que tenha abandonado, por amor do Reino de Deus, sua casa, sua mulher, seus irmãos, seus pais ou seus filhos, que não receba muito mais neste mundo e, no mundo vindouro, a vida eterna”. [13] Conhecendo essas coisas e certos da verdade da promessa do Senhor, essa perda deve ser não apenas não temida, mas até desejada. O próprio Senhor novamente diz e adverte: “Bem--aventurados sereis quando os homens vos perseguirem e vos separarem e vos expulsarem, e maldizerem o vosso nome como infame por causa do Filho do Homem! Alegrai--vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu”. [14]

As torturas não são desculpas para quem não as sofreu

13 Mais tarde, porém, tinham vindo os tormentos, e graves sofrimentos ameaçavam os que resistiam.^[15] Pode queixar-se dos tormentos aquele que foi derrotado pelos tormentos, pode pleitear a desculpa da dor aquele que na dor foi vencido. Ele pode pedir e dizer: “Quis fortemente lutar e, lembrado do meu juramento, peguei as armas da devoção e da fé, mas, enquanto eu lutava no ataque, os vários sofrimentos e os longos suplícios me venceram. A mente ficou firme e a fé forte, e minha alma lutou longamente, inamovível contra as penas furiosas. Mas – quando, recrudescendo a sevícia de um juiz duríssimo, ora os flagelos ainda laceravam a mim já fatigado, ora os bastões contundiam, ora a roda esticava, ora o alicate escavava, ora a flama torrava – a carne me abandonou na luta, a fraqueza do corpo cedeu, e não a alma, mas o corpo se rendeu na dor”. Com certeza tal alegação pode ajudar para o perdão, tal tipo de justificação é de se admirar. Foi assim que o Senhor um dia perdoou Casto e Emílio: foi assim que, vencidos no primeiro ataque, eles se tornaram vencedores na segunda luta, para que se tornassem mais fortes nas chamas aqueles que às chamas tinham cedido e lá, de onde tinham sido vencidos, ora vencessem. Eles intercediam com o argumento não das lágrimas, mas das feridas, e não apenas com voz lamentosa, mas com a laceração do corpo e com a dor: emanava sangue ao invés de choro, e jorrava no lugar das lágrimas o sangue de corpos

quase queimados.

14 No nosso caso, porém, quais feridas os vencidos podem mostrar, quais chagas das vísceras abertas, quais tormentos dos membros, uma vez que não foi a fé atacada que cedeu, mas a covardia que antecipou a luta? A inevitabilidade do crime não justifica a pessoa coagida, quando se trata de um crime voluntário. E não digo isso para onerar a situação dos irmãos, mas mais para instigar os irmãos à oração de expiação. Como foi escrito: “Aqueles que dizem que sois felizes vos encaminham para o erro e perturbam o caminho dos vossos pés”.^[16] Aquele que alivia o pecador com bajulações lisonjeiras aumenta o instinto do pecado; não faz diminuir os delitos, mas os alimenta; mas aquele que com conselhos mais fortes repreende e, ao mesmo tempo, ensina, impulsiona o irmão para a salvação: “Aqueles que amo – diz o Senhor – os repreendo e castigo”.^[17]

É necessário que o sacerdote do Senhor não engane com adulações enganosas, mas cuide com remédios salutares. É incompetente o médico que palpa com mão delicada as superfícies inchadas das feridas e, mantendo fechado o veneno no mais profundo do corpo, o faz aumentar. A ferida deve ser aberta, secada e, amputadas as podridões, curada com um remédio mais forte. Mesmo que o doente vocifere e grite, não suportando a dor, ele agradecerá depois, sentindo a saúde.

Os lapsos não sejam readmitidos à comunhão sem a devida penitência

15 Emergiu, irmãos diletíssimos, um novo tipo de luta e, quase como que a tempestade da perseguição não tenha enfurecido o bastante, um mal enganoso e uma calamidade sedutora chegaram ao mais alto nível, sob as aparências da misericórdia. Contra o vigor do Evangelho, contra a Lei do Senhor e Deus, devido à temeridade de alguns, a distribuição da comunhão é estendida aos insensatos: paz falsa e vã, perigosa para quem a dá e nada proveitosa para quem a recebe. Estes últimos não procuram a paciência da saúde, nem o verdadeiro remédio do arrependimento: a penitência foi expulsada dos peitos e a memória do pecado gravíssimo e extremo foi eliminada.

As feridas dos moribundos ficam abertas e a doença letal, instalada no mais profundo das vísceras, fica escondida sob uma dor fingida. Retornando dos altares do diabo, se aproximam do santo lugar de Deus com mãos sujas e infectadas de fedor. Ainda arrotando os alimentos mortíferos dos ídolos, ainda exalando da garganta o seu pecado e cheirando os contatos funestos, invadem o corpo do Senhor, não obstante a Escritura resista e clame e diga: “Somente a pessoa limpa comerá a carne; e qualquer alma que coma a carne do sacrifício salutar, que é do Senhor, mas a sua imundície ainda está nela, perecerá aquela alma fora do seu povo”.[18] E o apóstolo diz e afirma o mesmo: “Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios, não podeis comungar na mesa

[19] do Senhor e na mesa dos demônios”. O mesmo apóstolo ameaça aos teimosos e insubordinados e denuncia dizendo: “Quem comer o pão e beber o cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor”.[20]

16 Tendo desdenhado e desprezado isso tudo, é feita violência ao corpo e sangue do Senhor, e eles pecam contra o Senhor com as mãos e a boca, mais agora do que quando renegaram o Senhor. Antes de ter expiado os pecados, antes de ter feito a confissão do crime, antes de ter purificado a consciência com o sacrifício e pelas mãos do sacerdote, antes de ter aplacado a ofensa ao Senhor indignado e ameaçante, acham que é paz esta que alguns vendem com palavras falazes: essa não é paz, mas guerra; não se agrega à Igreja aquele que se separa do evangelho. Por que chamam a ofensa de benefício? Por que aqueles que devem chorar continuamente e suplicar ao seu Senhor mediante o arrependimento da penitência fingem comungar?

Estes lapsos são como granizo para os frutos do campo, estrela tempestuosa para as árvores, peste destrutiva para os rebanhos, tempestade enfurecida para os navios. Eles coíbem a consolação da esperança, subvertem radicalmente, serpeiam para o contágio letal com discurso mórbido, arremetem o navio contra as rochas, para que não chegue ao porto. Essa atitude fácil não dá a paz, mas a tira; não oferece a comunhão, mas impede a salvação. Esta é outra perseguição e outra tentação, pela qual o inimigo astuto se alastra com devastação secreta para atacar os lapsos, para que o arrependimento se acalme e a dor silencie, para que a memória do pecado esvaeça, para que se reprima o gemido do coração e cesse o choro dos olhos, nem se suplique com longa e plena penitência o Senhor gravemente ofendido, quando está escrito: “Lembra onde caíste e fazes

penitência”^[21]

17 Ninguém se iluda, ninguém se engane: somente o Senhor pode se compadecer. Pode conceder o perdão dos pecados cometidos contra ele somente aquele que carregou os nossos pecados, que sofreu por nós, que Deus entregou pelos nossos pecados. O homem não pode ser maior que Deus, nem pode o servo remeter e perdoar por sua própria indulgência aquilo que foi cometido com pecado mais grave contra o Senhor, para que não seja aumentado o pecado do lapso, por desconhecer que foi profetizado: “Maldito o homem que põe a esperança no homem”^[22]

O Senhor deve ser suplicado, o Senhor deve ser aplacado com a nossa reparação; ele, que disse renegar aquele que o nega; ele, que recebeu do Pai todo o poder de julgar. Cremos, sim, que os méritos dos mártires e as obras dos justos são de grande valia junto ao juiz, mas somente quando virá o dia do juízo, quando, após o ocaso deste tempo e deste mundo, o seu povo estará diante do tribunal de Cristo.

A intercessão dos mártires não pode opor-se ao evangelho

18 Fora disso, se alguém, temerário em sua pressa precipitada, achar que pode dar o perdão dos pecados ou ousar rescindir os preceitos do Senhor, este não somente não ajuda, como prejudica os lapsos. Não é tanto por ter desobedecido a um preceito que foi provocada a ira, nem por achar que não deva ser pedida a misericórdia do Senhor, mas por presumir, desprezado o Senhor, seu próprio poder. Por debaixo dos altares de Deus as almas dos mártires mortos clamam com grande voz: “Até quando,

Senhor santo e verdadeiro, não julgarás e vingarás o nosso sangue contra aqueles que habitam a terra?” ^[23] E ainda são mandados a descansar e ter paciência! E se alguém acha que qualquer um, remetendo e perdando sumariamente os pecados, possa querer uma coisa boa em oposição ao juiz, como ele pode defender os outros antes que ele próprio seja punido?

Os mártires mandam que algo seja feito: e as coisas devem ser feitas pelo sacerdote de Deus, se são justas, se são lícitas, se não são contra o próprio Deus, se há o consenso fácil e favorável de quem é obediente, se há a moderação religiosa de quem pede. Os mártires mandam que algo seja feito, mas, se aquilo que eles mandam não está escrito na lei do Senhor, antes devemos saber se eles impetraram de Deus aquilo que pedem, e aí fazer o que mandam; e não aparece imediatamente se foi concedido pela majestade divina aquilo que foi prometido pela promessa humana.

19 De fato, também Moisés intercedeu pelos pecados do povo; todavia, após ter pedido, não recebeu o perdão para os que tinham pecado. “Suplico, Senhor – ele diz –, o meu povo cometeu um pecado grande. E agora, se perdoas a eles este pecado, perdoa; se não, cancela-me do livro que escreveste”. E disse o Senhor a Moisés: “Se alguém peca diante de mim, cancelo-o do meu livro” ^[24] Ele, amigo de Deus, ele, que falou frequentemente com o Senhor face a face, não pôde impetrar aquilo que pediu e não aplacou com a sua súplica a ofensa ao Senhor indignado.

Deus louva e elogia Jeremias, dizendo: “Antes de ter-te formado no útero, te conheço, e antes de saíres do útero, te santifiquei e te coloquei profeta entre os pagãos” ^[25] e ao mesmo profeta, que mais frequentemente intercedia e rezava pelos pecados do povo,

Deus disse: “Não queiras rezar por este povo, e não intercedas por eles na súplica e na oração, porque não escutarei no tempo em que me invocarem, no tempo de sua aflição” ^[26]

E quem mais justo que Noé, que, sendo a terra repleta de pecados, foi o único a ser considerado justo na terra? E quem mais glorioso que Daniel, quem mais robusto ao enfrentar os martírios na firmeza da fé e mais feliz na complacência de Deus, ele que tantas vezes ao lutar venceu e ao vencer sobreviveu? Quem mais preparado que Jó nas obras, mais forte nas tentações, mais paciente na dor, mais submisso no santo temor, mais verdadeiro na fé? Nem a eles, se pedissem, Deus disse que teria concedido.

Quando o profeta Ezequiel suplicou pelo pecado do povo, o Senhor disse: “Qualquer terra que pecar contra mim cometendo um pecado, estenderei minha mão sobre ela e

tirarei a tranquilidade do pão e mandarei a ela a fome, e tirarei dela homens e ovelhas; e se houver três pessoas no meio dela, Noé, Daniel e Jó, não livrarão filhos nem filhas: somente eles serão salvos”.[27]

Assim, nem tudo que se pede depende da decisão de quem pede, mas depende do arbítrio de quem dá; e o parecer humano nada usurpa e reivindica para si sem a anuência também da decisão divina.

20 No evangelho o Senhor fala, dizendo: “Quem tiver me confessado diante dos homens, eu também o confessarei diante de meu Pai que está nos céus; e quem tiver me renegado, também eu o renegarei”.[28] Se ele não nega aquele que o nega, também não confessa quem o confessa. Ora, o evangelho não pode em parte afirmar e em parte negar: é necessário que ou as duas coisas sejam válidas ou as duas coisas percam a força da verdade. Se os que negam não são réus de pecado, também os que confessam não recebem o prêmio da virtude. Por isso, se a fé que venceu deve ser coroada, também a perfídia vencida deve ser punida. Assim, os mártires ou nada podem, se o evangelho pode ser quebrado, ou, se o evangelho não pode ser quebrado, não podem agir contra o evangelho, eles que se tornam mártires do evangelho.

Ninguém, irmãos diletíssimos, ninguém infame a dignidade dos mártires. Ninguém destrua as glórias e as coroas deles. A força da fé incorrupta permanece intacta. Não pode dizer ou fazer algo contra Cristo aquele cuja esperança, fé, virtude e glória está toda em Cristo. Aqueles que cumpriram os preceitos de Deus não podem autorizar, eles mesmos, que pelos bispos se faça algo contra os preceitos de Deus. Será que há alguém maior que Deus, ou mais clemente que a divina bondade; que há alguém que queira que seja desfeito aquilo que Deus transmitiu, ou que pense que nós possamos dispensar a sua ajuda, quase como que Deus tenha menor poder para proteger a sua Igreja?

As penas temporais pela desobediência

21 A menos que estas coisas tenham sido realizadas sem o conhecimento de Deus, ou que todas estas coisas tenham acontecido sem a permissão dele. Mas ensine os indóceis e advirta os esquecidos a Divina Escritura, que fala, dizendo: “Quem entregou a direção de Jacó e Israel àqueles que o saqueavam? Não foi Deus, contra quem pecaram e não queriam caminhar em seus caminhos, nem ouvir a sua lei, e ele despejou sobre eles a ira da sua indignação”.[29] E em outro lugar confirma e diz: “Será que não é capaz a mão de Deus de salvá-los, ou ficou surdo para não ouvir? Mas os vossos pecados nos separaram de Deus, e por causa dos vossos pecados virou a sua face de vós para não ter misericórdia”.[30]

Avaliemos melhor os nossos pecados e, examinando nossos atos e os segredos da alma, ponderemos os valores da consciência. Relembremos de não ter caminhado nas vias do Senhor, de ter dado as costas à lei de Deus, de nunca ter querido praticar seus preceitos e suas advertências salutares.

22 O que de bom poderias pensar de uma pessoa assim, qual temor e qual fé crês que houve num indivíduo tal, o qual não foi corrigido nem pelo medo e não foi modificado nem pela própria perseguição? A testa alta e ereta não se curvou nem por ter caído, o peito estufado e soberbo não se rompeu nem por ter sido vencido.

Jazendo ferido diante dos firmes e dos íntegros, ele ameaça, e, pelo fato de não receber imediatamente com mãos sujas o corpo do Senhor e não beber com boca poluída o sangue do Senhor, ele, sacrílego, se enfurece com os sacerdotes. E ainda – ó, furioso, demasiada demência tua! – te iras contra quem tenta afastar de ti a ira de Deus; ameaças aquele que impetra em teu favor a misericórdia do Senhor, aquele que sente a tua ferida como tu não sentes, aquele que derrama por ti as lágrimas que tu, talvez, não vertes. Tu ainda pioras o pecado e o aumentas e, sendo tu mesmo implacável contra os prepostos e os sacerdotes, pensas que Deus possa aplacar-se a teu respeito?

23 Aceita, pelo contrário, e admite aquilo que estamos falando. Por que os ouvidos surdos não ouvem os preceitos salutares que aconselhamos? Por que os olhos cegos não veem o caminho da penitência que mostramos? Por que a mente fechada e desviada

não capta os remédios vitais que aprendemos e ensinamos das Escrituras celestes? Caso contrário, se alguns incrédulos têm uma fé menor nas coisas futuras, que sejam aterrorizados pelas coisas presentes.

Eis quais suplícios vimos para os que renegaram, dos quais os tristes resultados choramos – nem aqui na terra eles podem ficar sem pena, mesmo que o dia da pena ainda não tenha vindo; são punidos alguns para que os outros sejam orientados; os tormentos de poucos são exemplos para todos.

24 Um daqueles que subiram espontaneamente ao Capitólio para renegar, após ter negado Cristo, ficou mudo. A pena começou onde começou o pecado, de forma a não poder nem rezar aquele que não tinha palavras para suplicar a misericórdia das preces. Outra se encontrava nos banhos – faltava ao seu pecado e aos seus males ir logo

aos banhos, ela, que tinha perdido a graça do lavacro vital –; e lá, imunda possuída pelo espírito imundo, lacerou com os dentes a língua, com a qual se tinha impiamente nutrido^[31] ou falado. Depois que o alimento perverso foi tomado, a raiva da boca se ergueu para sua própria ruína: ela própria foi carníface de si. Depois não pôde sobreviver por muito tempo: crucificada por dores do ventre e do corpo, morreu.

25 Na minha presença como testemunha, escutai o que aconteceu. Uns pais acidentalmente em fuga, com pouca atenção por causa do medo, deixaram a pequena filha aos cuidados da nutriz. Esta entregou aos magistrados a pequena que lhe foi deixada. Estes, uma vez que a pequena, pela idade, não podia ainda comer carne, estando perto do ídolo ao qual o povo confluía, deram-lhe pão misturado com vinho, que também sobrava da imolação de animais mortos. Mais tarde, a mãe recebeu de volta a filha. Mas a pequena não pôde falar e contar a crueldade perpetrada até chegar à idade de entender e se defender.

Na ignorância total do acontecido, ocorreu que a mãe a trouxesse consigo durante os nossos sacrifícios.^[32] Mas a pequena, em meio aos santos, começou a ficar impaciente com nossas preces e orações, a ser agitada pelo choro, a se movimentar como flutuando pelo desvario da mente, e, como se estivesse sob a coação de um torturador, a rude alma revelava a consciência do fato com os sinais que podia em idade ainda simples.

Quando, pois, terminadas as cerimônias solenes, o diácono começou a oferecer aos presentes o cálice e, tendo-o recebido todos, veio a vez da pequena, mas essa começou, por instinto da divina majestade, a virar o rosto, a premer a boca com os lábios fechados, a recusar o cálice. O diácono, todavia, insistiu e infundiu o sacramento do cálice na boca da pequena que recusava. Seguiu-se singulto e vômito: a Eucaristia não pôde ficar no corpo e na boca violada, a bebida santificada no sangue do Senhor espirrou do corpo poluído. Tanto é o poder de Deus, tanta a sua majestade: os segredos das trevas são detectados sob sua luz e os pecados mais ocultos não enganaram o sacerdote de Deus.

26 Isso com relação a uma infante, que ainda não tinha idade para explicar um crime de outros contra si. Mas houve o caso de uma mulher que, já mais avançada em idade e nos anos da maturidade, veio furtivamente até nós enquanto sacrificávamos^[33]

e, como se estivesse tomando não alimento,^[34] mas uma espada, e ingerindo nas fauces e no peito alguns venenos letais, começou a sentir-se estrangulada. Em seguida, com a alma fervendo, começou a comprimir-se e, sofrendo não a pressão da perseguição, mas do seu pecado, palpitando e tremendo, caiu. O pecado de uma consciência enganosa não permaneceu longamente impune nem oculto: aquela que tinha enganado o homem experimentou Deus vingador.

E houve outra mulher que, quando com mãos indignas tentou abrir o seu estojo,^[35] no qual esteve o santo [corpo] do Senhor, foi derretida pelo fogo que saiu do estojo, para que não ousasse tocá-lo.

E outro homem, maculado também esse, após o sacerdote ter celebrado o sacrifício, ousou furtivamente tomar a comunhão com os outros, mas não pôde comer e reter o

santo [corpo] do Senhor: abrindo as mãos, ^[36] ele percebeu que levava cinzas. Pelo exemplo de uma pessoa é mostrado que o Senhor não recua quando é negado e não serve aos não merecedores aquilo que é tomado, uma vez que a graça salutar se transforma em cinza, quando a santidade dissipou-se.

Quantos, a cada dia, repletos de espíritos imundos! Quantos, insensatos, são sacudidos pelo furor da demência até a insanidade da mente! Não é necessário ir por casos individuais, pois pelas multiformes iniquidades do mundo é dado ver que a pena dos pecados é tão vária quanto a numerosa multidão dos pecadores. Cada um pense não naquilo que o outro padeceu, mas naquilo que ele próprio mereceria padecer; nem creia ter escapado se a pena somente foi adiada, pois aquele que a ira de Deus juiz reservou para si deve temer ainda mais.

O pecado dos que obtiveram ilicitamente um certificado de sacrifício

27 Não se iludam de ter que fazer menor penitência aqueles que, ainda que não tenham contaminado as mãos com sacrifícios nefandos, todavia poluíram a consciência com os libelos.^[37] Também essa profissão pertence ao tipo de quem nega, pois é um atestado de um cristão que recusa aquilo que ele foi; disse que fez tudo aquilo que outro perpetrrou de fato; e como foi escrito: “Não podeis servir a dois senhores”,^[38] ele

~~serviu a Deus e ao secular, se submeteu ao seu edito, obedeceu ainda a uma ordem humana~~
[somente] tornado público aquilo que admitiu ter feito; mas não poderá evitar Deus juiz ou fugir dele, do momento que o Espírito Santo diz nos Salmos: “Os teus olhos viram aquilo que é a minha imperfeição e todos os homens serão escritos no teu livro”,^[39] e ainda: “O homem vê na face, Deus no coração”.^[40] E o próprio Senhor adverte e prescreve dizendo: “E saberão todas as igrejas que perscruto os rins e os corações”.^[41]

Ele vê as coisas escondidas, observa as coisas secretas e ocultas, e ninguém pode eludir os olhos de Deus que diz: “Eu sou um Deus que se aproxima, e não um Deus distante. Se o homem se esconder nos lugares escondidos, eu não o verei?”.^[42] Ele vê os peitos e os corações de cada um e se prepara para julgar não somente os fatos, mas também as nossas palavras e os nossos pensamentos; ele vê as mentes e as vontades de todos, concebidas nos próprios esconderijos do peito fechado.

28 Por fim, quão maior fé e melhor temor possuem aqueles que, mesmo não sendo culpados de algum pecado de sacrifício ou de libelo, pelo fato, todavia, de ter apenas pensado nisso, confessam-no com simplicidade e dor aos sacerdotes de Deus, fazem a confissão da consciência, expõem o peso de sua alma, examinam o remédio salutar para as feridas ainda que pequenas e poucas, sabendo que foi escrito: “Deus não será ludibriado”.^[43] Deus não pode ser ludibriado e logrado, nem pode ser iludido por alguma astúcia enganosa. Peca ainda mais aquele que, considerando que Deus pensa como o homem, acha que, apenas por não ter admitido o pecado publicamente, escapa da pena do pecado. Cristo diz nos seus ensinamentos: “Quem se envergonhar de mim, o Filho do Homem se envergonhará dele”.^[44] E como se considera cristão aquele que tem medo ou se envergonha de ser cristão? Como pode estar com Cristo aquele que tem vergonha e medo de pertencer a Cristo?

Pecou menos, claro, não vendo os ídolos nem profanando a santidade da fé sob os olhos de uma multidão circunstante e insultante, não sujando suas mãos em sacrifícios funestos, nem maculando as bocas com alimentos celerados. Isso faz com que a culpa seja menor, mas não que a consciência seja inocente. Neste caso, é mais fácil chegar ao perdão do pecado, mas não se está imune do pecado. Nem desista ele de fazer penitência e de rogar a misericórdia do Senhor, para que aquilo que parece ser menor em qualidade de pecado não fique maior na negligência da reparação.

Exortação à verdadeira penitência

29 Cada um, peço-vos, irmãos, confesse o seu pecado enquanto quem pecou ainda está nesta vida, enquanto a sua confissão pode ser recebida, enquanto a penitência e a remissão pelas mãos dos sacerdotes é grata junto a Deus. Convertamo-nos ao Senhor com toda a mente e, exprimindo o arrependimento do pecado com palavras verdadeiras, imploremos a misericórdia de Deus. A ele a alma se prosterne, a Ele a tristeza dê satisfação, a ele a esperança se incline. Ele próprio nos diz como devemos rogar:

“Retornai a mim com todo o vosso coração e ao mesmo tempo com jejum e choro e pranto, e rasgai vossos corações, não vossas vestes”^[45]. Voltemos ao Senhor com todo o coração: aplaquemos a sua ira e a ofensa [que cometemos], como ele próprio recomenda, com jejuns, choros e prantos.

30 Podemos, por acaso, considerar que lamenta de todo coração com jejuns, choros e prantos e intercede ao Senhor aquele que, a partir do primeiro dia do pecado, começa a frequentar os banhos públicos; aquele que, empanturrado em iguarias abundantes e espraído em gordura maior ainda, arrota no dia seguinte as suas indigestões, e não partilha com a necessidade dos pobres seus alimentos e suas bebidas? Como pode chorar a sua morte aquele que anda alegre e contente? E, mesmo estando escrito: “Não corrompais o aspecto de vossa barba”,^[46] corta a barba e cobre o rosto de cabelos longos, e procura agradar a todos aquele que desagrade a Deus?

Ou, por acaso, se entristece e chora aquela mulher a quem falta vestir o culto da veste preciosa e a veste de Cristo que ela perdeu, aquela mulher que aceita ornamentos preciosos e colares rebuscados, e não chora as perdas dos ornamentos divinos e celestes? Tu, mesmo vestindo indumentárias exóticas e vestes de seda, estás nua; mesmo que te adornes de ouro, de pérolas e joias, és deforme sem o decoro de Cristo. Tu, que tinges os teus cabelos, pelo menos agora em meio às dores deixa de fazê-lo! Tu, que pintas os lineamentos do olho com o traçado de pós negros, pelo menos agora lava os olhos com lágrimas. Se tivesses perdido algum dos teus queridos em razão do término da sua vida mortal, gemerias de dor e chorarias; mostrarias indícios de aflição mediante a face descuidada, o vestido diverso, o cabelo transcurado, o rosto anuviado, a boca abatida.

~~perdeste, cáriofoziz a tua alma, mudo, espiritualmente, o que não choras vive aqui,~~
perdeste, cáriofoziz a tua alma, mudo, espiritualmente, o que não choras vive aqui, não gemes continuamente, não te escondes pela vergonha do pecado ou pela continuidade do lamento? Estas são as feridas piores que o pecado, estas as culpas maiores: ter pecado e não ter expiado, ter errado e não chorar as culpas.

31 Ananias, Azarias e Misael, meninos ilustres e nobres, nem entre as chamas e os fogos de um caminho ardente deixaram de fazer a confissão de Deus. Mesmo em boa consciência e frequentemente merecedores de Deus pelo obséquio da fé e do temor, nem entre as penas gloriosas de suas virtudes, deixaram de manter a humildade e agradar ao Senhor. Diz a Escritura Divina: “Estando em pé, Azarias orou e abriu a sua boca, e confessava a Deus com os seus amigos no meio do fogo”^[47].

Daniel, mesmo após a múltipla graça de sua fé e inocência, mesmo após a repetida benignidade do Senhor acerca de suas virtudes e seus louvores, ainda se esforça por merecer a Deus com jejuns. Envolvido em saco e cinza, faz a confissão com aflição e diz: “Senhor, Deus grande e forte e tremendo, que respeitas o juramento e a misericórdia com aqueles que te amam e guardam os teus mandamentos, pecamos, cometemos a iniquidade, fomos ímpios, transgredimos e abandonamos os teus preceitos e julgamentos. Não temos escutado dos teus servos profetas as coisas que falaram no teu nome sobre os

nossos reis e sobre todos os povos e sobre toda a terra. A ti, Senhor, a ti a justiça, mas a nós a confusão.”

32 Essas coisas fizeram os mansos, os simples, os inocentes, para merecer a majestade de Deus. Nestes nossos tempos, porém, aqueles que negaram o Senhor recusam-se a fazer penitência e a suplicar ao Senhor. Peço-vos, irmãos, comprazei-vos com os remédios salutareis, obedecei aos melhores conselhos. Uni vossas lágrimas às nossas lágrimas, juntai vossos lamentos aos nossos lamentos. Rogamo-vos de modo que possamos rogar a Deus por vós; endereçamos primeiramente a vós as mesmas preces com as quais suplicamos a Deus que tenha misericórdia de vós. Fazei uma penitência plena, mostrai as aflições de um coração que se aflige e lamenta.

Evitem-se o exemplo dos que não se arrependeram sua companhia

33 Não vos perturbe o erro imprudente ou o entorpecimento vão de alguns; os quais, mesmo reféns de um grave pecado, foram feridos pela cegueira da alma, de modo a não entender nem lamentar os pecados. Esta punição de um Deus que se indigna é maior, como está escrito: “E Deus lhes deu o espírito da morte”.^[49] E ainda: “Não receberam o amor da verdade para que sejam salvos; e por isso Deus lhes manda a operação do erro, para que creiam na mentira, para que sejam julgados todos aqueles que não acreditam na verdade, mas se comprazem na injustiça”.^[50]

Aqueles que se comprazem indevidamente de si mesmos e enlouquecem no delírio da mente vacilante desprezam os ensinamentos do Senhor, negligenciam a medicina da ferida, se recusam a fazer penitência. Imprudentes diante do pecado cometido, obstinados após o erro, não estáveis antes e não súplices depois, caíram quando deviam estar firmes e acham que devem estar de pé quando deveriam cair e se prosternar a Deus. Seduzidos por uma falsa promessa e unidos aos apóstatas e aos maus, eles deram a si a paz por si mesmos, sem que outrem a desse; tomam o erro por verdade, reputam justa a comunhão dos que não estão em comunhão: creem nos homens contra Deus aqueles que contra os homens não creram em Deus.

Fugi de homens deste tipo o máximo que puderdes, evitai com sã cautela os que **34** aderem aos contatos perniciosos. O discurso deles serpeia como um câncer, a conversação se espalha como um contágio, a persuasão nociva e venenosa mata, pior que a própria perseguição. Nesse caso, só resta a penitência reparadora, mas aqueles que eliminam a penitência do pecado fecham o caminho da reparação. E assim acontece que, enquanto uma salvação falsa é prometida, ou até mesmo aceita em razão da ousadia de alguns, é tolhida a esperança da salvação verdadeira.

Pela penitência e a prática da caridade, busque-se sempre a misericórdia divina

35 Mas vós, irmãos, cujo temor de Deus é pronto e cujo ânimo, ainda que no erro, reconhece seu próprio mal, olhai os vossos pecados com penitência e com arrependimento, reconhecei o erro gravíssimo da consciência, abri os olhos do coração para o reconhecimento do vosso pecado, não desesperando da misericórdia do Senhor, mas também não exigindo de imediato o perdão. Deus, o quanto é sempre indulgente e bom por sua piedade de pai, tanto deve ser temido pela majestade de juiz. Quão

grandemente pecamos, tão grandemente choremos: para uma ferida profunda não falte uma cura diligente e longa, o arrependimento não seja menor que o pecado. Achas que podes logo aplacar a Deus, que renegaste com palavras pérfidas, a quem preferiste prepor o patrimônio, cujo templo violaste com contágio sacrílego? Achas que ele tem facilmente misericórdia de ti, tu que disseste que ele não era teu Deus?

É necessário orar e suplicar mais intensamente, transcorrer o dia em luto, passar as noites em vigílias e prantos, ocupar todo o tempo em lamentações lacrimosas, estender-se pelo solo e espargir-se de cinza, envolver-se com o cilício e as vestes de luto, não querer um vestido depois de ter perdido a indumentária de Cristo, preferir o jejum depois de ter tomado o alimento do diabo, dedicar-se às boas obras com as quais os pecados são purgados, persistir frequentemente nas esmolas com as quais as almas são liberadas da morte.

Aquilo que o adversário tirava, receba-o Cristo, e o patrimônio não deve ser mais possuído nem amado, pois por causa dele foste enganado e vencido. O patrimônio deve ser evitado como se fosse um inimigo, banido como se fosse um ladrão, temido pelos possuidores como se fosse uma espada e um veneno. Aquilo que restou dele serve somente para que por ele o pecado e a culpa sejam quitados; essa obra deve ser feita sem demora e com prodigalidade, toda a riqueza deve ser despendida em remédio da ferida: o Senhor, que irá nos julgar, receba em empréstimo as nossas riquezas e propriedades. Assim vigorou a fé sob os apóstolos. Assim a primeira comunidade dos crentes observou os ensinamentos de Cristo. Eram prontos, eram generosos, davam tudo aos apóstolos para ser distribuído, e, mesmo assim, não como resgate para tais pecados.

Se alguém rezar com todo o coração, se suspirar com lamentações verdadeiras de penitência e com lágrimas, se inclinar o Senhor ao perdão de seu pecado com obras justas e contínuas, o Senhor pode ter misericórdia disso tudo, ele que manifestou a sua misericórdia dizendo: “Quando, convertido, gemerdes, aí serás salvo e saberás onde foste”.^[51] E ainda: “Não quero a morte de quem está morrendo, mas que volte e viva”.

^[52] E o profeta Joel declara a piedade do Senhor, com o próprio Senhor falando: “Voltai ao Senhor vosso Deus, pois ele é misericordioso, pio, paciente e de muita comiseração, ele que muda a sentença lançada contra as iniquidades”.^[53] Ele pode mostrar indulgência, ele pode mudar a sua sentença; ele pode perdoar com clemência o penitente, o atuante e o suplicante; ele pode considerar como aceito em favor desses tais tudo aquilo que os mártires pedirem e que os sacerdotes fizerem.

E se alguém o mover ainda mais com suas reparações, se aplacar com justa súplica a sua ira e a ofensa que o indignou, ele dará de volta também as armas com as quais o vencido possa se armar; ele reparará e corroborará as forças com as quais a fé restabelecida se revigorará. Repetirá a luta o seu soldado, retomará a batalha; e, realmente, aquele que pela dor se tornou mais forte para o combate provocará o inimigo. Quem assim tiver satisfeito Deus, quem, pela penitência do seu agir e pela vergonha da sua culpa, tiver engendrado mais virtude e mais fé a partir da própria dor do seu lapso,

esta cidade não ajudará somente a perder, mas também a ganhar, porque de Deus, recentemente

A UNIDADE DA IGREJA CATÓLICA

INTRODUÇÃO^[*]

Monjas Beneditinas
Abadia de N. S. das Graças
Belo Horizonte, MG

O gemido de um Padre da Igreja do terceiro século, em meio a apocalípticas tribulações, vem como um bálsamo pensar as chagas profundas de nosso egoísmo e despertar em nossas mentes um amor vivo e sincero pela comunidade dos fiéis, pela Igreja.

Apocalípticas tribulações. A cruz e o sofrimento são de tal modo sinal e laço da caridade e unidade cristãs, que só o tormentoso terceiro século poderia acalentar voz tão amiga, que ecoa tão bem em nossos agitados tempos. O *De unitate ecclesiae* sob esse aspecto, é a *Mystici Corporis Christi*^[1] ou a *Lumen Gentium*^[2] de Cipriano. Daí a “eclesiasticidade” de São Cipriano, essa vocação a ser coluna da Igreja! O nosso pequeno tratado demonstrá-la-á sobejamente, ainda que no seu aspecto mais rude e chocante, seu aspecto negativo: “Quem não possui a caridade não possui a Deus [...]”. N

ão podem, pois, permanecer em Deus os que não quiserem ficar unânimes na Igreja de Deus”.^[3] Não há martírio, não há virgindade, não há confissão nem profecia fora da unidade da Igreja.

Nós hoje somos de compreensão e conceitos um pouco mais largos. A distinção entre a alma e o corpo da Igreja veio legítima e luminosamente fazer perceber a extensão da eficácia redentora do sangue de Cristo, até aqueles cuja retidão de vida (ignorância invencível), a morte de um certo modo por causa do Evangelho (batismo de sangue), ou o desejo ardente (batismo de desejo) possibilitou a vitória sobre a morte e a vida na visão imediata da Divindade. Não importa, porém; a posição do *De unitate* será perfeitamente defensável, se considerarmos a unidade visível patente da Igreja militante como sinal (sacramento, mistério) do laço invisível que une, no céu, no purgatório e na terra, os membros do único corpo do único Senhor do Universo que está à direita do Pai.

Apresentar a unidade da Igreja visível como sacramento da unidade da Igreja invisível, do Corpo Místico de Cristo, e até da própria Trindade que é um só Deus, é um dos mais característicos objetivos de nosso Tratado.^[4] A própria argumentação em prol da unidade da Igreja visível é, em grande parte – com exceção evidente do capítulo 4, onde se estabelece a instituição divina da Igreja una –, uma argumentação por figuras, muito do gosto de São Cipriano. Seria longo entrar em considerações sobre o alcance desse processo; basta ter em vista aqui um de seus graves inconvenientes, a saber, uma imprecisão com certa rigidez de conceitos. Foi, na verdade, essa imprecisão facilmente causa de atitude forçada, comprometedora, a razão do aparente contraste entre a doutrina aqui exposta e a atitude de excessiva independência que Cipriano tomou perante o Papa Estêvão na célebre questão do batismo dos hereges.

Contudo, reflitamos um pouco sobre esta argumentação alegórica. A Igreja – palavra que em São Cipriano significa a reunião ou assembleia dos fiéis, quer de uma cidade, quer do mundo inteiro – é una e indivisível porque assim o quis o Senhor, como vemos por muitas passagens da Sagrada Escritura onde é patenteado o mistério dessa unidade.

Primeiramente a figurou a túnica inconsútil do Cristo.^[5] É um símbolo tradicional, toda a tradição o vê: a veste sem costura distribuída por sorte^[6] é sinal da Igreja, cuja doutrina e vida só podem ser recebidas integralmente e por dom gratuito de Deus. Assim como a túnica cobre o corpo sobre todas as outras peças, a unanimidade cordata na caridade protege e garante a vida da Igreja. Apóia esse simbolismo da veste o fato contrário, em que a divisão da túnica do profeta Aías em doze pedaços significou a divisão do reino de Salomão.^[7] “Pelo mistério e sinal da veste foi manifestada a unidade da Igreja.”^[8]

Subordinadas a esta primeira prova, aparecem várias confirmações de desigual valor.^[9] “Haverá um só rebanho e um só pastor”,^[10] é a conclusão das parábolas do bom pastor, parábolas tão caras à primitiva Igreja, que bem sabia apreciar, do meio das gentes, sua vocação à herança do reino messiânico. Em seguida aparece a cananeia, cuja casa foi ocupada pelos enviados de Josué,^[11] da Jericó idólatra, só se salvaram os habitantes da

casa de Raab; assim, do castigo do paganismo, só se salvam os que habitam a Igreja, casa, templo único do Deus vivo. Finalmente, São Cipriano nos recorda o preceito da manducação do Cordeiro Pascal, que devia ser consumada numa mesma casa e em uma única ceia.^[12] Este último argumento merece aqui melhor consideração: o Cordeiro Pascal é *tipo* do Cristo, o Cordeiro de Deus, a nossa Páscoa; desse modo a unidade da Igreja aparece em conexão com o mistério eucarístico, o clássico *symbolum unitatis*.

O capítulo 9 já nos vai apresentar outro aspecto, a unidade da Igreja enquanto depende de nós, enquanto é fruto do amor fraterno. A imagem fundamental é a da pomba. O texto evangélico implícito, referido já nas primeiras linhas deste tratado: “simples até a inocência, e no entanto, apesar da simplicidade, prudentes”, é o famoso capítulo 10 de São Mateus: “Eis que eu vos envio como ovelhas no meio de lobos;

^[13] tornai-vos, pois, prudentes, como as serpentes e simples, como as pombas”. O simbolismo da pomba, estritamente bíblico, foi um dos mais conhecidos e estimados na

antiga Igreja. A pomba com o ramo de oliveira tal como apareceu a Noé^[14] é símbolo da paz. Também em forma de pomba o Espírito Santo presidiu o batismo de Cristo,^[15] derramando a unção do Amor, santificando-o com a oliveira da paz. Esses dois fatos vêm quase sempre conjugados: “O Espírito Santo sobrenada as águas em forma de pomba para que, também nesse sinal, como aquela pomba que anunciara a Noé terem baixado as águas, fosse reconhecido que cessara o perpétuo naufrágio do mundo”.^[16]

Por testemunho de antiquíssimas lápides dos cemitérios cristãos, sabemos que a pomba, com ou sem o ramo de oliveira, associada ou não à “orante”, significou também o descanso eterno, a luz perpétua que sobrevira à Igreja e à alma cristã, passados os

sofrimentos e perseguições do mundo.^[17] Na mesma linha devemos colocar um fato muito frequente na hagiografia cristã, principalmente a mais antiga: as almas dos santos desembaraçam-se do corpo e voam para o céu em forma de pomba. Tal foi, por exemplo, segundo o testemunho de Gregório Magno, a forma com que se revelou a S. Bento a morte feliz de sua irmã Sta. Escolástica.^[18]

Apreciemos, portanto, todo o alcance e beleza deste capítulo; a linguagem simples esconde uma síntese de ideais profundos, vela uma dedicação extraordinária e uma valorização fora do comum da vida simples e quotidiana na comunidade dos fiéis, no exercício da caridade santificante. Leiamos, por curiosidade, as passagens de um comentário anônimo do VIII século ao citado texto de S. Mateus (10,16) e consideremos as sábias reflexões de um obscuro abade que sem dúvida tinha nas mãos o texto de Cipriano, pois as palavras são as mesmas:

São simples como as pombas, não lemos que elas tenham fel nos seus corações [...], não maltratam com o bico nem com as unhas; têm o costume de alimentar os filhotes dos que maltratam os seus filhotes. Uma outra família delas faz seus ninhos sobre as águas, para que percebam o vulto dos que lhes vêm maltratar ou a seus filhotes. Têm prontidão no voar, voam mais rapidamente que os outros pássaros. Têm uma boa vista; sempre estão em comunidade; raramente se encontram a sós, sempre com outros; o que uma delas quer, todas querem também. Eis a natureza das pombas, segundo o que se diz, tudo se presta muito para exemplo, elas são figura dos santos de Deus. Estes santos e eleitos de Deus têm o costume de beneficiar os que lhes maltratam. [...] Têm o costume de ficar sempre sobre as águas das Sagradas Escrituras. Os sábios

gostam de assemelhar as águas às Sagradas Escrituras, pois cada um pode ver na Sagrada Escritura a forma de seus atos. Os sábios e sábios podem perscrutar e experimentar as coisas profundas, os jovens e principiantes, compreender mais superficialmente a sabedoria, brincar na margem por assim dizer [...]. Estes santos são mais velozes no voar, enquanto mais rapidamente sua alma vai do corpo para o céu, com o auxílio dos anjos [...]. Os santos e eleitos têm uma boa vista, enquanto com os olhos espirituais de seu coração consideram não somente as coisas terrenas, mas também as celestes. Estes santos sempre estão em comunidade [...] o que um destes santos quer, todos querem também. Estas pombas não maltratam com o bico ou com as unhas espirituais da detração e da murmuração [...]. Assim é o tipo dos santos segundo a semelhança entre as pombas e os eleitos de Deus.^[19]

Expostos assim os recursos escriturísticos de São Cipriano, nada mais poderá obstar o entendimento claro de nosso tratado. *Claritatis gratia*, porém, resumamos de um modo sinótico a matéria aí contida, para que se evidencie o encadeamento das ideias.

O autor, feita uma introdução sobre a origem demoníaca dos males que assolavam a Igreja (1-3), expõe e prova diretamente sua tese (4-5) glosando tipos da Escritura em seu favor (6-9). Alude, então, rapidamente, ao papel das heresias no plano da Providência (10-11) e refuta uns cismáticos que se aproveitavam dum texto de S. Mateus (18,8) (12). Em seguida aplica a doutrina ao regime de sua agitada igreja: à sinaxe eucarística (13), ao martírio (14), aos carismas (15), à próxima parusia do Cristo (16) e à relação com os hereges (17).

Começa, então, uma parte mais exortativa, onde são evocados exemplos de condenação de hereges no Antigo Testamento (18). A heresia é comparada como o crime odioso da apostasia (19), e os confessores são prevenidos quanto a uma possível desvalorização de sua glória pela admissão do crime (20-22). Vibram então as notas finais com uma exortação à vida santa (23), à paz (24), à unanimidade (25) e à fé

vigilante (26-27), para que o Senhor nos possa, vindo cheio de glória, associar ao seu triunfo.

Quanto ao texto, não pode ser silenciada a questão da autenticidade e integridade do capítulo 4, cujas discussões começaram com as primeiras edições de São Cipriano no século XVI, quando, ao editar o *De unitate*, Reforma e Contrarreforma depararam com duas versões diferentes de grande parte do capítulo 4 – e de parte do 5 – da obra. Dessas versões, uma contém referências ao primado romano; trata-se do chamado *Primatus*

~~Textus do antigo PT. Esta dupla redação tem referências que ela se do chamado Carta~~
autenticidade do PT. Defensores do primado romano defendiam que o PT era autêntico. Outros defendiam que era uma interpolação posterior.

Na segunda metade do séc. XIX, o filólogo Wilhelm A. R. von Hartel, cuja edição crítica das obras de São Cipriano foi a base da maioria das traduções apresentadas neste volume, apresentou não duas, mas três famílias de manuscritos: a que contém o PT, a que contém o TR e a de manuscritos que ora antepõem ora pospõem PT e TR um ao outro.^[20] As pesquisas intensificaram-se, e no primeiro decênio do séc. XX as conclusões de J. Chapman^[21] pareciam pôr fim às discussões acerca da autenticidade do PT, da ordem das versões e por que eram duas.

Chapman estabeleceu que ambas as redações de PT e TR são de autoria do próprio São Cipriano. Não havia, portanto, uma versão interpolada a favor do primado. Afirmou que o santo bispo de Cartago escrevera o tratado primeiramente com a versão sem referências ao primado contra o cisma de Felicíssimo e Novato na Igreja norte-africana; mais tarde, contra o cisma de Novaciano em Roma, Cipriano mesmo editou o texto, acrescentando as referências ao primado.

Pouco mais tarde, P. Batiffol^[22] endossou a autenticidade cipriânica de ambas as redações, mas revisou a ordem das versões e a motivação do bispo de Cartago para a modificação do texto. O estudioso apontou que a redação do PT seria, na verdade, anterior à do TR. Este último seria revisão do anterior para ampliar seu alcance, enquanto o primeiro miraria o cisma de Novaciano. D. van den Eynde,^[23] alguns anos depois, concordou que ambas as versões são de Cipriano e que o PT é anterior ao TR; mas reexaminou a motivação da reedição introduzida posteriormente por Cipriano no TR e propôs que esta se deu não em vista do cisma de Novaciano, mas da disputa com Estêvão de Roma com relação ao batismo administrado por cismáticos e hereges.

Por fim, ainda na primeira profícua metade do século passado, as investigações acerca da dupla redação do capítulo 4 do *De unitate* avançaram com a minuciosa pesquisa de M. Bévenot,^[24] que revisitou as conclusões dos estudiosos precedentes. Bévenot concordou com a autenticidade de ambas as redações e concluiu, endossando Batiffol e van den Eynde, que o PT fora a primeira redação do *De unitate*⁴. Acerca, porém, dos motivos para Cipriano ter feito uma dupla edição do referido texto, estabeleceu que o PT fora composto contra o cisma de Novaciano em Roma – como asseverara Batiffol –, e afirmou – concordando com van den Eynde – que o TR é

reedição feita durante a disputa com Estêvão de Roma sobre o batismo administrado por cismáticos e hereges. Suas conclusões têm sido quase unanimemente aceitas pela comunidade acadêmica internacional.

Em síntese, os estudiosos reconhecem como certo, a respeito das duas redações do *De unitate*⁴, que ambas são autenticamente de autoria de Cipriano; concordam que a redação do PT seja anterior à do TR. Aceitam, em geral, que o motivo da primeira redação tenha sido o cisma de Novaciano em Roma, e que o texto foi reeditado durante

os debates com Estêvão de Roma sobre o "rebatismo". Isso significa que a datação da reedição, entre 256 e 258.

A UNIDADE DA IGREJA CATÓLICA



Cipriano de Cartago

Desmascarar o mal e superá-lo pela obediência a Cristo

1 O Senhor nos admoesta e diz: “Vós sois o sal da terra”;^[1] e nos manda ser simples até a inocência, e, no entanto, apesar da simplicidade, prudentes.^[2] O que, então, irmãos caríssimos, nos é mais conveniente que nos precaver – vigilantes e solícitos de coração – contra as insídias do traiçoeiro inimigo, e igualmente descobri-las e evitá-las, para não parecermos descuidados em conservar a salvação, nós que nos vestimos do

Cristo.^[3] “sabedoria de Deus Pai”?^[4] Com efeito, a perseguição não é o único perigo; tampouco tudo que irrompe em franca oposição para arruinar e lançar por terra os servos de Deus. A precaução é mais fácil quando é manifesto o temor; o ânimo se dispõe para o combate quando o adversário se declara. O inimigo é mais temível e perigoso quando se insinua furtivamente; quando, aparentando paz, serpeja por sendas ocultas – daí seu nome de serpente. Tal é sua astúcia, tal sua capacidade de enganar o homem em invisíveis e enigmáticas trapagens.

Assim como mentiu logo no princípio do mundo^[5] e frustrou a credulidade desprevenida das almas rudes, seduzindo-as com palavras falaciosas, também aproximou-se veladamente do próprio Senhor para tentá-lo, como se pudesse enganar e surpreender de novo. Foi, porém, percebida e rechaçada; justamente por ter sido reconhecida e ^[6]

descoberta, foi abatida.

2 Donde o exemplo para fugirmos aos caminhos do velho homem, e nos mantermos nas pegadas de Cristo vencedor. Não sejamos, de novo, incautos, envolvidos na armadilha da morte; mas, providentes no perigo, gozemos a imortalidade recebida. E que outro modo há de podermos gozar a imortalidade, senão guardando os mandamentos do Cristo, com os quais é expulsa e vencida a morte? Ele próprio nos admoesta dizendo: “Se queres alcançar a vida, guarda os mandamentos”;^[7] e ainda uma vez: “Se fizerdes o que eu vos mando, já não vos chamo servos, mas amigos”.^[8] Estes são chamados por ele fortes e estáveis, fundados na pedra com sólida ligadura, consolidados em firmeza imóvel e inabalável, contra todas as tempestades e furacões do século: “Quem ouve minhas palavras e as cumpre, compará-lo-ei a um homem sábio que edificou sua casa sobre a pedra. Caiu a chuva, vieram as torrentes, sopraram os ventos e se desencadearam sobre aquela casa, e ela não desabou. Pois fora construída sobre a pedra”.^[9]

Devemos nos apoiar em suas palavras, aprender e fazer tudo que fez e ensinou. Além disso, como pode declarar que acredita em Cristo quem não cumpre o que o Cristo mandou fazer? Ou, como chegará à fé quem não quer observar a fé do mandamento? Necessariamente vacilará, extraviar-se-á; arrebatado pelo sopro do erro, será sacudido como o pó que o vento afasta todo aquele que não conserva a verdade do caminho salutar.

A expansão da Igreja não diminui sua unidade, na qual foi fundada

3 Não só as coisas claras e evidentes requerem precaução; também as ilusões sutis de uma astuta cilada o exigem.

[Em nossos dias] veio a luz para os povos, brilhou o lume da salvação^[10] para os homens que suspiravam liberdade; os surdos recebem a Boa-nova da graça espiritual, os cegos abrem seus olhos para Deus, os doentes recuperam a eterna salvação, os coxos^[11]

derrota o inimigo da Igreja. Mas o inimigo, desmascarado e abandonado pela multidão dos crentes, trama – que haverá de mais astuto e sutil? –, trama uma nova emboscada para iludir os incautos sob o rótulo do próprio nome de cristão.

O inimigo inventa heresias e cismas para subverter a fé, corromper a verdade e quebrar a unidade. Assalta e engana, com o desvio do novo caminho, aqueles que ele não pôde manter na cegueira da estrada antiga. Rouba homens da própria Igreja e os imerge, inconscientes, em outras trevas, deixando-os pensar que se aproximam da luz e escapam à noite do século. Estes continuam a se dizer cristãos sem guardarem a Boa-nova do Cristo, seus preceitos e sua lei! Julgam ter luz e caminham nas trevas.

O inimigo sedutor e mentiroso, que, nas palavras do apóstolo, se transforma em anjo de luz^[12] – apresentando seus ministros como ministros da justiça, anunciando a noite como dia, a perdição como salvação, o desespero como prêmio da esperança, a perfídia sob pretexto da fé, o anticristo sob o nome do Cristo –, lhes subtrai a verdade com a sutileza, apresentando como verdadeiras as coisas ilusórias. Isto se dá, irmãos caríssimos, porque não mais se volta à origem da verdade, não se busca mais em sua fonte, nem se guarda a doutrina do magistério celeste.

4 Para quem considera e reflete sobre estas coisas, não há necessidade de um longo tratado e com muitos argumentos. É fácil provar a fé com o compêndio da verdade. O Senhor diz a Pedro: “Eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha Igreja e as portas dos infernos não a sobrepujarão. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus e o que ligares na terra será ligado também nos céus, e tudo aquilo que desligares na terra será também desligado nos céus”^[13]

[PT/]^[14] E, igualmente, depois de sua ressurreição, lhe diz: “Apascenta minhas ovelhas”.^[15] Assim o Senhor edifica sobre ele a Igreja e lhe confia suas ovelhas para apascentá-las. Se bem que dá igual poder a todos os apóstolos, constitui, todavia, uma só cátedra e dispõe, por sua autoridade, a Igreja e o motivo da unidade. Por certo os demais apóstolos eram como Pedro; mas o primado é dado a Pedro, e a unidade da Igreja e a da cátedra são assim demonstradas. Todos são pastores, mas, como se vê, um só é o rebanho apascentado pelo consenso unânime de todos os apóstolos. Julga conservar a fé quem não conserva esta unidade recomendada por Paulo? Confia estar na Igreja, quem abandona a Cátedra de Pedro sobre a qual está fundada a Igreja?” [/PT]

[TR/] O Senhor edifica sua Igreja sobre um só, e embora conceda igual poder a todos os apóstolos depois de sua ressurreição, dizendo: “Assim como o Pai me enviou eu vos envio; recebei o Espírito Santo: se perdoardes os pecados de alguém, ser-lhe-ão perdoados; se os retiverdes, reter-se-lhe-ão”;^[16] no entanto, para manifestar a unidade, dispôs, por sua autoridade, a srcem desta mesma unidade partindo de um só. Sem dúvida os demais apóstolos eram como Pedro, dotados de igual participação na honra e no poder; mas o princípio parte da unidade, para que se demonstre ser única a Igreja de

Cristo.

O Espírito Santo, em nome do Senhor, designa esta mesma Igreja una no Cântico dos Cânticos, dizendo: “Uma é minha pomba, minha perfeita; é uma para sua mãe, eleita para sua progenitora”;^[17] Julga conservar a fé quem não conserva esta unidade da Igreja? Confia estar na Igreja quem se opõe e resiste à Igreja? Quando o próprio bem-aventurado Apóstolo Paulo ensina a mesma coisa e mostra o mistério da unidade dizendo: “Um corpo e um espírito, uma esperança da vossa vocação, uma fé, um batismo, um Deus”;^[18]

5 Principalmente nós, que presidimos a Igreja como bispos, devemos manter e defender firmemente esta unidade, dando provas da união e indivisibilidade do episcopado. Que ninguém iluda perfidamente a comunidade dos irmãos, nem corrompa a fé na verdade com infiel prevaricação. [/TR]

O Episcopado é único e suas partes são possuídas por cada um sem que se divida o todo. A Igreja é una, embora compreenda uma multidão sempre crescente com o aumento de sua fecundidade; assim como há uma só luz nos muitos raios de sol, uma árvore em muitos ramos, um só tronco fundamentado em raízes tenazes, muitos rios de uma única fonte, assim também esta multidão guarda a unidade de srcem, se bem que pareça ser dividida por causa da abundância inumerável dos que nascem com prodigalidade.

A unidade da luz não comporta que se separe um raio do centro solar; um ramo quebrado da árvore não cresce; cortado de sua fonte o rio seca imediatamente. Do mesmo modo a Igreja do Senhor que, como a luz derramada estende seus raios em todo

desenvolve-se, é uma única luz que tem a fonte de sua fecundidade; própria unidade. Ela seus rios, com toda liberalidade, e no entanto é uma na cabeça, uma pela srcem; uma mãe imensamente fecunda. Nascemos todos de seu ventre, somos nutridos com seu leite e animados por seu espírito.

A unidade e indivisibilidade da Igreja prefigurada nas Escrituras

6 A esposa do Cristo não suporta o adultério, ela é incorrupta e pudica. Conhece uma só casa; guarda, com casto pudor, a santidade de um único tálamo. Ela nos conserva para Deus, entrega ao Reino os filhos que gerou. Quem se aparta da Igreja e se junta a uma meretriz separa-se também das promessas da Igreja; quem deixa a Igreja do Cristo não alcançará os prêmios do Cristo. É um estranho, um profano, um inimigo. Não pode ter Deus por Pai quem não tem a Igreja por Mãe.

Quem estiver fora da Igreja só se salvaria se alguém dos que ficaram fora da arca de Noé tivesse escapado! O Senhor nos admoesta e diz: “Quem não está comigo está contra mim; e quem não junta comigo, dispersa”^[19]. Torna-se adversário de Cristo quem rompe a paz e a concórdia do Cristo; ajuntar fora da Igreja é dispersar a Igreja de Cristo. O Senhor diz: “Eu e o Pai somos um”^[20], está ainda escrito do Pai, do Filho e do Espírito Santo: “E estes três são um”^[21], quem crê nessa verdade fundada na certeza divina e adere aos mistérios celestiais não abandona a Igreja ou dela se afasta por causa da diversidade das vontades que se entrechocam. Quem não mantém esta unidade não mantém também a lei de Deus, a fé no Pai e no Filho, não conserva nem a vida nem a salvação.

7 Este sacramento da unidade, este vínculo da concórdia que nos une inseparavelmente, sem dividida nem rasgada: dentre os que disputavam por sorte a veste do Cristo, vestiria o Cristo quem a recebesse íntegra e a possuísse como túnica incorruptível e indivisível. A Escritura divina declara isso dizendo: “Quanto à túnica porém, como era toda sem costura, tecida em uma só peça, disseram entre si: ‘Não a rasguemos, decidamos por sorte para ver de quem será’”^[22]. Ela trazia a unidade vinda do alto, isto é, do céu, do Pai, e que não pode ser quebrada por quem a recebe ou a possui, mas ganhada inteira e inseparavelmente radicada em sólido fundamento. Quem rasga ou divide a Igreja do Cristo não pode possuir a veste do Cristo.

Por outro lado, enfim, quando Salomão estava para morrer e seu reino havia de ser dividido, o profeta Aías dirigiu-se no campo ao rei Jeroboão com suas vestes cindidas em doze trapos dizendo: “Tira para ti dez destes trapos, pois diz o Senhor: ‘Eis que divido o reino nas mãos de Salomão; dar-te-ei dez cetros, dois hão de ficar com ele em vista de Davi meu servo, e de Jerusalém, cidade santa onde colocarei meu nome’”^[23]. O profeta Aías rasgou suas vestes porque deviam ser divididas as doze tribos de Israel. Como, porém, o povo de Cristo não pode ser dividido, sua túnica tecida e coerente não é dividida pelos que a possuem; uma, conjunta e indivisível, mostra a concórdia coesa do nosso povo que vestiu o Cristo. No mistério e no sinal da veste a unidade da Igreja foi manifestada.

8 Quem há de tão ímpio e perverso, tão tresvariado pelo delírio da discórdia que julgue poder, que ouse dividir a unidade de Deus, a veste do Senhor, a Igreja do Cristo? O

próprio Senhor admoesta e ensina em seu Evangelho com estas palavras: “E haverá um único rebanho e um só pastor”;^[24] pensa alguém que em um só lugar poderá haver muitos rebanhos e vários pastores?

Também o Apóstolo Paulo, nos insinuando esta mesma unidade, suplica, exorta e nos recomenda dizendo: “Eu vos rogo, irmãos, pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, para que digais a mesma coisa e não haja cisões entre vós; sede propensos ao mesmo espírito e à mesma sentença”.^[25] Ainda outra vez diz: “Suportando-se mutuamente no amor da paz, tudo fazendo por conservar a unidade do espírito no laço da paz”.^[26] Acreditas que tu podes ficar em pé e viver afastado da Igreja, procurando para ti outras moradas?

Disseram a Raab, que prefigurava a Igreja: “Reúne contigo, em tua casa, teu pai, tua mãe e irmãos e toda a tua família, e quem ultrapassar a porta de tua casa responderá por si”.^[27] Do mesmo modo, como o mistério da Páscoa significa na lei do Êxodo a mesma unidade, o cordeiro que é morto figurando o Cristo deve ser comido em uma só casa; Deus o declarou, dizendo: “Há de comer-se numa só casa, não jogueis carne fora da casa”.^[28]

A carne do Cristo, o Santo do Senhor, não pode ser lançada fora, nem há para os fiéis outra casa senão a Igreja. O Espírito Santo, nos Salmos, designa e proclama esta casa, esta hospedaria da unanimidade, dizendo: “O Deus que os faz habitar unânimes em casa”.^[29] Perseveram habitando unânimes na casa de Deus, na Igreja, em concórdia e simplicidade.

9 Eis por que o Espírito Santo vem como uma pomba.^[30] é um animalzinho simples e ledado, sem o amargor do fel, sem a crueldade das mordeduras ou as violências das garras dilacerantes; é amante da hospedagem do homem, perseverante em uma única morada; quando choca, alimenta seus filhotes em comum; quando passeia, se une a seus semelhantes, passa a vida em comunidade, demonstrando pelo ósculo mútuo a concórdia pacífica; cumprindo, enfim, em tudo, a lei da unanimidade. Eis, pois, a simplicidade que deve haver na Igreja, a caridade que deve ser mantida, para que o amor do convívio

fraterno imite as pombas e se iguale, em mansidão e brandura, a cordeiros e ovelhas. Que faz no peito cristão a ferocidade do lobo, a fúria dos cães, o veneno mortal das serpentes ou a sangrenta crueldade das feras? Felicitemo-nos quando semelhantes homens se separam da Igreja, ao menos assim as pombas e ovelhas do Cristo não serão espoliadas com seu contágio envenenado e cruel. O rancor não pode se associar ou se juntar à doçura, as trevas com a luz, a tempestade com a bonança, a luta com a paz, a esterilidade com a fecundidade, a sequidão com as nascentes, a tormenta com a tranquilidade. Ninguém pense que os bons podem sair da Igreja. O vento não levanta o trigo, nem o temporal abala a árvore de sólida raiz, só as fracas se quebram com a vinda do turbilhão. João, o apóstolo, maldiz e estigmatiza estes últimos dizendo: “Afastaram-se de nós; não eram, porém, dos nossos. Se fossem dos nossos ficariam conosco”.^[31]

Cismas, ocasionados por discórdia e ambição

10 Por isso, enquanto a alma perversa não guardar a paz, enquanto a perfídia discordante não mantiver a unidade, frequentemente surgirão heresias. O Senhor o permite e o suporta, sem violar o arbítrio da liberdade individual, para que a fé íntegra dos experimentados brilhe em luz manifesta, enquanto o juízo da verdade põe à prova nossas almas e corações. O Espírito Santo adverte pelo Apóstolo dizendo: “É necessário que haja heresias para que entre nós se manifestem os experimentados”.^[32] Desse modo os fiéis são provados e os infiéis revelados e, já antes do dia do juízo, ainda aqui, as almas dos justos são apartadas das dos injustos, a palha é separada do grão.

Todos estes que de antemão se constituem, sem disposição divina, na presidência de agrupamentos temerários, que se fazem chefes sem qualquer lei de ordenação, que assumem o nome de bispos sem de ninguém receberem o episcopado, estes mesmos são os designados nos Salmos, pelo Espírito Santo, como aqueles que se assentam na cadeira da corrupção.^[33] Peste e flagelo da fé, mentirosos com boca de serpente, operários da corrupção da verdade, que vomitam por línguas pestíferas venenos mortais, cuja palavra, contagiosa como o câncer, cuja doutrina inocula veneno mortal em cada peito, em cada coração.

Contra eles o Senhor brada, refreia e chama para longe deles seu povo hesitante **11** dizendo: “Não ouçais os discursos dos pseudoprofetias, as visões de seus corações os iludem. Falam, mas não da boca do Senhor. Eles dizem aos que rejeitam a palavra de Deus: ‘Vós, e todos que seguem suas próprias vontades, obtereis a paz. Todo aquele que andar no erro de seu coração não experimentará castigo’. Eu não lhes falei e eles profetizaram. Se se mantivessem em minha herança e ouvissem minhas palavras, se ensinassem a meu povo, convertê-los-ia de seus maus pensamentos”.^[34] Ainda outra vez o Senhor os aponta e os caracteriza dizendo: “Abandonaram-me, fonte de água viva, e cavaram para si poços estragados, incapazes de conter água”.^[35]

Embora não possa haver mais de um batismo, creem poder batizar; prometem a graça da água vivificante e salutar tendo abandonado a fonte da vida. Ali, com eles, os homens não são lavados, mas se mancham; os crimes não são purificados, mas acrescidos.

Aquele nascimento [que oferecem] não é para Deus, mas gera filhos para o diabo. Os nascidos da mentira não alcançam as promessas da verdade, os filhos da infidelidade perdem a graça da fé. Quem rompeu a paz do Senhor, discordando furiosamente, não pode alcançar o prêmio da paz.

Unidade e sectarismo, as interpretações legítima e incorreta de Mt 18,20

12 Nem venha alguém se enganar por uma superficial interpretação do que disse o Senhor: “Onde quer que estiverem dois ou três reunidos em meu nome, estou com eles”.^[36] Os corruptores do Evangelho, falsos intérpretes, aproveitam a conclusão desprezando o que a precede; recordam-se de uma parte, e ardilosamente suprimem a outra; assim como se separam da Igreja, separam as sentenças de um único capítulo.

O Senhor, aconselhando paz e unanimidade a seus discípulos, disse: “Eu vos asseguro que se dois de vós concordarem em todas as coisas na terra, tudo o que pedirdes ser-vos-á dado por meu Pai que está nos céus. Onde quer que estiverem dois ou três reunidos em meu nome, estou no meio deles”.^[37] Mostrou assim ser ouvida não a multidão, mas a unanimidade dos que imploram.

“Se dois de vós concordarem na terra”: primeiro colocou a unanimidade, impôs a concórdia da paz como condição; desse modo nos ensina como nos podemos reunir fiel e firmemente. Como, porém, pode alguém concordar com outro se discorda do corpo da Igreja mesma e da comunidade dos irmãos? Como podem dois ou três se associarem em nome de Cristo, se permanecem separados do Cristo e de seu Evangelho? Foram eles que se separaram, não nós; pois as heresias e os cismas são posteriores; foram eles que, ao constituírem para si pequenas e diversas assembleias, abandonaram o princípio e a sã consciência da verdade. O Senhor, no entanto, fala de sua Igreja, daqueles que estão na Igreja; se estes, ainda que sejam só dois ou três, concordarem em se unirem para orar juntamente, segundo ele mandou e aconselhou, obterão o que pedem da majestade de Deus.

“Onde quer que estiverem dois ou três reunidos em meu nome, estou entre eles”: entre os simples e pacíficos, os que temem a Deus e guardam seus preceitos. Deus declara estar entre estes dois ou três como esteve entre os três jovens da fornalha ardente.^[38] Concordes diante de Deus, permaneciam eles unânimes entre si, por isso foram confortados no meio das chamas pelo sopro da brisa.^[39] Igualmente o Senhor esteve presente entre os dois apóstolos fechados na prisão,^[40] pois mantinham-se eles unânimes e concordes; depois, aberto o recinto do cárcere, enviou-os à praça pública para transmitirem à multidão a palavra que fielmente pregavam.^[41]

Quando, portanto, colocou entre seus preceitos e declarou: “Onde estiverem dois ou três, estou entre eles”,^[42] não separou os homens da Igreja que instituíra e fundara; mas, exprobrando a discórdia dos infiéis, recomendou a paz aos fiéis. Mostrou que é melhor estar entre dois ou três unânimes na oração, que entre muitos dissidentes; mostrou mais valer a oração concorde de poucos que a prece turbulenta de muitos.

13 Por conseguinte, ao dar a lei da oração, acrescentou dizendo: “Quando vierdes para orar, perdoai o que acaso possais ter contra alguém, para que também o vosso Pai que está nos céus perdoe vossos pecados”.^[43] Ele afasta do altar quem vem ao sacrifício com alguma desavença e ordena que vá primeiro reconciliar-se com o irmão e

então, de posse da paz, volte para oferecer a Deus seus dons.^[44]

Com efeito, Deus não considerou as ofertas de Caim,^[45] pois não pode encontrar a paz em Deus quem, por dissentimento da inveja, não estiver em paz com o irmão. Que paz podem prometer-se os inimigos dos irmãos? Que sacrifício podem celebrar os imitadores dos sacerdotes? Os que se reúnem fora da Igreja de Cristo julgam acaso ter consigo, em suas assembleias, o Cristo?

Não há verdadeiro martírio para quem abandona a Igreja

14 Esses tais, de fato, ainda que morram pela confissão do nome dele, nem pelo sangue terão essa mancha apagada. Nem mesmo o sofrimento purifica essa inextinguível e grave culpa da discórdia. Não pode ser mártir quem não está na Igreja; não pode alcançar o reino quem abandonou aquela que está destinada a reinar.

O Cristo nos deu a paz, deixou-nos o preceito da concórdia e unanimidade, o mandamento de uma incorruptível e inviolável aliança, no amor e na caridade. Não se pode apresentar como mártir quem não possui a caridade fraterna. Eis o que ensina e testifica o Apóstolo ao dizer: “Ainda que eu tenha a fé para transportar montanhas, nada sou se não tiver caridade. Mesmo se distribuísse todos os bens em alimento, e entregasse meu corpo para ser queimado, nada me adiantaria. A caridade é magnânima, a caridade é benigna, a caridade não disputa, não se incha, não se irrita, não age perversamente, não pensa o mal, tudo ama, em tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade nunca acabará”.[46]

Nunca, diz o Apóstolo, nunca cessará a caridade. Ela permanecerá no Reino para sempre, durará eternamente na unidade coesa da comunidade dos irmãos. A discórdia não pode alcançar o Reino dos céus; quem, dissentindo perfidamente, violou o amor do Cristo não pode participar do prêmio de Cristo, que disse: “Este é o meu mandamento, ^[47] amai-vos uns aos outros como eu vos amei”.

Quem não tem a caridade não tem Deus. Eis o que diz o beato apóstolo João: “Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele”.[48] Já que não podem, pois, permanecer em Deus aqueles que não quiserem ficar unânimes na Igreja de Deus – embora se queimem, entregues ao fogo e às chamas, ou lançados às feras deponham suas almas –, não terão a coroa da fé nem o trânsito magnífico da religiosa coragem, mas o castigo da infidelidade e a morte do desespero. Pode ser morto, mas não pode ser coroado. Assim, não importa que se digam cristãos, pois muitas vezes o diabo ilude com o próprio Cristo, conforme admoestou e declarou o Senhor mesmo: “Muitos virão em meu nome dizendo: ‘Eu sou o Cristo’, e enganarão a muitos”.[49] Assim como não é o Cristo, malgrado a aparência do nome, também não pode ser tido como cristão quem não permanece na

verdade da fé e do Evangelho.

15 Com efeito, profetizar, expulsar demônios, fazer grandes prodígios na terra, não há dúvida, é coisa admirável e sublime; mas não conseguirá o reino celeste, apesar disso tudo, senão quem marchar pela observância no caminho da retidão e da justiça. O Senhor nos previne, dizendo: “Muitos me hão de dizer naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome, em teu nome não expulsamos demônios, não fizemos, em teu nome, grandes prodígios?’. Dir-lhes-ei então: ‘Nunca vos conheci, afastai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade’”.[50] É preciso justiça para ser julgado digno por Deus; seus preceitos e admoestações devem ser obedecidos para que nossos méritos recebam a recompensa.

O Senhor, orientando nosso caminhar com um resumo da fé e da esperança, declarou

no Evangelho: “O Senhor teu Deus é um só, amarás o Senhor teu Deus com todo teu coração, com toda tua alma, com toda tua força. Esse é o primeiro; o segundo é semelhante a esse: Amarás teu próximo como a ti mesmo. Nesses dois preceitos estão toda a lei e os profetas”.[51] Assim ensinou, com sua autoridade, a união e o amor, incluindo a lei e os profetas em dois preceitos. Acaso conserva a unidade, guarda e afervora o amor quem divide a Igreja com insensata e furiosa discórdia, destrói a fé, perturba a paz, malbarata a caridade e profana o sacramento?

A rebelião à autoridade divina é pior que o pecado dos lapsos

16 Outrora, caríssimos irmãos, já surgira este mal; mas agora agravaram-se suas investidas cruéis; surgem mais frequentemente, pululam os pestíferos venenos das perversas heresias e dos cismas. O próprio Apóstolo anunciara, o Espírito Santo o predissera, assim haveria de ser o fim do mundo: “Nos últimos tempos virão dias difíceis, os homens serão egoístas, soberbos, arrogantes, ambiciosos, blasfemos, desobedientes a seus maiores, ingratos, ímpios, desafeiçoados, desleais, delatores, incontinentes, indóceis, sem amor ao bem, traidores, pertinazes, inchados de imbecilidade, antepondo o prazer ao amor de Deus, deformando a religião, rejeitando seu poder. Dentre eles, muitos se introduzirão nas casas e seduzirão mulheres cheias de pecados, que se hão de submeter a toda espécie de desejos; buscando sempre, e nunca alcançando a ciência da verdade. Assim como Janes e Jambres resistiram a Moisés, eles resistirão à verdade, sem nenhuma vantagem para si, pois sua estultice será manifesta a todos, assim como foi a daqueles outros”.^[52]

Tudo o que foi predito está sendo cumprido para que, ao aproximar-se o fim deste mundo, os homens e os tempos sejam igualmente postos à prova. Com o ataque cada vez mais cruel do adversário, o erro ilude, a estupidez se envaidece, a inveja se exaspera, a ambição cega a mente, a impiedade a deprava, a soberba a incha, a discórdia traz o furor com que a cólera arrebatava.

17 Que a ilimitada e temerosa perfídia de muitos não nos abale nem nos perturbe, mas sirva para corroborar nossa fé que verazmente previu estes acontecimentos. Assim como em muitos se cumprem as profecias, também os demais irmãos se acautelem segundo a instrução do Senhor, quando predisse dizendo: “Acautelai-vos portanto, tudo vos predisse”.^[53]

Evitai, vos peço, semelhantes homens; apartai de vosso lado e de vossos ouvidos as conversas pestíferas e o contágio da morte, assim está escrito: “Cerquei com espinhos teus ouvidos, não ouças a língua criminosa”.^[54] E de novo: “As conversas más corrompem os bons engenhos”.^[55] O Senhor admoesta e ensina que devemos nos afastar de tais homens ao dizer: “Cegos condutores de cegos. Quando um cego conduz outro cego, caem ambos na fossa”.^[56]

Desviai e fugi de quem estiver separado da Igreja; ele é um perverso, peca e se condena a si mesmo.^[57] Quem hostiliza os sacerdotes do Cristo e se subtrai ao convívio do clero e do povo do Cristo pode julgar que está com Cristo? Quem se revolta contra a disposição de Deus levanta armas contra a Igreja. Inimigo do altar, rebelde ao sacrifício do Cristo, infiel à fé, sacrílego nas coisas santas, servo desobediente, filho ímpio, irmão inimigo que, desprezando os bispos e abandonando os sacerdotes de Deus, ousa elevar um outro altar, exprimir em termos faltosos uma outra prece, profanar com falsos sacrifícios a veracidade da hóstia do Senhor sem refletir que quem se opõe a ordenação de Deus é punido pela correção divina por causa da audácia de sua temeridade.

18 Coré, Datã e Abiram, que tentaram usurpar para si a licença de sacrificar,^[58] contrariando Moisés e o sacerdote Aarão, sofreram logo o castigo de sua empresa. A terra, quebradas as juntas, abriu-se em um profundo abismo e a fenda do solo que se rachava absorveu-os vivos. A cólera da vingança divina não castigou somente os responsáveis; todos os outros duzentos e cinquenta participantes e cúmplices da revolta, que se associaram a eles para cometer aquela temeridade, todos foram consumidos pelo fogo que saiu do Senhor, cuja vingança não se fez esperar.^[59] Eis uma admoestação e uma prova de que é diretamente contra Deus tudo aquilo que os maus experimentam fazer por vontade humana para desacreditar as disposições divinas.

Do mesmo modo o rei Osias, ao levar o turíbulo atribuindo a si com violência a oferta do Sacrifício, e não querendo obedecer e ceder ao sacerdote Azarias, que lhe resistia, foi confundido pela indignação divina e manchado na face com os matizes da lepra.^[60] Sua ofensa ao Senhor foi gravada na parte do corpo em que são assinalados os que se tornam dignos do Senhor.

Também os filhos de Aarão que impuseram no altar um fogo estranho, contra os preceitos do Senhor, foram imediatamente exterminados, na presença do Senhor.^[61] que se vingava.

19 Todos aqueles que tendem desprezar a tradição de Deus, desejam novas doutrinas. O Senhor os exprobra e os repreende no seu Evangelho: “Rejeitastes o mandamento de Deus, para instituídes a vossa tradição”.^[62] Esse crime é maior que a admissão dos lapsos que, apesar de tudo, imploram a Deus com abundantes satisfações, submissos à penitência do crime. Aqui, [neste caso,] busca-se e suplica-se à Igreja, lá [no primeiro caso] repele-se a Igreja; aqui pode ter sido por necessidade, lá voluntariamente se adere ao mal; aqui o lapso apenas prejudica a si mesmo, lá quem tentou uma heresia ou cisma ilude e arrasta muitos consigo; aqui há condenação para uma alma, lá, perigo para muitas. O primeiro, [o lapso,] compreende e chora ter pecado; o segundo, ensoberbecendo-se em seu pecado, comprazendo-se em suas faltas, subtrai os filhos à mãe, acoça as ovelhas para longe de seu pastor, perturba os mistérios de Deus. Enquanto o lapso pecou uma só vez, este peca diariamente. Finalmente, o lapso pode depois conseguir o martírio e alcançar as promessas do Reino; aquele, porém, que foi morto fora da Igreja jamais alcançará os prêmios da Igreja.

Confessores não estão livres do erro; cuidado com seus maus exemplos

20 Nem ninguém se admire, irmãos caríssimos, terem alguns dentre os confessores se rebaixado a pecar tão vergonhosamente e gravemente. A confissão não imuniza contra as insídias do diabo, nem protege quem ainda está no mundo com definitiva segurança contra as tentações, os perigos, os ataques e as investidas do mundo; não fosse isso, nunca registraríamos entre os confessores as mentiras, as infâmias e os adultérios que agora constatamos em alguns, choramos e lamentamos.

Quem quer que seja o confessor, não há de ser maior, melhor ou mais caro a Deus que Salomão; ele, enquanto marchou nos caminhos do Senhor, obteve a graça que merecera do Senhor; logo, porém, que abandonou o caminho do Senhor, perdeu também sua graça. Por isso está escrito: “Guarda o que tens para que outro não receba tua coroa”.^[63] Sem dúvida o Senhor não ameaçaria tirar a coroa da justiça, senão porque, cessando a justiça, esvai-se também a coroa.

21 A confissão é o princípio da glória e não a consecução da coroa; ela não completa o louvor, apenas inicia a dignidade; assim como está escrito: “Quem perseverar até o fim, este será salvo”.^[64] Tudo o que acontece antes do fim, e por que se passa enquanto se sobe ao cimo da salvação, não é o termo no qual já se tem a sumidade do cume.

Chegou-se [porém] à confissão; mas depois da confissão o perigo é maior, pois o adversário foi provocado mais ainda. Chegou-se à confissão; mantenha-se mais ainda no Evangelho do Senhor quem conseguiu a glória do Senhor pelo Evangelho. Diz, de fato, o Senhor: “A quem mais é dado, mais será exigido; a quem é constituído em maior dignidade, mais serviço lhe será exigido”.^[65]

Que ninguém pereça pelo exemplo de algum confessor, que ninguém aprenda a injustiça, a insolência e a infidelidade com o procedimento de algum confessor. Que o confessor seja humilde e cordato, modesto e disciplinado em suas ações; imite o Cristo que confessa para que seja chamado confessor. Pois se ele ensina que “Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado”,^[66] também ele próprio, palavra,^[67]

~~forma a soberbia de Deus. A humildade exaltado pelo Pai, porque se humilha. Humildade, a sua~~
magnífico nome,^[68] como pode amar a soberba?

[Verdadeiramente] é confessor do Cristo quem, depois da confissão, não admite blasfêmias contra a majestade e a dignidade do Cristo. Não seja maldizente a língua que confessou o Cristo; não seja turbulenta, não seja ouvida na celeuma das injúrias e disputas, nem, velado em palavras elogiosas, lance o veneno da serpente contra os irmãos e os sacerdotes de Deus.

Finalmente, se se tornar de todo culpado e detestável um confessor, se dissipar sua confissão com péssimo comportamento, se macular sua vida com infames indignidades, se, enfim, desprezando a Igreja onde confessou, dividindo o consenso da unidade, trocar

pela infidelidade a antiga fé, não poderá se iludir com sua confissão e se julgar eleito para o prêmio da glória, pois, justamente por causa dela, maiores se tornaram os motivos de seus castigos.

22 O Senhor escolheu Judas entre os doze Apóstolos. Mas Judas traiu o Senhor.^[69] No entanto, a fé e a firmeza dos apóstolos não caíram pela defecção do traidor Judas dentre sua companhia. Igualmente, a dignidade e santidade dos confessores não se prejudica simplesmente por ter se quebrado a fé de alguns deles. O santo apóstolo Paulo o declara em sua epístola quando diz: “Ora essa! Se alguns deles deixaram de crer, sua infidelidade tornou vã a fidelidade de Deus? De modo nenhum; Deus é veraz, todo homem, ao contrário, é mentiroso?”.^[70]

A maior e melhor parte dos confessores está de pé na fortaleza de sua fé, na veracidade da lei e disciplina do Senhor. Não se afastam da paz da Igreja, estão lembrados que por mercê divina conseguiram na Igreja a graça de Deus. Desse modo cresce o louvor de sua fé, pois souberam se afastar do contágio do crime evitando a infidelidade daquele que juntos confessaram unanimemente. Vencendo o diabo no combate, e tornando-se dignos de louvor na conservação da paz do Cristo, iluminam-se com o verdadeiro lume do Evangelho, brilham à luz pura e cândida do Senhor.

Reconduza-se à unidade quantos possível

23 Quanto a mim, irmãos caríssimos, desejo e igualmente aconselho e exorto a que, na medida do possível, não pereça um só irmão; que a mãe^[71] acolha em seu seio, cheia de alegria, o corpo indiviso do povo cordato.

Caso, porém, não se possa reconduzir ao caminho da salvação alguns chefes cismáticos e provocadores de separação que permaneçam cega e obstinadamente em sua insânia, ao menos vós, surpreendidos pela boa-fé e que fostes induzidos ao erro e enganados por alguma trapaça de desconcertante astúcia, ao menos vós, desatai-vos dos laços da mentira, libertai-vos dos passos incertos no erro, reconhecei o caminho seguro da estrada celestial.

Eis a palavra do Apóstolo que testemunha: “Nós vos ordenamos, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, afastai-vos de todos os irmãos que andam sem ordem, em desacordo com a tradição de nós recebida”.^[72] E ainda: “Ninguém vos engane com palavras vãs; por causa disto a ira de Deus vem sobre os filhos da rebeldia. Não vos torneis seus cúmplices”.^[73] Deve-se, pois, afastar, fugir mesmo, dos delinquentes, para que não se venha a desviar do caminho, cair no mesmo crime dos que se associaram num péssimo caminhar e, juntos, andam pelas estradas do erro e do crime.

Há um só Deus e um só Cristo; uma só é sua Igreja, uma só é a fé^[74] e o povo reunido na sólida unidade do corpo pelo vínculo da concórdia. A unidade não pode ser cindida; um corpo não pode ser dividido pela separação dos órgãos, nem despedaçado à vontade pela dilaceração das vísceras arrancadas. Tudo que for separado violentamente do seio materno não pode continuar a viver e a respirar, perde a substância da salvação.

24 O Espírito Santo nos admoesta, dizendo: “Quem é o homem que quer a vida e deseja viver dias felizes? Domina tua língua quanto ao mal e não falem insidiosamente os teus lábios. Desvia do mal e faz o bem, busca a paz e segue-a”.^[75] O filho da paz deve buscar e seguir a paz; todo aquele que conhece e ama o vínculo da caridade deve dominar sua língua quanto ao mal da discórdia.

Já próximo de sua paixão o Senhor acrescentou aos mandamentos divinos e preceitos salutares o seguinte: “Eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz”.^[76] Deu-nos, portanto, esta herança, assegurando-nos, pela conservação da paz, todos os dons de sua promessa. Se somos co-herdeiros de Cristo, permaneçamos na paz do Cristo; se somos filhos de Deus, devemos ser pacíficos. “Felizes”, disse Ele, “os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus”.^[77] Convém que os filhos de Deus sejam pacíficos, mansos de coração, simples no falar, concordes no afeto, aderindo-se mútua e fielmente pelos laços de unanimidade.

A custódia da unidade, imitando o exemplo da Igreja apostólica, salvaguarda do mal

25 Esta unanimidade outrora existiu, nos tempos apostólicos; o novo povo dos fiéis, cumprindo os mandamentos do Senhor, manteve sempre sua caridade. A Escritura o prova dizendo: “A multidão dos que acreditavam, agiam numa única alma e intenção”.

[78] E de novo: “E todos perseveravam unanimemente em oração com as mulheres, com [79]

Maria, que foi mãe de Jesus, e os irmãos” (Atos 12:12). Ora, pois, Senhor, preces eficazes,

26 Entre nós esta unanimidade está tão diminuída quanto debilitada está a liberalidade das boas obras. Eles vendiam suas casas e suas riquezas; e, reservando para si tesouros no céu, ofereciam o preço aos apóstolos para que fosse distribuído em benefício dos necessitados.

Agora, porém, não só não damos nem os dízimos, como ainda, apesar do Senhor nos mandar vender, [80] compramos, para aumentar o nosso patrimônio. Murchou-se em nós o vigor da fé, abateu-se a robustez dos fiéis. Por causa disso, olhando para os nossos dias, o Senhor exclama no seu Evangelho: “Quando o Filho do Homem vier, pensas que encontrará fé na terra?”. [81]

Assistimos ao que ele predisse. Não há mais fidelidade no modo de agir, nem no amor, no cumprimento da justiça, nem mesmo no temor de Deus. Ninguém reflete no pavor das coisas futuras, ninguém considera o dia do Senhor, a ira de Deus, os suplícios que hão de vir para os incrédulos e os castigos eternos estabelecidos para os infiéis. Se acreditássemos, por certo nossa consciência temeria; entretanto, como não cremos, também não tememos; se acreditássemos, por certo tomaríamos cuidado; se acreditássemos, libertar-nos-íamos.

27 Estejamos acordados, pois, irmãos caríssimos, tanto quanto podemos. Vigiem, sacudido o sono de nossa antiga inércia, na observação e cumprimento dos preceitos do Senhor. Sejam tais quais ele nos mandou ser quando disse: “Estejam cingidos os vossos rins e acesas vossas lâmpadas; sede semelhantes a homens que

esperam seu Senhor, que deve voltar das núpcias. Sem que, quando ele vier e bater à porta, possam abrir-lhe. Felizes os servos que o Senhor encontrar vigíantes quando voltar”. [82] Convém que permaneçamos cingidos para que, ao chegar o dia, a partida não nos surpreenda impedidos ou embargados.

Que nossa luz brilhe e se irradie nas boas obras e nos conduza desta noite do século à luz da eterna claridade. Aguardemos sempre, solícitos e precavidos, a vinda do Senhor que vem inesperadamente; assim, quando ele bater, nossa fé acordará para receber do Senhor o prêmio de sua vigilância.

Se estes mandamentos forem guardados, se forem mantidas estas admoestações e estes preceitos, não poderemos, enquanto dormimos, ser oprimidos pela falsidade do diabo; e, quais servos vigilantes, reinaremos com o Cristo triunfante!

A ORAÇÃO DO SENHOR

INTRODUÇÃO^[*]

Monjas beneditinas
Abadia N. S. das Graças
Belo Horizonte, MG

No dia natalício de São Cipriano, isto é, no aniversário do seu martírio, Santo Agostinho lança em face do povo africano estas palavras cortantes: “Quereis ser ricos? Quereis honrarias? Quereis saúde? Tudo isso desprezou aquele que vos congrega para a celebração de sua memória”.^[1] Essa terrível advertência ainda hoje nos vem sacudir para arrancar-nos de uma admiração platônica pelo grande mártir. “Desprezai o século, cristãos, desprezai-o. Assim fizeram os apóstolos, assim fizeram os mártires, assim fez Cipriano, cuja memória hoje celebramos.”^[2]

Não é a monges que se dirige o bispo de Hipona, mas aos fiéis em geral. É de todos os fiéis que ele exige o abandono do século, é a todos que ele lembra a figura do mártir cuja memória não sugere uma admiração sem compromisso, mas impõe uma decisão. Que as palavras de Santo Agostinho sejam ouvidas pelos leitores das páginas do bispo de Cartago.

Sua figura já é bem conhecida. A “Introdução Geral”^[3] e as introduções das obras precedentes são suficientes para dar os traços fundamentais da sua fisionomia. O que dá o tom à vida e à palavra de São Cipriano é sempre um cristalino sentido cristão. Nunca encontraremos na sua pregação e na sua vida acomodação ou diminuição da verdade a pretexto de que assim o exigiria a prudência. Ele não tem a preocupação de “não chocar”, pois sabe bem que prega um evangelho que é loucura e escândalo.^[4] Sua voz firme dirá sempre “sim, sim; não, não”.^[5] Essa foi a linguagem do Cristo que, por isso mesmo, também fora “chocante”. E o martírio com que entrou para a Vida nos dá a prova decisiva de que São Cipriano realizou com igual firmeza o que pregou, testemunhando com o sangue o que testemunhara com a palavra. Fale sobre isso o seu grande sucessor no episcopado africano, Sto. Agostinho: “No meio destas legiões do Cristo, o bem-aventurado Cipriano foi o doutor de gloriosas lutas e, ele próprio, um glorioso lutador. Ensinou o que ia fazer e praticou o que ensinara, de tal modo que, nas palavras do que ensinava, percebia-se o ânimo do mártir, e no ânimo do mártir se reconhecia a palavra do que ensinara. Não era daqueles de quem o Senhor falara: ‘Fazei o que dizem; mas não façais o que fazem; dizem, mas não fazem’ [Mt 23,3]. Ele, porque creu, falou; porque falou, padeceu. Ensinou durante a vida o que fez, e fez na morte o que ensinou”.^[6]

O *De oratione dominica* – o segundo comentário patrístico a todo o Pai-Nosso^[7] – talvez não possua à primeira vista um caráter tão vivo como o *De mortalitate* ou o *De*

opere et eleemoosynis.^[8] Em parte pela natureza do assunto, e talvez pela diversidade de circunstâncias em que foi escrita.^[9] Em parte por nossa própria culpa. Aos ouvidos de consumistas inveterados, de capitalistas empedernidos e de contaminados pelo espírito relativista, as palavras de São Cipriano sobre a morte e a esmola soam com cores vivas de contraste. Outro tanto não acontece com a oração. Isso porque consumistas, capitalistas e relativistas, por mais que se esforcem, não conseguem disfarçar a realidade tremenda da morte. Tampouco conseguem deixar de sentir o peso da busca exclusiva do próprio bem-estar, de modo que cada dia que passa é para eles uma série de recusas ao Cristo nos pobres que atravessam o seu caminho.

Quanto à oração, porém, é mais fácil iludir-se. É mais fácil adaptá-la aos seus desejos e interesses. Na hora de “fechar o caixa”, quando os negócios andam mal, a oração chega a ser um desabafo. E fora disso, ela se torna facilmente algo de incolor e inexpressivo. A oração como convém, como se pensa frequentemente hoje, é algo que não acarreta preocupação, que não faz pensar, que permite ao estômago um equilíbrio razoável de suco gástrico e ao coração, um ritmo adequado. Nem faltam sequer uma nota sentimental para completar o ambiente e exclamações em voz diabética. Eis até onde foi arrastada a ideia de oração.

É fácil ver que estamos longe da voz da Igreja. É só abrir o Missal ou o Saltério. Encontraremos a força da linguagem da Igreja. Nada desse pieguismo amorfo, mas um realismo sereno, uma estabilidade eterna, um senso de objetividade que só pode existir numa palavra que não passará jamais, porque vem do Espírito Santo.

O *De oratione dominicanos* indica os elementos fundamentais da Palavra eterna que o Espírito colocou nos lábios do homem como oração. Este opúsculo que traduzimos aponta as noções teológicas básicas do conceito cristão de oração.^[10] Nosso trabalho de introdução será, portanto, insistir nas noções contidas no opúsculo.^[11] Nesse sentido, trataremos dos seguintes pontos: 1) O que é oração? 2) O direito de orar; 3) Quem ora?; 4) Como se ora?; e 5) O “teocentrismo” na oração.

1. O que é oração?

Para S. Nilo do Sinai (séc. IV/V) – e para muitos posteriores, entre eles S. João Damasceno –, oração é a “elevação da mente a Deus”.^[12] A definição é geralmente aceita. Contudo, à primeira vista ela parece unilateral. Parece indicar apenas o movimento humano. Não é assim, entretanto, que deve ser entendida no conjunto do pensamento patrístico.

Na palavra grega *anábasis* (no latim, *elevatio*, elevação) estão incluídos tanto o movimento humano como o divino. Essa ideia é esclarecida por Stolz: “As expressões *anábasis* e *elevatio* têm um caráter nitidamente místico”.^[13] E quem fala em mística fala na descida do mistério, no movimento de Deus para o homem. Igualmente, não pode ser outra a maneira de entender do próprio S. Nilo, do qual provém a definição, pois para ele a *elevatio ad Deum* é dom ou carisma: “Se não recebeste o carisma da oração ou da salmodia, pede com diligência que o receberás”.^[14] Assim esclarecida, a definição perde sua fisionomia unilateral para ser completa.

2. O direito de orar

Fala-se frequentemente no dever de orar. Entretanto, antes de ser um dever, a oração é um direito. Nem todos podem orar. Mas aqueles que receberam o gérmen da filiação podem dirigir-se a Deus, chamando-o de Pai. A ideia aparece bem marcada no opúsculo de São Cipriano. Diz ele que o Pai-Nosso é oração “do homem novo, renascido e restituído a Deus pela sua graça”^[15]. Só o cristão, que começou a ser filho, pode pronunciá-la. No sentido aqui assumido, a oração é própria dos que foram santificados pelo Cristo e reparados pela sua graça. Só esses têm o direito de ousar dirigir-se ao Pai.

Orar é falar boca a boca. Falar no mesmo nível. Só o Espírito pode falar ao Espírito. Só quem possui o Espírito pode falar a Deus que é Espírito. A oração verdadeira é, pois, direito e privilégio do cristão. Por si mesmo, ninguém saberia pronunciar o nome do Pai. Os próprios discípulos do Senhor nos revelam a incapacidade natural do homem para orar. Depois de longa convivência com o Mestre, fazem o pedido que traduz a ignorância em que estavam: “Senhor, ensinaí-nos a orar”^[16]. Eles nada sabiam da oração, nem tinham aprendido, até então, o nome do Pai.

3. Quem ora?

Na resposta do Cristo ao pedido dos apóstolos, ele indica logo no início quem deve orar. “Quando orardes, dizei: Pai-Nosso”^[17] São Cipriano insiste sobre esse plural que é muito significativo. Quem ora não é o indivíduo, mas a comunidade. Toda oração autêntica é oração da Igreja, pelo Cristo. “Não dizemos”, diz São Cipriano, “Pai meu que estás no céu, nem o meu pão dá-me hoje, nem cada um pede para si somente o perdão de sua dívida ou que não venha a cair em tentação e seja livre do mal. A nossa oração é pública e comum”^[18] Não pode haver, portanto, uma oração puramente individual. O indivíduo só pode orar enquanto é membro da Igreja, está unido a ela e participa de sua oração.^[19]

Nesse sentido, São Cipriano tem uma palavra bem clara, que interessa particularmente aos movimentos e às pastorais católicos. Ele pede ao seu povo uma união que em nada difere de apelos a participação conjunta, comum, que nos são dirigidos com certa insistência pelo magistério dos pontífices desde Pio XI. Ambos pedem a mesma unidade: “que os irmãos reunidos *in unum* com o sacerdote de Deus celebrem sacrifício divino”^[20] A identidade de doutrina tem suas causas. A primeira é, sem dúvida, a imutabilidade da verdade. A segunda é que tanto o teólogo do *De ecclesiae unitate*, por volta de 251-252,^[21] defendendo a Igreja contra o cisma, como os Papas, defendendo-a contra o individualismo na piedade e na ação – mesmo dentro da própria Igreja –, defendem com igual zelo a integridade e a unidade do Corpo do Cristo. Tem, pois, para nós a maior atualidade essa voz distante do bispo de Cartago, que clama: “um é o episcopado... uma é a Igreja... do seu seio nascemos, do seu leite somos nutridos, pelo seu espírito somos animados”^[22]

A oração é, pois, uma ação do Corpo do Cristo. É o corpo que ora. Assim nos ensinou o Mestre: “O Deus da paz e mestre da concórdia, que ensinou a unidade, quis que cada um orasse por todos, como ele mesmo *in uno* carregara a todos”^[23] Fora do corpo, isto é, fora da Igreja não há oração. Ninguém pode pronunciar o nome do Pai se a sua voz não sair do seio maternal da Igreja: “Não pode ter Deus por pai quem não tem a Igreja por mãe”^[24] Assim, com São Cipriano, podemos responder à nossa pergunta-título desta seção: quem ora é a Igreja. Separada da Igreja, a voz humana não pode ter força para orar: “Um ramo quebrado da árvore não cresce”^[25]

4. Como se ora? – A forma de orar

Não basta ter o direito de orar, nem é suficiente estar unido à Igreja pela intenção de orar com ela. É preciso orar na forma que ela nos entrega: “Entre outros salutares ensinamentos e preceitos divinos com os quais encaminhou o seu povo à salvação, também nos deu o Senhor a forma de orar [...]. Quem nos fez viver, também nos ensinou a orar”.[26] A nossa oração deve ser feita, portanto, na forma que a Igreja dá. Não é com palavras nossas que rezamos, mas com a linguagem da Igreja. Desprezar a forma oficial da Igreja não é mera ignorância, mas culpa. Assim nos adverte São Cipriano, apoiando-se como sempre na Escritura: “Orar de maneira diversa da que nos ensinou, não é somente ignorância, mas também culpa, pois Ele próprio preceituou, dizendo: ‘Desprezeis o mandamento de Deus para estabelecer a vossa tradição’ (Mc 7,9)”.[27]

Não se trata, portanto, de mera opinião, mas da doutrina autêntica das Escrituras. Recebemos do Cristo a santificação; saibamos, pois, receber igualmente da sua tradição a forma de orar.[28] A Igreja vela por essa doutrina entregando a seu povo uma oração autêntica – que, para rubor nosso, devido a nossa fé minguada, ela impõe ao clero – e cuidando para que seus filhos não sejam arrastados pelo individualismo e subjetivismo que tanto seduzem o pobre ser humano. A Igreja entrega aos fiéis uma linguagem. Afastar-se dela é desprezar o mandamento da Esposa do Cristo. É incorrer em culpa.

São Cipriano clama mais uma vez contra o individualismo. Como bispo, exige que se reze com a forma que foi entregue à Igreja. Suas palavras não se aplicam exclusivamente ao Pai-Nosso, mas a toda oração inspirada. Aliás, ele trata expressamente das horas canônicas na parte final do seu opúsculo.[29] Mas mesmo que não o fizesse, elas estariam implicitamente incluídas nestas considerações. Pois de toda oração inspirada se pode dizer que “É rogar a Deus com o que é seu”, em tudo o “Pai reconhecerá a Palavra do seu Filho”. Assim o Pai-Nosso e o Saltério formam uma unidade harmônica *opus divinum*, isto é, na liturgia, completando a santificação do homem e do mundo pela sua Palavra.

Esse *opus divinum* – que é a forma canônica da oração – não é, como se pode presumir, uma ação do homem para Deus, mas uma Ação de Deus que desce ao homem. É a vinda do Reino de Deus pela voz do Espírito Santo, cuja palavra é sumamente ativa e eficaz – “disse e tudo foi feito”.[30] No *opus divinum*, todo o plano eterno de redenção e santificação é colocado nos lábios do homem para que a sua oração seja de fato continuação da obra do Cristo.[31]

Sendo a palavra do Espírito Santo, o Ofício Divino, isto é, a *Liturgia das Horas* é algo de eterno e imutável. Excede a ordem do tempo, antecipa a eternidade, colocando o homem no nível angélico, no seu diálogo celeste, onde o louvor é único e uniforme no “Santo, santo, santo” que cantam continuamente os Serafins.[32]

Até o mistério – o sacramento – é desta vida, embora o louvor seja eterno. O próprio saltério nos indica o ambiente do *opus divinum*: “na presença dos anjos eu cante a ti”.

[33] E o Apóstolo coloca o *opus divinum* na base da conversação cristã, como fonte da plenitude do Espírito Santo que deve habitar em nós: “Buscai a plenitude do Espírito. Falai uns aos outros com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor em vossos corações”. [34]

5. O “teocentrismo” na oração

Pronunciar salmos e hinos é, cantando ao Senhor, encher-nos do Espírito Santo. *Opus divinum* é, pois, ao mesmo tempo, santificação do homem e glorificação de Deus. Concretamente, esses dois aspectos são inseparáveis. Não há para o homem uma glorificação de Deus que não tenha por base a santificação que veio de Deus. Por isso Santo Agostinho define a glória como “notícia clara e laudatória”.^[35] Isto é, receber a “notícia”, o *bonum divinum*, e responder em ação de graças. Concretamente, é pronunciar a Palavra de vida^[36] na qual a santificação vem ao homem^[37] e sobe ao céu o louvor com que a terra canta a glória de Deus.^[38]

São Cipriano acentua a cada passo esta noção “teocêntrica” da glória do Pai. Longe de admitir que a glória de Deus dependa um só instante do homem, ele marca sempre o invariável movimento inicial de descida. E as petições do Pai-Nosso, que poderiam ser entendidas falsamente como antropocêntricas e ativistas, permitem-lhe realçar muito a boa doutrina. Assim ele comenta as petições. Diz em relação à primeira – “Santificado seja teu nome” –: “Não porque pretendamos que Deus seja santificado pelas nossas orações, mas pedimos a Deus que o seu nome seja santificado em nós. De resto, por quem seria santificado aquele que é o santificador?”^[39] Igualmente sobre a petição seguinte – “venha a nós o teu Reino” –: “Pedimos que o seu Reino se torne presente a nós, como pedimos que o seu nome fosse santificado em nós. Pois, quando é que Deus não reina?”^[40] Mais evidentemente ainda, fala a respeito do “Seja feita a tua vontade”: “Não para que Deus faça o que quer, mas para que nós possamos fazer o que ele quer”.^[41]

Aliás, essa interpretação do Pai-Nosso aparece uniformemente nos Padres. Frequentemente até as expressões e palavras coincidem. E essa coincidência revela o zelo pela tradição na antiga Igreja. A mesma doutrina aparece em São Cirilo de Jerusalém, em São João Crisóstomo e particularmente em Santo Agostinho. Aparece ainda nos dois grandes escritores eclesiásticos Orígenes e Tertuliano. Tomaremos, para exemplificar, uma passagem de Santo Agostinho: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Doravante, é claro que pedimos por nós. Quando dizes, porém: ‘seja santificado o teu nome’, é preciso que te explique que pedes para ti e não para Deus. Quando dizes ‘seja feita a tua vontade’, é necessária uma explicação para que não penses fazer votos pelo bem de Deus, com o cumprimento de sua vontade, em lugar de pedir por ti. Quando dizes: ‘venha a nós o teu Reino’, ainda uma vez é preciso explicar, a fim de que não presumas desejar bem a Deus, pedindo que ele reine. Daqui por diante, porém, até o fim da oração, é evidente que rezamos por nós mesmos”.^[42] Eis, portanto, que a glorificação de Deus e a santificação do homem aparecem como uma única realidade litúrgica na oração oficial da Igreja. Oração é mistério, isto é, encontro divino e humano realizado pela repetição ritual da palavra eterna; da palavra que fora entregue pelo Espírito Santo ao povo depositário da promessa, repetida pelo Cristo em cada momento de sua vida, inclusive no momento supremo da cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me

abandonaste?”^[43] e finalmente dada à Igreja e por ela colocada nos lábios dos seus filhos: “Eis que ponho minhas palavras em tua boca”^[44]

São estas as ideias que procuramos destacar no magnífico opúsculo de São Cipriano. Podemos, talvez, depois desta breve análise, retocar a observação inicial. Se à primeira vista o *De oratione dominica* pode oferecer um interesse menor que outras publicações de São Cipriano, é certo que uma leitura mais atenta mostrará que é igualmente básico e fundamental. É o conceito cristão de piedade, no seu sentido mais puro, que está aí exposto; portanto, a vida nuclear da Igreja.

A ORAÇÃO DO SENHOR

Cipriano de Cartago

A verdadeira oração

1 Os preceitos evangélicos, caríssimos irmãos, não são outra coisa senão ensinamentos divinos, bases para a edificação da esperança, fundamentos para fortalecimento da fé, nutrimento para animar os corações, guia para indicar o caminho, amparo para obter a salvação. Por eles, as almas dóceis dos fiéis são instruídas na terra e, enfim, conduzidas ao Reino Celeste.

Deus quis que, por meio dos seus servos, os profetas, muitas coisas fossem ditas e ouvidas. São, porém, incomparavelmente maiores as que nos diz o próprio Filho. É o Verbo de Deus, que estivera nos profetas, que fala agora com sua própria voz. Não se trata mais de mandar que se prepare o caminho para o que há de vir, mas é ele próprio que vem, abrindo e mostrando o caminho, a fim de que nós que errávamos cegos e hesitantes nas trevas da morte tomássemos o caminho da vida, iluminados pela luz da graça, guiados e conduzidos pelo Senhor.

2 Entre outros salutarens ensinamentos e preceitos com que o Senhor encaminhou o seu povo para a salvação, deu-nos também a forma de orar; aconselhou e ensinou Ele próprio o que devemos rogar. Aquele que nos fez viver ensinou-nos também a orar e, com essa mesma benignidade, dignou-se dar-nos e conferir-nos outros bens, para que, dirigindo-nos ao Pai com a súplica e oração ensinada pelo Filho, mais facilmente sejamos

ouvidos. Já anunciara que viria a hora em que os verdadeiros adoradores adorariam em espírito e verdade, ^[2] e cumpriu o que antes prometera. Assim, os que recebemos pela sua santificação o Espírito e a Verdade, oremos também, a partir do que nos legou, em espírito e verdade. E que oração poderá ser mais espiritual que esta, que nos foi dada pelo Cristo, por quem o Espírito Santo nos foi enviado? Que preceito poderá ser mais verdadeira diante do Pai que esta, recebida da boca do Filho, que é a própria Verdade? Portanto, orar de maneira diversa da que nos ensinou não é somente ignorância, mas culpa, pois ele mesmo preceituou, dizendo: “Desprezais o mandamento de Deus, para estabelecer a vossa tradição”.^[2]

3 Oremos, pois, irmãos caríssimos, como Deus, qual Mestre, nos ensinou. Fazer oração agradável e familiar é rogar a Deus com o que é seu, é elevar aos seus ouvidos a oração do Cristo. Que o Pai reconheça a palavra do seu Filho quando oramos; que esteja em nossa palavra o que habita dentro de nós. E, uma vez que é ele o advogado diante do Pai pelos nossos pecados,^[3] peçamos com as palavras do advogado, quando pedimos, como pecadores, pelas nossas faltas. Pois se ele disse que obteremos tudo que pedirmos ao Pai em seu nome,^[4] com eficácia muito maior conseguiremos o que pedimos em nome do Cristo, se o fizermos com a sua oração.

Atitude na oração

4 Sejam, porém, disciplinadas – com tranquilidade e modéstia – a palavra e a prece dos que oram. Consideremos que estamos diante de Deus. Devem ser agradáveis aos olhos divinos tanto a atitude do corpo como a maneira de falar. Pois, assim como é próprio do insolente estrondear com clamores, convém ao modesto orar com preces discretas.

Finalmente, mandou-nos o Senhor, nos seus ensinamentos, que orássemos secretamente, em lugares afastados e escondidos, mesmo nos quartos;^[5] assim é mais conveniente para a nossa fé, pois lembra-nos que Deus está presente em toda parte, que Ele vê e ouve a todos e que penetra mesmo o distante e o oculto, com a plenitude de sua majestade, conforme está escrito: “Acaso sou um Deus que está próximo, e não um Deus afastado? Se, por acaso, o homem estiver metido em esconderijos, eu não o verei? Não é verdade que eu encho o céu e a terra?”.^[6] E de novo: “Em toda parte os olhos de Deus observam os bons e os maus”.^[7]

Também quando nos reunimos em comunhão com os irmãos e celebramos com o sacerdote de Deus o sacrifício divino, devemos nos lembrar da dignidade e da disciplina; não espalhar desordenadamente as nossas preces com vozes confusas, nem lançar tumultuosamente e com loquacidade o pedido que deve ser entregue a Deus modestamente. Pois Deus ouve o coração, e não a voz. E o Senhor nos mostra que não se deve importunar com clamores, ele que vê os pensamentos, conforme prova quando diz: “Porque pensais o mal nos vossos corações”,^[8] e, noutro lugar: “Em todas as igrejas saberão que eu penetro o coração e as entranhas”.^[9]

5 Ana, figura da Igreja no Primeiro Livro dos Reis, guarda e cumpre essas palavras. Ela não pedia clamorosamente, mas, calada e modesta, no segredo do seu coração. Falava com prece oculta, mas com fé manifesta. Falava não com a voz, mas com o coração, pois sabia bem que desse modo seria ouvida por Deus. E obteve, com efeito, o que pedira, porque o fizera com fé. Declara-o a Escritura divina, dizendo: “Falava no seu coração, seus lábios moviam-se, mas não se ouvia voz, ouviu-a, contudo, o Senhor”.^[10]

Igualmente lemos nos Salmos: “Dizei nos vossos corações e estai compungidos nos vossos aposentos”.^[11] Também por Jeremias o Espírito Santo sugere e ensina a mesma coisa: “Tu, Deus, deves ser adorado interiormente”.^[12]

6 Quem adora, irmãos caríssimos, deve atentar também para a forma em que o fez o publicano no templo, ao lado do fariseu. Não [foi] com os olhos arrogantemente levantados para o céu, nem com as mãos insolentemente erguidas, mas batendo no peito e confessando os pecados ocultos que o publicano implorava a misericórdia divina. Enquanto o fariseu, ao seu lado, se comprazia consigo mesmo, assim orou o publicano: sem colocar a esperança de salvação na presunção de inocência, pois inocente ninguém é, mas, tendo confessado os pecados, rogou humildemente e mereceu dessa maneira ser

mais santificado. Ouviu a sua oração aquele que perdoa aos humildes.

O Senhor apresenta esse fato no seu Evangelho quando diz: “Dois homens subiram ao templo para orar, um fariseu, outro publicano. O fariseu, em pé, orava consigo mesmo: ‘Eu te dou graças, meu Deus, porque não sou como o resto dos homens, injustos, ladrões, adúlteros, nem como este publicano. Eu jejuo duas vezes por semana e pago dízimo de tudo que possuo’. O publicano, porém, em pé, ao longe, não ousava erguer os olhos para o céu, mas batia no peito dizendo: ‘Deus, sede misericordioso para mim, pecador’. Digo-vos: este voltou para casa mais justificado que aquele.” fariseu, porque todo o que se exalta será humilhado e todo o que se humilha será exaltado.”

A oração do Senhor

7 Nós, irmãos caríssimos, que aprendemos [essas coisas] na lição divina, tendo sabido como nos devemos aproximar da oração, saibamos [também], pelo ensinamento do Senhor, o que [devemos] orar: “Assim”, diz ele, “orai: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome, venha a nós o teu Reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje, perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores, e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal”^[14]

A oração em comum

8 Antes de tudo, o Doutor da paz e o Mestre da unidade não quis que a oração fosse feita em particular e privadamente, a fim de que, ao orar, ninguém o fizesse apenas para si. Com efeito, não dizemos: “Pai meu que estás nos céus”, nem “o pão meu dá-me hoje”, nem se pede, cada um para si apenas, o perdão de sua dívida, que não venha a cair em tentação ou que seja livre do mal. A nossa oração é pública e comum. Ao orarmos, não o fazemos para um apenas, mas para todo o povo, porque todo o povo

somos um.

O Deus da paz e o Mestre da concórdia, que ensinou a unidade, quis que fosse assim, que um orasse por todos, como ele próprio, sendo um, carregara a todos. Cumpriram esta lei da oração os três jovens na fornalha, unindo-se na oração e na concórdia do mesmo espírito. Declara-o a fé da divina escritura, indicando como estes oraram, e com isso nos dá o exemplo que devemos seguir ao rezar, para que sejamos iguais a eles. “Então”, diz a Escritura, “aqueles três, como uma só boca, cantavam um hino, bendizendo o Senhor”.[15] Oravam com uma só boca e o Cristo ainda não os ensinara a orar. Por isso, tendo sido bem acolhida pelo Senhor a oração pacífica, simples e espiritual, foi proveitosa e eficaz a palavra dos que oravam.

Igualmente assim encontramos os apóstolos e os discípulos do Senhor que oravam depois de sua ascensão. “Todos eles”, diz [a Escritura], “perseveravam unânimes na oração, em companhia das mulheres, de Maria, mãe de Jesus e dos irmãos dele”. [16] Perseveravam unânimes na oração, mostrando a um tempo assiduidade e concórdia. E Deus, que “faz habitar unânimes na casa”, [17] não admite na sua divina e eterna mansão senão aqueles cuja oração é unânime.

O Pai-Nosso

Pai nosso, que estás nos céus.

9 Quais são, porém, irmãos diletíssimos, os mistérios da oração do Senhor? Quantos e quão grandes são eles, condensados em palavras breves, mas cheias de força espiritual, a tal ponto que absolutamente nada é omitido e que a nossa prece e oração sejam um compêndio completo da doutrina celeste?

Diz [o Senhor]: “Assim deveis orar: *Pai nosso, que estás nos céus*”. O homem novo, renascido e restituído a Deus pela sua graça, diz, logo de início, *Pai*, porque já começou a ser filho. “Veio ao que era seu e os seus não o receberam. A todos, porém, que o receberam, deu o poder de tornarem-se filhos de Deus, a eles que creem no seu nome”.

[18] Portanto, aquele que crê no seu nome e torna-se filho de Deus deve começar imediatamente a dar graças e a confessar-se filho de Deus. E ao dirigir-se a Deus, chamando-o de *Pai* que está no céu, indica também, pelas primeiras palavras da vida nova, que renunciou ao pai terreno e carnal e que conhece o *Pai* que começou a ter no céu. Assim está escrito: “Quem diz a seu pai e a sua mãe ‘não os conheço’, e a seus filhos ‘não sei quem sois’, este guardou os teus preceitos e conservou o teu testamento”.

[19] Igualmente o Senhor ensinou em seu evangelho que não devemos reconhecer pai na

terra porque um só é nosso *Pai* que está nos céus. [20] Por isso responde ao discípulo que fizera menção do pai falecido: “Deixa aos mortos que sepultem os seus mortos”. [21] Ele havia dito que o seu pai estava morto; contudo, o *Pai* dos crentes é vivo.

10 Devemos, irmãos diletíssimos, considerar e entender que não só chamamos de *Pai* aquele que está nos céus, mas que apontamos e dizemos *Pai nosso*; isto é, [Pai] daqueles que creem, daqueles que foram santificados por ele [mesmo] e que, reparados pelo nascimento da graça espiritual, começaram a ser filhos de Deus. Mas também essa expressão censura e fere os judeus, pois o Cristo fora anunciado a eles pelos profetas e a eles primeiramente enviado, e eles não só o desprezaram com infidelidade, mas também o mataram cruelmente; por isso já não podem mais chamar a Deus de *Pai*, já que o Senhor os confunde e responde, dizendo: “Vós nascestes do diabo e quereis praticar as concupiscências do vosso pai. Ele foi, de fato, homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque nele não há verdade”. [22]

Do mesmo modo, Deus exclama indignado pelo profeta Isaías: “Gerei filhos e os engrandeci; eles, porém, me desprezaram. O boi conhece o seu dono e o asno a manjedoura do seu Senhor. Israel, porém, não me conhece, o meu povo não me entende. Ai da nação pecadora, ai do povo cheio de pecado, raça perversa e filhos iníquos; abandonastes o Senhor e lançastes no opróbrio o Santo Israel”. [23] É para imputar-lhes os crimes que, ao rezarmos nós cristãos, dizemos “*Pai nosso*”, pois começou a ser nosso e deixou de ser dos judeus, que o abandonaram. Um povo pecador não pode ser filho; esse nome é dado aos que receberam a remissão dos pecados. A estes igualmente foi prometida a eternidade, conforme ele próprio diz: “Todo aquele que

pratica o pecado é escravo do pecado. O escravo não permanece em casa eternamente, mas é o filho que permanece”.^[24]

11 Como é grande, portanto, a indulgência do Senhor! Ele nos envolve com a abundância do seu favor e da sua bondade, a ponto de querer que, ao elevarmos a Deus a nossa oração, chamemos Deus de Pai; de modo que, assim como o Cristo é filho, nós também sejamos chamados filhos de Deus. Se o próprio Cristo não nos tivesse permitido orar dessa maneira, nenhum de nós ousaria pronunciar o nome de Pai. Por isso devemos saber e lembrar que, se dizemos que Deus é Pai, precisamos agir como filhos de Deus, para que, do mesmo modo que nos alegamos de Deus Pai, ele também se alegre de nós.

Vivamos, pois, como templos de Deus, para que se note que ele habita em nós. Que nossa ação não seja indigna do Espírito, para que nós, que começamos a ser celestes e espirituais, não pensemos e pratiquemos o que não é celeste, nem espiritual, pois o Senhor Deus mesmo disse: “Eu glorificarei os que me glorificam e desprezarei os que me desprezam”.^[25] O bem-aventurado apóstolo também na sua epístola: “Não sois vossos. Fostes comprados por um grande preço. Glorificai a Deus e levai-o no vosso corpo”.^[26]

Santificado seja o teu nome.

12 Depois disso dizemos: “Santificado seja o teu nome”. Não porque pretendamos que Deus seja santificado por nossa oração, mas lhe pedimos que o seu nome seja santificado em nós. De resto, por quem poderia ser santificado aquele que é o santificador? Mas como ele disse: “sede santos, porque eu também sou santo”,^[27] pedimos e rogamos perseverar naquilo que começamos a ser pela santificação do batismo. E o pedimos diariamente. Pois nos é necessária uma santificação quotidiana, a fim de purificar-nos continuamente dos pecados em que diariamente incidimos.

O apóstolo nos indica qual é essa santificação que nos é conferida pela misericórdia de Deus: “Nem os fornicadores, nem os adoradores de ídolos, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os pervertidos, nem os avaros, nem os fraudulentos, nem os ébrios, nem os maldizentes, nem os ladrões possuirão o Reino de Deus. Na verdade, fostes isso tudo, mas fostes lavados, justificados e santificados em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus”.^[28] Diz que estamos santificados em nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus.

Oramos para que esta santificação permaneça em nós. E – visto que o nosso Senhor e Juiz previne aquele que foi por ele curado e vivificado para não reincidir em pecado, a fim de que não lhe aconteça algo de pior^[29] – fazemos esta prece em orações contínuas, suplicamos dia e noite que a santificação e a vivificação que recebemos de sua graça se conservem em nós com a Sua proteção.

Venha a nós o teu Reino.

13 Segue na oração: “venha a nós o teu Reino”. Pedimos também que o Reino de Deus se torne presente a nós, como havíamos pedido que o seu nome fosse santificado em nós. De fato, quando é que Deus não reina, ou quando começou para ele o [Reino] que sempre existiu e nunca deixa de existir?

Pedimos que venha a nós o nosso Reino, isto é, o Reino que nos foi prometido por Deus [e] obtido pelo sangue e paixão do Cristo; a fim de que, os que servimos no século como servos, venhamos a reinar com o Cristo vitorioso, conforme ele promete, dizendo: “Vinde, benditos do meu Pai, apossai-vos do Reino que para vós está preparado desde o começo do mundo”.^[30]

É verdadeiramente possível, irmãos caríssimos, que o próprio Cristo seja o Reino de Deus ao qual queremos chegar, cada dia, e cujo advento pedimos que se abrevie. Pois como ele é a ressurreição, porque nele ressuscitamos, podemos igualmente conceber que ele seja também o Reino de Deus, uma vez que nele havemos de reinar. E com razão pedimos o Reino de Deus, isto é, o Reino celeste, pois há também um reino terrestre. Quem, contudo, já renunciou ao século está acima do seu reino e das suas honras. Por isso aquele que se consagra a Deus e ao Cristo não deseja reinos terrestres, mas celestes.

É preciso, porém, que sejamos contínuos na prece e na oração para que não nos desviemos do reino celeste, como fizeram os judeus, aos quais isto primeiramente fora prometido pelo Senhor, que dizia e prova: “Muitos, vindo do oriente e do ocidente, terão lugar com Abraão, Isaac e Jacob no Reino dos céus. Porém, os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores onde haverá choro e ranger de dentes”.^[31] [Assim,] Ele mostra que antes os judeus, enquanto perseveravam como filhos de Deus, eram também os filhos do Reino. Depois, quando o nome paterno deixou de existir para eles, cessou também o reino. E, por isso, os cristãos, nós que começamos a chamar a Deus de Pai na oração, pedimos que venha a nós o Reino de Deus.

Seja feita a tua vontade assim na terra como no céu.

14 Acrescentamos ainda o seguinte: “seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”; não para que Deus faça o que quer, mas para que nós possamos fazer o que Deus quer. Com efeito, quem impediria Deus de fazer o que quer?

Porque nós, porém, somos perturbados pelo diabo, que impede que sigamos a Deus inteiramente, com toda a nossa alma e a nossa ação, oramos e suplicamos para que se faça em nós a vontade de Deus. Para que se faça em nós, é indispensável essa mesma vontade de Deus, isto é, a sua ajuda e proteção; pois ninguém se sustenta por suas próprias forças, mas graças à indulgência e à misericórdia de Deus.

Finalmente, o próprio Senhor indica a debilidade do homem, que ele carregava [em si], dizendo: “Pai, se é possível, afasta de mim este cálice”^[32] e, deixando aos discípulos um exemplo para que não fizessem a própria vontade, mas a de Deus, acrescentou: “Contudo, faça-se não o que eu quero, mas o que tu queres”.^[33] Também diz, em outro lugar: “Não desci do céu para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.”^[34]

Se o Filho esteve atento para cumprir a vontade do Pai, quanto mais deve estar atento o servo para fazer a vontade do Senhor; como São João instrui igualmente, em sua epístola, exortando a cumprir a vontade de Deus, dizendo: “Não ameis o mundo, nem o que está no mundo. Se alguém ama o mundo, a caridade do Pai não está nele. Pois tudo que está no mundo é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e ambição do século, que não vem do Pai, mas da concupiscência do mundo. O mundo passará, e igualmente a sua concupiscência; aquele, porém, que cumprir a vontade de Deus permanece eternamente.”^[35] Nós que queremos permanecer eternamente devemos cumprir a vontade de Deus, que é eterno.

15 E a vontade de Deus é a que Cristo praticou e ensinou. Humildade na vida, estabilidade na fé, veracidade nas palavras; justiça no agir, misericórdia nas obras, disciplina nos costumes; não saber praticar a injúria e saber tolerar a recebida, manter a paz com os irmãos; amar a Deus com todo o coração, amando nele o que é Pai e temendo o que é Deus; nada prepor ao Cristo, porque ele também, em relação a nós, nada prepôs; aderir inseparavelmente à sua caridade, unir-se à sua cruz com firmeza e fé. Se houver luta pelo seu nome e sua honra, [é] manifestar a constância na palavra com que o confessamos; na tortura, [é manifestar] a firmeza com que combatemos e, na morte, a paciência pela qual somos coroados. Isso é querer ser co-herdeiro do Cristo; isso é praticar o preceito de Deus; isso é cumprir a vontade do Pai.

16 Mas pedimos que seja feita a vontade de Deus, assim na terra como no céu, porque ambos dizem respeito à nossa segurança e salvação. Pois, como possuímos um corpo da terra e um espírito do céu, assim nós somos terra e céu; e oramos para que em ambos, isto é, no corpo e no espírito, seja feita a vontade de Deus.

Há, na verdade, uma luta entre a carne e o espírito e uma mútua discórdia diária [entre ambos], de modo que fazemos o que não queremos: enquanto o espírito procura o

que é celeste e divino, a carne deseja o que é secular e terreno. Por isso pedimos que, pela intervenção e auxílio de Deus, se estabeleça a harmonia entre eles, a fim de que, enquanto a vontade de Deus se realiza na carne e no espírito, a alma por ele renascida [assim] se mantenha.

Isso é o que declara de maneira nítida e precisa a palavra do apóstolo: “A carne”, diz ele, “tem desejos contrários aos do espírito e o espírito, contrários aos da carne. São, portanto, adversários um do outro. Desse modo, não fazeis o que quereis. Mas as obras

da carne, são evidentes; são isto: a imundícia, as fornicações, a impureza, a libidinagem, a rixa, a discórdia, o sectarismo, a inveja, a embriaguez, a glotoneria e as coisas como essas tais. Aqueles que praticam essas coisas não possuirão o Reino de Deus. Mas os frutos do Espírito são a caridade, a alegria, a paz, a magnanimidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão, a continência, a castidade.”^[36]

Peçamos, pois, isto em orações diárias, mesmo em orações contínuas: que se faça sobre nós a vontade de Deus, assim na terra como no céu; e esta é a vontade de Deus: que as coisas terrenas cedam lugar às celestes e que prevaleça o que é espiritual e divino.

17 Pode-se ainda, irmãos caríssimos, entender [esta petição] assim: que – como o Senhor ordena e adverte que amemos também os inimigos e que oremos também

pelos que nos perseguem – supliquemos também por aqueles que ainda são terra, e nem sequer começam a ser celestes, para que sobre eles se realize a vontade de Deus, que o Cristo cumpriu conservando e reintegrando o homem.

Com efeito, como os [seus] discípulos não são chamados por ele de terra, mas de sal da terra,^[37] e como o apóstolo chama o primeiro homem terrestre e o segundo de celeste,^[38] com razão nós também, que devemos ser semelhantes a Deus Pai – que “faz nascer o seu sol sobre os bons e os maus, que faz chover sobre os justos e os injustos”^[39] –, assim oramos e pedimos ao Cristo, que nos adverte que façamos [nossa] prece pela salvação de todos; a fim de que, assim como a vontade de Deus foi feita no céu, isto é, em nós, que pela nossa fé nos tornamos céu, assim também ela se faça na terra, isto é, naqueles que ainda não creem; para que eles, que ainda são terrenos pelo primeiro nascimento, comecem a ser celestes, nascidos da água e no Espírito.

O pão nosso de cada dia dá-nos hoje.

18 Seguindo adiante na oração, pedimos, dizendo: “o pão nosso de cada dia dá-nos hoje”. [Esse pedido] pode ser entendido tanto no sentido espiritual como no literal, pois são proveitosos, com utilidade divina, para a nossa salvação. Com efeito, o Cristo é o pão da vida, e esse pão não é de todos, mas é nosso. Também, como dissemos “Pai nosso”, porque é Pai dos que entendem e creem, assim dizemos “pão nosso”, porque Cristo é pão para aqueles que comem o seu corpo. Mas pedimos que este pão nos seja dado diariamente a fim de que nós, que estamos no Cristo e recebemos diariamente a Eucaristia como alimento de salvação, não venhamos a ser – por intervenção de algum pecado mais grave, enquanto tivermos sido afastados do pão celeste e formos impedidos da comunhão^[40] – separados do Corpo do Cristo. Ele próprio o adverte, dizendo: “Eu sou o pão vivo que desci do céu. Se alguém comer do meu pão viverá eternamente. E o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo.”^[41]

Quando, portanto, ele diz que viverá eternamente quem comer de seu pão, é evidente que viverão os que pertencem ao seu corpo e recebem a Eucaristia em direito de comunhão; assim, por outro lado, devemos temer que alguém que, tendo sido afastado [da comunhão], seja separado do corpo do Cristo e permaneça afastado da salvação. Devemos orar para que isso não aconteça, pois é ele próprio que adverte, dizendo: “Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós”.^[42] Por isso pedimos que o pão nosso, isto é, o Cristo, nos seja dado diariamente, para que nós que estamos e vivemos em Cristo não nos afastemos do seu corpo e de sua santificação.

19 Mas também se pode interpretar assim, de modo que nós, que renunciamos ao século e rejeitamos as suas riquezas e suas pompas pela fé da graça espiritual, peçamos somente o alimento para o nosso sustento, conforme o Senhor instrui, dizendo: “Quem não renunciar a tudo que possui, não pode ser meu discípulo”.^[43] Quem, porém, começou a ser discípulo do Cristo, renunciando a tudo, segundo a palavra do seu Mestre, deve pedir o alimento quotidiano, não estender os seus desejos em pedidos de longa duração. Assim ele preceituou, dizendo: “Não penseis no dia de amanhã. O dia de amanhã cogitará em si mesmo. Basta para cada dia as suas próprias penas”.^[44] Com razão, portanto, o discípulo do Cristo, proibido de preocupar-se com o dia de amanhã, pede para si o alimento de cada dia. Pois é estranho e contraditório que nós que pedimos que o Reino de Deus venha [a nós] rapidamente, busquemos viver mais longamente no século. Assim também o bem-aventurado Apóstolo adverte, fortalecendo e consolidando a firmeza de nossa fé e nossa esperança: “Nada”, diz ele, “trouxemos para este mundo; nada, verdadeiramente, podemos levar. Se temos, portanto, o que comer e vestir, estejamos contentes. Os que querem enriquecer caem na tentação, enredados em muitos desejos nocivos que lançam o homem na perdição e na morte. Com efeito, a raiz de todos os males é a cupidez, pela qual alguns, concupiscentes, naufragaram da fé e se

meteram em muitas dores”.^[45]

20 Ele ensina não apenas que as riquezas devem ser desprezadas, mas também que são perigosas; nelas está a raiz dos males que aflagam e enganam, com oculta decepção, a cegueira da mente humana. Daí Deus ter respondido ao rico insensato, que pensava nos seus bens terrenos e vangloriava-se da abundância dos [seus] frutos, dizendo: “Insensato, esta noite entregarás a tua alma. Para quem, então, ficará o que

^[46]preparaste?”
Alegrou-se com os [seus] frutos na noite em que estava por morrer e pensava na abundância de alimento o insensato, cuja vida já se afastava. Por outro lado, porém, o Senhor ensina que se torna perfeito e completo aquele que vende tudo que possui e o dá para uso dos pobres, preparando para si um tesouro no céu.^[47] O Senhor lhe diz que pode segui-lo e imitar a glória de sua paixão aquele que não está envolvido em interesses particulares, mas que, prontamente e sem outro compromisso, livre e desembaraçado, acompanha com sua própria pessoa as faculdades antes postas à disposição do Senhor. Para que cada um de nós possa preparar-se para isso, [cada um] aprende a orar dessa maneira e a descobrir, a partir dos princípios da oração, como deve ser.

21 Ao justo, com efeito, não pode faltar o alimento de cada dia, porque está escrito:

“O Senhor não mata pela fome a alma justa”.^[48] E novamente: “Fui jovem e envelheci; não vi justo abandonado, nem sua posteridade mendigando o pão”.^[49] Igualmente, ainda promete o Senhor: “Não vos preocupeis, dizendo: que comeremos ou que beberemos, ou que vestiremos? Pois isso procuram os gentios. Mas vosso Pai sabe bem de tudo que careceis. Procurai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo”.^[50] Ele promete tudo por acréscimo aos que procuram o Reino de Deus e a sua justiça. Pois, como todas as coisas são de Deus, nada faltará a quem tem Deus, desde que não se afaste de Deus.

Assim [foi] com Daniel: lançado na cova dos leões por ordem do rei, recebeu milagrosamente o alimento, e o homem de Deus foi nutrido entre feras famintas que o poupavam.^[51] Assim foi sustentado Elias em fuga; durante a perseguição também foi nutrido no deserto por corvos que o serviram e por aves que lhe traziam alimento.^[52] Igualmente – ó detestável crueldade da malícia humana! – as feras poupam, as aves proporcionam alimento, mas os homens armam ciladas e se enfurecem.

Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.

22 Depois disso, pedimos pelos nossos pecados, dizendo: “perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”. Depois do socorro do alimento, pedimos o perdão do pecado, a fim de que aquele que é alimentado por Deus viva em Deus; cuide não somente da vida presente e temporal, mas da eterna, à qual se pode chegar quando os pecados são perdoados; pecados que o Senhor chama de dívida: “Perdoei-te toda a tua dívida, porque me pediste”.^[53] Mas, quão necessária, quão salutar e providentemente se nos adverte que somos pecadores e que devemos rogar pelos nossos pecados, para que, ao pedirmos a misericórdia de Deus, tomemos consciência de nós mesmos.

Para que ninguém se contente de si mesmo, presumindo-se inocente, nem avance mais para a morte, exaltando-se, ao recebermos a ordem de rezar cada dia pelos nossos pecados, somos ensinados e instruídos que pecamos diariamente. Por isso, assim adverte João, na sua epístola, dizendo: “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós. Se, porém, confessarmos os nossos pecados, fiel e justo é o Senhor para perdoá-los”.^[54] Em sua epístola, [João] compreendeu tanto que devemos rogar pelos nossos pecados quanto que conseguiremos a indulgência quando rogaros. Por isso, disse que o Senhor é fiel no cumprimento da fé de sua promessa de perdoar os pecados. Pois, aquele que nos ensinou a orar pelos [próprios] pecados e dívidas prometeu a misericórdia paterna e o perdão que a está se seguindo.

23 E acrescentou claramente, ao adicionar como condição segura e como garantia do nosso pedido, o modo [de fazê-lo]: que peçamos que nos sejam perdoadas as dívidas na medida em que perdoamos aos nossos devedores. Assim sabemos que não podemos conseguir o que pedimos para os nossos pecados, se não fizermos o mesmo em relação aos nossos devedores. Pois, diz o Senhor, em outro lugar: “Na medida com que medirdes, sereis medidos”.^[55] Assim, aquele servo que, depois de receber do Senhor o perdão de toda a sua dívida, não quis fazer o mesmo para o seu companheiro, foi confinado no cárcere.^[56] Porque não quis ser indulgente com o companheiro, perdeu a indulgência que recebera do Senhor.

Ainda outra vez, mais fortemente e com sua advertência mais enérgica, o Cristo propõe com vitalidade este entre os seus preceitos: “Quando fordes orar, perdoai se tendes alguma coisa contra alguém, para que o vosso Pai celeste vos perdoe os pecados. Se, porém, não perdoardes, nem o vosso Pai do céu perdoará os vossos pecados”.^[57] Não te restará, pois, escusa alguma no dia do juízo, quando fores julgado conforme a tua sentença: como fizeste, assim te será feito.

Deus, então, preceituou que sejamos pacíficos, concordes e unânimes em sua casa. Ele quer que perseveremos tal como nos fez pelo renascimento da segunda natividade, a fim de que nós que começamos a ser filhos de Deus permaneçamos na sua paz e nós que temos um só Espírito tenhamos uma só alma e um só sentir. Assim, Deus não aceita o sacrifício do dissidente, mas manda que volte do altar e reconcilie antes com o irmão,

para que também Deus possa ser benigno com as preces pacíficas. O maior sacrifício a Deus é a nossa paz, a concórdia fraterna e a união do povo na unidade que vem do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

24 Por isso, tampouco nos sacrifícios que Caim e Abel, como os primeiros, ofereceram a Deus, ele não olhou para as dádivas, mas para os corações. ^[58] Agradou-lhe pela dádiva o que agradava-o pelo coração. Abel, pacífico e justo, oferecendo o seu sacrifício com inocência, ensinou os outros que viessem ao altar trazer a sua oferenda a vir, assim, com temor de Deus, com simplicidade de coração, com a lei da justiça, com a concórdia da paz. Com razão, portanto, tendo sido assim no sacrifício a Deus, tornou-se ele próprio um sacrifício a Deus, para que ele, que possuía a justiça e a paz do Senhor, iniciasse, pela manifestação do primeiro martírio na glória do seu sangue, a paixão do Cristo. Tais serão coroados pelo Senhor, tais serão julgados com o Senhor no dia do juízo.

Os outros, os discordantes e dissidentes, os que não estão em paz com os irmãos, segundo o testemunho do apóstolo e da escritura santa, ainda que morram pelo nome [do Cristo], não poderão apagar seu crime de discórdia fraterna. Porque está escrito: “Quem odeia o seu irmão é homicida, e o homicida nem chega ao Reino, nem vive com Deus”.

^[59] Não pode estar com Cristo quem é imitador de Judas, em vez de Cristo. Quão grande é essa falta, que nem o batismo de sangue pode apagar! Quão grande é esse crime, que nem o martírio pode expiar!

E não nos deixes cair em tentação

25 O Senhor também instrui que é necessário que digamos na oração: “E não nos deixes cair em tentação”. Isso mostra que o adversário nada pode contra nós sem que Deus o permita, a fim de que se volte para Deus todo o nosso temor, zelo e devoção; pois nada é possível ao mal no sentido de tentar-nos sem que lhe seja dado o poder. Prova-o a Escritura, que diz: “Veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, a Jerusalém e atacou-a; o Senhor entregou-a em suas mãos”.^[60] Mas o poder contra nós é dado ao mal segundo os nossos pecados, conforme está escrito: “Quem entregou Jacó ao massacre e Israel aos espoliadores? Não foi Deus, contra quem pecaram, cujas vias não quiseram seguir e cuja lei não quiseram ouvir que converteu para eles a ira do seu ânimo?”^[61] E novamente, [está escrito] a respeito de Salomão, quando este pecou e se afastou dos preceitos e dos caminhos do Senhor: “O Senhor excitou Satanás contra Salomão”.^[62]

26 De duas maneiras é dado poder contra nós: para castigo, quando pecamos; para glória, quando somos provados. Vemos, por clara manifestação de Deus, que assim aconteceu com Jó. Diz Deus: “Eis que tudo o que é dele coloco em teu poder: atento, porém, a não tocares nele”.^[63] E o Senhor, no seu evangelho, no tempo da paixão, diz: “Nenhum poder terias contra mim, se te não fosse dado do alto”.^[64]

Ao rogar para não cairmos em tentação, somos lembrados da nossa fraqueza e miséria; e rogamos assim para que ninguém se exalte insolentemente, nem tome orgulhosa e arrogantemente algo como seu, nem ainda considere como sua a glória da confissão ou do martírio. Pois, ensinando-nos a humildade, diz o Senhor: “Vigiai e orai para não cairdes em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca”.^[65] Antepõe, assim, uma confissão humilde e submissa ao pedido, atribui tudo a dádiva divina, a fim de que se obtenha da sua misericórdia aquilo que se pede com temor e reverência.

Mas livra-nos do mal.

27 Depois disso tudo, completando a oração, vem a petição final que, numa síntese brevíssima, conclui todos os nossos pedidos e súplicas. Dizemos, pois, em último lugar: “Mas livra-nos do mal”, compreendendo [aqui] todas as adversidades que o inimigo pode maquinar contra nós neste mundo. Podemos ter proteção firme e segura contra elas se Deus nos livrar delas, se ele o conceder aos que suplicam e imploram o seu auxílio.

Tendo dito “livra-nos do mal”, nada mais resta que se deva pedir, pois já pedimos, numa só vez, a proteção de Deus contra o mal. Conseguida essa proteção, estamos seguramente guardados contra as maquinações do diabo e do mundo. Com efeito, que medo do mundo poderia existir para quem, no século, tem a Deus por guarda?

28 Que há de estranho, irmãos caríssimos, que seja assim a oração que Deus ensinou, reunindo, com o seu ensinamento, toda a nossa prece nestas palavras salutares? Isso já fora anunciado pelo profeta Isaías, quando, cheio do Espírito Santo, falou da majestade e da misericórdia de Deus: “O Senhor resume a justiça numa palavra perfeita, pois pronunciará uma lei breve em toda a terra”.^[66] E quando o Verbo de Deus, Jesus Cristo Senhor Nosso, veio para todos, reunindo doutos e indoutos, os sexos e as idades, e deu a todos os seus preceitos de salvação, fez desses seus preceitos uma grande síntese, de maneira a não exigir grande memória daqueles que os aprendem na disciplina celeste, mas que rapidamente se retivesse o que é necessário para a fé simples.

Assim, ao ensinar o que é a vida eterna, condensou todo o mistério dessa sublime e divina vida, dizendo: “Esta é a vida eterna, que te conheçam a ti como único e verdadeiro Deus e Aquele que enviaste, Jesus Cristo”.^[67] E novamente, quando indagou pelos primeiros e maiores preceitos da lei e dos profetas: “Ouve Israel, o Senhor teu Deus é o único Deus. E amarás ao Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma e com toda a tua força. Esse é o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas decorrem desses dois mandamentos”.^[68] E mais uma vez: “Todo o bem que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o igualmente a eles; pois nisso consistem a lei e os profetas”.^[69]

29 O Senhor nos ensinou a orar não somente por palavras, mas igualmente por fatos. Orando e suplicando frequentemente, ele nos demonstrou, pelo seu exemplo, o que era necessário que fizéssemos; conforme está escrito: “Ele, porém, retirou-se para um lugar solitário, onde se pôs a orar”.^[70] Outra vez: “Subiu [o Senhor] ao monte para orar e passou a noite em oração a Deus”.^[71] Portanto, se ele, que não tinha pecado, orava, quanto mais o devemos fazer nós pecadores! Se ele orava sem descanso, em noites inteiras sem dormir e com preces contínuas, quanto mais nós devemos passar as noites em vigília para orar!

30 O Senhor orava e suplicava, mas não para si. De fato, que poderia suplicar para si,

se era inocente? Suplicava pelos nossos pecados, conforme ele mesmo declara, quando diz a Pedro: “Eis que Satanás pediu para vos peneirar como trigo; eu, entretanto, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça”.^[72] E, em seguida, ora ao Pai por todos, dizendo: “Rogo não apenas por eles, mas por aqueles que, pelo anúncio deles, virão a crer em mim, para que todos sejam um, assim como Tu, Pai, estás em mim e eu em Ti, a fim de que sejam um em nós”.^[73] Grande é a bondade e a misericórdia do Senhor para nossa salvação, de modo que, não contente em redimir-nos com o seu sangue, roga ainda por nós mais largamente.

Notai bem, porém, qual era o seu desejo ao rogar: assim como o Pai e o Filho são um, assim também nós permaneçamos na unidade. Daí podemos compreender a gravidade da falta de quem quebre a paz e a unidade. Por elas rogou o Senhor, isto é, desejando que o seu povo as vivesse, sabendo que a discórdia não entra no Reino de Deus.

Ao orar, evitem-se as distrações

31 Quando nos dispomos à oração, irmãos diletíssimos, devemos estar atentos e entregar-nos à prece de todo o coração. Que se afaste de nós todo pensamento carnal e mundano, e que a nossa mente não se desvie um só instante do objeto de nossa oração. Por isso, o sacerdote prepara o espírito dos irmãos para a oração, no prefácio que a precede, dizendo: “Corações ao alto”. Assim, ao responder “O nosso coração está em Deus”, o povo sabe que não deve pensar senão no Senhor. Cerre-se o peito ao inimigo e abra-se exclusivamente a Deus. Que o inimigo nem sequer possa aproximar-se no tempo da oração. Pois ele se insinua frequentemente, penetra enganando-nos sutilmente e desvia de Deus as nossas orações, para que tenhamos uma coisa no coração e outra na voz, quando devemos orar a Deus com intenção sincera, não pelo som da voz, mas pelo espírito e o sentido.

Que negligência é, pois, distrair-te, deixar-te conduzir por pensamentos tolos e profanos quando rezas, como se pudesse haver algo em que mais devesse pensar que naquilo que falas a Deus. Como pedes a Deus que te ouça, se tu mesmo não te ouves? Queres que o Senhor se lembre de ti quando tu mesmo não te lembras de ti? Isso é não acautelar-se com o inimigo; isso é ofender, pela negligência no orar, a majestade de Deus; isso é estar vigilante com os olhos e dormir com o coração, enquanto o cristão deve estar em vigília com o coração, mesmo quando os olhos dormem, conforme está escrito da figura da Igreja, da qual se fala no Cântico dos Cânticos: “Eu durmo, mas meu coração vigia”;^[74] Por causa disso o apóstolo adverte solícita e cautelosamente, dizendo: “Sede perseverantes e vigilantes na oração”;^[75] ensinando e mostrando que só podem conseguir o que pedem aqueles que Deus vê vigilantes em oração.

Oração e caridade

32 Quem ora não venha a Deus com preces estéreis e despidas. É ineficaz o pedido dirigido a Deus em oração estéril. Pois, se toda árvore que não produz frutos será cortada e lançada ao fogo;^[76] certamente também a palavra sem fruto não pode ser acolhida por Deus, porque nenhuma boa obra a tornou fecunda. Por isso, a Escritura Divina nos instrui, dizendo: “A oração é boa com o jejum e a esmola”.^[77] Pois aquele

que no dia do juízo vai apresentar as suas obras ao Senhor, vai ouvir hoje quem quando orava. Ele distribuía muitas esmolas ao povo e sempre orava a Deus. Apareceu-lhe quando orava, na hora nona, um anjo que deu testemunho de suas obras, dizendo: “Cornélio, as tuas orações e esmolas subiram à presença de Deus”.^[78]

33 Sobem rapidamente a Deus as orações elevadas pelos méritos das nossas boas obras. Assim, declarou o anjo Rafael a Tobias, que sempre orou e praticou boas obras, dizendo: “É honroso revelar e confessar as obras de Deus. Pois quando tu estavas com Sara, eu fiz menção da tua oração diante da glória divina. Quando sepultavas com simplicidade os teus mortos, quando não hesitavas em levantar-te e abandonar a tua refeição para sair e velar um morto, fui enviado para provar-te. Agora de novo me

mandou Deus para curar a ti e a tua nora Sara. ~~Eu~~^[Eu] sou Rafael, um dos sete anjos santos que assistem e habitam diante da glória divina.”

O Senhor também adverte e ensina coisas semelhantes por Isaías: “Rompe todas as cadeias da injustiça, dissolve as sufocações das relações deprimentes. Manda em paz os oprimidos e destrói o tratado injusto. Reparte o teu pão com o faminto e recolhe em tua casa o sem-teto. Se vires alguém nu, veste-o; não desprezes os domésticos de tua espécie. Então, a tua luz aparecerá bem cedo, surgirá prontamente a veste para ti, a justiça andará à tua frente e a glória de Deus te guardará. Então Deus te ouvirá quando o invocares, de novo ele dirá: ‘Eis-me aqui’”.^[80]

Diz o Senhor ouvir e proteger os que rompem do seu coração as cadeias da injustiça e fazem esmolas aos domésticos de Deus segundo o preceito e promete estar ao seu lado.

~~Móston Paulo, quando do auxílio que os irmãos que necessitavam da Obra em vantagem~~
de sacrifício a Deus a boa obra que praticavam: “Estou na abundância”, diz ele, “depois que recebi o que me enviaste por Epafrodito, esse perfume suave, esse sacrifício grato e agradável a Deus”.^[81] Pois quando alguém se compadece do pobre, empresta a Deus; quando alguém dá aos pequenos, doa a Deus e sacrifica-lhe espiritualmente um sacrifício de suave odor.

As horas canônicas

34 Encontramos, ainda, que, na celebração das orações, os três jovens e Daniel, fortes na fé e vitoriosos no cativeiro, observaram as horas terça, sexta e nona,^[82] prefigurando, com isso, o mistério da Trindade que nos últimos tempos havia de manifestar-se. Com efeito, da primeira até a terceira hora vemos completar-se o número trinitário. Novamente aparece uma segunda trindade da quarta até a sexta hora. Igualmente, partindo da sétima até a nona hora, realiza-se uma nova trindade e assim verificamos pela disposição ternária destas três horas a perfeita trindade.

Já há muito tempo os adoradores de Deus haviam determinado espiritualmente estas disposições das horas e as observaram como tempos legítimos para a oração. Tornou-se claro, mais tarde, ter sido apenas em figura que antigamente os justos oravam dessa maneira. Pois, na terceira hora, o Espírito Santo desceu sobre os discípulos,^[83] enchendo-os com a graça que o Senhor prometera. Na sexta hora, Pedro, que até então duvidara da salvação dos gentios, subindo ao teto, é advertido e instruído por uma voz e um sinal de Deus que devia admitir todos à graça da salvação.^[84] Na sexta hora, ainda, o Senhor é crucificado,^[85] lavando com seu sangue, até à nona hora, os nossos pecados, e consumando, então, pela sua paixão, a vitória para que nos pudesse reunir e vivificar.

35 Para nós, porém, irmãos caríssimos, além das horas antigamente observadas na oração, aumentaram os tempos e os mistérios. Com efeito, devemos orar de manhã, para celebrar com a oração matutina a Ressurreição do Senhor. O Espírito Santo outrora indicou [isso] nos Salmos, dizendo: “Meu Rei, meu Deus, porque é a ti que eu rezarei, Senhor, desde a manhã; desde a manhã estou diante de ti e te contemplo e ouvirás a minha voz”.^[86] Novamente, pelo profeta, diz o Senhor: “Ao romper da aurora estarão vigilantes sobre mim, dizendo: vamos, voltemos ao Senhor Nosso Deus”.^[87]

Assim [também], quando o sol se põe e termina o dia, novamente é necessário que se ore. Pois, como o Cristo é o verdadeiro sol e o verdadeiro dia, oramos e pedimos, no momento em que desaparecem o sol e o dia, segundo o tempo, que a luz reapareça sobre nós; suplicamos pelo advento do Cristo que nos dará a graça da luz eterna. E o Cristo é de fato, declarado “o dia” pelo Espírito Santo nos Salmos: “A pedra desprezada pelos edificadores tornou-se uma pedra angular. Foi pelo Senhor que isso foi feito e é admirável aos nossos olhos. Este é o dia que fez o Senhor; alegremos e jubilemos nele”.

^[88] Igualmente Malaquias afirma que ele é chamado “o sol”, dizendo: “Para vós, porém, que temeis o nome do Senhor, nascerá o sol da justiça e nas suas asas estará a salvação”.^[89]

Portanto, se o Cristo é chamado, nas Escrituras Santas, o verdadeiro sol e o verdadeiro dia, não há hora em que o cristão possa ser menos frequente e contínuo na adoração a Deus. Nós que vivemos no Cristo, isto é, no verdadeiro sol e no verdadeiro dia, devemos permanecer em prece, o dia inteiro na oração. Mesmo quando, seguindo o

curso da lei do universo, vem a noite, as suas trevas não acarretarão o menor prejuízo aos que oram; pois, para os filhos da luz, até durante a noite é dia. Com efeito, quando poderá estar sem luz quem a tem no coração? Quando não haverá sol, quando não será dia, para quem o Cristo é o sol e o dia?

36 Nós que estamos sempre no Cristo, isto é, na luz, nem de noite interrompamos a oração. Assim Ana, a viúva, orando e vigiando sempre e continuamente, perseverava na graça de Deus, como está escrito no Evangelho: “Não se afastava do templo, servindo noite e dia com jejuns e orações”^[90]

Digam o que quiserem os gentios que ainda não foram iluminados pela luz, ou os judeus que, desprezando-a, se entregaram às trevas e [nelas] permaneceram. Nós, irmãos diletíssimos, que estamos sempre na luz do Senhor, que lembramos do que começamos a ser pela graça e o conservamos, contemos a noite como dia. Creiamos andar sempre na luz, e não nos deixemos penetrar novamente pelas trevas que já afugentamos. Que a nossa prece não sofra diminuição nas horas noturnas, que não haja uma perda preguiçosa e fraca nas orações.

Renascidos e recriados espiritualmente pela indulgência de Deus, imitemos o que havemos de ser no futuro. Iremos habitar um Reino que é só dia, sem noite. Velemos, pois, durante a noite como se estivéssemos na luz. Nele estaremos continuamente em

oração e ação de graças a Deus, aqui também não deixemos de orar e dar graças.

A MORTALIDADE

INTRODUÇÃO^[*]

Monjas Beneditinas
Abadia N. S. das Graças
Belo Horizonte, MG

Pouco tempo depois (252^[1]) da perseguição de Décio (250-251), durante a qual e depois da qual, aliás, a Igreja cartaginesa fora duramente provada, irrompeu na cidade uma terrível epidemia. A população perdeu a cabeça, e o terror causado pela aparição da peste era tal que, muitas vezes, quando numa habitação alguém era atingido pelo mal, os próprios parentes ou patrões, pressurosos em evitar o contágio, o lançavam à rua e o abandonavam à própria sorte. O Diácono Pôncio, na sua *Vita Cypriani*, a primeira biografia cristã conhecida, cuja autenticidade é por muitos reconhecida, descreve com traços vivos essa trágica e desoladora situação. O pânico da população pagã bem cedo comunicou-se a uma parte dos cristãos, cuja fé menos sólida não resistiu à provação daqueles dias.

Conforme no-lo informa o seu biógrafo Pôncio, nestas circunstâncias difíceis, diante de uma calamidade de tamanha gravidade, São Cipriano viveu plenamente a sequele do Cristo. Reuniu os fiéis e lhes fez ver, à luz da palavra divina, qual a atitude que deviam tomar diante das misérias que se lhes apresentavam. Auxiliado por muitos cristãos, dedicou-se ao socorro dos doentes, e, imitando o Pai Celestial, que faz o seu sol brilhar sobre bons e maus e dá a chuva a justos e injustos,^[2] estendia a sua caridade a todos, cristãos e pagãos.

São Cipriano constatou, entretanto, a pusilanimidade de alguns fiéis. Foi para lhes dizer uma “palavra de salvação” (*lógon*) que escreveu, então, o opúsculo *De mortalitate*, como algum tempo antes, por ocasião do(s) cisma(s) ocorrido(s), escrevera o seu *De unitate ecclesiae*, e como, mais tarde, para acalmar os ânimos exaltados pela questão batismal, escreverá o *De bono patientiae*, ambos neste volume.

O sinal distintivo do opúsculo que ora introduzimos é a vitalidade. Nele não são desenvolvidas considerações especulativas; este não é um tratado científico, com definições, distinções etc., mas é a palavra do bispo depositário da *parádoxis* (Tradição), e, o que lhe aumenta ainda o valor, a palavra de um carismático, de um mártir.

Com efeito, São Cipriano, quando escreve numa situação especialmente delicada, para confirmar a fé de uns e repreender a fraqueza de outros, não é um vulgar pedagogo, um homem que diz coisas bonitas, e que, quando deposita a pena depois de traçar as últimas linhas, acha que já cumpriu o seu dever. Seria profundamente injusto ler as páginas de que hoje apresentamos a tradução sem projetar a cada momento sobre elas a assinatura de sangue colocada alguns anos mais tarde por ocasião do seu martírio *Dixit et vixit!* Isto é, o que disse, ensinou, praticou, viveu.

O conteúdo do opúsculo não é srcinal, no sentido que damos hoje ao termo. São

Cipriano não descobriu nem quis descobrir novidades, dizer coisas que nunca tinham sido ditas, mas, haurindo as palavras da Sagrada Escritura, tudo formulou na base da *parádoxis*, repetindo, desenvolvendo, aplicando e elucidando a visão cristã tradicional do trânsito desta vida para outra, o qual habitualmente chamamos morte. Note-se: o adjetivo “tradicional” não quer dizer “velho”, mas *traditus* (entregue), a saber, pelo Pai ao Cristo, pelo Cristo aos Apóstolos, por estes aos bispos etc.

Isso não quer dizer que ele seja um compilador, um escritor sem cunho pessoal.

Muito pelo contrário, a formulação não vigorosa, um rigor teológico maior, tal assimilação da Revelação. Tudo expresso num estilo cerrado, pontuado de interrogações e de apóstrofes, que corta as saídas antes da dúvida surgir, e que muito difere do das suas primeiras obras.

Quem entra em contato com São Cipriano pela primeira vez facilmente é levado a pensar que ele é exagerado. A impressão pode ser produzida pela leitura de mais de uma das obras do santo mártir, e, entre elas, pela do seu opúsculo *De mortalitate*. Uma vez classificado o escrito de exagerado, o leitor se cobre de uma carapuça impenetrável, que tira o fio às mais cortantes afirmações, banaliza as verdades mais heroicas, e, enfim, é a melhor garantia de não penetrar o conteúdo objetivo do opúsculo.

A finalidade da presente introdução é justamente mostrar que as sentenças aparentemente mais revolucionárias, que mais chocam as sensibilidades dos leitores dos nossos dias, são justamente as mais “frias” e coerentes conclusões de elementos básicos do cristianismo, os quais ninguém poderá recusar sem deixar de ser cristão. São Cipriano não é um exagerado, é apenas um discípulo do Cristo que não apresenta o sal evangélico em soluções de um por mil.

O título *De mortalitate* tanto pode indicar mortandade quanto mortalidade. No primeiro caso, o título se referiria a grande quantidade de mortos. No segundo, a condição mortal do homem, bem como a sua causa – a epidemia –, ou ainda a estirpe humana como um todo. O problema nuclear, o verdadeiro tema da obra, é a morte. Uma consideração teológica da morte, cuja essência é trânsito, passagem, faz com que se seja levado a considerar também os seus dois termos, a vida neste mundo e na pátria celeste.

O que se segue não é um comentário, mas uma tentativa de apresentar um breve conspecto da base teológica das afirmações e aplicações práticas desenvolvidas no opúsculo. Como já o dissemos no início, São Cipriano não tinha a preocupação científica de tratar sistematicamente o assunto, mas a de proferir uma palavra de vida, a palavra da *parádoxis*. Pode ser que São Cipriano, ao escrever, não tenha cogitado nessa base teológica; pode ser mesmo que certas aproximações, certas visões de conjunto, nunca lhe tenham vindo à mente. O que afirmo, porém, é que, a cada palavra, se vê transparecer um fundo teológico subjacente, se podem tatear razões e concepções fundamentais, que nada mais são, aliás, do que lugares-comuns do ensino apostólico.

É esse fundo teológico, são essas razões, que dão a chave da doutrina do opúsculo, e que procurarei expor sumariamente em três quadros:^[3] o mundo sem o Cristo, o Cristo no mundo, o homem no Cristo.

O mundo sem o Cristo

Não se pode melhor caracterizar o mundo sem o Cristo do que o fez São João na sua primeira Epístola,^[4] citada por São Cipriano no cap. 24: “Não ameis o mundo, nem as coisas que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo o que há no mundo é cobiça da carne, cobiça dos olhos e vaidade da vida”.

Estamos muito longe do exagerado otimismo *sujeitocêntrico* contemporâneo. São Cipriano não admite a bondade do mundo porque crê no pecado srcinal, e, por conseguinte, sabe que o primeiro homem, pecando, perdeu a santidade e a justiça em que fora constituído. Adão incorreu na morte e, com a morte, no cativeiro, sob a tirania do diabo. Sabe também São Cipriano que o pecado de Adão, com as suas consequências, passou para toda a humanidade, como o diz o Apóstolo:^[5] “por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, visto que todos pecaram”.

A partir do primeiro pecado, a vida humana transcorre sobre a terra tecida de sofrimentos e de dores, numa graduação que vai do incômodo causado pelo desconfortável até as grandes crises da formação ou deformação da personalidade, passando pelas doenças dolorosas e repugnantes, e por uma série indefinida de sofrimentos morais e físicos intermediários.

O ponto de cristalização em que todos esses sofrimentos convergem é a morte. A morte impregna, portanto, a vida do homem e dá a temperatura de todas as suas fases: o recém-nascido traz em si os germes do desequilíbrio orgânico que cinquenta, setenta ou noventa anos mais tarde – quando não muito antes – provocarão a separação da alma e do corpo. A sua existência decorre em sucessivas antecipações e prefigurações da morte, mesmo em elementos que, hoje, podemos esteticamente corrigir, como a queda dos cabelos, a perda dos dentes, os fenômenos do envelhecimento etc. O pior é que a morte para o homem decaído, sem o auxílio da graça sobrenatural, é a porta duma segunda morte, da morte eterna. Considerando, pois, do termo final (no caso, a morte eterna), tudo o que o precedeu, a vida do homem sem o Cristo está totalmente imersa naquilo que São Paulo denomina *mysterium iniquitatis*,^[6] e que poderemos chamar também de “mistério da morte”. A vida de tal homem, mesmo nas raras interrupções dos sofrimentos, mesmo nas alegrias efêmeras, retrata uma escatologia desgraçada, exprime a cada passo a morte eterna que é prefigurada.

Como o dissemos acima, a primeira e a segunda mortes, com o seu cortejo de males, foram para a humanidade consequência da perda da justiça e da santidade, acarretada pelo pecado. Morte, sofrimentos, dores, nada mais são do que um símbolo da morte espiritual que mancha a alma em estado de pecado e que chega à plenitude na segunda morte. Toda a sua razão de ser, pois, é refletir, sensível e visivelmente, o que se dá de muito pior na alma, invisivelmente. A humanidade sem o Cristo é, na verdade, uma *massa damnata*, “uma massa de perdição”.

Estamos a uma distância quase incomensurável do homem “bonzinho”, que se autodefine e autodestina – o postulado de tantas sociologias modernas. Esse quadro nos

traça também a falência a que está condenada, mais cedo ou mais tarde, qualquer solução, quer individual quer social, que não seja o Cristo. O paganismo, que nos nossos dias levanta a cabeça, não mais adorando Júpiter, Vênus, Saturno, mas o deus *eu*, entre outros, é um fenômeno sujeito, de pleno direito, à jurisdição do mal, do príncipe do mundo. Com efeito, quem vive do mundo e para o mundo, estando o mundo imerso no mistério da morte, opõe-se, portanto, ao corpo místico do Cristo.

O Cristo no mundo

A entrada do Cristo no mundo é o embate de dois mistérios opostos: o da Vida – pois o Cristo é a Vida – e o da Morte.

Não obstante estar o mundo integrado no mistério da morte, o Verbo de Deus assumiu a carne do pecado e se uniu hipostaticamente à natureza humana, tornando-se assim verdadeiro filho de Adão e membro do gênero humano. Não tinha pecado algum, sua alma vivia numa plenitude de justiça e de santidade; não havia nele o menor

resquício de morte espiritual; mas, apesar disso, participava de certo modo do mistério da morte, admitindo em si as dores e os sofrimentos, tanto físicos como morais, e, por fim, a própria morte, sob uma forma especialmente dolorosa e ignominiosa.

Dissemos acima que a morte corporal, com a sua plenitude de sofrimentos morais e físicos, só se explicava e só tinha uma razão de ser como símbolo da morte espiritual. O Cristo, no entanto, assumiu a manifestação exterior sem a realidade transcendente, destruindo, portanto, a eficácia simbólica da morte; pela sua ressurreição, venceu definitivamente a morte e o seu corpo glorioso de ressuscitado é disso um documento vivo e perene. O Cristo, morrendo, não caiu da primeira na segunda morte segundo o trâmite normal: só ele podia evitar isso, graças à própria excelência, sendo que todos os demais homens, quer antes quer depois Dele, só se podem salvar por ele, com ele e nele.

Não se contentou, pois, o Cristo em vencer a sua própria morte, mas, instituindo os sacramentos que operam a nossa incorporação nele e consagram o nosso ser e a nossa vida, venceu também a morte e os sofrimentos dos eleitos. Com essas palavras já tocamos o terceiro quadro:

O homem no Cristo

Ao homem, desesperado e embrenhado nos laços da perdição, foi dado um meio de libertar-se do mistério da morte, a saber, a incorporação no Cristo. Com efeito, tendo o Cristo vencido definitivamente a morte com a sua ressurreição gloriosa, e já que o homem pode tornar-se membro do seu corpo, vencerá ele também a morte e obterá a vida eterna.

O meio instituído para essa incorporação é o sacramento do batismo, no qual o homem é mergulhado na morte do Cristo, conspultado com ele, para ressurgir da água batismal como filho de Deus com uma nova vida. Essa nova criatura que se levanta da fonte batismal libertou-se do mistério da morte, e São Paulo exprime isso dizendo que “morreu ao pecado”. Com efeito, está morto para o pecado e a morte, e vivo para Deus.

Está, pois, o cristão incorporado no Cristo, justificado e santificado. O mal não tem mais direitos sobre ele. Mas, ainda que esteja incorporado no Cristo, a sua vida, enquanto é a de um peregrino neste mundo, reflete o estado do Cristo antes da ressurreição, continua o sofrimento do Cristo e dele participa.

O cristão tem que brilhar o Cristo-Caminho, e, assim como o Cristo – apesar de não ter pecado, participou de todas as dores e sofrimentos inerentes à carne do pecado e da própria morte física –, também o cristão, enquanto vive neste corpo mortal, apesar de estar justificado do pecado, partilha com os pagãos imersos no mistério da morte, ele que vive no mistério da vida, as dores e sofrimentos. Por isso a calamidade da peste atingiu em Cartago tanto os pagãos como os cristãos, a ponto de alguns destes últimos, de fé pouco esclarecida, duvidarem da realidade da Redenção. Nos nossos dias, as tantas calamidades que afligem o mundo atingem indistintamente a cristãos, hereges, neopagãos etc., e também hoje não poucos se admiram de que bons e maus, justos e injustos, são sem distinção vitimados pelo mesmo flagelo.

De fato, as doenças e sofrimentos atingem a todos, e, às vezes, mais ainda os cristãos; são também aparentemente iguais para todos, mas a aparência é enganadora. Para os pagãos, são, de fato e em todos os sentidos, uma calamidade; para os cristãos, porém, são um *com* padecer com o Cristo, o que, *ipso facto*, conta a conglorificação. As manifestações do mistério da morte que os atingem são absorvidas nas que atingiram o Cristo, isto é, não têm mais a realidade de símbolo do pecado, e são também germe de glorificação.

Além disso, o cristão, o homem redimido, não somente sofre, mas deve ainda passar pela morte física, que, por ser a de um membro do Cristo, é consequentemente absorvida pela morte daquele que é *primitiae dormientium* (“primícias dos que adormeceram”). O plano divino de salvação dispôs que a entrada na plenitude da Redenção se fizesse justamente pela morte. Vivificados pela morte do Cristo, atingimos a perfeição da vida pela nossa própria morte.

A morte física é, pois, para o cristão, início da verdadeira vida, e, enquanto a sua morte é identificada com a morte do Cristo, que é Páscoa, também ela é Páscoa, trânsito da morte para a vida.

A nossa morte física é a nossa páscoa; e como toda a nossa vida está tecida de

participações antecipadas da morte – dores, sofrimentos –, símbolo destruído do mistério da iniquidade, toda a nossa vida está conseqüentemente tecida de pequenas páscoas, de modo a se poder sintetizar a vida do cristão com um contínuo “in fieri”, em desenvolvimento, que se consuma na hora da morte, do trânsito. E há uma só Páscoa, a Páscoa do Cristo, e as nossas páscoas na do Cristo.

Os últimos capítulos (22-26) do opúsculo elevam o tom, e atingem certa plenitude de visão pascal. São sem dúvida, entre todos, os mais belos e mais ricos.

Nesses capítulos, São Cipriano desenvolve as últimas conseqüências das palavras de São Paulo aos Filipenses: “para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro”, que ele citara num capítulo anterior (7).

Ao concluir a presente introdução, julgamos poder sintetizar todo o conteúdo do opúsculo com as palavras eminentemente pascais acima citadas, afirmando com isso a íntima dependência e filiação espiritual de São Cipriano em relação ao Apóstolo dos gentios: “Mihi enim vivere Christus est et mori lucrum”.

A MORTALIDADE^[*]

Cipriano de Cartago

1 Muitos de vós, irmãos diletíssimos, têm o espírito calmo, a fé firme e o ânimo devotado; longe de serem abalados pela extensão da mortalidade atual, qual rochedo

~~forte e estável, quebram os assaltos impetuosos do mundo e as violentas agas do século, sendo por elas provados, mas não vencidos.~~

Noto, todavia, que alguns dos fiéis sustentam o combate com menor vigor e – seja por fraqueza de caráter ou por falta de fé, seja pelos encantos da vida no século ou pela fraqueza do sexo, seja, ainda, o que é mais grave, por um erro de doutrina – não fazem valer a força divina e invencível que trazem dentro de si. Isso não é algo que se possa deixar passar em silêncio ou disfarçar; pelo contrário.

Portanto, na medida das minhas pobres forças, com a maior energia e com palavras hauridas dos livros divinos, seja reprimida a ignávia de um ânimo autocondescendente, a fim de que seja realmente digno de Deus e do Cristo quem já se tornou servo de Deus e do Cristo.

2 Quem é soldado de Deus, irmãos caríssimos, deve reconhecer, como que colocado nos acampamentos celestiais, que já vive das realidades divinas, de maneira que não tenhamos nenhuma hesitação, nenhuma perturbação diante das procelas e dos turbilhões do mundo; pois o próprio Senhor predisse que essas coisas haveriam de vir.

Com palavras de providente exortação, ele instruiu, ensinou, preparou e animou os membros de sua Igreja, para que pudessem suportar, quando viessem, os sofrimentos futuros – fome, guerras, terremotos e pestes – que prenunciou e profetizou que surgiriam por toda parte. E para que um medo de inesperadas e desconhecidas calamidades não nos fizesse tremer, preveniu que nos últimos tempos mais e mais se intensificariam as adversidades.

Eis que acontece o que foi predito. E, se se realiza o que foi anunciado, virá em seguida o que foi prometido pelo próprio Senhor, que prometeu, dizendo: “Quando

~~vierdes, que essas coisas sucedem, sabeis que está próximo o Reino de Deus^[1]~~
Aproxima-se, irmãos caríssimos, o Reino de Deus. Avizinham-se, com [este] mundo que passa, o prêmio da nossa vida, o júbilo da salvação eterna e a alegria perpétua, a posse do paraíso que perdêramos. As realidades celestes já sucedem às terrenas, as grandes às pequenas, as eternas às passageiras.

Que motivo há, pois, para ansiedade e desassossego? Quem fica inquieto e triste nesta situação, senão quem não tem esperança e fé? Temer a morte é próprio de quem não quer ir para o Cristo. Não querer ir para o Cristo é próprio de quem não crê que começará a reinar com ele.

3 Está escrito: “O justo vive da fé”^[2]. Se és justo e vives da fé, se verdadeiramente crês em Deus, por que – seguro da promessa do Senhor de que estarás com o Cristo

– não te rejubilas por seres chamado para junto dele e por ficares livre do diabo?

Assim se deu com o justo Simeão, que foi verdadeiramente um justo e observou com plena fé os preceitos de Deus. Fora-lhe prometido, por revelação divina, que não morreria antes de ver o Cristo. Por isso, quando o Cristo, recém-nascido, veio ao templo com sua mãe, conheceu no Espírito que havia nascido aquele de quem lhe fora profetizado. Assim que o viu, soube que estava prestes a morrer. Alegrando-se, então, pela morte próxima e certo do chamado iminente, tomou nas mãos o menino e,

bendizendo o Senhor^[3] exclamou: “Despede agora, Senhor, o teu servo, em paz, segundo a tua palavra; pois os meus olhos já viram a tua salvação.”^[4] Reconheceu assim e testemunhou que só haverá paz e repouso livre e tranquilo para os servos de Deus quando, retirados dos reboliços deste mundo, caminharmos para o porto seguro da eterna morada e quando, vencida esta morte, chegarmos à imortalidade. Essa é, com efeito, a nossa paz, a tranquilidade em que se pode confiar; a segurança estável, sólida e perpétua.

4 Aliás, o que há no mundo senão o combate cotidiano que se trava contra o demônio e pelejas assíduas contra seus dardos e flechas? Nossa luta é com a avareza, com o despudor, com a ira, com a ambição; nossa batalha contínua e penosa é contra os vícios da carne e as seduções do século.

O espírito do homem, cercado e oprimido de todos os lados pela perseguição do diabo, dificilmente percebe cada um de seus golpes e a custo resiste-lhes. Pois, se a avareza é abatida, levanta-se a libido; se a libido é dominada, surge a ambição; se é desprezada a ambição, a ira exaspera, a soberba infla, a embriaguez atrai, a inveja rompe a concórdia, o ciúme destrói a amizade. És levado a maldizer e a lei divina nos proíbe isso.^[5] És obrigado a jurar e isso não é lícito.^[6]

5 Tantas perseguições sofre cotidianamente o espírito [humano], tantos perigos oprimem o seu peito; e [ainda assim] agrada-lhe estar por mais tempo aqui, entre as armas do demônio, apesar de ser mais desejável e preferível apressar os passos, por uma morte mais próxima, ao encontro do Cristo? Ele próprio nos ensina dizendo: “Em verdade, em verdade vos digo, haveis de lamentar e chorar enquanto o século se alegra; mas a vossa tristeza se converterá em alegria.”^[7]

Quem não prefere não ter tristeza, quem não se apressa à alegria? Mas é o Senhor mesmo, mais uma vez, que nos declara quando a nossa tristeza se converterá em alegria: “Hei de ver-vos novamente, e o vosso coração se encherá de alegria e ninguém poderá retirá-la de vós.”^[8]

Se, portanto, alegrar-se é ver o Cristo, e não pode haver outra alegria para nós que não a de ver o Cristo, que cegueira de mente, que insanidade de espírito é amar as angústias, as penas e as lágrimas do mundo, em vez de correr ao encontro da alegria que nunca nos poderá ser tirada.

Isso acontece, irmãos diletíssimos, porque falta a fé; porque ninguém crê que seja

verdadeiro aquilo que prometeu Deus, que é veraz e cuja palavra é eterna e inabalável para aqueles que creem.

Se um homem respeitável e bem reputado te promete alguma coisa, terás certamente confiança no promitente; não pensarás ser enganado ou iludido por alguém que sabes constante em suas palavras e ações. Quando é Deus que te fala, tu, incrédulo, hesitas com espírito desconfiado? Deus, ao partires deste mundo, te promete a imortalidade e eternidade, e tu duvidas? Isso é desconhecer a Deus por completo! Isso é ofender o

Cristo, Mestre da nossa salvação e do nosso bem, mostrando o pecado da incredulidade! Isso é estar na Igreja e não

O próprio Cristo, Mestre da nossa salvação e do nosso bem, mostra o quanto convém sair do século. Pois quando seus discípulos se entristeceram por anunciá-lhes que tinha de partir, falou-lhes dizendo: “Se me amásseis, ficaríeis certamente alegres, porque vou para o Pai”.[9] Dessa maneira ensinou e mostrou que a partida dos entes amados deste mundo é antes ocasião de alegria que de tristeza. Lembrado disso é que o bem-aventurado apóstolo Paulo declara na sua epístola: “Para mim, viver é o Cristo e morrer é lucro”.[10]

Estima, pois, o Apóstolo como a maior das vantagens já não estar mais preso pelos laços deste século, nem sujeito a pecados e vícios de carne; estar, portanto, isento de torturas e angústias, e partir, livre dos venenosos hálitos do diabo, para a alegria eterna do próprio Cristo que chama.

Mas, todavia, a alguns estranha que o contágio deste mal atinja igualmente os nossos e os gentios, como se acreditassem que se é cristão para gozar sossegado deste mundo e desta vida, imunes do contato dos males, e não para reservar-se às futuras alegrias, depois de sofrer aqui todas as adversidades. Lastimam estes que compartilhem com todos da mesma mortalidade. O que, porém, não haveremos de ter em comum com os demais homens, enquanto esta carne comum permanece sob a lei do primeiro nascimento?

Enquanto estamos neste mundo, somos ligados ao gênero humano pela igualdade na carne, e separados pelo Espírito. Por isso, até que este [corpo] corruptível se revista da

incorruptão, o mortal recebe a imortalidade e o Espírito nos conduz a Deus Pai, tudo o que há de incomum na carne nos será comum e impo

Assim, quando a terra [torna-se] estéril e não produz frutos, a fome não distingue ninguém. O mesmo quando uma cidade é dominada pela invasão do inimigo, o cativo pesa igualmente sobre todos [os habitantes]. Quando o céu sereno retém a chuva, a seca é uma só para todos. Quando um escolho fende o navio, o naufrágio é comum aos navegantes, sem exceção. Do mesmo modo a dor dos olhos, o ataque das febres e as enfermidades de todos os membros são as mesmas para nós e para os outros, enquanto carregamos neste século esta mesma carne.

Além disso, se o cristão acreditou que há para si uma condição e uma lei, que ele conhece e afirma, saberá [também] que lhe compete labutar mais que os outros neste

teu espírito para a tentação”.^[11]

aflições e dores, disse, mostrando a paciência de sua alma religiosa. "Nu saí do ventre de minha mãe, nu irei para a terra. O Senhor deu, o Senhor tirou. Como quis o Senhor,

pecou por seus lábios diante do Senhor”.[14]

lo, dizendo: “Onde está a tua justiça? Eis que sofres”.^[16]

curar a ti e a tua nora Sara. Eu ^[15] habito diante da glória divina”.

Números, dizendo: “Cesse a murmuração deles contra mim e não morrerão”. [18]

espírito atribulado; Deus não despreza o coração atribulado e humilhado^[19].

Também no Deuteronômio aconselha o Espírito Santo: “O Senhor teu Deus te afligirá, mandar-te-á fome e verá se o teu coração guarda ou não os seus preceitos”.^[20] E novamente: “O Senhor Deus vos tenta para saber se amais o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração e de toda a vossa alma”.^[21]

12 Assim Abraão agradou a Deus, pois para agradá-lo não temeu perder o filho, nem recusou cometer filicídio.^[22] E tu que não podes perder um filho pela lei e pela circunstância desta mortalidade, que farias se recebesses ordem de matá-lo? O temor de Deus e a fé devem preparar-te para tudo: seja a perda da propriedade, seja o contínuo e cruel tormento dos membros atingidos pela doença, seja a triste e fúnebre perda violenta da esposa, dos filhos e dos demais entes queridos. Nada disso seja para ti ocasião de tropeços, mas de luta. Nada disso quebre ou enfraqueça a fé do cristão. Antes, que isso manifeste mais o [seu] vigor no combate, pois toda a agressão dos males presentes não deve ser temida pela segurança dos bens futuros.

Na verdade, não pode haver vitória sem que tenha havido combate. Mas se houver vitória, então será dada a coroa aos vencedores. É na procéla que se conhece o piloto, é no combate que se prova o soldado. Quando não há perigo, é fraca a agitação da luta. O combate nas adversidades é uma provação para a verdade. A árvore que tem raízes profundas não é abatida pelos ventos; a nau bem construída é agitada pelas ondas, mas não é perfurada. E quando na eira se debulha a colheita, o grão forte e robusto zomba do vento, enquanto as palhas sem força são levadas pela aragem.

13 Assim o Apóstolo Paulo, depois de naufrágios e flagelos, depois de muitos e graves tormentos da carne e do corpo, disse não ser afligido, mas corrigido pela adversidade, de forma que quanto mais fosse atormentado, mais verdadeiramente seria provado. “Foi-me dado”, disse ele, “um estímulo da carne, um enviado de satanás que me esbofeteie, para que me não venha a ensoberbecer. Por isso, três vezes pedi ao Senhor que ele fosse afastado de mim, e o Senhor me disse: ‘Basta-te a minha graça. Pois a força se aperfeiçoa na fraqueza’”.^[23]

Quando, portanto, irromper uma calamidade, uma fraqueza ou enfermidade, então nossa força se aperfeiçoará, então a fé, que perseverou na tentação, será coroada, conforme está escrito: “O vaso se prova na fornalha, e os justos no sofrimento da tribulação”.^[24]

Afinal, é isto justamente que nos diferencia dos demais homens, daqueles que não conhecem a Deus, pois enquanto estes se queixam e murmuram da adversidade, nós na desventura não nos afastamos da virtude e da fé, mas até nos fortalecemos na dor.

14 É proveitoso para o progresso da nossa fé que neste momento as vísceras dissolvidas em fluxo esgotem a força do corpo, que a febre interior queime a face ulcerada, que o estômago seja dilacerado por vômitos repetidos, que os olhos ardam pela afluência de sangue, que os pés e outros membros sejam amputados pelo contágio da podridão, que a doença se espalhe pelas juntas, tornando-as defeituosas e paralisadas, ou

pelo corpo todo tornando obstruído o ouvido e cegos os olhos.

Diante de tantos ímpetos de devastação e morte, quão grande é para o pecador lutar com as energias de um ânimo inquebrantável, quão sublime é permanecer de pé entre as ruínas do gênero humano e não jazer prostrado como aqueles que não têm esperança em Deus.

Devemos, pois, antes, rejubilar-nos e aproveitar o favor do tempo, porque enquanto provamos a fortaleza da nossa fé, caminhamos para Cristo, suportando as penas pela sua

estruturando a vida e recebemos da sua própria mão o prêmio da vida e do Espírito, é propriedade do fogo e da geena. Tema morrer quem não participa da cruz e da paixão do Cristo. Tema morrer quem passa desta morte a uma segunda morte. Tema morrer o que deixando o século será atormentado pela chama inextinguível das penas eternas. Tema morrer quem encontra na terra uma protelação dos sofrimentos e gemidos.

15 Muitos dos nossos morrem nesta mortandade, mas isto quer dizer apenas que muitos dos nossos irmãos são libertados do século. Pois se essa epidemia é, de fato, uma peste para judeus, gentios e demais inimigos do Cristo, é, contudo, para os servos de Deus a viagem da salvação.

Nem se pense que a ruína é igual para bons e maus, por verificar que morrem indistintamente os justos e os injustos. Pois os justos são chamados para a paz, ao passo que os injustos são arrebatados para o suplício. O que acontece é que aqueles recebem mais depressa a herança e estes, a pena.

Assim, irmãos, diletíssimos, somos imprudentes e ingratos em relação aos benefícios divinos, pois nem reconhecemos o que nos é dado. Eis que partem em paz, seguras de sua glória, virgens prudentes, ^[25] não temendo mais as ameaças da corrupção e do lupanar do anticristo, que está prestes a vir; eis que os meninos fogem do perigo da idade incerta e alcançam sem risco o prêmio da castidade e inocência; eis que a jovem esposa já não teme a tormenta e evita, pela morte prematura, o temor da perseguição e das mãos dos algozes cruéis.

Ainda mais, pelo medo da mortalidade, animam-se os tímidos, levantam-se os abatidos, exercitam-se os covardes, os desertores são compelidos a voltar, os gentios coagidos a crer e a velha fileira dos veteranos é chamada ao descanso, pois um novo e numeroso exército de ânimo mais forte, recrutado no tempo da mortalidade, vai ocupar a linha de frente, pronto a lutar sem temor da morte, quando vier o combate.

16 Afinal, irmãos caríssimos, que pode haver de mais proveitoso e necessário? Com efeito, esta epidemia que parece tão horrível e funesta põe à prova a justiça de cada um e experimenta o espírito dos homens, verificando se osãos servem aos enfermos, se os parentes se amam sinceramente, se os senhores têm piedade dos servos enfermos, se os médicos não abandonam os doentes que imploram, se o violento reprime a violência, se o avarento, ao menos por meio da morte, abandona o ardor sempre insaciável da sua desvairada cobiça, se os soberbos quebram o orgulho, se os desonestos refreiam a audácia, se, ao menos por terem morrido os que os ricos amavam, vendo-se à beira da

morte e sem herdeiros, distribuem alguma coisa aos pobres.

Se, porém, nada mais nos proporcionasse esta mortalidade, ainda valeria muito para nós, cristãos, por este resultado que produziu: pois, ensinando-nos a não temer a morte, faz que comecemos a desejar de boa vontade o martírio.

Estamos, pois, diante não do enterro, mas do adestramento. A mortalidade é um exercício que dá ao espírito a glória da fortaleza e nos prepara para a coroa, pelo desprezo da morte.

17 Mas, talvez, alguém se oponha dizendo: “O que me contrista nesta mortalidade é que me havia preparado para a confissão”^[26] e havia feito de todo o coração o voto de suportar o sofrimento. Como, porém, a morte me toma a dianteira, sou privado do martírio”.

Antes de tudo, o martírio não está em teu poder, mas na benemerência de Deus. Não podes, portanto, dizer que perdeste o que nem sabes se merecerás receber.

Além disso, Deus, que penetra o coração e as entranhas, vê e conhece as coisas ocultas. Ele contempla e louva, prova e examina atentamente a virtude que em ti estava preparada e dar-te-á a recompensa. Acaso Caim, quando ofereceu a Deus o sacrifício, já matara o irmão?^[27] E, todavia, Deus, que previa o fratricídio já concebido no pensamento, condenou-o antecipadamente. Do mesmo modo que aquela cogitação má, aquela ideia criminosa fora manifesta a Deus, assim também quando os seus servos desejam a confissão e concebem no espírito o martírio, essa disposição será coroada pelo próprio Deus.

Uma coisa é faltar disposição para o martírio, outra é ter faltado o martírio quando havia disposição.

Tal como o Senhor te encontrar ao chamar-te, assim te julgará, pois ele mesmo o estabeleceu, dizendo: “Saibam todas as igrejas que eu sou aquele que sonda os rins e o coração”.^[28] Com efeito, não deseja o nosso sangue, mas procura a nossa fé. Pois nem Abraão, nem Isaac, nem Jacó foram mortos e, contudo, foram julgados dignos, pelos méritos da fé e da justiça, de serem honrados como os primeiros entre os patriarcas; e todo aquele que for encontrado fiel, justo e digno de louvor será reunido ao seu convívio.

18 Devemos estar lembrados de que cumpre fazer não a nossa vontade, mas a de Deus,^[29] conforme o Senhor nos mandou rezar diariamente. Verdadeiramente é estranho e contraditório pedirmos que seja feita a vontade de Deus e não obedecermos imediatamente quando vem chamar-nos e retirar-nos deste mundo. Resistimos e relutamos como servos rebeldes e somos levados à face de Deus com tristeza e temor, saindo do século acorrentados à irresistível lei da natureza e não pela complacente entrega da vontade livre. E ainda queremos receber o prêmio celeste das mãos daquele a quem só chegamos constrangidos.

Por que, pois, oramos e pedimos que venha a nós o Reino dos céus, se nos agrada o cativeiro da terra? Por que rogamos insistentemente, em preces repetidas, que se apressem os dias do Reino, se os nossos maiores desejos e votos são, antes, servir nesta

terra ao diabo que reinar com Cristo?

19 Por último, para se tornarem mais evidentes os sinais da Divina Providência, pelos quais o Senhor, presciente do futuro, dirige os seus à verdadeira salvação, aconteceu o seguinte fato: um nosso companheiro de sacerdócio, estando esgotado pela doença e preocupado com a morte que se avizinhava, implorou para si uma prolongação da vida. Surgiu, então, ao suplicante, já quase moribundo, um jovem de venerável majestade e beleza, de estatura elevada e nobre aspecto. E, apesar de postar-se ao lado do moribundo, este a custo o teria visto com os seus olhos carnis, se não estivesse no limiar da morte e, por isso, em condições de contemplar uma tal figura. Disse-lhe o jovem, sem esconder certa indignação no ânimo e na voz: “Temeis sofrer, não quereis morrer; que farei por vós?”.

A palavra é de quem censura e também de quem admoesta. É a palavra de quem cuida dos desejos futuros, em vez de permitir, aos que estão preocupados com a perseguição e seguros da morte, os desejos do século.

O nosso irmão e companheiro, na hora da morte, ouviu o que era dito para os outros. Pois aquele que ouviu, estando prestes a morrer, só ouviu para que transmitisse. Não ouviu para si, mas para nós. Que poderia aprender para si, estando já para morrer? Aprendeu, antes, para nós que ficamos, para que saibamos, pelo conhecimento da censura feita ao sacerdote que pedia prolongação da vida, aquilo que convém a todos nós.

20 E a nós também, mínimo e último, quantas vezes foi revelado, com que frequência e clareza Deus se dignou ensinar-nos, a fim de que o afirmássemos e pregássemos pública e assiduamente, que não devem ser chorados os irmãos libertados do século pelo chamado divino.

Sabemos que não os perdemos, mas que eles nos precedem, que, retirando-se, avançam na nossa frente, à semelhança dos que viajam ou navegam. Saibamos, pois, que devemos lembrar-nos deles, mas não chorá-los, nem usar, aqui, vestes pretas, quando eles, lá, já vestiram a veste branca. Não devemos, pois, dar ocasião aos gentios para que nos repreendam, com razão e direito, dizendo que choramos como extintos e perdidos aqueles que afirmamos viverem junto de Deus e que não provamos com o coração a fé que manifestamos com palavras. Traímos assim a nossa fé e a nossa esperança; parece ser falso, fingido e simulado o que dizemos. De nada adianta alardear virtudes por palavras e revelar o contrário por fatos.

21 Já o apóstolo Paulo censura e incrimina os que se entristecem pelo falecimento dos seus. Diz ele: “Não queremos, irmãos, deixar-vos na ignorância a respeito dos que dormem, para que não vos entristeçais, como os que não possuem a esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, creiamos também que Deus conduzirá com Jesus os que nele dormiram”^[30]

É próprio dos que não têm esperança, diz ele, contristar-se com a morte dos entes queridos. Nós, porém, que vivemos na esperança, cremos em Deus e estamos seguros de que o Cristo sofreu e ressuscitou por nós, nós que permanecemos no Cristo e somos nele

e por ele ressuscitados, por que não queremos deixar este século, por que choramos e lamentamos, como perdidos, os nossos mortos? O próprio Cristo, nosso Deus e Senhor, nos adverte, dizendo: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim viverá, ainda que morra, e todo aquele que vive e crê em mim não morrerá eternamente”. [31]

Se cremos no Cristo, se temos fé nas suas palavras e promessas, também não morremos eternamente; caminhemos, pois, com alegria e tranquilidade em direção do Cristo, com quem havemos de vencer e reinar para sempre.

22 Porque, ao mesmo tempo que morremos, somos pela morte conduzidos à imortalidade; nem é possível que venha a vida eterna sem que tenhamos saído do mundo. Isso, portanto, não significa mais um fim, mas a passagem e a emigração para o eterno, depois de percorrido o caminho do tempo. Quem não se apressará em chegar ao melhor? Se o apóstolo Paulo prega, dizendo: “A nossa pátria está no céu, donde esperamos o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo miserável, configurando-o com o seu corpo glorioso”, [32] quem não deseja com ardor ser mudado e transformado na figura do Cristo e chegar mais depressa à majestade da glória celeste? Que seremos assim, o Cristo igualmente promete, quando ora ao Pai para que estejamos ao seu lado, habitemos com ele nas moradas eternas e alegremo-nos nos domínios celestes: “Pai, quero que os que me deste estejam comigo onde eu estarei, e que eles vejam a glória que tu me deste antes que o mundo fosse feito”. [33]

Quem está para partir para a morada do Cristo, para a glória do Reino celeste, não deve chorar, nem se lamentar; antes, conforme a promessa do Senhor e a fé do seu Verbo verídico, deve rejubilar-se por esta partida e migração.

23 Lemos, ainda, ter sido assim transportado Henoc, que agradou a Deus, conforme o testemunho do Gênesis: “Henoc agradou a Deus e não foi mais visto, porque Deus o transportou”. [34] Por ter sido agradável ao olhar de Deus, mereceu ter sido afastado do contágio deste século. Igualmente, por meio de Salomão, ensina o Espírito Santo serem arrebatados precocemente e mais cedo libertados os que agradam a Deus, a fim de que não venham a ser manchados pelo contato do mundo, por uma permanência mais demorada: “Foi arrebatado para que a malícia não alterasse a sua inteligência. Pois sua alma era agradável a Deus; por isso [o Senhor] apressou-se em tirá-lo do meio da iniquidade”. [35] Também nos Salmos a alma que se dedicou a Deus apressa-se para o Senhor na fé espiritual: “Quanto são amáveis as tuas moradas, Deus dos exércitos. A minha alma deseja e procura as tuas mansões”. [36]

24 É próprio daquele a quem o mundo deleita, a quem o século convida, acariciando e enganando com os engodos do prazer terreno, querer demorar-se nele por muito tempo. Ainda mais, se o mundo odeia o cristão, por que amas o que te odeia e não preferes seguir ao Cristo, que te redimiou e amou? São João clama na sua epístola e exorta-nos a não amarmos o mundo, seguindo os desejos da carne. Diz ele: “Não ameis o mundo, nem o que é do mundo. Se alguém ama o mundo, não está com ele a caridade

do Pai; porque tudo que está no mundo é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e ambição do século, e não vem do Pai, mas da concupiscência do próprio mundo. E o mundo passará, e com ele a sua concupiscência. Aquele, porém, que fizer a vontade de Deus permanece eternamente, como Deus permanece eternamente”. [37]

Estejamos, pois, irmãos diletíssimos, prontos para a vontade de Deus, com a mente íntegra, a fé firme e a virtude sólida, de modo que se afaste de nós o temor da morte e pensemos unicamente na imortalidade que a seguirá. Mostremos que somos de fato o que acreditamos ser, de modo que nem lamentemos a morte dos caros, nem hesitemos quando chegar o dia do nosso chamado, mas aceitemos de bom grado o convite do Senhor.

25 Posto que essa deva ser a atitude constante dos servos de Deus, agora, mais do que nunca, deve ser a atitude constante dos servos de Deus, agora, mais do que nunca, deve ser assim, pois o mundo já se está desmoronando, assolado pelos turbilhões que o assaltam; assim nós que percebemos já terem começado as coisas duras e sabemos estarem iminentes outras ainda mais pesadas, estimemos, como grande lucro, deixar mais depressa este lugar.

Se em tua casa as paredes envelhecidas trepidassem, o teto se abalasse e a própria casa, corroída pelo tempo, já frouxa e sem firmeza, ameaçasse ruir, não te mudarias com

~~mais pressa? Se em viagem uma violenta e tempestosa procela, levantando as vagas mais impetuosas, prenunciasse um naufrágio, porventura não procurarias imediatamente um porto? Eis que o mundo vacila e desmorona e a sua ruína não é apenas o envelhecimento, mas o próprio fim; tu, porém, não dás graças a Deus, nem te rejubilas por te livrares, pela morte prematura, da ruína do naufrágio e das desgraças iminentes?~~

26 Devemos considerar e refletir, irmãos diletíssimos, que renunciemos ao mundo e que nele habitamos provisoriamente como hóspedes e peregrinos, sobre tudo isso. Amemos, pois, o dia que coloca um de nós na verdadeira pátria, que, libertando-nos dos laços seculares, restitui-nos ao paraíso e ao reino.

Quem, estando em terra estranha, não abreviaria o regresso à pátria? Navegando com pressa para o convívio dos seus, quem não desejaria ardentemente um vento propício, que mais cedo permitisse abraçar os entes queridos? Para nós, a pátria é o paraíso. Os patriarcas já começam a ser os nossos pais. Por que, então, não nos apressamos e corremos para ver a nossa pátria e abraçar os nossos pais? Aí nos espera um grande número de entes queridos, aí nos aguarda com ansiedade uma multidão de irmãos, pais e filhos, já segura de sua glória e preocupada com a nossa salvação. Que alegria não há de ser para nós e para eles quando chegarmos a sua presença e ao seu amplexo? Qual não será, então, o prazer, quão grande a felicidade de possuir, sem temor da morte, a vida eterna e os reinos celestiais?

Aí estará o glorioso coro dos apóstolos; aí, a falange jubilosa dos profetas, a multidão inumerável dos mártires coroados pela vitória nas lutas e sofrimentos; aí estarão ainda as virgens triunfantes, que dominaram, pela virtude da continência, a concupiscência da carne e do corpo; aí estarão, finalmente, os misericordiosos, na posse da sua

recompensa, isto é, os que fizeram obra de justiça, distribuindo aos pobres bens e alimentos, e cumpriram os preceitos do Senhor, dando o seu patrimônio terrestre em troca dos tesouros celestes.

Caminheemos, pois, irmãos diletíssimos, com ansiedade para eles, desejemos que não demore a nossa ida para junto do Cristo, para que também mais cedo estejamos com eles. Que Deus veja este nosso pensamento, que o Cristo Senhor considere este propósito do espírito e da fé, para que dê mais abundantemente o prêmio de sua glória

àqueles por quem sabe ser mais desejado.

AS BOAS OBRAS E A ESMOLA

INTRODUÇÃO^[*]

Monjas Beneditinas
Abadia N. S. das Graças
Belo Horizonte, MG

São Cipriano escreve no desempenho da sua função, de pai dos fiéis de Cartago, guiado mais pela necessidade de absorver e transfigurar, pela palavra de Deus, determinada situação fricativa que pela preocupação intelectualista de desenvolver cientificamente, à luz da razão, o conteúdo da Revelação divina. Daí o caráter eminentemente vital, orgânico e “pneumático” das suas obras.

O sopro do Espírito perpassa com força o opúsculo *De opere et eleemosynis* cuja tradução apresentamos. As palavras da Escritura nele citadas são como que a sua espinha dorsal; e não podemos deixar de reconhecer nos comentários e nas aplicações de São Cipriano também uma manifestação carismática do Pneuma divino. Não foi, com efeito, em vão que o Cristo disse: “Quem crer em mim”, como consta na Escritura, “do seu interior manarão rios de água viva”. E São João acrescenta: “Ele dizia isto em alusão ao

[1]

Espírito que haviam de receber os que cressem nele”. O nosso opúsculo é um desses rios de água viva.

O mesmo Espírito que “falou pelos profetas” é o Espírito que conferiu a São Cipriano o carisma de doutor, e há uma consonância verdadeiramente harmônica entre as duas manifestações do Pneuma, como o demonstra a leitura atenta do texto.

São Cipriano escreveu quase todas as suas obras para afrontar uma necessidade dos fiéis, para ajudá-los nalguma situação difícil, como é o caso dos opúsculos constantes neste volume. Não há, porém, indicação expressa da situação concreta que tenha levado o santo bispo a escrever o seu tratado sobre a esmola. Mas ainda que a história não tenha registrado o acontecimento ou a crise que nos valeu a redação desse opúsculo, nada nos autoriza a supor-lhe uma *srcem* diversa. Pelo contrário, certas passagens em que São Cipriano interpela na segunda pessoa do singular alguém que procede diversamente dos seus ensinamentos indicam a existência de certos abusos (por exemplo, 15), de um amor exagerado dos bens terrenos, de um esquecimento da totalidade de vida da Igreja primitiva, de certo arrefecimento da fé, que provavelmente instigaram o pastor a pronunciar o seu *lógion*, palavra vivificadora que ecoará a Igreja Universal através dos séculos, reivindicando para quem a pronunciou a dignidade de Pai da Igreja.

A redação do opúsculo sobre a esmola, na opinião geral dos patrólogos, pode ser situada entre os anos de 252 e 253. É, portanto, uma obra praticamente contemporânea ao *De mortalitate* escrito mais ou menos no meio do pontificado do Santo mártir (248/249-258), num período de paz religiosa, entre duas perseguições – a de Décio e a de Valeriano –, quando ainda se conservava presente na memória a perseguição passada e se receava outra num futuro talvez próximo. Essa paz religiosa, contudo, não significa

que tudo fosse pacífico. Aliás, a composição desse opúsculo próxima à do *De mortalitate* pode, somada às interpelações de que se falou no parágrafo precedente, indicar a situação precisa da obra, a saber, ainda durante a peste iniciada em 252. Devido à peste, alguns podem ter sido jogados na pobreza ou os mais ricos podem ter se distanciado mais ainda dos pobres.

Pode-se traduzir o título *De opere et eleemosynis* em *Sobre as boas obras e a esmola*. Com efeito, os substantivos *opus*, *operatio* e o verbo *operari* são utilizados por

São Cipriano para designar tudo aquilo que designamos genericamente de “boas obras”, no título do livro significa o mesmo que esmola.^[2]

Para penetrar, um pouco que seja, no sentido do opúsculo sobre as boas obras e a esmola, é indispensável ter bem presente diante dos olhos a doutrina do corpo místico do Cristo, que é um postulado subjacente e constante no pensamento teológico de São Cipriano.

“Pois como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, embora sejam muitos, formam, contudo, um só corpo, assim também o Cristo... Ora, vós sois corpo de Cristo, e membros uns dos outros”.^[3] Essa adequação entre os fiéis e o Cristo é a explicação das palavras misteriosas que Saulo ouviu na estrada de Damasco, e que Santo Agostinho comenta tão bem: “Com efeito, se esses (os cristãos) não fossem membros seus, não teria (o Cristo) dito a Saulo: Por que me persegues? Com efeito, Saulo não o perseguia a ele sobre a terra, mas a seus membros, isto é, seus fiéis. Não quis, porém, dizer: os meus santos, os meus servos, nem, por fim, mais honrosamente, os meus irmãos; mas: a mim, isto é, a meus membros, para os quais eu sou a cabeça”.^[4]

Essa adequação entre os fiéis e o Cristo, repetimos, é a chave preliminar para uma compreensão do opúsculo. Quantas vezes, no decorrer da obra, São Cipriano afirma: o que é dado ao pobre é dado ao Cristo, quem alimenta o pobre alimenta o Cristo, quem se compadece do pobre empresta a Deus! E essas afirmações esparsas através dos vinte primeiros capítulos como que se concretizam, tomam corpo e se explicam plenamente à luz da longa citação do Evangelho de São Mateus inserta no capítulo 23, e que pode ser resumida na seguinte proposição: “Em verdade vos digo, quantas vezes o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes”.^[5]

Habitados como estamos a uma época de individualismo, a mentalidade geral que nos cerca é oposta ao que a fé nos ensina sobre o corpo místico. Custa-nos ver o Cristo num pobre, num faminto, num enfermo; custa-nos ver neles um irmão, um ser que nos está tão próximo e tão ligado, como o dedo médio de nossa mão direita o está ao indicador da mesma mão, pois somos “membros de membros”. E no entanto, essa união entre o Cristo e os cristãos é tão íntima, tão forte, é o nexó entre a cabeça e o corpo, que não se pode amar a Deus sem amar o próximo, o irmão. “Se alguém disser que ama a Deus, e odiar o seu irmão, é mentiroso. Quem, pois, não ama o seu irmão a quem vê, como pode amar a Deus, a quem não vê?”^[6]

Interrogado certa vez sobre o grande mandamento, o Cristo respondeu: “Amarás o

Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo, porém, é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”^[7] O amor do próximo e o amor de Deus são inseparáveis, e a razão última dessa inseparabilidade é a incorporação do próximo em Cristo, e a subsequente divinização do homem. Amor de Deus e amor do próximo, unidos indissolivelmente pelas sentenças divinas da Sagrada Escritura, constituem o amor a que São Paulo se refere quando diz: “a plenitude da lei é o amor”^[8] A esse amor que São João duas vezes identifica com o próprio Deus (“Deus caritas est”^[9] denominamos caridade, para diferenciá-lo do amor puramente sentimental, sensível e corruptível. A caridade provém de Deus, e quem tem caridade é nascido de Deus e conhece a Deus. Se tivermos caridade para com o nosso próximo, para com o corpo do Cristo, Deus permanecerá em nós e a nossa caridade para com ele será perfeita. Vemos, pois, que não podemos separar o amor para com Deus do amor para com o próximo. E sabemos que fomos redimidos, que passamos da morte para a vida porque amamos o próximo. Quem não ama o próximo permanece na morte, isto é, fica fora do corpo do Cristo. E quem fica fora do corpo do Cristo vai queimar eternamente nas chamas do inferno, sob o peso da maldição de Deus.

Mas, pensará talvez o leitor: por que razão aduzir essas considerações sobre o corpo místico do Cristo e a caridade, numa introdução que versa sobre coisa tão simples como a esmola? Pelo simples motivo de que, sem uma consideração atenta dessas verdades básicas do Cristianismo, supostas e subentendidas quase a cada frase, o opúsculo de São Cipriano sobre as boas obras e a esmola se torna simplesmente ininteligível e absurdo. Com efeito, a esmola nada mais é do que a manifestação exterior, um símbolo, um sacramento^[10] da caridade.

E como conceber um sacramento sem a coisa “sacramentada” – no sentido da expressão usual “Jesus sacramentado” –, a manifestação exterior sem ter ao menos uma noção daquilo que é manifestado? Comprovando o caráter simbólico da esmola, São João diz: “Quem possuir bens deste mundo, e vir o seu irmão passar necessidade, e lhe fechar o seu coração, como permanecerá nele o amor de Deus? Meus filhinhos, não

amamos com palavras nem com a língua, mas em obras e em verdade”^[11]

A esmola é, pois, sinal da caridade, penhor da habitação do Espírito em nós, garantia de sermos membros vivos do corpo de Cristo. E, como a caridade não permanece no homem se, podendo, não der esmola em certos casos, assim também a esmola de nada vale sem a caridade, pois destarte não pode mais ser símbolo e sacramento. Nesse sentido, São Paulo escreveu aos Coríntios: “E ainda que eu distribua todos os meus bens em sustento dos pobres, e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, isto nada me aproveitará”^[12] Esse caráter simbólico e sacramental da esmola nos conduz, por fim, à sua última essência, que é *encarnação da caridade*.

Não é o escopo desta introdução apresentar uma exposição completa da esmola sob todos os seus aspectos. O leitor encontrará essa visão completa no opúsculo transcrito.

Não na primeira leitura, é claro, pois não estamos diante de uma obra moderna, nem mesmo de uma questão da Suma Teológica de Santo Tomás, que se pode ler, esquematizar e quase que esgotar. Mesmo abstraindo a dignidade especial desse opúsculo, que o coloca num plano superior ao de uma obra moderna ou medieval, por ser um monumento da Tradição Católica, a sua riqueza teológica é enorme e a sua profundidade como que inesgotável. É preciso ler, reler. Ler com respeito e veneração, pedir a Deus que ilumine a nossa fraca inteligência, que nos conceda o dom de

~~compreender as verdades que transcendem a sabedoria humana e só assim poderemos ler~~

Com efeito, reina nesse escrito, como em geral nas obras dos Santos Padres, uma atmosfera “pneumática”: a sabedoria do Espírito faz sentir o seu hálito quase a cada página, sucedem-se as afirmações evangélicas, as oposições à prudência e a sabedoria do mundo. E nós, cristãos do século XXI, não raras vezes habituados a considerar a Santa Igreja, o corpo do Cristo, como um conjunto mumificado de dogmas e de preceitos, dificilmente compreendemos aquelas afirmações e oposições que somos levados a julgar exageradas, esquisitas e mesmo absurdas.

Sabemos, por outro lado, que toda a sabedoria teológica está recapitulada no Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios.^[13] Como ele, por conseguinte, a sabedoria teológica é loucura e escândalo, exagero e absurdo; a saber, para os sábios deste mundo que, objetivamente, aliás, não passam de ignorantes, como ficará provado na parusia do Cristo... A sabedoria do nosso opúsculo não é do mundo, é cristã, por isso é muito natural que nem todos a compreendam.

São Cipriano – tão próximo cronologicamente dos tempos apostólicos –, à semelhança de São Paulo, não conhece outra coisa senão o Cristo crucificado. Por isso transcende a prudência e a sabedoria do mundo e antecipa, na fé, a visão escatológica do Juízo Final, na qual todas as coisas aparecerão sob o seu verdadeiro prisma.

Não hesita em arrancar decididamente a máscara da sabedoria e da prudência do mundo, chamando-as sem reboços de estupidez, loucura, torpeza etc. Estupidez trágica, aliás, pois revestida de ares doutorais de sabedoria, resiste ao Verbo de Deus fixado na cruz e se insurge contra o plano divino da Redenção que se processa no mistério, na exinanição, na caridade e, por conseguinte, na esmola.

São Cipriano ensina como o Cristo pregou no Monte, isto é, totalmente. Não dilui os seus ensinamentos em artificiosas distinções entre preceitos e conselhos (às vezes perfeitamente justas), mas, como digno representante de uma época especialmente gloriosa na longa peregrinação da Igreja através dos séculos, dirige-se aos simples fiéis de Cartago, incitando-os à totalidade de vida cristã. A isso chamariamos hoje de monaquismo. Na verdade, porém, todo cristão pode e deve ser um cristão total, isto é, monge num certo sentido. Não especula sobre os limites da obrigação de praticar a caridade, sobre matéria leve ou grave, sobre incômodo leve, grave ou gravíssimo etc., pois essas distinções e subdistinções do casuísmo, que têm sem dúvida o seu valor inegável de equilibrismo especulativo, são insuficientes para servir de base ao edifício grandioso da caridade cristã. São Cipriano compendia simplesmente no seu opúsculo o

ensino da Escritura sobre a esmola e o lega aos seus filhos, a esses filhos que ele gera no Cristo pela palavra, como Pai da Igreja.

Julgamos que o sentido mais profundo da esmola é ser encarnação da caridade; e a caridade, por sua vez, é como que a alma do corpo místico do Cristo. A nosso ver, são essas as ideias centrais do opúsculo. Podemos afirmar com toda a segurança que, graças a essas duas ideias, ele contém em gérmen a economia política da nova criatura. E essa economia é algo de muito mais revolucionário, de muito mais total que qualquer

totalitarismo ou ideologia. O cristianismo transcende a metafísica, assim a economia da nova criatura transcende a economia natural. As conclusões desta última, quando tomadas como verdades absolutas em oposição ao Cristo crucificado, tornam-se *ipse facto* estupidez e loucura. Convém salientar que essa Economia da nova criatura não é invenção nossa, mas tem a idade da própria Igreja. Com efeito, lemos nos Atos dos Apóstolos, acerca da Igreja de Jerusalém: “um era o coração e uma a alma da multidão dos crentes, nenhum deles dizia ser seu aquilo que possuía, mas todas as coisas eram comuns entre eles” [4]. E a constituição econômica da Igreja de Jerusalém não é um fenômeno arqueológico, mas é o régimen atual das ordens religiosas. Um convento, mas um convento de fato, que não tenha virado sociedade anônima ou coisa que o valha, é, por conseguinte, o tipo perfeito da vida econômica cristã, um modelo, uma forma exemplar que todos os fiéis devem ter constantemente diante dos olhos e imitar o mais totalmente possível. Por isso os conventos são, pela sua própria essência, ontologicamente, a maior força de resistência e a mais eficiente, contra as falsas teorias econômicas.

Uma das consequências mais admiráveis desta economia da nova criatura é a sacralização do dinheiro ou dos bens de consumo. O vil metal e os bens tornam-se matéria para a encarnação da caridade, instrumento para nossa santificação. A condição, porém, é que não o deixemos enferrujar-se em nossas mãos, que o enterremos no seio do pobre. Quem ajunta empobrece, quem dá enriquece. O milionário na nova criatura é o que renunciou até ao direito de possuir, o que não usa o pronome “meu” nem para indicar as roupas que veste.

AS BOAS OBRAS E A ESMOLA

Cipriano de Cartago

A generosidade divina

1 São grandes e numerosos, irmãos caríssimos, os benefícios divinos que a generosa e opulenta clemência de Deus Pai e do Cristo operou e sempre operará para nossa salvação. O Pai enviou o Filho para que pudesse curar-nos, conservando-nos e vivificando-nos; o Filho quis ser enviado e tornar-se filho do homem para fazer-nos filhos de Deus. Ele abaixou-se para levantar o povo que antes jazia [por terra]; foi ferido para curar as nossas feridas; tornou-se servo para conduzir os servos à liberdade. Aceitou

a morte para conduzir os mortais à imortalidade.

São grandes e numerosas essas dádivas da misericórdia divina. Mas tal é essa providência e tão grande a clemência que, por desígnio salutar, ainda cuidam de nós a fim de, com maior atenção, preservar o homem já remido. Com efeito, quando o Senhor veio, para curar as chagas que Adão trouxera e destruir os antigos venenos da serpente, deu uma lei ao que fora curado, e ordenou-lhe que não mais pecasse, a fim de que algo de mais grave não acontecesse ao pecador.^[1] Estávamos, portanto, numa situação angustiante, coagidos por essa prescrição de inocência. A enfermidade e a fragilidade da debilidade humana não teriam o que fazer, se não viesse novamente a compaixão divina e abrisse um caminho para conservar a salvação, indicando as obras de justiça e misericórdia, para lavarmos com esmolas quaisquer manchas que venhamos a contrair.

2 O Espírito Santo fala nas Escrituras, dizendo: “os delitos purificam-se com as esmolas e com a fé”.^[2] Sem dúvida, não se trata dos delitos anteriormente contraídos, pois estes são purificados pelo sangue e santificação do Cristo. E diz novamente: “Assim como a água apaga o fogo, a esmola extingue o pecado”.^[3] Aqui é igualmente indicado e provado que do mesmo modo que o lavacro da água salvífica apaga o fogo da geena, assim as esmolas e as boas obras extinguem a chama dos delitos.

E porque uma só vez apenas é dada a remissão dos pecados no batismo, a repetição frequente e contínua de uma operação à semelhança do batismo prodigaliza novamente a indulgência de Deus. O Senhor ensina isso também no Evangelho. Com efeito, quando os seus discípulos foram censurados por comerem sem terem antes lavado as mãos, ele respondeu, dizendo: “Quem fez o que está dentro fez também o que está fora. Porém,

dai esmola, e eis que tudo será limpo para vós”.^[4] [Assim,] ele mostra e ensina que não são as mãos que devem ser lavadas, mas o coração, e que é melhor retirar a impureza do interior que a do exterior. Na verdade, quem tiver purificado o que está dentro purificou também o que está fora e, limpa a mente, começou a ser limpo também no corpo e na pele. Além disso, porém, adverte e indica como podemos ser limpos e purificados, acrescentando que se devem fazer esmolas.

O Misericordioso adverte que se faça misericórdia; e, porque procura conservar os que remiu por elevado preço, ensina que os manchados depois da graça do batismo podem ser purificados de novo.

Reconheçamos, pois, irmãos caríssimos, a dádiva salutar da indulgência divina e curemos os nossos males com os remédios espirituais, para que expiemos os nossos pecados e nos

3 purifiquemos deles, nós que não podemos ter a consciência sem mancha alguma. Que ninguém se lisonjeie de um coração puro e imaculado, de modo que, confiado na própria inocência, julgue desnecessário aplicar o remédio nas chagas, pois está escrito: “Quem se gloriará de possuir um coração casto, ou quem se gloriará de estar isento de pecado?”^[5] E, novamente, João coloca estas palavras na sua Epístola: “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós”.^[6] Se, portanto, ninguém há sem pecado, e todo aquele que se declarar sem culpa é presunçoso ou estulto, quão necessária, quão benigna é a clemência divina que, sabendo que não faltariam aos curados novos ferimentos, deu-lhes remédios salutareis para que pudessem ser sanados.

As esmolas, as súplicas e a salvação

4 Finalmente, irmãos caríssimos, a admoestação divina nunca cessou ou silenciou, pelo contrário: nas Santas Escrituras, tanto nas antigas como nas novas, o povo de Deus, sempre e em toda parte, é incitado às obras de misericórdia. E todo aquele que é instruído na esperança do reino celestial recebe, pelo Espírito Santo que anuncia e exorta, a ordem de fazer esmolas. Deus ordena e prescreve a Isaías: “Clama fortemente”, diz ele, “e não poupes. Levanta a tua voz como uma tuba e anuncia ao meu povo os seus pecados e à casa de Jacó os seus crimes”^[7] E, quando mandou censurar-lhes os seus pecados e num ímpeto de indignação desvendou os seus crimes, disse não poderem satisfazer as suas faltas, mesmo que recorressem a preces, orações e jejuns, nem abrandar a ira de Deus mesmo cobertos de cilício e cinza; entretanto, acrescentou por último, mostrando que Deus só é aplacado por esmolas, dizendo: “Reparte com o faminto o teu pão, introduz em tua casa os necessitados de abrigo. Se vires um nu, veste-o e não desprezes os domésticos de tua raça. Então se manifestará a tempo a tua luz e as tuas roupas logo surgirão, a justiça caminhará diante de ti e a glória de Deus te envolverá. Então clamarás e Deus te atenderá. Quando ainda estiveres falando, dirá ele: ‘Eis-me aqui’”.^[8]

Os meios para aplacar a Deus foram dados pelas pala-vras do próprio Deus; os ensinamentos divinos mostraram o que deveriam fazer os que pecassem: prestar satisfação a Deus por obras justas, expiar os pecados pelos méritos da misericórdia. Lemos também em Salomão: “Esconde a esmola no seio do pobre e ela rogará por ti contra todo o mal”.^[9] E de novo: “Quem tapa os ouvidos para não ouvir o fraco também não encontrará quem lhe preste ouvido quando invocar a Deus”.^[10] Com efeito, não poderá ser digno da misericórdia de Deus quem não for misericordioso; nem nas preces alcançará algo da benignidade divina aquele que não for humano ante a prece do pobre. O Espírito Santo, mais uma vez, declara-o e prova-o nos Salmos, dizendo: “Bem-aventurado o que pensa no faminto e no pobre, o Senhor o livrará no dia da infelicidade”.^[11]

atenuado por esse benefício, Daniel quando médica em usos e salutar montegar o auxílio divino, dizendo: “Por isso, ó rei, que o meu conselho te agrade; resgata os teus pecados com esmolas e as tuas injustiças com comiseração dos pobres, e Deus será clemente em relação às tuas faltas”.^[12] O rei não obedeceu ao conselho, sofreu as adversidades e hostilidades que vira [em sonho]. Tê-las-ia evitado se tivesse resgatado os seus pecados com a esmola.

Também o anjo Rafael atesta as mesmas coisas e exorta a que se faça esmola largamente e de bom grado, dizendo: “Boa é a oração acompanhada de jejum e esmola, porque a esmola livra da morte e expia os pecados”.^[13] Ele mostra assim que as nossas orações e jejuns têm menor eficácia quando não são corroboradas por esmolas, e que as

súplicas só pouco valem se não se tornarem suficientes com o acréscimo de fatos e boas obras. O anjo revela, declara e assegura que os nossos pedidos se tornam eficazes com as esmolas, que é pelas esmolas que nossa vida é resgatada dos perigos, que é pelas esmolas que nossas almas são libertas da morte.

6 Não dizemos estas coisas, irmãos caríssimos, sem que confirmemos, com o testemunho da verdade, o que disse o anjo Rafael. Nos Atos dos Apóstolos encontramos a segurança de um fato; sabemos com segurança, pela prova de coisas acontecidas e consumadas, que a esmola liberta não só da segunda, mas também da primeira morte.

Quando Tabita, dedicada a boas obras e esmolas, enfermou e morreu, Pedro foi chamado junto ao cadáver inanimado.^[14] Tendo vindo sem demora, conforme a benignidade apostólica, as viúvas rodearam-no. Elas choravam e rogavam, mostrando os mantos, as túnicas e todas as outras roupas que outrora tinham recebido,^[15] suplicando assim pela defunta não com palavras, mas com as obras dela. Sentiu Pedro que seria eficaz o pedido assim formulado e que o auxílio do Cristo não faltaria às viúvas que imploravam, já que ele mesmo nelas fora vestido. Por isso, quando, de joelhos e como legítimo advogado das viúvas e pobres, dirigiu ao Senhor as preces que lhe confiavam, disse, voltado para o corpo que, já lavado, jazia sobre um estrado: “Tabita, levanta-te em nome de Jesus Cristo”.^[16] Não faltou a Pedro o auxílio imediato daquele que no Evangelho dissera que seria dado tudo que se pedisse em seu nome.^[17] A morte, então, é suspensa, o espírito restituído e, com admiração e espanto de todos, o corpo redivivo se anima de novo para a luz deste mundo. Tanto puderam os méritos da misericórdia, tanto valeram as boas obras! Aquela que distribuía às viúvas necessitadas os meios de subsistência mereceu, pelo pedido das viúvas, ser chamada de novo à vida.

7 Por conseguinte o Senhor, instrutor da nossa vida e mestre da salvação eterna, vivificando o povo dos fiéis e cuidando do bem eterno dos vivificados, nada manda e ordena mais frequentemente no Evangelho, entre seus mandamentos divinos e preceitos celestiais, que empregarmos o maior zelo em dar esmolas, e não nos aplicarmos aos bens terrenos, mas, antes, acumularmos tesouros celestes. “Vendei os vossos bens”, diz ele, “e dai esmolas”.^[18] E novamente: “Não acumuleis para vós tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os destroem, onde os ladrões os desenterram e roubam. Mas acumulai tesouros para vós no céu, onde nem a traça nem a ferrugem os destroem, onde os ladrões não os desenterram. Pois onde estiver o teu tesouro, aí estará também teu coração”.^[19] E quando quis mostrar o que era perfeito e pleno, tendo sido observada a lei, disse: “Se queres ser perfeito, vai, vende todas as tuas coisas e dá aos pobres e terás um tesouro no céu; e vem e segue-me”.^[20]

Além disso, noutro lugar, diz que aquele cujo negócio é a graça celestial e cujo comércio é a vida eterna deve se desfazer de todos os seus bens e, com o valor total do seu patrimônio, comprar a pérola preciosa, isto é, a vida eterna, tornada preciosa pelo

sangue do Cristo: “O Reino dos céus”, diz ele, “é semelhante a um negociante que procurava boas pérolas. Quando, pois, encontrou uma pérola preciosa, foi, vendeu tudo o que tinha e comprou-a”.^[21]

8 Finalmente, chama de filhos de Abraão os que se ocupam em ajudar e alimentar os pobres. Com efeito, quando Zaqueu disse: “eis que dou a metade da minha fortuna aos pobres e, se fraudei alguém em alguma coisa, restituo o quádruplo”, Jesus respondeu, dizendo que “hoje se realizou a salvação nesta casa, porque também aqui está um filho de Abraão”.^[22] Pois, se Abraão creu em Deus e isso lhe foi computado em justiça,^[23] certamente quem dá esmolas conforme o preceito de Deus crê em Deus. Aquele que tem a verdade da fé conserva o temor de Deus; quem conserva o temor de Deus considera Deus na [sua] comiseração dos pobres. Age assim porque crê, porque sabe que a Sagrada Escritura não pode mentir e que é verdadeiro o que foi predito pelas palavras de Deus: que as árvores infrutíferas, isto é, os homens estéreis, serão arrancadas e lançadas ao fogo; que os misericordiosos serão chamados para o Reino. Em outro lugar, chama os operosos e fecundos de fiéis, mas nega a fidelidade dos sem frutos e estéreis, dizendo: “Se não fostes fiéis nas riquezas injustas, quem vos confiará as verdadeiras? Se não fostes fiéis na coisa alheia, quem vos dará o que é vosso?”.^[24]

A generosidade na esmola não passa despercebida a Deus

9 Se, começando a praticar muitas boas obras, temes e receias esgotar o teu patrimônio em uma caridade abundante e vir a ficar reduzido à penúria, sê corajoso neste ponto, confia com segurança: não pode acabar aquilo com que se acode às necessidades do Cristo, com que se realiza uma obra celestial. Não te asseguro isso por mim, mas o prometo pela fé das Santas Escrituras e pela autoridade da promessa divina. O Espírito Santo fala por Salomão, dizendo: “Quem dá aos pobres nunca padecerá necessidades;

quem, porém, desvia deles o seu olhar cairá em grande penúria”^[25] Ele mostra que os generosos e caridosos não podem sofrer a indigência, ao passo que os mesquinhos e estereis, depois, chegam à miséria.

Igualmente, o bem-aventurado apóstolo Paulo, cheio da graça da inspiração divina, diz: “Aquele que dá a semente ao semeador dar-lhe-á igualmente o pão para comer e multiplicará a vossa sementeira e aumentará os frutos da vossa justiça para que sejais ricos em todas as coisas”^[26] E de novo: “A administração deste serviço não somente suprirá o que falta aos santos, mas também será abundante em muitos a ação de graças ao Senhor”^[27] Pois, enquanto os pobres, com sua oração, dirigem graças a Deus por nossas esmolas e boas obras, as posses de quem dá são aumentadas pela retribuição de Deus.

Assim, o Senhor, no Evangelho, considerando desde então os corações de tais homens e denunciando com voz presciente os perversos e os incrédulos, protesta, dizendo: “Não vos preocupeis dizendo: que comeremos ou que beberemos ou que vestiremos? Isso, na verdade, procuram os gentios. Porém, vosso Pai sabe que careceis de tudo isso. Procurai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo”^[28] Ele diz que tudo será dado por acréscimo àqueles que procuram a justiça de Deus. Com efeito, diz o Senhor que aqueles que tiverem praticado a caridade na sua Igreja serão admitidos no Reino quando chegar o dia do juízo.

10 Temes que, por acaso, o teu patrimônio venha a se acabar se começares a praticar largamente a caridade e ignoras, ó miserável, que, enquanto receias que os bens de família venham a faltar, falta a própria vida e salvação. Enquanto te preocupas que algo dos teus bens não sofra diminuição, não percebes que tu mesmo diminuis. És mais amigo da riqueza que da tua alma, pois enquanto receias perder o teu patrimônio em favor de ti mesmo, tu mesmo perces em favor do teu patrimônio.

Por isso, clama com razão o Apóstolo, dizendo: “Nada trouxe para este mundo, nada, verdadeiramente, podemos levar. Se temos, portanto, o que comer e vestir, estejamos contentes. Os que querem enriquecer caem na tentação, no laço e em muitos desejos nocivos que lançam o homem na ruína e na perdição. Com efeito, a raiz de todos os males é a cobiça; por ela, alguns naufragaram da fé e acarretaram para si muitas aflições”^[29]

11 Temes que o teu patrimônio venha a se acabar, por acaso, se começares a praticar

largamente a caridade? Quando foi que se tornou possível faltar ao justo os meios de vida, se está escrito: “O Senhor não matará pela fome a alma justa”?^[30] Elias é alimentado no deserto pelo ministério dos corvos^[31] e uma refeição celeste é preparada para Daniel, que fora encerrado por ordem do rei numa cova e entregue aos leões.^[32] E tu receias mesmo que para ti, que fazes o bem e tens méritos, venha a faltar o alimento do Senhor, apesar de ele dizer e assegurar no Evangelho, como repreensão aos tíbios e

fracos na fé: “Considerai as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem recolhem, e não se corrompem; todavia, o Pai celestial que ali se encontra, não se corrompe, e não se dá a elas?”.^[33] Deus nutre as aves; os pássaros recebem o alimento de cada dia; a eles, que não possuem o menor conhecimento de realidade divina, não falta nem comida, nem bebida. Tu crês que faltará algo a um cristão, a um servo de Deus, a alguém devotado às boas obras, a alguém que é caro ao Senhor?

12 A não ser que penses que quem dá alimento ao Cristo não é ele próprio alimentado pelo Cristo, ou que faltarão as coisas terrenas a quem são dadas as celestiais e divinas. De onde esse pensamento incrédulo? De onde esta ímpia e sacrílega reflexão, que faz na casa da fé^[34] um coração infiel? Por que se chama e se diz cristão quem não crê absolutamente em Cristo? A ti convém mais o nome de fariseu.

Com efeito, quando, percorrendo no Evangelho acerca das esmolas, o Senhor nos advertiu salutar e fielmente que devemos, com os lucros terrestres e por previdente caridade, angariar amigos que mais tarde nos recebessem nas mansões eternas.^[35] Depois disso, a Escritura acrescenta: “Ouviam tudo isso os fariseus que eram excessivamente avarentos e o ridicularizavam”.^[36]

Tais são alguns que vemos agora na Igreja, cujos ouvidos surdos e corações duros não admitem qualquer ilustração das advertências espirituais e salvadoras. Não nos devemos admirar que, no [seu] modo de agir, esses tais desprezem o servo, quando vemos o próprio Senhor ser desprezado por tal gente.

O peso e o engano da avareza

13 Por que te vanglorias com estes pensamentos ineptos, estando por te afastares das boas obras por medo e preocupação com o futuro? Por que apresentas certas imagens e ilusões de uma vã escusa? Confessa antes o que é verdade; revela as coisas secretas e escondidas do pensamento, uma vez que não podes enganar os que sabem [o que é verdade]. As trevas da esterilidade envolveram o teu ânimo e privaram-no da luz da verdade; uma espessa e profunda nuvem de avareza cegou o coração carnal: és servo

e prisioneiro do teu dinheiro, estás ligado pelas cadeias e laços da cobiça. Assim, tu, que o Cristo já havia libertado, estás de novo preso. Conservas um dinheiro que, conservado, não te conserva. Acumulas um patrimônio que te oprime com o seu peso. Esqueces-te daquilo que Deus respondeu ao rico que se jactava, com estúpido contentamento, da superabundância dos frutos: “Estúpido”, disse, “nesta noite tua alma será arrancada; para quem, então, ficará o que acumulaste?” ^[37]

Por que sozinho te dedicas às tuas riquezas? Por que aumentas, para teu castigo, o peso do [teu] patrimônio, de modo que, quanto mais rico fores para o mundo, tanto mais pobre te tornarás para Deus. Divide tuas rendas com o teu Deus, reparte teus lucros com o Cristo; faz do Cristo teu sócio nos bens terrestres, a fim de que ele te faça seu co-herdeiro nos reinos celestiais.

14 Sejas quem for, erras e te enganas, se te julgas rico no mundo. Ouve a voz do teu Senhor no Apocalipse, censurando tais homens com justas repreensões: “Dizes: ‘sou rico, estou bem, nada me falta’; e não sabes que tu és um infeliz, pobre, cego e nu. Aconselho-te a que me compres ouro purificado pelo fogo para que fiques rico, uma veste branca para que te vistas e não se veja a ignomínia de tua nudez; unge os teus olhos com colírio para que vejas” ^[38]

Por conseguinte, tu que és abastado e rico, compra do Cristo, para ti, ouro purificado pelo fogo; a fim de que, quando tiveres como que consumido os teus pecados por esse fogo, tornando-te puro pelas esmolas e boas obras, possas ter um ouro limpo. Compra para ti a veste branca, a fim de que te cubra com a cândida vestimenta do Cristo, tu que, segundo Adão, estavas nu e que antes foste horivelmente disforme.

E quando o Reino do Cristo já for estabelecido, unge os teus olhos com a unção do dolo, mas com que ólio? O ólio do Cristo, a fim de que possas chegar a Deus, mas com que óleo? pelas boas obras e [bons] costumes te tornas digna de Deus.

Ninguém é dispensado da verdadeira caridade

15 De resto, tal como és, nem podes praticar a caridade na Igreja. Com efeito, teus olhos cobertos por espessas trevas e pela escuridão da pintura negra não veem o necessitado e o pobre. És abastada e rica e pensas que celebras o domingo. Tu, que nem sequer olhas para a caixa de esmolas, vens à celebração dominical sem oblação e ainda participas da oblação que o pobre ofereceu?

Considera a viúva do Evangelho que, lembrada dos preceitos celestes, deu esmola em meio aos próprios apertos e angústias da indigência, lançando no tesouro [do templo] as duas únicas moedas que tinha para si. Quando o Senhor a notou e observou, examinou-o seu ato não em função da quantia, mas da disposição; e, considerando não o quanto tinha dado, mas de quanto, respondeu, dizendo: “Em verdade, vos digo que esta viúva deu mais que todos para oblação a Deus. Pois todos aqueles, para oblação a Deus, deram do que lhes abundou; esta, porém, da sua indigência, deu tudo aquilo que tinha para o seu próprio sustento”.[39] Ó mulher muito feliz e gloriosa, que mereceu ser louvada pela voz do Juiz antes mesmo do dia do juízo!

Que os ricos se envergonhem de sua esterilidade e infelicidade! Uma viúva, e uma viúva sem recursos, se revela rica na caridade; e, como tudo que é oferecido é destinado aos órfãos e viúvas, dá aquela a quem cabia receber. [Isso], para que saibamos, por este testemunho, que castigo há para o rico estéril, quando até os pobres devem dar esmolas.

Para que compreendamos que estas esmolas são dadas a Deus, e que quem quer que as dê se torna merecedor diante dele, o Cristo as chama de oblação a Deus; e assinala que a viúva deu dois quadrantes em oblação a Deus, para que pudesse ser cada vez mais evidente que quem se compadece do pobre empresta a Deus.

16 Mas nem este [outro] motivo, irmãos caríssimos, contenha e afaste o cristão das obras de caridade e justiça: o fato de alguém se presumir poder ser dispensado delas por causa dos filhos. Pois, nas despesas espirituais, devemos lembrar que o Cristo testemunhou ser ele quem recebe. [Por isso,] não antepomos conservos aos nossos filhos, mas o próprio Senhor, que adverte e instrui, dizendo: “Quem ama o pai e a mãe mais que a mim não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais que a mim não

[40]

~~Odegronda ministão esdual monta, para o ltarescimento, dize e paia a mã Deus nos~~
conheço’, e não conhece os seus filhos, esse guardou os teus preceitos e observou o teu
testamento”.[41] Com efeito, se amamos a Deus de todo o coração, não devemos
antepor nem os pais nem os filhos a Deus.

João diz na sua epístola que o amor de Deus não habita naqueles que vemos que recusam esmola aos pobres: “Quem possuir”, diz ele, “bens do mundo e vir o irmão necessitado e lhe fechar o coração, como permanecerá nele o amor de Deus?”. [42]

Se, pois, fazendo esmolas aos pobres, emprestamos a Deus e, dando aos mínimos, damos ao próprio Cristo, não há motivo para que alguém prefira as coisas terrestres às celestes, nem para que anteponha as coisas humanas às divinas.

17 Assim agiu aquela viúva do Primeiro Livro dos Reis. [Enquanto] ela cozia nas cinzas pão com a farinha e o óleo que restaram – e depois de comê-lo estaria por morrer com seus filhos, pois tudo tinha sido consumido durante a seca e a fome –, chegou Elias e pediu a ela que primeiro lhe fosse dado algo para comer; depois, com o que sobrasse, ela alimentaria a si e a seus filhos.^[43] Ela não hesitou em obedecer; a mãe, mesmo na fome e na indigência, não antepôs os filhos a Elias. De fato, faz diante de Deus o que agrada a Deus; prontamente e de bom grado, oferece o que era pedido. Não oferece uma parte da fartura; mas, do pouco, tudo é dado: e estando os filhos com fome, um outro é alimentado em primeiro lugar. Nem na penúria e na fome se pensa antes na comida que na misericórdia; de modo que, enquanto a vida é carnalmente desprezada, a alma é espiritualmente salva por uma obra salutar.

Elias, então, sendo figura do Cristo e mostrando como Ele retribui adequadamente a cada um por [sua] misericórdia, respondeu dizendo: “Isto diz o Senhor: A vasilha de farinha não se esvaziará e o frasco do azeite não diminuirá até o dia em que o Senhor der chuva sobre a terra”.^[44]

Conforme a garantia da promessa divina, se multiplicara e amontoara para a viúva o que ela dera. Pelas obras justas e pelos méritos da misericórdia, as vasilhas de farinha e azeite se encheram com o aumento e o incremento do que dera.

A mãe não tirou dos filhos o que deu a Elias, mas, antes, favoreceu os filhos com o que fez benigna e piamente. E ela, que ainda não conhecia o Cristo, ainda não ouvira os seus preceitos, nem fora remida pela sua paixão e cruz, retribuía o sangue [dele] com comida e bebida. Que, a partir disso, se tornasse evidente o quanto peca na Igreja quem, antepondo o próprio eu e os filhos ao Cristo, conserva as suas riquezas e não põe o seu abundante patrimônio em comum com a pobreza dos indigentes.

A caridade dos pais estende seus frutos aos filhos

18 “Mas são muitos os filhos em casa”, podes dizer; e a grande quantidade deles te impede de praticar largamente as boas obras. Todavia, por isso mesmo, por seres pai de muitos filhos, deves mais amplamente dar esmolas: são muitos aqueles pelos quais rogarás ao Senhor, são os pecados de muitos a serem resgatados, são as consciências de muitos a serem purificadas, são as almas de muitos a serem libertadas. Assim como na vida terrena, para manter e alimentar os filhos, a despesa é tanto maior quanto maior é o seu número, assim na vida espiritual, quanto maior for o número de filhos, tanto maior deve ser o orçamento das esmolas.

Jó oferecia numerosos sacrifícios pelos filhos: qual o número de filhos, tal era número de vítimas oferecidas a Deus. E, como a cada dia o pecado não falta diante de Deus, não faltavam sacrifícios quotidianos com os quais fossem purificados os pecados. Prova-o a Escritura, dizendo: “Jó, varão reto e justo, teve sete filhos e três filhas e purificava-os oferecendo por eles vítimas a Deus: oferecia um novilho pelos pecados de cada um dos seus filhos”.^[45] Se, portanto, amas verdadeiramente os teus filhos, se lhes tributas um afeto de caridade pleno e paterno, com mais forte razão deves dar esmolas, a fim de recomendá-los a Deus por suficientes obras de caridade.

Não penses que ele é para teus filhos um pai passageiro e fraco, mas empenha-te

19 por encontrar aquele que é Pai eterno e indefectível dos filhos espirituais. Entrega-lhe o cuidado dos teus bens, que conservas para os herdeiros. Que ele, com majestade divina, seja para os teus filhos um tutor, um curador, um protetor contra todos os detrimientos do mundo. O governo não toma, nem o fisco assola, nem qualquer trapaça forense usurpa um patrimônio confiado a Deus. A herança conservada sob a guarda de Deus está em segurança.

Isso é prover o futuro para os filhos amados; isso é cuidar com piedade paterna dos futuros herdeiros, conforme a promessa da Sagrada Escritura, que diz: “Fui moço e envelheci, mas não vi o justo abandonado, nem a sua posteridade na falta de pão. Quem diariamente se compadece e empresta tem a sua posteridade abençoada”.^[46] E de novo: “Quem vive na justiça irrepreensível deixará filhos felizes”.^[47]

Serás, portanto, um pai prevaricador e traidor, se não olhares cuidadosamente por teus filhos, se não zelares com verdadeiro e religioso devotamento pela sua conservação. Tu, que procuras mais o patrimônio terreno que o celestial, preferes entregar os teus filhos ao diabo em vez de ao Cristo. Pecas duas vezes, cometes dois crimes de igual tamanho: o de não preparares para os teus filhos o auxílio de Deus Pai, e o de ensinares teus filhos a amarem mais o patrimônio que a Cristo.

20 Sê antes, para teus filhos, um pai como Tobias o foi. Dá-lhes preceitos úteis e salutareis, como os que Tobias deu ao filho; ordena a teus filhos o que ele ordenou, dizendo: “E agora, filhos, eu vos mando: servi a Deus na verdade, fazei na sua presença o que lhe agrada; e aos vossos filhos, mandai que pratiquem a justiça e a esmola, e que se lembrem de Deus e sempre louvem o seu nome”.^[48] E de novo: “Em todos os dias

de tua vida, ó filho, tem a Deus presente no pensamento e não transgridas os seus preceitos. Pratica a justiça em todos os dias da tua vida e não andes no caminho da iniquidade, porque se te conduzires conforme a verdade, tuas obras serão tomadas em consideração. Dos teus bens, dá esmola, e não desvies a tua face de nenhum pobre. Age assim, e a face de Deus também não se desviará de ti. Na medida que possuíres, filho, faz assim: se tiveres grandes haveres, faz com eles mais esmolas; se tiveres pouco, reparte mesmo esse pouco. E não receies; quando fazes esmola, preparas uma boa

recompensa para ti, pois o dia da necessidade para aqueles que esmola praticam não deixa supremo”. [49]

A caridade perdura até a eternidade

21 Que espetáculo é este, irmãos caríssimos, cuja representação se realiza com Deus por espectador! Se, num grande espetáculo de gladiadores dos pagãos, se considera honrosa a presença dos procônsules ou dos imperadores, e aqueles que oferecem o espetáculo aumentam os gastos e a pompa, a fim de poderem agradar as autoridades, quanto mais ilustre e maior é a glória de ter a Deus e ao Cristo como espectadores do espetáculo! Como deve ser maior a pompa apresentada, como devem ser mais largos os gastos nesse espetáculo, ao qual afluem as potestades celestes, ao qual afluem todos os anjos, no qual o prêmio recebido de quem o oferece não é uma quadriga ou uma dignidade, mas é dada a vida eterna. O que se ganha não é o vão e passageiro aplauso do povo, mas se recebe a recompensa eterna do reino celestial!

22 E para que mais se envergonhem os preguiçosos, os estéreis, e os que, por cupidez do dinheiro, nada fazem pela obra da salvação; para que a vergonha da sua ignomínia e torpeza castigue mais fortemente a sua consciência impura, cada um coloque diante dos seus olhos o diabo com seus servos, isto é, com o povo da perdição e da morte, [na cena seguinte].

[No dia do juízo,] na presença do próprio Cristo que julga na balança da comparação, o diabo, em meio ao povo de Cristo, salta à frente para provocá-lo com estas palavras:

~~“Por estes, que vás comigo, eu nem recebi honra da minha família nem tei prestado o sangue. Mas também não lhes prometo o reino celeste, nem os restituo ao paraíso com a imortalidade readquirida. E, para mim, quão preciosos, quão grandes e com quanto esforço e trabalho prepararam espetáculos com pompa suntuosíssima. [E isso] com seus bens tendo sido empenhados ou vendidos. E, se a representação não tiver sido bem-sucedida, eles são expulsos com insultos e vaias. E, não raro, eles quase são apedrejados pela fúria popular.~~

Mostra, ó Cristo, os teus tais organizadores de espetáculo: os ricos, os que se apresentam com vultosos haveres; se, na Igreja que presides e observas, eles oferecem semelhante espetáculo com seus bens, tendo sido empenhados ou dispersos, ou melhor, tendo-os transferido para os tesouros celestiais, como possessão mudada para melhor.

~~Nestes meus espetáculos terrenos e passageiros, ninguém é alimentado, ninguém é vestido, ninguém é sustentado pelo conforto de alguma comida ou bebida. Tudo se desperdiça, em meio à loucura de quem se apresenta e ao erro de quem assiste, numa pródiga e estúpida ilusão de prazeres enganadores. Lá, [no teu espetáculo,] tu és vestido e alimentado nos teus pobres; tu prometes a vida eterna aos que são caridosos. Mesmo assim, dificilmente os teus, que são honrados por ti com recompensas divinas e prêmios celestes, igualam os meus, que pereceram!”.~~

23 Que responderemos a isso, irmãos caríssimos? Com que justificativas nos defenderemos, com que excusas desculparemos a mentalidade dos ricos, obscurecida por uma sacrílega esterilidade e por uma como que noite de trevas? Mesmo nas coisas pequenas somos inferiores aos servos do diabo, e não retribuímos a Cristo o

resgate da paixão e do sangue. Ele nos deu os mandamentos, instruiu os seus servos sobre o que lhes conviria fazer, prometeu uma recompensa para os que dessem esmola, ameaçou os improdutivos com o suplicio, proferiu a sua sentença, predisse o que haveria de julgar. Qual poderá ser a desculpa para o que falta, qual a defesa para os improdutivos?

Se o servo não fizer o que é ordenado, o Senhor fará o que ameaçou, dizendo: “Quando vier o filho do homem na sua glória, em companhia dos anjos, sentar-se-á no

trono de sua glória e todas as nações se reunirão diante dele. E ele separará uns dos cabritos à esquerda. E então o rei dirá aos que se acharem à direita: ‘Vinde, benditos do meu Pai, tomai posse do reino que para vós está preparado desde o início do mundo. Com efeito, eu tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, fui hóspede e me acolhestes, estive nu e me vestistes, estive enfermo e me visitastes, estive na prisão e me viestes ver.’ Responderão, então, os justos, dizendo: ‘Senhor, quando te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber? Quando te vimos hóspede e te acolhemos, nu e te vestimos? Quando enfim te vimos doente e no cárcere e te visitamos?’ Então o rei, respondendo, lhes dirá: ‘Na verdade vos digo, sempre que o fizestes a um dos mínimos dos meus irmãos, a mim o fizestes’. Então dirá aos da esquerda: ‘Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno que o meu Pai preparou

para o diabo e os seus anjos. Pois tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; fui hóspede e não me recebestes; estive nu e não me vestistes; estive doente e no cárcere e não me visitastes’. Então estes responderão, dizendo: ‘Senhor, quando te vimos passar fome ou sede, quando te vimos hóspede, nu, doente ou no cárcere e não te servimos?’. E ele lhes responderá: ‘Na verdade vos digo, sempre que não o fizestes a um desses mínimos, a mim é que o deixastes de fazer. E estes irão para o fogo eterno; mas os justos, para a vida eterna’”.

[50]

Que mais nos poderia o Cristo dizer? Como poderia incitar mais às obras de nossa justiça e misericórdia, senão dizendo que é dado a ele o que damos ao necessitado e ao pobre, e que é ele o ofendido quando não damos ao necessitado e ao pobre? De modo que aquele que não se comove com a face do irmão na Igreja comova-se com a contemplação do Cristo, e quem não pensa na penúria e sofrimento do [seu] conservo, pense no Senhor presente naquele a quem despreza.

A urgência da caridade

24 Por conseguinte, irmãos caríssimos, com fé plena, mente devota e contínuo exercício das boas obras, prestemos o obséquio ao Senhor, diante de quem devemos ser merecedores; nós, para quem o mundo já foi rejeitado e desprezado, que temos o temor voltado para Deus e o ânimo elevado para o que é superior e divino. Ofereçamos ao Cristo roupas terrenas; nós que receberemos vestes celestiais. Demos-lhe a comida e a bebida deste mundo, nós que participaremos do banquete celeste com Abraão, Isaac e Jacó. Semeemos abundantemente para não colher pouco. Enquanto é tempo, tomemos providências para a [nossa] segurança e a salvação, conforme o conselho do Apóstolo Paulo, que diz: “Por isso, enquanto é tempo, façamos o bem a todos, particularmente aos irmãos na fé. Não desanimemos de fazer o bem, pois a seu tempo colheremos”.^[51]

25 Consideremos, irmãos caríssimos, como procedia, no tempo apostólico, o povo dos crentes, quando, no próprio período de sua formação, a mente vigorava nas maiores virtudes e quando a fé dos crentes ainda ardia no seu calor inicial.

Eles, então, vendiam as casas e as propriedades, e ofereciam o [seu] valor aos apóstolos, com satisfação e generosidade, para ser distribuído aos pobres. Com o patrimônio terreno vendido e dissolvido, transferiam os fundos para onde recolheriam frutos de uma posse eterna, e adquiriam casas lá onde iriam começar a habitar para sempre.

A soma das esmolas, então, foi tal qual a concórdia no amor, como se lê nos Atos dos Apóstolos: “A multidão daqueles que creram agia com uma só alma e um só espírito; não havia entre eles a menor diferença, ninguém considerava como seu qualquer coisa dos bens que lhes pertenciam, mas todas as coisas eram comuns entre eles”.^[52]

Isso é tornar-se verdadeiramente filho de Deus por um nascimento espiritual. Isso é imitar, segundo a lei celeste, a equidade de Deus Pai.

Com efeito, tudo que é de Deus é para nosso uso comum, ninguém é excluído dos seus dons e benefícios, mas todo o gênero humano goza igualmente da bondade e da generosidade divinas. Assim, o dia ilumina igualmente [a todos], o sol aquece [a todos], a

~~divina caridade é o vento do Espírito beneficiando a todos~~; o sono é o mesmo para aqueles que

O proprietário que, seguindo o exemplo da equidade, reparte fraternalmente na terra os seus lucros e rendas, ao mesmo tempo que é justo e comunicativo nas distribuições gratuitas, torna-se um imitador de Deus Pai.

26 Qual será, irmãos caríssimos, a glória dos que deram esmolas; quão grande e suma a [sua] alegria, quando o Senhor começar a fazer o recenseamento do seu povo? Pois ele retribuirá os nossos méritos e boas obras com os prêmios prometidos: [dará] o que é celeste pelo que é terreno, o que é eterno pelo que é passageiro, o que é grande pelo que é pequeno; nos apresentará ao Pai, a quem nos restituiu pela sua santificação; nos conferirá a eternidade e a imortalidade, para as quais nos restaurou pela vivificação

do seu sangue; nos reconduzirá ao paraíso; nos abrirá o reino dos céus conforme a garantia e a veracidade de sua promessa.

Que possamos aderir firmemente a tudo isso com nossos sentimentos, compreendamos tudo isso com uma fé plena, amemos tudo isso de todo coração, readquiramos tudo isso pela magnanimidade de esmolas contínuas.

A caridade salvífica é gloriosa e divina, irmãos caríssimos, é grande apoio dos crentes, é garantia salutar da nossa segurança; é sustentáculo da esperança, é proteção para a fé,

que sem o perigo de perseguição, de exílio e de prisão, o grande Deus, fácil é a coroa para os enfermos e glorioso para os fortes, com cujo auxílio o cristão completa a graça espiritual, tem mérito diante do Cristo juiz, faz de Deus um devedor.

Lutemos de bom grado e com prontidão por essa palma das boas obras salvadoras, corramos todos no estádio da justiça, tendo Deus e o Cristo como espectadores; e, como já começamos a nos tornar superiores ao século e ao mundo, não retardemos a nossa carreira por qualquer cobiça do século e do mundo.

Se o [último] dia, ou o da retribuição ou o da perseguição, nos encontrar correndo desembaraçados, céleres, neste estádio da esmola, o Senhor jamais faltará com o prêmio para nossos méritos. Aos que vencerem na paz, dará uma coroa branca pelas boas obras, aos que vencerem na perseguição, acrescentará a coroa purpúrea do martírio.

O BEM DA PACIÊNCIA

INTRODUÇÃO^[*]

Monjas Beneditinas
Abadia N. S. das Graças
Belo Horizonte, MG

Depois dos opúsculos sobre a oração (*De oratione dominica*) e sobre a esmola (*As boas obras e a esmola*), dois elementos que, com o jejum, constituem para o católico o compêndio clássico das boas obras, e depois do livro em que trata da morte como passagem para a verdadeira vida (*De mortalitate*), apresentamos o *De bono patientiae*.

A palavra latina *patientia* oriunda do verbo *pati* significa, em primeiro lugar: “ação de sofrer, de suportar”, de acordo com a definição de Cícero: “*patientia est [...] rerum arduarum ac difficilium voluntaria ac diuturna perpessio*”^[1]. Em sentido derivado, significa: “coragem em suportar, firmeza, constância”. O primeiro sentido exprime um fato, é de caráter objetivo; o segundo expressa uma disposição subjetiva.

Na nossa língua, “paciência” é sinônimo de “resignação”, correspondendo ao sentido subjetivo derivado da palavra em latim. Isso deve ser bem salientado, para que a semelhança das palavras (*patientia* – paciência) não leve a um equívoco entre o sentido latino predominantemente objetivo e o português subjetivo.

Resta-nos agora, para entender o título e o conteúdo do nosso opúsculo, saber em que sentido São Cipriano usou a palavra.

Uma leitura atenta da obra revela que o Santo Bispo a empregou, na maior parte das vezes, no sentido primário objetivo, e que esse é o sentido da palavra no próprio título. Mas o emprego não é exclusivo. Assim, diz ele da paciência que “essa virtude nos é comum com Deus” (3), e fala da grandeza da paciência de Deus (4), cuja imitação inculca (5). Ora, Deus sendo impassível e estando acima de todo e qualquer sofrimento, dele não se pode dizer que tem paciência nem no sentido objetivo nem no subjetivo, de modo que nesses lugares a palavra paciência deve ser entendida num sentido metafórico ou, mais exatamente, como sinônimo da longanimidade. Além disso, numa ou noutra passagem, São Cipriano parece empregar a palavra no sentido subjetivo. Aliás, cumpre desde logo notar que a acepção objetiva, quando sai da pena de São Cipriano, sempre inclui implicitamente a subjetiva; seria absurdo supor que o Santo Padre teça os louvores da “ação de sofrer” sem que a essa ação – que é antes uma paixão – corresponda a disposição subjetiva conveniente.

Do exposto, pode o leitor concluir que, ao encontrar, no decorrer da leitura do opúsculo ora traduzido, a palavra paciência, esta deve ser entendida, na maioria das vezes, no sentido objetivo de “*perpessio rerum arduarum*”, de “ação de sofrer, de suportar” – quase como sinônimo de “sofrimento” –, como o próprio contexto, aliás, o indica suficientemente. Na presente introdução empregamos a palavra paciência no

mesmo sentido.

Após essa indispensável fixação do sentido das palavras, tornada ainda mais necessária no nosso tempo, vejamos por que o santo bispo de Cartago escreveu a sua obra sobre a paciência, qual a sua ligação patente ou latente com outros opúsculos do mesmo Santo Padre e, por fim, procuremos sintetizar o conceito da paciência cristã contido no *De bono patientiae*

Os patrólogos situam a redação do nosso opúsculo no último período do pontificado de São Cipriano (c. 356). Confiando em relação com a célebre querela versou sobre o batismo e os acontecimentos, mas as recomendações nele contidas para suportar, para não procurar vingança, para imitar a longanimidade de Deus, tudo isso sugere tempos de agitação e de ânimos exaltados. São Cipriano não sustentou, por ocasião da querela batismal, o ponto de vista verdadeiro, a saber, o de toda a Igreja; não obstante isso, as suas palavras sobre a atitude paciente diante do sofrimento físico ou moral conservam toda a sua autoridade, que deve ser acatada, por ser a de um Santo Padre da Igreja, de um grande mártir.

Embora haja a possibilidade de o *De bono patientiae* aproximar-se cronológica e tematicamente (ou pastoralmente) de outro opúsculo de São Cipriano, o *De zelo et livore*,^[2] preferimos nesta introdução ressaltar a ligação com outro opúsculo de três ou quatro anos antes, o *De mortalitate* ainda que São Cipriano provavelmente nunca tenha refletido sobre a conexão entre essas duas obras.

Apesar de essas obras versarem sobre assuntos aparentemente diferentes, no fundo consideram dois aspectos da mesma realidade: o *De mortalitate* elucida o problema da morte na base da imitação do Cristo (“a morte foi absorvida na vitória”^[3]) e o *De bono patientiae* trata da mortificação na mesma base da imitação do Cristo. A mortificação, como a própria palavra o sugere, é apenas um processo de morte *in fieri*, em processo, e tem o seu último sentido na própria morte, que se reveste de um caráter de consumação. O que o *De mortalitate* por conseguinte, considera em sua consumação, o *De bono patientiae* encara no seu desenvolvimento, *in fieri*; mas a realidade considerada é a mesma. Aliás, seja dito de passagem, quanto mais se estudam e se conhecem as obras de

São Cipriano, melhor se aprecia e aprofunda a unidade de pensamento que reina em todas elas.

Fazendo a tentativa de sintetizar o conceito de paciência cristã contido no presente opúsculo, julgamos dever começar por excluir dois tipos de paciência bem conhecidos nos nossos tempos, opostos ou alheios à verdadeira paciência, que é a do Cristo. O primeiro é o tipo que podemos chamar de “naturalista”.

Para o homem naturalista, que está instalado neste mundo da maneira mais cômoda que lhe é possível, o sofrimento, as doenças, a mortificação, são fenômenos desconcertantes, absurdos, que não se podem negar, porque são demasiado palpáveis, mas que se procura suprimir ou então esquecer. Para esses, a paciência é o mal menor; aceita-se o sofrimento porque não há outro jeito, porque esperar ainda pode piorar a situação. É a paciência do inevitável. Essa atitude naturalista diante da mortificação e do

sofrimento contaminou, infelizmente, não poucas almas de boa vontade, gerando, em contato com o sentimento religioso, um curioso tipo híbrido, o tipo beato de paciência.

A paciência beata se reveste, então, das aparências de pusilanimidade, de uma perpétua capitulação diante das adversidades. É a atitude de quem arredonda as costas ao levar as pancadas, sem saber muito bem nem por que apanha nem por que não reage. Deve-se, porém, notar que entre esse tipo beato e o tipo naturalista há um abismo, cavado pela influência do elemento religioso, se bem que, ao nosso ver, o beato é fruto

do ~~da~~ ^{da} ~~infiltração~~ ^{infiltração} ~~naturalista~~ ^{naturalista} e revalorização moderna da antiga paciência pagã, que pode ser encontrada nos movimentos totalitários e nos ideológicos. Esse tipo tem em comum com o naturalista dois pontos: o homem só conta com a vida neste mundo, onde, por conseguinte, procura se instalar da melhor maneira; como o naturalista, o totalitarista e o ideológico consideram o sofrimento como uma fatalidade trágica. Mas daqui em diante divergem; o naturalista não encontra sentido nem redenção para o sofrimento, ao passo que o totalitarista e o ideológico chegam a, de certo modo, aceitar e a abraçar certo sofrimento e certa mortificação – ou pelo menos aceitam levantar certa bandeira de sofrimento e mortificação –, contanto que seja em função do que chamaremos de “seu mito” (classe, raça, nação, partido, gênero...), quer dizer, contanto que esse sofrimento tenha um sentido no mito e nele encontre uma redenção. A paciência totalitária e a ideológica, porém, são parciais e mutiladas: estendem-se apenas ao sofrimento pelo mito, pois aquele que sofre só encontra um sentido para as suas dores e uma redenção para o seu sacrifício na medida em que coopera para a vitória da sua classe ou da sua raça, da sua nação ou do seu partido, do seu gênero. Fora disso, o sofrimento não tem sentido, por isso se suprime tudo o que lembre um sofrimento ulterior.

Os tipos totalitário e ideológico são, sem dúvida, mais nobres do que o naturalista; suas atitudes diante do sofrimento são mais virtuosas, têm ao menos um organismo para compreender a mortificação – coisa que o naturalista autêntico nem pode conceber. Sob esse ponto de vista, são dignas de especial menção certas atitudes de solidariedade. Mas não por isso os tipos de paciência totalitarista e ideológico são menos falsos. São Cipriano diz que a paciência dos filósofos de seu tempo é tão falsa quanto a sua sabedoria (2). A mesma objeção pode ser movida contra as paciências totalitária e ideológica: são tão falsas quanto as suas tentativas de procurar a realização consumada deste mundo neste mundo, sem o Reino dos Céus, sem o Cristo.

Mas não é só por partir de princípios errados que as paciências totalitária e ideológica são falsas; é também por serem, como dissemos, parciais e mutiladas: tanto os totalitarismos quanto as ideologias são desgraçadamente uma ~~totalitarização~~ ^{totalitarização} de parte da realidade; por isso não dão o sentido de todos os sofrimentos, e mormente redimem o sofrimento apenas em função de um fim a ele extrínseco, transformando-o em meio sem o dignificar em si. A paciência cristã de que trata São Cipriano é algo que difere radicalmente dos dois tipos precedentes.

A paciência cristã de que trata São Cipriano parte da consideração de que o homem é um simples peregrino neste mundo, que espera a felicidade perfeita na pátria verdadeira

que é o céu; parte do conhecimento do pecado original e de suas consequências; e, finalmente, da Redenção pelo Cristo. A paciência cristã não é nem a resignação dos economicamente privilegiados, nem o conformismo beato, nem a dignificação parcial e extrínseca do sofrimento em função de um mito. É, no seu mais profundo sentido, imitação do Cristo. Não é, porém, uma imitação meramente psicológica e moral, mas sim num sentido de participação, graças à inserção do fiel no Corpo Místico.

Com efeito, o Cristo não é para nós apenas um grande homem, de maravilhosas

~~Parâmetros. Adistância, na penumbra, do Desolado, a que imitamos. Igreja, que poderíamos imitar~~
e complemento”, [4] de cuja morte e ressurreição participamos – “com Cristo morrestes”; [5] “ressuscitastes com Cristo” [6] –, no qual estamos “arraigados e sobreedificados”, [7] no qual vivemos de tal modo que dele nos revestimos, [8] de quem se pode dizer que é o nosso próprio viver [9], que “é tudo em todos”. [10] A paciência é imitação do Cristo, mas com a especificação de ser imitação de sua exinanição, participação de sua paixão.

São Bento, no prólogo de sua Regra, escreve: “Participemos da paixão do Cristo por meio da paciência”. Quando um católico experimenta, como católico, as adversidades e os sofrimentos, quando está doente, quando é vítima de uma calúnia, quando é injustamente despojado de seus bens ou de sua fama, quando tem de suportar as próprias fraquezas ou as do próximo, está participando efetivamente da paixão do Cristo, numa palavra, está exercendo a paciência na imitação do Cristo. A inserção dos nossos sofrimentos na paixão do Cristo é tão real que São Paulo não hesita em afirmar: “alegro-me nos sofrimentos por vós e cumprio na minha carne o que falta à paixão do Cristo, pelo seu corpo que é a Igreja”. [11] Segundo estas palavras do Apóstolo, os sofrimentos do Corpo Místico se inserem de tal maneira nos do Corpo Físico de Cristo que, por assim dizer, os completam. E dessa inserção nenhum sofrimento é excluído. A paciência cristã é total e universal.

A paciência cristã acarreta também a dignificação intrínseca do sofrimento; só ela encontra um sentido no sofrimento em si, não apenas no fruto ou na finalidade extrínseca dele. E isso por ser a paciência cristã imitação da exinanição do Cristo, participação na

~~sua paixão. Com efeito, o epílogo da paixão do Cristo não foi a corrupção do sepulcro,~~
mas a glória da ressurreição. Participamos da paixão – não de uma paixão qualquer –, mas da “paixão gloriosa” do Cristo que já ressuscitou. Nós ainda não ressuscitamos gloriosos, pois o epílogo da nossa paciência ainda não chegou; mas desde já, graças às primícias da ressurreição do Cristo, encerra a nossa paciência uma glória em mistério, que por ser oculta não é menos verdadeira. À luz da fé podemos vislumbrar, através das espécies do sofrimento e da exinanição, a glória que está contida em cada humilhação, em cada adversidade, como graças à mesma fé podemos reconhecer debaixo das espécies de pão e vinho o Corpo e o Sangue do Senhor. Pela fé, pois, vislumbramos, como num enigma, a glória em mistério da paciência que será plenamente revelada no grande dia da parusia do Cristo e da ressurreição gloriosa dos nossos corpos.

São Paulo nos fala dessa revelação futura em mais de um lugar: “Se fomos plantados

com ele à semelhança de sua morte, sê-lo-emos igualmente na conformidade de sua ressurreição”;^[12] “se somos mortos com Cristo, cremos que juntamente viveremos também com Cristo”;^[13] “à medida que em nós crescem os sofrimentos de Cristo, crescem também por Cristo as nossas consolações; como sois companheiros das aflições, assim também o sereis da consolação”;^[14] “tendo-me configurado à sua morte, para ver se de alguma maneira posso chegar à ressurreição, que é a dos mortos”.^[15] São Pedro exprime magnificamente a glória da paciência: “alegrai-vos por ser participantes dos sofrimentos de Cristo, para que vos alegreis também com júbilo na manifestação da sua glória”.^[16] Alegrar-nos-emos no júbilo futuro, mas desde já nos devemos alegrar na paciência, na participação dos sofrimentos do Cristo. É São Pedro quem o diz: “alegrai-vos”. Aliás, não é essa a voz do sermão da montanha na afirmação das bem-aventuranças? “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados”.^[17] Já são hoje bem-aventurados, se bem que a consolação ainda esteja por vir.

Qualquer sofrimento, seja físico ou moral, qualquer paciência de um cristão enquanto cristão, é algo de sagrado, é um mistério religioso. E sem negar a dor e a angústia, sem querer diminuir a realidade bem concreta da exinanição, do abatimento psíquico, do tremor, do suor frio – ou mesmo do suor do sangue –, temos de considerar à luz da fé

qualquer sofrimento de um católico como uma paixão gloriosa, como um triunfo e uma vitória. E um dia esse triunfo, hoje ainda escondido, irreconhecível aos olhos dos que não têm fé, há de brilhar numa definitiva transfiguração.

Tem, pois, a paciência uma íntima relação com a esperança, e contém por essência uma fortíssima tensão escatológica. Nos últimos capítulos do opúsculo (21-24), São Cipriano trata profusamente desse aspecto. Numa citação do Apocalipse, vemos as almas dos mártires que, debaixo do altar, clamam pelo Juízo e pela vindicação, isto é, pela revelação plena da glória misteriosamente contida na sua paciência, no seu martírio. Essa revelação deve se operar em conjunto com a manifestação final (escatológica) da glória do Cristo, daquele que foi cuspidor, esbofetado, flagelado, crucificado, e que ainda hoje é negado, blasfemado e incompreendido, daquele que se calou, mas que não ficará sempre calado.

O conceito cristão da paciência é uma chave para a compreensão do sofrimento, o que equivale a dizer, para a compreensão da vida humana e da história. O sofrimento continua a ser sofrimento, mas não é mais um fenômeno trágico e desconcertante, porém o sinal visível de uma glória invisível. O cristão que sofre, seja ele um hanseniano ou um tuberculoso, não é mais um simples pobre coitado, que excita a comiseração sentimental dos filantropos, mas um membro do Cristo que imita de um modo especial o Redentor, que o retrata de um modo mais perfeito. Por conseguinte, diante de um mendigo aleijado, a atitude de quem tem fé deve ser a de respeito e veneração: “que o Cristo neles seja adorado”, conforme o que prescreve S. Bento ao tratar, na sua Regra (53), da recepção dos hóspedes.

À luz desses princípios, vemos o mundo com outros olhos. É a visão na fé. São

Cipriano nos apresenta nos seus curtos e despretenciosos opúsculos uma coleção de *lógia* pastorais baseados na sua profunda fé. É um representante da Tradição que comunica o depósito divino. Como os demais opúsculos, o *De bono patientiae* é um fermento fortíssimo, ou se preferirmos uma imagem mais moderna, uma bomba incendiária que propagará o incêndio que o Cristo veio lançar na terra. ^[18]

O BEM DA PACIÊNCIA

Cipriano de Cartago

A paciência, o melhor caminho

1 Indo falar da paciência, caríssimos irmãos, e pregar sobre sua utilidade e vantagens, por onde melhor começarei, senão pelo que vejo nesse momento, que a paciência vos é necessária também para ouvir-me? Sem paciência, não podeis fazer o que ouvis e aprendeis. Então, só se assimila eficazmente a palavra e a doutrina da salvação se se ouve pacientemente o que é dito.

Não encontro, irmãos caríssimos, entre os demais caminhos da disciplina celeste – pelos quais a comunidade da nossa fé e da nossa esperança é por Deus conduzida para alcançar o prêmio –, um que seja mais útil para a vida ou mais necessário para a glória de nós que nos firmamos nos preceitos do Senhor, com o obséquio do temor e da devoção, do que principalmente conservar a paciência com todo o cuidado.

A falsa paciência

2 Também os filósofos professam [ter] a paciência. Mas neles a paciência é tão falsa quanto é falsa a [sua] sabedoria. Com efeito, como poderá ser sábio ou paciente quem não conhece nem a sabedoria nem a paciência de Deus? Pois ele mesmo, referindo-se aos que se julgam sábios no mundo, admoesta e diz: “Destruirei a sabedoria dos sábios, e rejeitarei a prudência dos prudentes”.^[1] Igualmente, o bem-aventurado apóstolo Paulo, repleto do Espírito Santo e enviado para converter e instruir os gentios, testemunha e ensina, dizendo: “Estai de sobreaviso para que ninguém vos prejudique com filosofia e com vão engano, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo o Cristo, pois nele habita toda a plenitude da divindade”.^[2] E noutro lugar, diz: “Que ninguém se iluda. Se entre vós alguém pensa que é sábio, faça-se tolo em relação a este mundo, a fim de se tornar sábio. Com efeito, a sabedoria deste mundo é tolice diante de Deus. Pois está escrito: ‘Apanharei os sábios na sua própria astúcia’”. E ainda: “O Senhor conhece os pensamentos dos sábios, que são tolos”.^[3]

Por conseguinte, se sua sabedoria não é verdadeira, verdadeira também não pode ser a paciência. Pois, se paciente é aquele que é humilde e manso, e vemos que os filósofos não são nem humildes nem mansos, mas muito cheios de si – e desagradam a Deus por isso mesmo, porque se comprazem em si próprios –, é evidente que não se encontra a paciência onde existe o insolente atrevimento de uma liberdade afetada e a imodesta ostentação de um peito descoberto e seminu.^[4]

O cristão imite a paciência de Deus

3 Nós, porém, irmãos diletíssimos, que somos filósofos não de boca, mas de fato – nós, que trazemos a sabedoria [mostrando-a] não no traje, mas na verdade; que estamos mais habituados à consciência das virtudes que à sua ostentação; que não falamos grandes coisas, mas as vivemos –, demonstremos, em obséquios espirituais, como servos e adoradores de Deus, a paciência que aprendemos nos celestiais ensinamentos.

Com efeito, essa virtude nos é comum com Deus, em quem se origina a paciência, em quem tem início a sua glória e dignidade. A origem e grandeza da paciência procedem da autoria de Deus. Uma coisa que é cara a Deus é para o homem algo que deve ser amado; a majestade divina recomenda o bem que ama. Se Deus é nosso Senhor e Pai, imitemos a paciência tanto do Senhor como do Pai, pois cabe aos servos serem obedientes, e aos filhos não convém serem degenerados.

4 Mas qual e quão grande é a paciência em Deus, que pacientíssimamente suporta os tempos profanos, os ídolos feitos de pó e os ritos sacrílegos instituídos pelos homens em afronta à sua majestade e à sua honra: ele faz o dia nascer e a luz do sol levantar igualmente sobre os bons e os maus; e, quando rega a terra com as chuvas, ninguém é excluído de seus benefícios, mas concede de igual maneira as mesmas chuvas aos justos

e injustos, que, por determinação de Deus, as estações se submetem e os elementos servem tanto aos culpados como aos inocentes, aos religiosos como aos ímpios, aos agradecidos como aos ingratos; os ventos sopram, as fontes jorram, crescem as riquezas das colheitas, crescem os frutos dos vinhedos, carregam-se as árvores de frutos, frondejam os bosques, florescem os prados [para uns como para outros] numa ininterrupta continuidade de paciência.

E ainda que Deus seja provocado por frequentes, ou melhor, por contínuas ofensas, ele modera sua indignação e aguarda pacientemente o dia, determinado [para] uma única vez, do ajuste de contas. E ainda que tenha a vingança em seu poder, prefere conservar a paciência por muito tempo, isto é, suportando clementemente e contemporizando; para que, assim, a maldade por muito prolongada, sendo possível, algum dia se mude; e o

homem, despojado da contaminação dos erros e dos crimes, se volte enfim para Deus, que admoesta, dizendo: “Não quero a morte do pecador, mas que se converta e viva”.^[5] E de novo: “Voltai ao Senhor vosso Deus, porque é misericordioso, benigno, paciente, de muita compaixão, abrandando a sentença infligida contra as maldades”.^[6]

O bem-aventurado Apóstolo Paulo também propõe o mesmo; admoestando e chamando o pecador à penitência, diz: “Por acaso desprezas a longanimidade, a paciência e a opulência de sua bondade, ignorando que a paciência e bondade de Deus te conduzem à penitência? Tu, porém, conforme a tua obstinação e o teu coração impenitente, entesouras a ira para ti no dia da ira e da revelação do justo Juízo de Deus, que dará o devido a cada um segundo as suas obras”.^[7] Disse que o Juízo de Deus é

justo por ser tardio, porque é diferido por muito tempo, de modo que, pela dilatada paciência de Deus, o homem se beneficie para a vida. O castigo, então, será aplicado ao ímpio e ao pecador quando já não puder valer o arrependimento do pecado.

5 E para que possamos compreender melhor, irmãos diletíssimos, que a paciência é realidade divina, e que quem é afável, paciente e brando é imitador de Deus Pai, o Senhor – quando dava, no seu Evangelho, os preceitos para a salvação, e, proferindo divinas advertências, instruía os discípulos na perfeição – determinou, dizendo: “Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem, para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus, que faz o seu sol levantar-se sobre os bons e os maus, e faz chover sobre os justos e os injustos. Se, pois, amardes aqueles que vos amam, que recompensa tereis? Os publicanos também não fazem assim? E se saudardes somente os vossos irmãos? Que fazeis a mais? Os gentios não fazem também o mesmo? Sede, pois, vós perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito”.^[8]

Disse que os filhos de Deus assim se tornam perfeitos, mostrou e ensinou que assim os regenerados pela natividade celestial são consumados: se a paciência de Deus Pai permanece em nós, se a semelhança divina, que Adão perdera pelo pecado, se manifesta e brilha nas nossas ações. Que glória em se tornar semelhante a Deus! Qual e quão grande felicidade em se possuir em virtudes algo que possa ser equiparado aos louvores

Cristo ensinou a paciência com palavras e obras

6 Jesus Cristo, irmãos diletíssimos, Senhor e Deus nosso, não ensinou isso somente por palavras, mas também o cumpriu em obras. E porque dissera ter descido para isto, para fazer a vontade do Pai, entre outros admiráveis prodígios, pelos quais manifestou os sinais da majestade divina, conservou também a paciência paterna pela perseverança da tolerância.

Com efeito, todos os seus atos, a contar da própria chegada, são assinalados pela paciência que os acompanha. Primeiro, descendo daquela altura celeste para as coisas da terra, o Filho de Deus não desdenha revestir-se da carne do homem e, apesar de não ser ele pecador, assumir os pecados alheios. Posta de parte por algum tempo a imortalidade, consente também em se tornar mortal, a fim de, inocente, ser morto para a salvação dos culpados.

O Senhor é batizado pelo servo; e ele, que ia dar a remissão dos pecados, não desdenha lavar o corpo no lavacro da regeneração. Jejua durante quarenta dias aquele pelo qual os outros são nutridos; sente e passa fome, para que sejam saturados com o pão celeste os que tinham fome da palavra e da graça. Luta com o diabo, que o tenta, e, contente com ter apenas vencido o inimigo, nada empreende além das palavras. Não dirigiu os discípulos como servos, com domínio de Senhor, mas, benigno e brando, os amou com caridade fraterna. Dignou-se também a lavar os pés dos Apóstolos, para, com o seu exemplo, já que o Senhor assim age em relação aos servos, ensinar de que modo um servo deve agir em relação aos seus companheiros e semelhantes. Não é de admirar que se tenha ele mostrado assim entre os obedientes, quando, com longa paciência, pôde suportar Judas até o fim, tomar a refeição com o inimigo, conhecer o comensal hostil sem denunciá-lo claramente, e não recusar o beijo do traidor.

Quanta equanimidade e quanta paciência em tolerar os judeus! Em levar com persuasões os incrédulos para a fé, em acalantar os ingratos com obséquios, em responder afavelmente aos contraditores, em suportar clementemente os soberbos, em retirar-se humildemente diante dos perseguidores, em querer, até a hora da cruz e da paixão, ganhar os matadores dos profetas, sempre rebeldes contra Deus.

Durante a própria paixão e na cruz, antes que se chegasse à crueldade da morte e à efusão do sangue, quanta infâmia afrontosa, pacientemente ouvida, quantas irrisões injuriosas toleradas! Recebeu as cusparadas dos que o insultavam aquele que, pouco antes, reconstituíra com a sua saliva os olhos do cego. Aguentou os açoites aquele em cujo nome e por cujos servos é agora o diabo flagelado com os seus anjos. Foi coroado de espinhos aquele que coroa os mártires com flores eternas. Foi agredido no rosto pelas palmas zombeteiras aquele que dá aos vencedores as verdadeiras palmas. Foi despojado das vestes terrenas aquele que reveste os outros com o indumento da imortalidade. Foi alimentado com fel aquele que deu um alimento celeste. Àquele que ofereceu o cálice da salvação deram vinagre para beber!

Ele, o inocente, ele, o justo, ou melhor, a própria inocência e a própria justiça, é contado entre os criminosos; a verdade é oprimida por falsos testemunhos; é julgado

quem há de julgar; e a Palavra de Deus é conduzida calada para a imolação. Diante da cruz do Senhor, enquanto os astros ficam desorientados – os elementos se perturbam: a terra treme, a noite põe termo ao dia; o sol, a fim de não ser obrigado a contemplar o crime dos judeus, esconde tanto os seus raios como os seus olhos –, ele não fala, não se move, nem ao menos durante a própria paixão dá a conhecer a sua majestade. Tudo é suportado até o fim com perseverança e sem interrupção, a fim de que a paciência plena e perfeita seja consumada no Cristo.

8 Ainda assim, depois disso tudo, acolherá os seus ~~mtadores~~ ^{arrepentidos}, se a ele voltarem arrependidos; benigno e paciente, com uma salutar paciência para poupar [os homens], a ninguém fecha a sua Igreja. Mesmo àqueles adversários, àqueles blasfemadores, àqueles perpétuos inimigos de seu nome, se fizerem penitência do pecado, se reconhecerem o crime cometido, não somente dará acesso ao perdão do ato criminoso, mas também ao prêmio do reino celestial. O que se pode imaginar de mais paciente e de mais benigno? É vivificado pelo sangue do Cristo mesmo aquele que derramou o sangue do Cristo. Tal e tanta é a paciência do Cristo que, se não fosse tal e tão grande, a Igreja nem mesmo teria Paulo como Apóstolo.

Imitemos o Cristo por estar nele

9 Ora, se estamos em Cristo, irmãos diletíssimos, se dele nos revestimos, se ele é o caminho da nossa salvação, nós, que seguimos o Cristo nas suas pegadas salutareis, caminhemos pelos exemplos do Cristo, conforme o Apóstolo João ensina, dizendo: “Quem diz que permanece em Cristo, deve também caminhar como ele caminhou”.^[9]

Pedro, sobre quem, por escolha do Senhor, foi fundada a Igreja, igualmente dispõe e diz na sua Epístola: “O Cristo padeceu por vós, deixando-vos o exemplo, a fim de que sigais as suas pegadas; ele que não cometeu pecado, e em cuja boca não se encontrou engano; ele que, quando era amaldiçoado, não respondia com maldições; quando padecia, não ameaçava; entregava-se, porém, a quem o julgava injustamente”.^[10]

O exemplo dos patriarcas e dos profetas

10 Por fim, vemos que os patriarcas, os profetas e todos os justos – que traziam, qual imagem antecipada, a figura do Cristo, para louvor de suas virtudes – nada melhor observaram do que a conservação da paciência com infatigável e estável equanimidade.

Assim, Abel é o primeiro que, inaugurando e consagrando a ordem do martírio e o sofrimento do justo, não resiste, nem luta contra o irmão fraticida; mas, humilde e brando, é assassinado pacientemente. Do mesmo modo Abraão, crendo em Deus e

sendo o primeiro a lançar a raiz e o fundamento da fé, tentado a propósito do filho, não duvida nem demora, mas atende aos preceitos de Deus com toda a paciência da devoção. Também Isaac, prefigurado à semelhança da vítima divina, se revela paciente quando é oferecido pelo pai para ser imolado; e Jacó, expulso de sua terra pelo irmão, pacientemente se retira; e, depois, com a maior paciência, suplicando, leva à concórdia, por meio de dádivas pacíficas, o irmão que se tornara ainda mais ímpio e perseguidor. José, relegado e vendido pelos irmãos, não só perdoa pacientemente, como também, com largueza e clemência, lhes dá trigo de graça quando a ele recorrem. Moisés é frequentemente desprezado e quase lapidado por um povo ingrato e pérfido; e, no entanto, brando e paciente, por eles roga ao Senhor. Já em Davi, de quem procede o nascimento do Cristo segundo a carne, quão grande, quão admirável e cristã paciência: teve muitas vezes ao seu alcance o poder de matar o rei Saul, que o perseguia e lhe queria tirar a vida; mas, apesar de ter Saul entregue a si e subjugado, preferiu poupá-lo; não pagou ao inimigo na mesma moeda, mas, ainda por cima, o vingou depois de morto!

Finalmente, tantos profetas exterminados, tantos mártires honrados com mortes gloriosas! Todos chegaram às coroas celestiais pela glória da paciência, pois não é possível receber a coroa das dores e dos sofrimentos, sem a precedência da paciência na dor e no sofrimento.

A necessidade da paciência, nascemos para lutar contra as adversidades da vida mortal

11 A fim de que se conheça mais clara e plenamente, irmãos diletíssimos, o quanto a paciência é útil e necessária, considere-se a sentença de Deus que Adão, esquecido do preceito e transgressor da lei promulgada, recebeu logo no início do mundo e do gênero humano. Então saberemos o quanto devemos ser pacientes neste mundo, nós que assim nascemos: para aqui lidar em apertos e embates. Diz [a sentença divina]: “Porque ouviste a voz da tua mulher e comeste daquela árvore, da única da qual te ordenara eu que não comesses, a terra será maldita em todas as tuas obras: com tristeza e lamento, dela comerás todos os dias de tua vida; brotarão para ti espinhos e abrolhos, e comerás erva do campo; com o suor do teu rosto comerás o teu pão, até que voltes à terra da qual foste tirado: porque és terra e irás para a terra”.^[11] Estamos todos ligados e constrangidos pelos laços dessa sentença, até que, passada a morte, nos retiremos deste mundo. É inevitável que estejamos, todos os dias da nossa vida, na tristeza e no lamento, e também que comamos o pão com o suor do trabalho.

12 Por isso, cada um de nós, quando nasce e é recebido na hospedagem deste mundo, começa pelas lágrimas. Se bem que ainda de tudo desconhecedor e ignorante, nada se sabe, por ocasião daquele primeiro nascimento, senão chorar. Por natural providência, a alma recém-nascida, logo nos seus exórdios, lamenta as ansiedades desta vida mortal e testemunha, pelo choro e pelo pranto, as fadigas e as tempestades do mundo, nas quais ingressa.

Com efeito, se sua e se labuta todo o tempo em que se vive por aqui. Não podem vir em socorro dos que suam e se fatigam outros alívios melhores que os da paciência, os quais, enquanto bons e necessários para todos neste mundo, o são mais ainda para nós que, atacados pelo diabo, somos mais molestados. [Os alívios da paciência são bons e necessários mais ainda] para nós que, encontrando-nos diariamente no combate, somos importunados pelos assaltos de um inimigo experimentado e manhoso. [Os alívios da paciência são bons e necessários mais ainda] para nós que, além das diversas e frequentes lutas das tentações, também temos, no certame das perseguições, de abandonar as riquezas, de enfrentar o cárcere, de ser postos a ferros, de dar a vida, de suportar, na fé e na virtude da paciência, a espada, as feras, as fogueiras, as cruzes e, finalmente, todas as espécies de tormentos e de penas. É o próprio Senhor quem nos instrui, dizendo: “Falei-vos essas coisas para que em mim tenhais a paz; no mundo, porém, tereis aflição, mas confiai, porque eu venci o mundo”.^[12]

Se nós, que renunciamos ao diabo e ao mundo, sofremos com maior frequência e violência os apertos e vexames do diabo e do mundo, tanto mais devemos conservar a paciência, com a qual, como auxiliar e companheira, aguentaremos todas as adversidades.

Paciência e esperança

13 É preceito salutar de nosso Senhor e Mestre: “Aquele que aguentar até o fim, este será salvo”.^[13] E de novo: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”.

^[14] É preciso aguentar e perseverar, irmãos diletíssimos, a fim de que, uma vez introduzidos na esperança da verdade e da liberdade, possamos alcançar a própria

verdade e a própria liberdade. Pois o fato de termos cristão a questão de fô e de paciência. Mas o que a paciência? Pois o fato de termos cristão a questão de fô e de paciência. Com efeito, não procuramos a glória presente, mas a futura, conforme o que o Apóstolo Paulo adverte, dizendo: “Fomos salvos na esperança. Uma esperança, porém, que se vê, não é esperança; o que alguém vê, por que esperá-lo? Se, porém, esperamos o que não vemos, aguardamos na expectativa”.^[15] Por isto a expectativa e a paciência são necessárias, para completarmos o que começamos, e para nos apossarmos daquilo que, apresentado por Deus, cremos e esperamos.

Depois, noutro lugar, o mesmo Apóstolo instrui e ensina os justos, os laboriosos e os que ocultam para si tesouros celestes graças ao lucro dos juros divinos, para que também sejam pacientes, dizendo: “Por conseguinte, enquanto temos tempo façamos o bem a todos, sobretudo, porém, aos irmãos na fé. Não desanimemos ao fazer o bem; com efeito, a seu tempo colheremos”.^[16] Adverte para que nenhum impaciente desanime no trabalho, para que ninguém, distraído ou vencido pelas tentações, desista a meio caminho do louvor e da glória, e assim venham a perder-se as obras passadas, por não serem levadas a cabo as que tinham sido começadas, conforme está escrito: “A justiça do justo não o livrará em qualquer dia em que ele se perder”.^[17] E outra vez: “Segura o que tens, a fim de que outro não tome a tua coroa”.^[18]

Estas palavras exortam a perseverar corajosa e pacientemente, a fim de que seja coroado na paciência quem se esforça, estando já próxima a glória, por obter a coroa.

A paciência luta contra o mal

14 E a paciência, irmãos diletíssimos, não somente conserva as coisas boas, mas também afasta as adversas. Bem disposta ao Espírito Santo e ligada ao que é celestial e divino contra as obras da carne e do corpo, pelas quais é a alma atacada e seduzida, a paciência resiste com a defesa de suas forças. Consideremos, por conseguinte, alguns dentre muitos casos que há, a fim de que, por esses poucos, [todos] os demais sejam compreendidos. O adultério, a fraude e o homicídio são pecados mortais; haja uma sólida e constante paciência no coração, e o corpo santificado e feito templo de Deus não será poluído pelo adultério; a inocência consagrada à justiça não será corrompida pelo contágio da fraude; e a mão, depois de trazer a Eucaristia, não será maculada pela espada e pelo sangue.

A caridade se une à paciência

15 A caridade é vínculo de fraternidade, fundamento de paz, vigor e firmeza de unidade; é maior do que a fé e a esperança, sobrepuja as obras boas e os martírios, e, sendo eterna, sempre permanecerá conosco nos reinos celestiais; tire-se-lhe a paciência e, desamparada, não durará. Tire-se-lhe a capacidade de suportar e de aguentar e, sem raízes nem forças, não perseverará. Com efeito, o Apóstolo, quando falou da caridade, lhe acrescentou a tolerância e a paciência. Diz ele: “A caridade é magnânima, a caridade é benigna, a caridade não inveja, não se envaidece, não se irrita, não pensa o mal, a tudo ama, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”.^[19]

Com isso, ele mostra que ela pode perseverar sem desfalecimento, porque sabe suportar tudo. E noutro lugar diz: “Suportando-se mutuamente na caridade, fazendo o possível para conservar a unidade do Espírito na união da paz”.^[20] Provou que não se pode conservar nem a unidade nem a paz, sem que os irmãos se tratem uns aos outros com mútua tolerância, e guardem, por meio da paciência, o vínculo da concórdia.

Exemplos de caridade paciente

16 O que se requer para que não jures^[21] e não amaldiçoes^[22] Para que, tendo recebido uma bofetada, apresentes a outra face ao agressor?^[23] Para que perdoes ao irmão que peca contra ti, não somente setenta vezes sete,^[24] mas todos os pecados sem exceção? Para que ames os teus inimigos? Para que rezes pelos adversários e perseguidores?^[25] Poderás cumprir estas coisas sem que possuas firmeza de paciência e de tolerância?

Vemos [tudo] isso praticado por Estêvão, que, ao ser morto pelos Judeus com violência e a pedradas,^[26] não pedia vingança para si, mas o perdão para os assassinos, dizendo: “Senhor, não lhes leves em conta este pecado”.^[27] Convinha que, assim, o primeiro mártir do Cristo, que, precedendo os mártires futuros com morte gloriosa, não apenas seria um arauto da paixão do Senhor, mas também um imitador de sua pacientíssima brandura.

O que direi da ira, da discórdia, da inimizade, que não devem existir num cristão? Haja paciência no coração, e essas coisas lá não encontrarão lugar; ou se elas tentarem penetrar [aí], logo sairão expulsas, de modo a que se conserve no coração um domicílio pacífico onde o Deus da paz se compraza em habitar.

O Apóstolo, por fim, exorta e ensina, dizendo: “Não contristes o Espírito Santo de Deus, no qual fostes marcados para o dia da redenção. Que qualquer amargor, ira, indignação, clamor e blasfêmia sejam extirpados dentre vós”.^[28] Com efeito, se o cristão se afastou da cólera e da contenda carnal, como de turbilhões do mar, e se, tranquilo e brando, já está no porto do Cristo, também não deve dar acesso, no coração, nem à ira nem à discórdia, uma vez que não lhe é lícito nem pagar o mal com o mal,^[29] nem odiar.^[30]

17 A paciência é também necessária para enfrentar os vários incômodos da carne e os frequentes e duros tormentos do corpo, pelos quais o gênero humano é cotidianamente perseguido e sacudido. Com efeito, como, naquela primeira transgressão do preceito, a força do corpo e a imortalidade se foram e, com a morte, veio a fraqueza – e como a força não pode ser reavida enquanto a imortalidade não for também recuperada –, é necessário, [mesmo] em meio a essa fraqueza e enfermidade corporal, lutar sempre e combater. Luta e combate que só podem ser sustentados pelas forças da paciência.

Para nos examinar e provar, diversos sofrimentos nos são ocasionados, e vasto gênero de tentações nos são infligidas quanto à perda dos bens, aos ardores das febres, às dores das feridas, à perda dos caros. Nada separa mais os injustos dos justos quanto o fato de que, nas adversidades, o injusto se queixa e blasfema por impaciência, ao passo que o justo é provado na paciência, conforme está escrito: “Aguenta na dor e tem paciência na tua humilhação, porque com o fogo se experimenta o ouro e a prata”.^[31]

18 Destarte foi Jó examinado e provado, e, pela virtude da paciência, elevado ao sumo da glória.^[32] Quantos dardos do diabo lançados contra ele, quantos sofrimentos acarretados! A perda do patrimônio lhe é infligida, a privação de uma numerosa prole lhe é imposta. Senhor rico em haveres e pai mais rico em filhos, de repente não é mais nem senhor nem pai. Soma-se [a isso] a devastação das feridas, e ainda a dor devoradora dos vermes consome as articulações definhadas e débeis. E para que não faltasse absolutamente nada que Jó não experimentasse em suas tentações, o diabo, usando daquele antigo engenho de sua maldade, arma também a esposa, como se pudesse enganar e iludir a todos por meio da mulher, como o fizera no início do mundo.^[33] Jó, contudo, não é abatido pelos pecados e cerrados combates; pelo contrário, com a vitória da paciência, o louvor de Deus é proclamado no meio daquelas [suas] angústias e tribulações.

Da mesma forma Tobias, depois das magníficas obras de sua justiça e misericórdia, tentado pela perda da vista,^[34] na mesma medida em que suportou pacientemente a cegueira, pelo mérito da paciência se tornou grandemente digno de Deus.^[35]

Os males da impaciência

19 E para que o bem da paciência brilhe ainda mais, irmãos caríssimos, consideremos, por outro lado, o que a impaciência acarreta de mau. Pois, como a paciência é um bem do Cristo, assim a impaciência é, em oposição, um mal do diabo. E como aquele em quem o Cristo habita e permanece se mostra paciente, do mesmo modo aquele cuja mente é possuída pela maldade do diabo é sempre impaciente. Vejamos [isso], com efeito, no início mesmo.

O diabo sofreu impacientemente com o fato de o homem ter sido feito à imagem de Deus, por isso foi o primeiro que pereceu e que pôs a perder [outros]. Já Adão, impaciente por obter, contra o preceito celestial, o alimento mortífero, incorreu na morte^[36] e não conservou sob a guarda da paciência a graça divina recebida. E Caim, para matar o irmão, bastou ficar impaciente com o seu sacrifício e a sua dádiva.^[37] E Esaú desceu [do direito] dos maiores para o dos menores, porque perdeu sua primogenitura pela impaciência de comer da lentilha.^[38] E por que foi o povo judaico infiel e ingrato para com os benefícios divinos? Não foi um crime de impaciência aquele pelo qual se afastou de Deus pela primeira vez? Por não poder suportar a demora de Moisés, que conversava com Deus, ousou pedir deuses profanos, a fim de instituir como guias de sua viagem um chefe bovino e uma estátua da terra.^[39] E nunca se apartou da mesma impaciência, mas, pelo contrário, sempre impaciente contra a bondade e a admoestação divinas, matou os seus profetas e justos, até que se atirasse por fim à cruz e ao sangue do Senhor.

Também na Igreja a impaciência cria os hereges, e, à semelhança dos judeus, leva os que se rebelam contra a paz e a caridade do Cristo a agressivos e furiosos ódios. E para que não se torne longo enumerar coisa por coisa, tudo, sem exceção, que a paciência, por suas obras, edifica para a glória, a impaciência destrói para a ruína.

20 Por isso, irmãos diletíssimos, [uma vez] diligentemente ponderados tanto o bem da paciência quanto o mal da impaciência, abracemos com plena observância a paciência, pela qual permanecemos no Cristo, a fim de que possamos ir com o Cristo para Deus. A paciência é copiosa e variada, não se encerra em estreitos confins, nem se restringe a acanhados limites. A força da paciência se manifesta ao longe; a sua fertilidade e a sua largueza fluem da fonte de um único nome, mas, transbordando os canais, se difundem por muitos caminhos de glórias; e não pode ser de algum proveito aos nossos atos para a perfeição do louvor, a não ser que daí receba a solidez da perfeição.

É a paciência que nos recomenda e nos conserva para Deus. É ela que modera a ira, refreia a língua, governa a mente, guarda a paz, rege a disciplina; quebra o ímpeto das paixões, reprime a violência do orgulho, apaga o ardor da rivalidade; restringe o poder dos ricos, alivia a indigência dos pobres; conserva nas virgens a integridade ditosa, nas viúvas a custosa castidade, nos que estão unidos e casados o amor indiviso.

A paciência torna humilde na prosperidade, forte nas adversidades, manso em relação às injúrias e às afrontas. Ensina a perdoar prontamente aos pecadores; mas, se és tu,

porém, quem pecas, ela ensina a suplicar muito e por muito tempo [o perdão]. Ela combate as tentações, aguenta as perseguições, leva à perfeição os supícios e os martírios. É ela que sustenta com firmeza os fundamentos da nossa fé; é ela que sublimemente promove o crescimento da esperança. É ela que dirige a [nossa] ação, a fim de podermos trilhar o caminho do Cristo, na medida em que andamos segundo a sua tolerância; ela faz que perseveremos na filiação divina, enquanto imitamos a paciência do Pai.

O cristão não se apressa em defender-se, sua paciência perdure até o último dia

21 Sei de muitos, irmãos diletíssimos, que desejam ser depressa defendidos, seja por causa do peso de injúrias angustiantes, seja por ressentimento contra as coisas que investem e se assanham contra si. Eis por que, no fim de tudo, não se pode deixar de dizer que – colocados nestas tempestades de um mundo agitado e sujeitos também às perseguições de judeus, gentios e hereges – devemos esperar pacientemente o dia da retribuição, e não ter pressa da vindicação dos nossos sofrimentos com impertinente precipitação, pois está escrito: “Espera por mim, diz o Senhor, no dia de minha ressurreição para o testemunho, porque a minha sentença é para reunir as nações, a fim de pôr de parte os reis e derramar sobre eles a minha ira”. [40]

O Senhor nos manda esperar o dia da futura vindicação com infatigável paciência, e fala, no Apocalipse, dizendo: “Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo já está próximo, a fim de que aqueles que perseveram em fazer o mal o façam, e o que está nas imundícies ainda se suje; que o justo, porém, faça obras mais justas, e, semelhantemente, aquele que é santo [faça] obras mais santas. Eis que venho logo, e a minha recompensa está comigo, para retribuir a cada qual segundo as suas obras”. [41]

Por conseguinte, também os mártires – que clamam e que, irrompendo a dor, têm pressa da vindicação – recebem a ordem de ainda esperar e ter paciência, [em consideração] pelos tempos que se devem consumir e pelos mártires que se devem completar. E quando abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar de Deus, as almas dos que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e do seu testemunho, e clamaram em alta voz dizendo: ‘Até quando, Senhor, santo e verdadeiro, não julgas e reclamas o nosso sangue dos que moram na terra?’. E foram dadas a cada um deles vestes brancas, e foi-lhes dito que descansassem ainda por um pouco de tempo, até que se completasse o número dos seus conservos e irmãos que seriam depois mortos ao exemplo deles”. [42]

22 Mas o Espírito Santo dá a conhecer, pelo profeta Malaquias, quando virá a vindicação divina do sangue justo, dizendo: “Eis que o dia do Senhor vem queimando como um forno; e todos os soberbos e todos os iníquos serão como palha, e o dia que está para vir os incendiará, diz o Senhor”. [43] É o que também lemos nos Salmos, onde se anuncia a vinda de Deus como juiz, a qual deve ser venerada pela majestade do seu julgamento: “Deus, o nosso Deus, virá manifesto, e não se calará. Diante dele arderá fogo, e em torno dele uma grande tempestade. Convocará em cima o céu e, embaixo, a terra, a fim de separar o seu povo. Reuni para ele os seus justos, os que firmam aliança com ele nos sacrifícios; e os céus anunciarão a sua justiça, porque Deus é o Juiz”. [44] Também Isaías prenuncia as mesmas coisas, dizendo: “Eis que o Senhor virá como fogo e a sua carruagem como a borrasca, tomar vingança na ira. Serão, com efeito, julgados no fogo do Senhor, e feridos com a sua espada!”. [45] E novamente: “O Senhor Deus dos exércitos aparecerá e despedaçará a guerra, provocará um combate e clamará com força sobre os inimigos: ‘Tenho-me calado, por acaso

sempre me hei de calar?'''^[46]

Deus, oculto na humilhação, é juiz e defensor que virá com poder; tenha-se sempre presente, com esperança, a paciência de Cristo

23 Quem, pois, é este que diz ter-se calado antes, e que não se calará sempre? Sem dúvida é aquele que, como uma ovelha, foi conduzido à imolação e que, como um cordeiro sem balido, não abriu a sua boca diante de quem o tosquiava.^[47] Sem dúvida é aquele que não gritou, e cuja voz não foi ouvida nas praças.^[48] Sem dúvida é aquele que não foi recalcitrante nem protestou quando expôs as suas costas aos açoitamentos e as suas faces às bofetadas, e que não desviou o seu rosto da imundície dos escarros.^[49] Sem dúvida é aquele que, enquanto era acusado pelos sacerdotes e anciãos, nada respondia e que, à admiração de Pilatos, conservou um pacientíssimo silêncio.^[50] É esse que, tendo se calado na paixão, não se calará mais tarde no castigo. Esse é o nosso Deus, isto é, não de todos, mas o Deus dos fiéis e dos crentes, que não se calará quando vier manifesto no segundo advento, pois, tendo antes estado oculto na humildade, virá manifesto com poder.

24 Esperemos, irmãos diletíssimos, por esse nosso juiz e defensor, que juntamente consigo há de vindicar o povo da sua Igreja e a multidão de todos os justos desde o início do mundo. Aquele que demasiadamente se precipita e se apressa pela própria vindicação considere que nem ele mesmo, que se vindica, foi vindicado. No Apocalipse, o anjo resiste e diz a João que o queria adorar: “Olha, não o faças, pois sou um conservo teu e de teus irmãos. Adora o Senhor Jesus”.^[51] Como é o Senhor Jesus e quão grande a sua paciência, que, ainda não sendo vindicado na terra, é adorado nos céus!

Nos nossos sofrimentos e perseguições, irmãos diletíssimos, pensemos na sua paciência. Prestemos ao seu advento um obséquio cheio de esperança. Não nos apressemos, com ímpia e atrevida precipitação, em sermos defendidos, nós servos, antes do Senhor. Ao contrário, fiquemos firmes; trabalhemos e observemos os preceitos do Senhor, vigiando de todo o coração e permanecendo inabaláveis em tudo o que aguentamos; a fim de que não sejamos castigados com os ímpios e pecadores quando

vier a vindicar de ira e de reivindicação, mas, com os justos e os que temem a Deus, nós

Coleção **PATRÍSTICA**

1. *Padres Apostólicos* Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué
2. *Padres Apologistas*, Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo; Hérmiás
3. *Le II Apologias e Diálogo com Trifão*, Justino de Roma
4. *Contra as heresias* Irineu de Lião
5. *Explicação do símbolo (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência* Ambrósio de Milão
6. *Sermões*, Leão Magno
7. *Trindade (A)*, Santo Agostinho
8. *Livre-arbítrio (O)*, Santo Agostinho
- 9/1. *Comentário aos Salmos (Salmos 1-50)*, Santo Agostinho
- 9/2. *Comentário aos Salmos (Salmos 51-100)*, Santo Agostinho
- 9/3. *Comentário aos Salmos (Salmos 101-150)*, Santo Agostinho
10. *Confissões*, Santo Agostinho
11. *Soliloquios – Vida feliz (A)*, Santo Agostinho
12. *Graça I (A)*, Santo Agostinho
13. *Graça II (A)*, Santo Agostinho
14. *Homília sobre Lucas 12 – Homílias sobre a sraem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo*, Basílio de Cesareia
15. *História eclesiástica*, Eusébio de Cesareia
16. *Dos bens do matrimônio – Santa virgindade (A) – Dos bens da viuvez – Cartas a Proba e a Juliana*, Santo Agostinho
17. *Doutrina cristã (A)*, Santo Agostinho
18. *Contra os pagãos – Encarnação do Verbo (A) – Apologia ao imperador – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de Santo Antônio*, Santo Atanásio
19. *Verdadeira religião (A) – Cuidado devido aos mortos (O)*, Santo Agostinho
20. *Contra Celsa*, Orígenes
21. *Comentários ao Gênesis*, Santo Agostinho
22. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, Santo Hilário de Poitiers
23. *Da incompreensibilidade de Deus – Da providência de Deus – Cartas a Olímpia* São João Crisóstomo
24. *Contra os Acadêmicos – Ordem (A) – Grandeza da Alma (A) – Mestre (O)*, Santo Agostinho
25. *Explicação de algumas proposições da carta aos Romanos – Explicação da carta aos Gálatas – Explicação incoada da carta aos Romanos*, Santo Agostinho
26. *Exameron – Seis dias da criação (Os)*, Santo Ambrósio
- 27/1. *Comentário às cartas de São Paulo – Homílias sobre a Epístola aos Romanos – Comentários sobre a Epístola aos Gálatas – Homílias sobre a Epístola aos Efésios*, São João Crisóstomo
- 27/2. *Comentário às cartas de São Paulo – Homílias sobre a Primeira carta aos Coríntios – Homília sobre a Segunda carta aos Coríntios*, São João Crisóstomo
- 27/3. *Comentário às cartas de São Paulo – Homílias sobre as cartas: Primeira e Segunda de Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus*, São João Crisóstomo

28. Regra Pastoral, Gregório Magno
29. Criação do homem (A) – Alma e a ressurreição (A) – Grande catequese (A), Gregório de Nissa
30. Tratado sobre os princípios, Orígenes
31. Apologia contra os livros de Rufino, São Jerônimo
32. Fé e o símbolo (A) – Primeira catequese aos não cristãos – Continência (A) – Disciplina cristã (A), Santo Agostinho
33. Demonstração da pregação apostólica, Irineu de Lyon
34. Homilias sobre o Evangelho de Lucas, Orígenes
- 35/1. Obras Completas, Cipriano de Cartago

Direção editorial:

Claudio Avelino dos Santos

Coordenação editorial e revisão de tradução:

Heres Drian de Oliveira Freitas

Coordenação de revisão:

Tiago José Risi Leme

Coordenação de desenvolvimento digital:

Guilherme César da Silva

Capa: *Capelo Campanhã*

Desenvolvimento digital:

Daniela Kovacs

Conversão EPUB:

PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cipriano, Santo, Bispo de Cartago

Obras Completas I [livro eletrônico]; / Cipriano de Cartago [organizador]; [tradução Monjas Beneditinas, Antonio Marchionni]. – São Paulo: Paulus, 2016. – Coleção Patristica.

675Kb; ePUB

Bibliografia.

1. Cipriano, Santo, Bispo de Cartago 2. mártires cristãos 3. Padres da Igreja primitiva I. Título. II. Série.

16-05288

CDD-230

Índice para catálogo sistemático:

1. Padres da Igreja primitiva: Escritos: Teologia cristã 230

Títulos srcinais: *De habitu virginum; De lapsis; De ecclesiae catholicae unitate; De oratione dominica; De mortalitate; De opere et eleemosynis; De bono patientiae*

Tradução e introdução: *Monjas Beneditinas* Abadia N. S. das Graças, Belo Horizonte-MG

De lapsis

Tradução: *Antonio Marchionni*

Introdução: *Heres Drian de O. Freitas*

© PAULUS – 2016

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

[Facebook] • [Twitter] • [Youtube]

eISBN 978-85-349-4464-9

Seja um leitor preferencial PAULUS.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro



NOTAS

Cipriano de Cartago – Vida

[1] A não confundir-se com o lendário mago e mártir Cipriano de Antioquia. A respeito deste último, veja-se “Cipriano de Antioquia”, em DPAC, p. 292.

[2] Cf. JERÔNIMO, *De viris illustribus* 53 [PL 23,698B]. Entre colchetes, indicamos ao leitor a edição de que nos servimos, seu volume e sua coluna ou página, separados por vírgula e sem espaçamento; exceção para as obras desta Coleção, da qual indicamos, entre colchetes, separados por vírgula e com espaçamento, seu volume, ano de publicação e sua página.

[3] Some-se a estas obras a *Vita Cypriani*, primeira hagiografia cristã de que se tem notícia, cuja composição, logo após o martírio do bispo, é atribuída ao diácono Pôncio, que o acompanhou em seu exílio. Como fonte, porém, seu marcado caráter apologetico e panegirico levanta suspeitas entre os estudiosos.

[4] Ou Cecílio, que, segundo Jerônimo, teria influenciado Cipriano na adoção de seu segundo nome (cf. *De viris illustribus* 67 [PL 23,714B]).

[5] Cf. A. HOFFMANN, “Cipriano di Cartagine”, em S. DÖPP / W. GEERLINGS *Dizionario di letteratura cristiana antica*, ed. it. a cura di C. NOCE, Roma: Urbaniana University Press / Città Nuova, 2006, 183-9, p. 183; e A. BRENT, *Cyprian and the Roman Carthage*, Cambridge University Press, 2010, p. 3-4.

[6] Gaio, Górdio, Donato, Fortunato e Novato.

[7] Veja-se “África”, em DPAC, p. 46-51; e em A. DI BERARDINO / G. PILA (a cura di) *Atlante storico del cristianesimo antico*, Bologna: EDB, 2010, p. 244-58.

[8] Sobre Cartago, vejam-se, além das indicações à nota precedente, DPAC, p. 260-6; e Y. DUVAL, “La Chiesa d’Africa”, em C. e L. PIETRI (a cura di), *Storia del Cristianesimo. Religione-Politica-Cultura* (ed. it. a cura di A. DI BERARDINO), Borla / Città Nuova, 2000, vol. 2: *La nascita di una cristianità (250-430)*, p. 131-7, particularmente p. 131-4.

[9] Deixando a seus presbíteros e diáconos a ordem de permanecerem em seus postos, pois, não sendo visados como os bispos, não estariam expostos a problemas se fossem prudentes (cf. *ep.* 5,1-2 [CSEL 3,478-9]).

[10] Cf. *ep.* 9 e 20 [CSEL 3,488-9 e 527-9]. Note-se que Cipriano dirige-se ao clero romano que administrava a vacante sé petrina; o mesmo clero que se dirigira, durante a ausência de Cipriano, ao presbiterado cartaginês como se este estivesse sem bispo (cf. *ep.* 8 [CSEL 3,485-8], conservada entre as de Cipriano).

[11] Cf. *ep.* 5-43.

[12] Chegando, inclusive, a desacreditá-lo junto ao clero romano que administrava a vacante sede petrina. Cf., por exemplo, *ep.* 41,1 [CSEL 3,587-8]. Sobre as divisões internas, veja-se abaixo, p. 77-81.

[13] A esse respeito, ver, abaixo, p. 76-82.

[14] Cf. *ep.* 59,6 [CSEL 3,673]. É nesta circunstância que o bispo de Roma, Cornélio, morre no exílio, em 253.

[15] Atitude que tivera também quando, em 252, durante a rebelião dos númidas – que saquearam várias cidades e capturaram cristãos –, serviu-se dos recursos da Igreja para libertá-los e auxiliar as cidades saqueadas.

[16] Cf. TERTULIANO, *De baptismo* 15 [CSEL 20,213-4]. Tertuliano expressa, a partir das Escrituras, uma opinião particular, desejando que seja posteriormente aprofundada. A questão é retomada por um concílio cartaginês (*ca.* 220), presidido por Agripino e com a presença de bispos da África Proconsular e da Numídia, que a torna canônica. Nisso os africanos foram seguidos por Igrejas da Ásia Menor (cf. Concílios de Icônio e de Sínada – cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *História Eclesiástica* 7,5 [PatrPaulus 15, 2000, 347-8] –, ambos de *ca.* 235) e outras Igrejas Orientais, particularmente da Síria.

[17] Cf. *ep.* 69,3-5 [CSEL 3,752-4].

[18] De fato, a Igreja de Roma – e não só: a mesma prática era costume também entre os cristãos da Palestina e do Egito – considerava válido o batismo realizado mesmo por comunidades cismáticas, desde que segundo o rito

estabelecido.

[19] Cf. *ep.* 74,1 [CSEL 3,799].

[20] *ep.* 80,1 [CSEL 3,839-40]; M. SORDI, *I cristiani e l'impero romano* Milano: Jaca Book, 2004², p. 152-5. Para detalhes acerca dessa perseguição, vejam-se *Ibid.*, todo o cap. 9 (*Valeriano e Gallieno: dalla persecuzione al riconoscimento della chiesa*), p. 147ss.; R. GONZÁLEZ SALINERO, *Las persecuciones contra los cristianos en el Imperio romano. Una aproximación crítica* Madrid: Signifer, 2005, cap. 7: *Las persecuciones generales* Sobre a perseguição de Décio, veja-se, abaixo, p. 72-4.

[21] *Acta proconsularia*¹ [CSEL 3cx].

[22] Cf. “Perseguições”, em DPAC, p. 1143.

[23] Cf. *ep.* 81,1 [CSEL 3,839-40].

[24] Mais de 430; cf. H. F. von SODEN, *Die cyprianische Briefsammlung: Geschichte ihrer Entstehung und Überlieferung*, Leipzig: J. C. Hinrichs, 1904 [Texte und Untersuchungen zur Geschichte der altchristlichen Literatur 25/3], p. 60.

Posteridade, obras e pensamento do Doutor suavíssimo

- [25] *A doutrina cristã* 2,61 [PatrPaulus 17, 2002, 145]. Para aprofundamentos e bibliografia sobre esta seção, além das introduções gerais às obras de São Cipriano em diversas línguas, vejam-se C. MORESCHINI / E. NORELLI, *Manuale di letteratura cristiana antica greca e latina* Brescia: Morcelliana, 1999, p. 175-83; J. QUASTEN, *Patrologia* Casale Monferrato: Marietti, 2000, vol. 1, p. 578-611; B. ALTANER, *Patrologia* Casale Monferrato: Marietti, 2002⁷, p. 178-85; J. PATOUT BURNS JR., *Cyprian the bishop*, London: Routledge, 2002; V. SAXER, *op. cit.*, p. 292-4, p. 292-3; M. SIMONETTI / E. PRINZIVALLI, *Storia della letteratura cristiana antica*, Casale Monferrato: Piemme, 2005³, p. 179-89; A. CARPIN, *Cipriano di Cartagine: Il vescovo nella chiesa, la chiesa nel vescovo*, Bologna: EDS, 2006; F. GORI, “Cipriano di Cartagine”, em A. DI BERARDINO *et al.* (dir.), *Letteratura Patristica* Cinisello Balsamo: Edizioni San Paolo, 2007, p. 281-7, p. 285-6; M. VERONESE, *Introduzione a Cipriano* Brescia: Morcelliana, 2009; A. HOFFMANN *op. cit.*, p. 183-9, p. 185-8; H. BAKKER *et alii* (eds.), *Cyprian of Carthage. Studies in his Life, Language and Thought*, Leuven / Paris: Peeters, 2010; e sobre Cipriano e o Oriente, particularmente, M. VERONESE, “La fama di Cipriano di Cartagine in Oriente”, em *Studia Antiqua et Archaeologica* 12 (2006) 77-94.
- [26] Mesmo se nem sempre tenha concordado com ele, particularmente na questão do “rebatismo”.
- [27] Cf. *Passio Montani et Lucii* 13,1 [ed. F. DOLBEAU, em *Révue des Études Augustiniennes* 29 (1983) 39-82, p. 75].
- [28] Cf. *Passio Maximilian* [ed. H. MUSURILLO, Oxford: Clarendon Press, 1972, p. 245].
- [29] Cf., respectivamente, *Divinae institutiones* 5,1,24-25 [CSEL 19,402]; e *De viris illustribus* 67,2 [PL 23,714B].
- [30] Cf. JERÔNIMO, *ep.* 107,12 [CSEL 55,303].
- [31] Cf., por exemplo, AGOSTINHO, *s.* 309,1 [PL 38,1410] e *s. Guelf.* 27(=313D),2 [MA 1,532-3].
- [32] *Ibid.*, *s. Guelf.* 26(=313C),1 [MA 1,529-30].
- [33] CCL 128,382-5.
- [34] Cf. HEFELE-LECLERCQ 2/1,244, nota 4 (sobre a *Theotókos*) e 2/1,302-5 (sobre as duas naturezas de Cristo).
- [35] *Appendix* 3,4 [PL 59,160].
- [36] *Institutiones* 1,19 [PL 70,1135].
- [37] Cf. A. BORIAS, “L’influence de St. Cyprien sur la Règle de St. Benoît”, em *Révue Bénédictine* 74 (1964) 54-97.
- [38] Cf. P. PETITMENGUIN, “La diffusion monastique des oeuvres de St. Cyprien”, em *Sous la règle de Saint Benoît. Structures monastiques et sociétés en France du Moyen âge à l’époque moderne* Paris: École Pratique des Hautes Études, 1982, série 5, vol. 47, p. 403-15.
- [39] Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *História eclesiástica* 6,43,3 [PatrPaulus 15, 2000, 334].
- [40] Cf. RUFINO DE AQUILEIA, *De adulteratione librorum Origenis* 12 [CCL 20,15].
- [41] *Oratio [in laudem Cypriani]* 24 [PG 35,1169-93]. Gregório, porém, parece confundir e fundir, em algumas passagens, Cipriano de Cartago com Cipriano de Antioquia.
- [42] Cf. *Apocriticus* 3,24,12 [ed. T.W. CRAFFER, London / New York: SPCK, 1919, p. 87].
- [43] Cf. PROCÓPIO DE CESAREIA, *De bellis* 3,21,17ss. [LCL 81,180ss.].
- [44] Veja-se, abaixo, p. 125.
- [45] A. HOFFMANN, *op. cit.*, p. 185; J. QUASTEN, *op. cit.*, vol. 1, p. 579.
- [46] *Vita Cypriani* 7 [CSEL 3,xcvii- xcvi].
- [47] Veja-se também “Introdução” à referida obra, abaixo, p. 129.

- [48] Anda que haja vestígios de cultura clássica em algum desses textos; cf. V. HUNINK, “St. Cyprian: a Christian and Roman Gentleman”, em H. BAKKER *et alii* (eds.), *op. cit.*, p. 29-41, p. 40, n. 39.
- [49] CIPRIANO, *De oratione dominica* 23 [CSEL 3,285]: “de unitate Patris et Filii et Spiritus Sancti plebs adunata”. Veja-se também *ep.* 66,8 [732-3].
- [50] Cf. *A unidade da Igreja* 7, *passim* Toda essa obra é, obviamente, devotada à matéria de que tratamos.
- [51] Cf. *ep.* 63,13 [CSEL 3,711-2].
- [52] Cf. *A unidade da Igreja* 4-6, *passim* Ver também *ep.* 4,4 e 73,11 [CSEL 3,475-6 e 786].
- [53] Cf. *ep.* 3,3; 33,1-2; 59,1-2 [CSEL 3,471-2; 566-8; 666-8].
- [54] Cf. *ep.* 33,1 [CSEL 3,566-7].
- [55] Cf. *ep.* 54,2 [CSEL 3,622]. Nas obras de São Cipriano, e particularmente nestas considerações, os adjetivos *unus* e *una* podem desdobrar-se nos sentidos de unidade, união, unicidade.
- [56] Cf. *ep.* 33,1-2 e 63,2-9 [CSEL 3,566-8 e 702-8]. O poder apostólico das chaves é poder episcopal; o ministério episcopal é ministério apostólico. Mas, para Cipriano – diversamente, por exemplo, de Irineu de Lião –, o episcopado conecta-se diretamente ao Cristo e “equipara-se” ao apostolado, ou seja, os bispos, como se identificáveis com os próprios apóstolos, estão imediatamente unidos a seu Senhor, por quem foram instituídos. Já para Irineu, os bispos são sucessores dos apóstolos; são estes últimos que estabelecem os bispos em suas sedes (cf. *Contra as heresias* 3,3,1-3,4,2 [PatrPaulus 4, 2001², 249-53]). Cipriano, contudo, não elimina certa “mediação” apostólica. É pelos apóstolos, por exemplo, que o Senhor recomenda que os bispos cuidem das ovelhas e busquem aquelas que estão perdidas – particularmente no cisma e na heresia –, reunindo-as na Igreja (cf. *ep.* 45,3 [CSEL 3,602]). Além disso, e não obstante os bispos serem vicários de Cristo, é certo referir-se aos bispos – enquanto participantes do ministério apostólico e receptores dos ensinamentos do Cristo mediante estes últimos – como sucessores dos apóstolos (cf., entre outros textos, as *ep.* de São Cipriano indicadas nesta nota).
- [57] *ep.* 66,8 [CSEL 3,733].
- [58] Por isso uma Igreja local não pode ter senão um só bispo (cf. *ep.* 44,3 [CSEL 3,598-9]).
- [59] Cf. *ep.* 55,21 [CSEL 3,638-9]. Veja-se também *ep.* 3,1 [469-70] e *A unidade da Igreja* 5. Note-se, porém: cada Igreja local constitui-se como Igreja inteira, não cada Igreja local é fundada como Igreja inteira – caso em que a Igreja universal (a católica) não poderia ser nem *una* nem universal –; a fundação da Igreja está no ato único de Cristo; sua constituição, na presença dos elementos essenciais que a tornam real no curso da história (cf. A. CARPIN, *op. cit.*, p. 14).
- [60] Cf. *ep.* 68,5 [CSEL 3,748-9].
- [61] Cf. *A unidade da Igreja* 4; *ep.* 55,24; 66,8; 67,5 [CSEL 3,642-3; 732-3; 739-40].
- [62] Cf., por exemplo, sobre os problemas dos bispos ibéricos ou de Marciano de Arles (*ep.* 67,9); cf., abaixo, p. 76, n. 29, e 78, n. 35.
- [63] Veja-se, abaixo, p. 34 e 80.
- [64] Cf., sobre a distinção entre fundação e constituição, acima, n. 59.
- [65] Cf. *ep.* 67,2 [CSEL 3,736-7].
- [66] Cf. *ep.* 68,3 [CSEL 3,745-6]. Sobre o comportamento dos sacerdotes, vejam-se indicações na p. 75, n. 25.
- [67] Cf. *ep.* 55,24 e 65,3ss. [CSEL 3,642-3 e 724ss.].
- [68] Essa, porém, não exclui presbíteros e diáconos. São Cipriano, todavia, note-se, frequentemente usa *sacerdos* (sacerdote) para referir-se ao bispo, salvo alguma exceção (cf. *ep.* 61,3 [CSEL 3,699], onde diz que os presbíteros participam do *sacerdotalis honor*; mas sem os denominar *sacerdotes*; outras exceções estariam em *De lapsis* 25, se fosse certo que, depois de mencionar o diácono, Cipriano se referisse a este ao mencionar uma revelação ao *sacerdos* e *De unitate* 17, onde lembra o separar-se dos bispos e, em seguida, dos sacerdotes, como se distinguisse uns de outros). Embora centrada na figura do bispo, a eclesiologia cipriânica tem todo o clero em sua estrutura. Mas nos tempos do santo bispo de Cartago, além de bispos, presbíteros e diáconos, contavam-se

entre os membros do clero – mas subordinados aos primeiros – também subdiáconos, exorcistas, acólitos e mesmo leitores (cf. E. CATTANEO, *I ministeri nella Chiesa antica. Testi dei primi tre secoli* Milano: Paoline, 1997, p. 169-80).

[69] Cf. *ep.* 73,22 [CSEL 3,796].

[70] Cf. *ep.* 58,3 [CSEL 3,658-9] e *A unidade da Igreja* 14.

[71] Cf. *A unidade da Igreja* 1, anterior, portanto, à polémica com Estêvão de Roma. Por isso, na polémica com este último, Cipriano não crê estar a introduzir uma novidade na práxis eclesial. Para mais textos a esse respeito, vejam-se indicações, acima, à p. 17, n. 16.

[72] TERTULIANO, *De baptismo* 18 [CSEL 20,215-6].

[73] Cf. *ep.* 64,2-5 [CSEL 3,718-21].

[74] Cf. *ep.* 69,1-3 [CSEL 3,749-52].

[75] Cf. *ep.* 63,13 [CSEL 3,711-2].

[76] Cf. *ep.* 63,13 [CSEL 3,711-2].

[77] Cf. *ep.* 63,14.17 [CSEL 3,712-3.714].

[78] Cf. *ep.* 63,9.17 [CSEL 3,707-8.714].

[79] Cf. *ep.* 63,13 [CSEL 3,711-2].

[80] Cf. *ep.* 72 [CSEL 3,775-8].

[81] Cf. *ep.* 1,2 [CSEL 3,466-7].

[82] Cf. *ep.* 39,3 [CSEL 3,583].

[83] Cf. *ep.* 55,21 [CSEL 3,638-9].

[84] Cf. J. QUASTEN, *op. cit.*, p. 609.

[85] Veja-se, abaixo, p. 76-7.

[86] Cf. *As boas obras e as esmolas* 1-2.

[87] A esse respeito, veja-se, abaixo, p. 77, n. 30.

[88] Cf. *ep.* 55,17.22 [CSEL 3,635-6.639-40].

[89] Veja-se, abaixo, p. 71, n. 10.

[90] Cf. A. CARPIN, “Battezzati nell’unica vera Chiesa? Cipriano di Cartagine e la controversia battesimale”, *Sacra Doctrina Bibliotheca* 52/1 (2007) 1-264, p. 31-3.

[91] Cf. *ep.* 33,1 [CSEL 3,566].

[92] Cf. *De dominica oratione* 8 [CSEL 3,271]: “*totus populus unum sumus*”. É importante dizer que a união e a subordinação dos fiéis ao bispo não equivalem a nenhuma espécie de servilismo; os fiéis tinham participação ativa na vida da comunidade. Ainda que não lhes coubesse eleger os sacerdotes – o que era reservado ao bispo e a seu clero – e tomar certas decisões, além de sua oração por todos – o que não é insignificante –, os fiéis participavam de concílios, intervinham e davam seu parecer na eleição dos bispos, nos julgamentos de presbíteros e diáconos, na condenação ou reconciliação de lapsos, de cismáticos, de clérigos desertores... (cf. Y. DUVAL, “La *plebs* chétienne dans le ‘siècle de Cyprien’ jusqu’à la paix de l’Église” *Revue des Études Augustiniennes* 47 (2001) 251-82; *ibid.* 48 (2002) 23-41 e 43-78).

[93] Veja-se, abaixo, p. 72.

A conduta das virgens - Introdução

[*] A introdução – editada para publicação nesta coleção – e a tradução que a segue foram publicadas na Revista de Cultura *A Ordem* Centro Dom Vital, edição 143, ano 35, vol. 33, janeiro de 1945, p. 26[30]-45[49].

[1] Talvez composto imediatamente antes, em 248-249. A obra encontra-se citada como a segunda das de São Cipriano, depois do *Ad Donatum* (cf. PÔNCIO, *Vita Cypriani* 7 [CSEL 3xcviii]). Mas tem mais sentido pensar na obra como preocupação pastoral de um bispo, não de um presbítero (cf. 1: onde a correção é lembrada como dever do *sacerdote* termo que normalmente identifica o bispo, não o presbítero; cf. p. 34, n. 68). Todavia, no cap. 3, São Cipriano não parece se manifestar com a autoridade de bispo: “Falamos às virgens, as exortamos

mais por afeto do que em razão de nosso poder; não que, sendo os últimos e os menores, conscientes de nossa abjeção, reivindicamos algum direito de censurar os abusos, mas porque, quanto mais prudentes somos em nossa solicitude, mais receamos o ataque do demônio”. Quem fala é um sacerdote preocupado com uma realidade eclesial ou a humildade de um bispo apenas eleito? Já no cap. 21, pede que as virgens o ouçam “como a um pai” que as reverencia e admoesta: é manifestação de afeto ou evocação da autoridade episcopal?

[2] Posta por escrito, talvez, depois de ter sido proferido como um sermão. Cf. p. 71, n. 13.

[3] Entenda-se com esse sentido óbvio toda nossa referência ao pintar-se ou às pinturas das virgens, que manteremos ao longo da introdução e do opúsculo de São Cipriano, para estarmos um pouco à terminologia de então.

[4] O mais simples dos leitores, mesmo o que não dispusesse de conceito teológico algum, compreenderá que a expressão *totalidade* nada tem que ver com totalitarismo, mas apenas com o primeiro mandamento de Deus: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e de todo o teu entendimento” (Lc 10,27).

[5] Isto é, as termas ou banhos públicos, às vezes mistos, tão comuns em Cartago quanto em Roma. Como para o caso das pinturas, preferimos manter o termo.

[6] Cf. Mt 6,24. Aqui, é importante sublinhar também isto: do ponto de vista que acabamos de anunciar, o texto é útil também para homens, embora São Cipriano se dirigira a mulheres. A mesma vaidade acomete ambos os sexos. Também a monges e religiosos – mesmo que tal distinção não existisse nos tempos de São Cipriano –, embora não se pintem e não se adornem de joias como as que nosso Santo Bispo repreende, é possível a sugestão de distinguir-se por outros artefatos que alimentem a vaidade: roupas de marca, determinadas marcas de relógio, de computadores, de carros... No séc. XXI, as possibilidades de ceder de modo velado e com pretextos vários à própria vaidade são, talvez, maiores que nos tempos do grande bispo mártir de Cartago; pois quanto mais veladas e “justificadas”, menos são censuradas, para maior risco de quem cede a elas.

[7] Mt 6,31.

[8] Aliás, é preciso uma palavra quanto à sua simples estrutura, de três partes: introdução (1-4), em que o grande bispo fala da disciplina como modo de vida (1-2) e tece os louvores da virgindade (3-4); desenvolvimento (5-20), onde apresenta os perigos da vaidade (5-8), das riquezas (9-11), dos ornamentos (12-17) e dos lugares e conversações frequentados (18-19); e, por fim, a conclusão com uma exortação às virgens a uma vida coerente (21-23).

[9] Denzinger 980. Certamente não se ignora aqui o contexto histórico – sobre o qual iríamos longe tratando da vida monástica –, contudo, acentua-se o reconhecimento de seu valor escatológico, já presente na teologia da Igreja primitiva.

[10] *Vita s. Antonii* 47 [PG 28,912].

[11] 20,15-36, citado em *A conduta das virgens* 22.

A conduta das virgens - Texto

[*] Embora concluída, até o momento da preparação desta tradução, a nova edição crítica do CCL não havia sido ainda disponibilizada. A revisão da tradução da obra, portanto, foi feita com confronto somente com a edição de W. Hartel (CSEL 3), a partir da qual foi traduzida.

[1] SI 2,12. Neste, e nos demais opúsculos de São Cipriano, frequentemente as citações bíblicas não coincidem perfeitamente com as nossas edições modernas. O leitor não estranhe: no tempo de nosso santo bispo havia enorme quantidade de versões, que os estudiosos hoje costumam classificar sob o conjunto da *Vetus Latina*

[2] SI 50(49),16-17.

[3] Sb 3,11.

[4] Pr 3,11-12.

[5] Jr 3,15.

[6] 2Cor 6,19-20.

[7] Jo 5,14.

[8] Mt 19,11-12. “Se castraram a si mesmos”, isto é, não física, mas espiritualmente, optando por se abster do casamento e abraçar a continência como sendo um estado de vida mais perfeito e mais elevado na Igreja (cf. Concílio de Trento, sessão 24, cânon 10). Sobre a referida passagem bíblica, ver *loc. cit.*, *La Sainte Bible* [ed. CRAMPON].

[9] Ap 14,4.

[10] Cf. Gn 2,21-22.

[11] Cf. Gn 2,24; Mt 19,6.

[12] SI 53(52),6.

[13] Gl 1,10.

[14] 1Cor 7,32ss.

[15] Gl 6,14.

[16] Gl 5,24.

[17] Is 40,6ss.

[18] 1Jo 2,15-17.

[19] Jo 6,38.

[20] 1Jo 11,6.

[21] *Fé expressa* literalmente, *fē de nome* (*fidem nomini*), isto é, aquilo em que se diz crer.

[22] 1Tm 3,9-10.

[23] 1Pd 3,3.4.

[24] 1Cor 10,23.

[25] Sb 5,8.

[26] 2Cor 7,30,

[27] Cf. Mt 25,34ss.

[28] Isto é, ao fazer doações aos necessitados, a virgem leva estes últimos a rezar por ela, de modo que Deus os atenda, concedendo a ela a glória da virgindade (R.E. WALLIS *The writings of Cyprian bishop of Carthage*, Edinburgh: T. & T. Clark, 1868, vol. 1, p. 341, n. 2).

[29] Ap 17,1-4.

[30] Is 3,16.

[31] Gn 1,26.

[32] 1Cor 5,7.

[33] Mt 5,36.

[34] Cipriano joga com a palavra *flammaeus* que tanto pode significar *em chamas* como identificar a sua cor. Assim, a mulher prevê como punição por ter tingido – para esconder os cabelos brancos, como será dito em seguida – seu cabelo de vermelho-fogo, ou semelhante, esse mesmo cabelo em chamas.

[35] Ap 1,14.

[36] *No momenta(nunc)*; contrariamente ao *non* da edição de Hartel, CSEL 3,200, cf. aparato crítico.

[37] Referência à presença das virgens em festas de casamento em que os recém-casados são animados a seu primeiro ato sexual diante dos convidados.

[38] Cf. Mt 4,3-8.

[39] Gn 3,16.

[40] Lc 20,34-36.

[41] Cf. Mt 19,10-12.

[42] Cf. Jo 14,2.

[43] Cf. 2Cor 3,3

[44] 1Cor 15,47.

Os lapsos - Introdução

- [1] Cf. respectiva voz em A. FORCELLINI, *Lexikon Totius Latinitatis* 1965.
- [2] Ou simplesmente *Aqueles que caíram* titulação adotada, por exemplo, pelos editores de *Sources Chrétiennes* (Paris: Cerf): *Ceux qui sont tombés*, publicado em 2012, é o volume 547 da série.
- [3] *Sui cristiani caduti nella persecuzione*, em CIPRIANO DI CARTAGINE, *La Chiesa* intr., tr. E. Gallicet, Milano: Paoline, 1997, p. 155.
- [4] Cf. J. QUASTEN, *op. cit.*, vol. 1, p. 581. Veja-se também, abaixo, n. 9.
- [5] *De praescriptione haereticorum*3 [PL 2,15]; *lapsus a regula fidei* (desviado da regra da fé); e no montanista *De pudicitia*18 [CSEL 20,260-1]; *lapsi post Iudem* (caídos depois de ter assumido a fé). Com sentido semelhante a este último, sugerido pelo contexto, vejam-se também *De oratione*29 [CSEL 20,199] e *De patientia* 12 [47,18]. Para o uso patristico de *lapsus*, veja-se a respectiva voz em A. BLAISE, *Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens*, Tournhout: Brepols, 1997.
- [6] Cf. “*apostasia*”, “*apostata*” e “*apostatus*”, em L. WILHELM DE SCOTT, Clarendon Press, 1940⁹. Para o uso patristico desses termos, vejam-se G. W. H. LAMPE, *A Patristic Greek Lexikon*, Oxford: Clarendon Press, 1961.
- [7] Cf., por exemplo, *De praescriptione haereticorum*4 e 41 [PL 2,16 e 57]; *Adversus Marcionem*1,1 [CSEL 47,290]; 4,5 [431]: *apostaticus*, também praticamente transliterado do grego; 5,6 e 8 [589 e 597]: os anjos apóstatas; 5,11 [613]; *Adversus Valentinianos*1 [177]; *De carne Christi*20 [PL 2,786]; *De anima*2; 11; 57 [CSEL 20,301; 316; 393]; *De pudicitia*6; 8; 9 [CSEL 20,229; 234; 237]. Acerca do uso de *apostasia*, *apostato*, *apostata* no cristianismo latino, veja-se A. BLAISE*op. cit.*
- [8] Cf. “Introdução Geral”, p. 13.
- [9] Por exemplo, *Os lapsos*33 e *ep.* 57,3 [CSEL 3,652], onde Cipriano fala da necessidade de distinguir entre aqueles que apostataram e voltaram a viver como pagãos e aqueles que não deixaram os limites da Igreja.
- [10] Vejam-se as notas precedente e seguinte.
- [11] Essa distinção, contudo, tampouco em Cipriano deve ser rígida, pois esses que falharam em professar sua fé, mesmo se para defender a própria vida, cometeram ato de apostasia (cf. *ep.* 57,3 [CSEL 3,652]). Acerca da apostasia na Igreja primitiva, quando não tinha ainda o caráter de delito canônico, mas era, com o adultério e o homicídio, pecado grave, veja-se G. BARDY, *La conversion au christianisme durant les premiers siècles* Paris: Aubier, 1949, todo o cap. 8 (*L’Apostasia*), particularmente p. 287-91.
- [12] Cf. “Introdução Geral”, p. 15-6.
- [13] Cf. A. HOFFMANN, *op. cit.*, p. 185. Aliás, todos os seus opúsculos podem ter sido sermões ou em sermões ter tido sua origem.
- [14] Cf., por exemplo, *ep.* 15-19; 21-27; 32-36 e 41-43.
- [15] Tendo sido chamado de *restitutor sacrorum*, *restaurador das sagradas tradições*, cf. G. ZECCHINI, *Ricerche di storiografia latina tardoantica*, Roma: L’Erma di Bretschneider, 1993, p. 129-30.
- [16] Ainda que crises de variado tipo não tenham faltado ao longo da história do Império, no séc. III elas afloram de modo generalizado. Ameaças externas – germanos, berberes, persas, entre outros – e graves problemas internos imiscuem-se e assolam Roma e suas províncias. O governo do Império concentra-se no exército; é o período dos imperadores-generais e dos usurpadores, que se opõem e impõem com rebeliões e assassinios: em uma cinquentena de anos, mais de vinte imperadores. A sociedade é gravada com o fisco. Epidemias dizimam a população. A economia entra em colapso. Carestia e exploração econômica produzem grande miséria. Tudo isso gera – ou contribui para – certa crise “espiritual”: seria o fim de Roma e, com ela, da humanidade? Acerca dos problemas do referido período, veja-se L. PIETRI / J. FLAMANT, “La crisi dell’Impero romano e l’affermazione di una nuova religiosità”, em C. e L. PIETRI (a cura di), *Storia del Cristianesimo. Religione-Politica-Cultura* (ed. it. a cura di A. DI BERARDINO), Borla / Città Nuova, 2000, vol. 2 *La nascita di una cristianità*(250-430), p. 25-36.

[17] A decisão de Décio parece ter tido aplicação imediata; aliás, mesmo antes de tornar-se decreto – a menos que este tenha sido de dezembro de 249; cf. L. PIETRI, “Le resistenze: dalla polemica pagana alla persecuzione di Diocleziano”, em C. e L. PIETRI (a cura di), *Storia del Cristianesimo. Religione-Politica-Cultura*, ed. it. a cura di A. DI BERARDINO, Borla / Città Nuova, 2000, vol. 2: *La nascita di una cristianità (250-430)*, p. 157. De fato, assim que assumiu, determinou, por exemplo, a prisão de membros do clero cristão romano, e, em 20 de janeiro, o bispo de Roma, Fabiano, torna-se mártir.

[18] Cf. R. GONZÁLEZ SALINERO, *Las persecuciones contra los cristianos en el Imperio romano. Una aproximación crítica* Madrid: Signifer, 2005, cap. 7; sobre os atos processuais: p. 33-41. Veja-se, ainda, M. SORDI, *I cristiani e l'impero romano* Milano: Jaca Book, 2002, p. 141, n. 17. Acerca das perseguições, cuja literatura é vasta, ademais das indicações que se acaba de fazer – que contém ampla bibliografia –, veja-se “Perseguições”, em DPAC, p. 1140-5, particularmente p. 1141-2.

[19] Vários *libelli* chegaram até nós. Confeccionado em duas vias, uma para o arquivo municipal, outra para o cidadão, o *libellus* era assinado ou chancelado pelos oficiais imperiais. Nele constava que se tinha participado dos sacrifícios aos deuses, não só deste sancionado por Décio, mas sempre; sem, contudo, menção da religião de cada um (cf. J. B. RIVES, “The decree of Decius and the religion of Empire”, *Journal of Roman Studies* 89 [1999] 135-54).

[20] Cf. acima, n. 18, indicação sobre os atos processuais.

[21] Vejam-se: R. GONZÁLEZ SALINERO *op. cit.*, sobretudo toda a primeira parte (*Razones e imputaciones*) e, particularmente, o cap. 7 (*Persecuciones generales*); M. SORDI, *op. cit.*, p. 139-45.

[22] Entre Roma e as províncias, porém, houve diferenças de aplicação do decreto imperial e suas consequências. Embora dessa perseguição tenhamos mártires romanos, os cristãos de Roma, por exemplo, parecem ter sofrido menos os efeitos da perseguição que os da África; cf. M. SORDI, *op. cit.*, p. 142-5.

[23] E de outros bispos, como Dionísio de Alexandria, Gregório de Neocesareia (o Taumaturgo) e Máximo de Nola, bem como de muitos cristãos.

[24] *Os lapsos* 5.

[25] *Os lapsos* 6. Não eram raros os escândalos entre o clero. Cipriano reprova-o, não só por não pregar os preceitos divinos, mas mesmo por ser obstáculo para os cristãos que os queriam viver; por não fazer caso do temor de Deus; por comportar-se contra o evangelho; por não ter aprendido o que deveria ensinar (cf. *ep.* 15,1-2 [CSEL 3,513-5 por esquecer-se do evangelho e de suas tarefas; por negligenciar o julgamento futuro; por desrespeitar seus superiores; por cometer fraudes, conspirações, adultérios (cf. *ep.* 59,12 [679-80]). A esse respeito, vejam-se, também, entre outras, as *ep.* 27,3 [542-4]; 59,10 [677-8]; 65,1 [721-2].

[26] Cf. *Os lapsos* 5 e 7.

[27] Cf. Mt 10,39; Mc 8,35; Jo 12,24; 21,18ss.; 51,20; At 22,20 e 7,55ss.; Ap 6,9. O morrer por Cristo, desde as comunidades apostólicas, era a melhor “propaganda” do cristianismo (cf., por exemplo, At 8,4ss. e 11,19; e, ainda, TERTULIANO, *Apologeticum* 50 [PL 1,604]; e JUSTINO, *Apologia* 2,12 [PatrPaulus 3, 2013, 102-3]).

Para mais indicações, detalhes e bibliografia, vejam-se S. SPINISANT, “mártir”, em S. DE FIORES, T. GÖFFL, *Ordo Imperii de Eximio Pontifice*, São Paulo: Paulinas, 1989, 698-708, e “testemunha, Testemunho”, em J. L. McKENZIE, *Dicionário Bíblico* São Paulo: Paulus, 2005⁹, 926-8.

[28] Tal despreparo pode ter-se devido ao enraizamento dos convertidos em sua cultura pagã.

[29] Incluindo clérigos e bispos, como Basilides de León e Astorga (*Legio e Asturica*) e Marcial de Mérida (*Emerita*); *ep.* 67,1 [CSEL 3,735]. Ainda sobre clérigos e bispos apóstatas, vejam-se *ep.* 59,10 e 65,1 [678 e 721-2].

[30] Transliterado do grego, o termo *exomologesis* (admissão, confissão), que também parece ter entrado no latim via Tertuliano (cf. *De poenitentia* 9 [PL 1,1243B]; *De oratione* 7 [CSEL 20,185]), identifica um percurso penitencial que envolve a confissão de um pecado público (*confessio*), seguida de um período de penitência durante um tempo de excomunhão (*satisfactio*) e, por fim, de absolvição (*remissio*) e reintegração na comunidade. Acerca do termo na disciplina eclesiástica, veja-se J. N. D. KELLY, *Early Christian Doctrines* London / New York: Continuum, 2000⁵, p. 216-7. Para o uso dos termos – no latim e no grego – nos clássicos e

nos Padres, vejamos-se respectivas vozes nos dicionários indicados acima, p. 70, n. 5-6. Para o percurso penitencial em Cipriano, vejamos-se *Os lapsos* 28 e *ep.* 16,2 [CSEL 3,517-9].

[31] L. PIETRI, “Le resistenze...”, p. 162, tradução nossa.

[32] Cf. J. N. D. KELLY *op. cit.*, p. 217-8.

[33] Cf. *ep.* 15,4 e 27 [CSEL 3,520 e 540-4].

[34] Veja-se, na “Introdução Geral”, acima, p. 14 e 16.

[35] Embora rigoristas tampouco fossem novidade na Igreja, sendo contados entre esses personagens como Hipólito, Tertuliano e Orígenes, na questão dos lapsos, a presença de Délio, seu número não foi expressivo, mas não por isso poderia ser ignorado, e não seria a presença de Délio que essa atitude não foi mar neste período foram, por exemplo, Marciano de Arles e Fábio de Antioquia, influenciados – direta ou indiretamente – pelo romano Novaciano.

[36] Cf. *ep.* 18; 19; 26 [CSEL 3,523-4; 525-6; 539-40].

[37] *ep.* 18,1 [CSEL 3,523-4]. Em Roma, durante a Sé Vacante entre a morte de Fabiano e a eleição de Cornélio, o clero romano adotou o mesmo procedimento, confirmado pelo Concílio Romano de 251, sob presidência do já eleito Cornélio.

[38] Cf. *ep.* 52,1-2 [CSEL 3,616-9]. A descrição que aqui fazemos talvez não dê uma precisa imagem da situação; poder-se-ia pensar em meras divisões de tipo “partidário” em debates teóricos acerca de uma mesma questão. Todavia, Cipriano informa-nos que as divisões acarretaram verdadeira violência, com, por exemplo, lapsos intimidando fisicamente a autoridade eclesiástica e obrigando-a a readmiti-los (cf. *ep.* 27,3 [CSEL 3,542-4]). Houve lapsos que arrogantemente – e como que negligenciando a própria condição de ramos autoexcluídos da árvore e usurpando o governo da Igreja – consideraram-se porta-vozes desta (cf. *ep.* 33,1 [CSEL 3,566-7]).

[39] Novato, que assumiu a liderança dos opositores de Cipriano, e, sem ordenação episcopal, promoveu a ordenação diaconal de Felicíssimo, é figura ambígua. Primeiramente lidera o grupo laxista; em seguida, sendo “substituído” por Felicíssimo e sem o apoio de Cornélio, recém-ordenado bispo de Roma, dirige-se à Sé romana e apoia a ordenação episcopal do rigorista Novaciano para a mesma sede e em oposição a Cornélio.

[40] Cf. *ep.* 41 [CSEL 3,587-9] e 43,2-3 [591-2]. Felicíssimo reagiu à confirmação conciliar (251) de sua excomunhão promovendo Fortunato, outro do grupo, ao episcopado com o apoio de bispos apóstatas (cf. *ep.* 59,9-10 [CSEL 3,676-8]).

[41] Cf. *ep.* 49 e 50 (de Cornélio, conservadas entre as de Cipriano).

[42] “Prometido” cerca de um ano antes (cf. *ep.* 14,4 e 17,3 [CSEL 3,512-3 e 522-3]). Trata-se do primeiro de uma série de concílios cartagineses realizados sob a presidência de Cipriano e com a presença de bispos da África Proconsular, da Numídia e da Mauritânia. Esse concílio foi seguido pelos de maio de 252, do fim de 253, do fim de 254, de 255, da primavera de 256, e de 1º de setembro de 256, os quatro primeiros trataram dos lapsos, os três últimos da questão do batismo administrado por cismáticos e hereges. O Concílio de Cartago de 252 voltou à questão dos lapsos: sob temor de que o Imperador Galo instaurasse uma nova perseguição, aos lapsos *libellatici* que se mantiveram em penitência foi concedido o perdão, para que pudessem melhor preparar-se para o combate (cf. *ep.* 57,1 [CSEL 3,650-1]). Ainda sob temor de perseguição futura, também o concílio de 253 voltou à questão dos lapsos e, desta vez, concedeu o perdão também aos *sacrificati*. Sobre *sacrificatie libellatici*, veja-se, abaixo, p. 82-3.

[43] Cf. *ep.* 48,2 [CSEL 3,606-7].

[44] Envio e recepção de emissários de uma e outra delegação evidenciam que o concílio deve ter tido longa duração (ou que foi realizado em duas sessões; cf. P. MONCEAUX, *Histoire littéraire de l'Afrique chrétienne* Paris: Leroux, 1902, vol. 2, p. 43-4). Novaciano enviou delegações também à Gália e à Síria, e, onde não teve apoio, fez com que partidários seus assumissem episcopados paralelos; cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *História Eclesiástica* 6,43 [PatrPaulus 15, 2000, 333-9].

[45] Cf. *ep.* 44,1 [CSEL 3,597-8].

[46] Entre eles, Privato, bispo deposto de Lambese (*Colonia Lambesitana*) por noventa bispos no tempo de Donato, predecessor de Cipriano. Não tendo estado diretamente, portanto, ligado ao cisma em torno aos lapsos, é

provável que sua participação na ordenação episcopal de Fortunato tenha sido motivada por vingança contra a sede de Cartago, que se recusou, no concílio de 251, a acolher seus “muitos e graves erros” (*ep.* 59,10 [CSEL 3,677-8]).

[47] Depois da consagração cismática de Fortunato, Felicíssimo levou, sem êxito, a Roma uma falsa carta da comunidade de Cartago, que comunicava que Fortunato tinha sido eleito e consagrado legitimamente (cf. *ep.* 59 [CSEL 3,666-91]).

[48] Cf. *ep.* 59,9 [CSEL 3,676-7]. Máximo, mais tarde, arrependido, pede a Roma para ser reintegrado na Igreja e é acolhido por Cornélio.

[49] Via de regra, grupos cismáticos são extremistas. Normalmente se recusam a aceitar decisões conciliares e estabelecem uma própria e paralela à oficial, costumam enganar os fiéis sob seus cuidados e arrastá-los consigo ao cisma, além de, comumente, serem motivados mais por interesses pessoais que doutrinários.

[50] Cf. *ep.* 15 [CSEL 3,513-6].

[51] Cf. *ep.* 55 [CSEL 3,624-48]. Mesmo se não nos é possível “ouvir” o que os lapsos possam ter alegado em seu favor, talvez se possa colher na moderação de Cipriano as distintas “motivações” por trás de seu cedimento, pois foram ouvidos pelo Bispo e cada caso foi examinado individualmente; cf. *ep.* 17,3 [CSEL 3,522-3].

Os lapsos - Texto

[*] Tradução de Antonio Marchionni da edição crítica de M. Bévenot (CCL 3,221-42).

[1] *Penas da propriedade* o confisco dos bens. *Penas do corpo* a tortura.

[2] Cf. “Introdução”, p. 72-3.

[3] Provável referência à própria fuga. Igualmente abaixo, ao final do parágrafo 10, onde Cipriano fala da fuga – da própria e, seguramente, de outros – como providencial.

[4] Sl 89(88),31-33.

[5] Dt 6,13.

[6] Is 2,8ss.

[7] Ex 22,19.

[8] Isto é, o batismo, e – talvez – também a Eucaristia (cf. parágrafo 25), cuja administração a criancinhas já seria comum.

[9] Is 52,11.

[10] Ap 18,4.

[11] Mt 19,21.

[12] 1Tm 6,9.10.

[13] Lc 18,19ss.

[14] Lc 6,22ss.

[15] Alusão a dois momentos na perseguição: mais brando o primeiro, mais violento o segundo.

[16] Is 3,12.

[17] Ap 3,19.

[18] Lv 7,19s.

[19] 1Cor 10,20.

[20] 1Cor 11,27.

[21] Ap 2,5.

[22] Jr 17,5.

[23] Ap 6,10.

[24] Ex 32,31-33.

[25] Jr 1,5.

[26] Jr 11,14.

[27] Ez 14,13.14.

[28] Mt 10,32.33.

[29] Is 42,24.25.

[30] Is 59,1.2.

[31] Isto é, tinha se servido de comida sacrificada aos deuses.

[32] A Eucaristia.

[33] Celebrar a Eucaristia.

[34] O pão eucarístico.

[35] Espécie de *teca*. Era possível levar a sagrada Eucaristia para os familiares impossibilitados de frequentar as celebrações.

[36] A Eucaristia era recebida nas próprias mãos.

[37] Cf. “Introdução”, p. 83.

[38] Mt 6,24.

[39] Sl 139(138),16.

[40] 1Sm 16,7.

[41] Ap 2,23.

[42] Jr 23,23.24.

[43] Gl 6,7.

[44] Mc 8,38.

[45] Mc 8,38.

[46] Lv 19,27.

[47] Dn 3,25.

[48] Dn 9,4-7.

[49] Is 29,10.

[50] 2Ts 2,10-12.

[51] Is 30,15.

[52] Ez 18,32.

[53] Jl 2,13.

A unidade da Igreja católica - Introdução

[*] A introdução – aqui editada – e a tradução que a segue foram publicadas na Revista de Cultura *Ordem*, Centro Dom Vital, edição 2, volume 39, fevereiro de 1948, p. 21[103]-46[128].

[1] Encíclica de Pio XII, publicada em 1943, sobre a Igreja e suas dimensões visível e invisível.

[2] Concílio Vaticano II. Constituição Dogmática sobre a Igreja, trata de sua estrutura e constituição, como instituição e como corpo místico de Cristo.

[3] *A unidade da Igreja*14.

[4] *A unidade da Igreja*6.

[5] *A unidade da Igreja*7.

[6] Cf. Jo 19,23-24.

[7] Cf. 1Rs 11,31-32.

[8] *A unidade da Igreja*7.

[9] *A unidade da Igreja*8.

[10] Jo 10,16.

[11] Cf. Js 2,18-19.

[12] Cf. Ex 12,46.

[13] Mt 10,16.

[14] Cf. Gn 8,11.

[15] Cf. Lc 3,22.

[16] PEDRO CRISÓLOGO, *s.* 160 [PL 52,621B].

[17] Cf. *Dictionnaire d'archéologie chrétienne et de liturgie* vol. 3, Paris: Letouzey & Ané, 1913, *sub voce* “Colombe”.

[18] Cf. *Diálogos*2,34, Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1986, p. 109.

[19] Manuscrito 43 do Capítulo de Cracóvia, atribuível ao monge Aarão de Auxerre, em *Revue Bénédictine*49 (1937) 85.

[20] Cf. CSEL 3, LXIII-LXIV.

[21] “Les Interpolations dans le traité de S. Cyprien sur l’Unité de l’Église”, *Revue Bénédictine*19 (1902) 246-54 e 357-73; *Ibid.*, 20 (1903) 26-51; *Id.*, “The Order of the Treatises and Letters in the Manuscripts of St. Cyprian”, *Journal of Theological Studies*4 (1902-1903), 103-23.

[22] *Primitive Catholicism* London: Longmans, 1911, p. 366ss., cujo original francês foi publicado em 1909.

[23] “La Double Édition du *De Unitate* de S. Cyprien”, *Revue d'Histoire Ecclesiastique*29 (1933) 5-24.

[24] M. BÉVENOT, *St. Cyprian's De Unitate: Chapter 4 in Light of the Manuscripts*, London: Burns, Oates & Washbournse, 1938; *Id.* “*Primatus Petro Datur* St. Cyprian on the Papacy”, *Journal of Theological Studies*5 (1954) 19-35.

A unidade da Igreja católica - Texto

[*] Tradução realizada a partir da edição crítica de W. Hartel (CSEL 3) e revisada conforme a mais recente edição crítica de M. Bévenot (CCL 3,249-68).

[1] Mt 4,13.

[2] Cf. Mt 10,16.

[3] Cf. Rm 13,14.

[4] 1Cor 1,24.

[5] Cf. Gn 3,1-5.

[6] Cf. Mt 4,1-11.

[7] Mt 19,17.

[8] Jo 15,14-15.

[9] Mt 7,24-25.

[10] Cf. Lc 2,30-32.

[11] Cf. Mt 11,5.

[12] Cf. 2Cor 11,14.

[13] Mt 16,18-19.

[14] No início e no fim dos parágrafos: PT = *Primatus Textus*; TR: *Textus Receptus* Cf., acima, p. 126-8.

[15] Jo 21,15.

[16] Jo 20,21-23.

[17] Ct 6,9.

[18] Ef 4,4-6.

[19] Mt 12,30.

[20] Jo 10,30.

[21] 1Jo 5,7.

[22] Jo 19,23-24.

[23] 1Rs 11,31-32.

[24] Jo 10,16.

[25] 1Cor 1,10.

[26] Ef 4,2-3.

[27] Js 2,18-19.

[28] Ex 12,46.

[29] Sl 68(67),7.

[30] Cf. Mt 3,16; Mc 1,10; Jo 1,32.

[31] 1Jo 2,19.

[32] 1Cor 11,19.

[33] Cf. Sl 1,1.

[34] Jr 23,16-17.21-22.

- [35] Jr 2,13.
[36] Mt 18,20.
[37] Mt 18,19-20.
[38] Cf. Dn 3,49.
[39] Cf. Dn 3,50.
[40] Cf. At 5,18-19.
[41] Cf. At 5,20-21.
[42] Mt 18,20.
[43] Mc 11,25.
[44] Cf. Mt 5,23-24.
[45] Cf. Gn 4,4-5.
[46] 1Cor 13,2-5; 7-8.
[47] Jo 15,12.
[48] 1Jo 4,16.
[49] Mc 13,6.
[50] Mt 7,22-23.
[51] Mc 12,29; Mt 22,40.
[52] 2Tm 3,1-9.
[53] Mc 13,23.
[54] Eclo 28,24, conforme a *Vulgata*.
[55] 1Cor 15,33.
[56] Mt 15,14.
[57] Cf. Tt 3,11.
[58] Cf. Nm 16,8-11.
[59] Cf. Nm 16,27-35.
[60] Cf. 2Cr 26,16-20.
[61] Cf. Lv 10,1-2; Nm 3,4.

[62] Mc 7,9.
[63] Ap 3,11.
[64] Mt 10,22.
[65] Lc 12,48.
[66] Lc 18,14.
[67] Cf. 1Cor 1,24.
[68] Cf. Fl 2,6-10.
[69] Cf. Mt 10,2-4; Mc 3,14-19; Lc 6,13-16.
[70] Rm 3,3-4.
[71] A Igreja.

- [72] 2Ts 3,6.
- [73] Ef 5,6-7.
- [74] Cf. Ef 4,4-6.
- [75] Sl 34(33),13-15.
- [76] Jo 14,27.
- [77] Mt 5,9.
- [78] At 4,32.
- [79] At 1,14.
- [80] Cf. Mt 19,21.
- [81] Lc 18,8.
- [82] Lc 12,35-37.

A oração do Senhor - Introdução

[*] A introdução – editada para publicação nesta coleção – e a tradução que a segue foram publicadas na Revista de Cultura *A Ordem* do Centro Dom Vital, RJ, edição 121, outubro de 1942, p. 316[36]-348[68].

[1] AGOSTINHO, s.311,3 [PL 38,1415].

[2] *Idem*

[3] Acima, p. 13-38.

[4] Cf. 1Cor 1,18-23.

[5] Mt 5,37.

[6] AGOSTINHO, s.312,6 [PL 38,1422].

[7] Depois, cerca de cinquenta anos, do *De oratione* de Tertuliano, que poderia ser usado por algum “catequista” ainda nos dias da conversão de São Cipriano.

[8] Abaixo, respectivamente, p. 215ss. e 247ss.

[9] Isto é, há não grande distância de tempo de *De lapsis* de *De unitate ecclesiae* São Cipriano, ainda que não acene à questão dos lapsos, parece ter presente o momento delicado de que saíram há não muito tempo e entrever algum possível risco de perseguição para a comunidade, que reza por seu próprio fortalecimento e unidade (cf. 18). A paz do momento é instável, o Império sofre ainda graves problemas, o futuro é imprevisível. A oração, portanto, e mais especificamente o Pai-Nosso, está ligada à vida quotidiana da Igreja.

[10] Aliás, foi composto como uma catequese pós-batismal, para aqueles que, nos oito dias seguintes ao batismo no Sábado Santo, eram instruídos nas realidades fundamentais de sua fé e de como vivê-las.

[11] Estruturalmente, o opúsculo tem três partes: introdução (1-6), comentário ao Pai-Nosso (7-28) e observações práticas conclusivas (29-36). Na introdução, há uma importante associação entre a oração e a vinda de Jesus, o Filho, como verdade divina (1-3). Assim, a oração, algo que exige reverência interna e externa (4-6), tem seu fundamento em Deus mesmo. No comentário ao Pai-Nosso, depois de indicar a própria *Oração do Senhor* (7), e como e porquê nos dirigimos a Deus como Pai-Nosso (8-11), são comentados, pedido por pedido, todas as sete invocações em que essa oração é dividida (12-28). Nas observações conclusivas, somos exortados a imitar o Cristo vigilante em oração (29), em unidade (31), com caridade (33) e em horários privilegiados (34-35).

[12] “*Elevatio mentis ad Deum*” (*De oratione* 35 [PG 79,1174D]).

[13] A. STOLZ, *Théologie de la Mystique*, Chevetogne: Bénédictins d’Amay, 1939, p. 120.

[14] *De oratione* 87, tradução nossa; o original encontra-se em PG 79,1186C.

[15] *A oração do Senhor* 9.

[16] Lc 11,1.

[17] Lc 11,2; *A oração do Senhor* 7.

[18] *A oração do Senhor* 8. Veja-se também *ibid.* 30.

[19] O plural (*nós/nosso*) identifica precisamente o povo de Deus, sua Igreja; e caracteriza “todas as orações que determinam os principais momentos da ação litúrgica”. Inclusive a oferta dos dons que serão o corpo e o sangue de Cristo não é obra exclusiva do sacerdote, mas de todo o povo santo de Deus, e destina-se a todo esse povo, que suplica o pão quotidiano, pelo qual e em nome do qual se elevam as súplicas a Deus (J.-A. JUNGMAN, “L’Église dans la vie religieuse d’aujourd’hui”, em P. CHAILLET *et al.* (éd.), *L’Église est une. Hommage à M. Moeller*, Paris: Boud & Gay, 1939, p. 334-48).

[20] *A oração do Senhor* 4.

[21] Certa insistência sobre a unidade (cf., por exemplo, *A oração do Senhor* 8; 24; 30) faz pensar que a obra tenha sido composta imediatamente depois do *De unitate ecclesiae* isto é, entre o final de 251 e o início de 252.

[22] *A unidade da Igreja* 5.

- [23] *A oração do Senhor*8.
- [24] *A unidade da Igreja*6.
- [25] *A unidade da Igreja*5.
- [26] *A oração do Senhor*2.
- [27] *Idem*
- [28] Cf. *Idem*
- [29] Cf. *A oração do Senhor*34-35.
- [30] SI 33(32),9, c onforme a *Vulgata*.
- [31] Por isso também são fundamentais as ações que acompanham a oração (cf. *A oração do Senhor*32-33). Orar implica um modo de vida condizente com a oração que se eleva a Deus. De resto, para São Cipriano, a perseguição de que a comunidade saiu não muito tempo depois tinha tido suas causas no mau comportamento de fiéis e do clero (cf. *Os lapsos*5-6).
- [32] Cf. Is 6,2-3.
- [33] SI 138(137),1.
- [34] Ef 5,18-19.
- [35] *Contra Maximinum arrianorum episcopum*2,13,2 [PL 42,770].
- [36] Salmos, hinos e cânticos espirituais; cf. Ef 5,19.
- [37] “Buscai a plenitude do Espírito”; Ef 5,18.
- [38] “Louvando ao Senhor em vossos corações”; Ef 5,19. Veja-se também AGOSTINHO, *sc.* 219 [PL 38,1088]: “Vigiemos, pois, e oremos, para que celebremos esta vigília interna e externamente. Deus nos fala em suas palavras (*in lectionibus suis*); a Deus falemos em nossas preces. Se obedientes ouvirmos suas palavras, em nós habita aquele a quem rezamos.”
- [39] *A oração do Senhor*2.
- [40] *A oração do Senhor*3.
- [41] *A oração do Senhor*4.
- [42] PL 38,380.
- [43] SI 22(21),2.
- [44] Jr 1,9.

A oração do Senhor - Texto

[*] Realizada a partir da edição de W. Hartel, esta tradução foi revisada conforme a mais recente edição crítica de C. Moreschini (CCL 3A,90-113).

[1] Cf. Jo 4,21-24.

[2] Mc 7,9.

[3] Cf. 1Jo 2,1.

[4] Cf. Jo 16,23.

[5] Cf. Mt 6,5-6.

[6] Jr 23,23-24.

[7] Pr 15,3.

[8] Mt 9,4.

[9] Ap 2,23.

[10] 1Sm 1,13.

[11] Sl 4,5.

[12] Br 6,5.

[13] Lc 18,10-14.

[14] Mt 6,9-13.

[15] Dn 3,51.

[16] At 1,14.

[17] Sl 68(67),7.

[18] Jo 1,11-12.

[19] Dt 33,9.

[20] Cf. Mt 23,9.

[21] Mt 8,22.

[22] Jo 8,44.

[23] Is 1,2-4.

[24] Jo 8,34-35.

[25] 1Sm 2,30.

[26] 1Cor 6,19-20.

[27] Lv 19,2; 1Pd 1,16.

[28] 1Cor 6,9-11.

[29] Cf. Jo 5,14.

[30] Mt 25,34.

[31] Mt 8,11-12.

[32] Mt 26,39.

[33] Mt 26,39.

[34] Jo 6,38.

- [35] 1Jo 2,15-17.
[36] Gl 5,17-23.
[37] Cf. Mt 5,13.
[38] Cf. 1Cor 15,47.
[39] Mt 5,45.
[40] Possível alusão às perseguições e à tentação de negar a própria fé.
[41] Jo 6,51.
[42] Jo 6,53.
[43] Lc 14,33.
[44] Mt 6,34.
[45] 1Tm 6,7-10.
[46] Lc 12,20.
[47] Cf. Lc 12,33.
[48] Pr 10,3.
[49] Sl 37(36),25.
[50] Mt 6,31-33.
[51] Cf. Dn 14,31-38.
[52] Cf. 1Rs 17,6.
[53] Mt 18,32.
[54] 1Jo 1,8-9.
[55] Mt 7,2.
[56] Cf. Mt 18,23-34.
[57] Mc 11,25-26.
[58] Cf. Gn 4,3-5.
[59] 1Jo 3,15.
[60] 2Rs 24,11.
[61] Is 42,24.
[62] 1Rs 11,14.
[63] Jó 1,12.
[64] Jo 19,11.
[65] Mt 26,41.
[66] Is 10,22.
[67] Jo 17,3.
[68] Mt 22,37-40.
[69] Mt 7,12.
[70] Mc 1,35.
[71] Lc 6,12.

- [72] Lc 22,31.
[73] Jo 17,20.
[74] Ct 5,2.
[75] Cl 4,2.
[76] Cf. Mt 7,19.
[77] Tb 12,8.
[78] At 10,4.
[79] Tb 12-11-15.
[80] Is 58,6-9.
[81] Fl 4,18.
[82] Respectivamente, 9h, 12h, 15h.
[83] Cf. At 2,1-4.
[84] Cf. At 10,1-45.
[85] Cf. Mc 15,25 e respectiva nota na *Bíblia de Jerusalém*
[86] Sl 5,3-4.
[87] Os 6,1.
[88] Sl 118(117),22-24.
[89] Ml 3,2.
[90] Lc 2,37.

A mortalidade - Introdução

[*] A introdução – aqui editada – e a tradução que a segue foram publicadas na Revista de Cultura *Ordem* do Centro Dom Vital, RJ, edição 121, novembro de 1941, p. 419[39]-442[62].

[1] Data de composição deste opúsculo.

[2] Mt 5,45.

[3] Que sintetizam o que encontraremos no núcleo do *De mortalitate*(3-21).

[4] 1Jo 2,15-16.

[5] Rm 5,12.

[6] 2Ts 2,7.

[7] 1,21.

A mortalidade - Texto

[*] Obra traduzida da edição de W. Hartel (CSEL 3) e revisada a partir da mais recente edição crítica de M. Simonetti (CCL 3A,17-31).

[1] Lc 21,31.

[2] Rm 1,17

[3] Cf. Lc 2,25-28.

[4] Lc 2,29-30.

[5] Cf. Rm 12,14.

[6] Cf. Mt 5,34.36.

[7] Jo 16,20.

[8] Jo 16,22.

[9] Jo 14,28.

[10] Fl 1,21.

[11] Eclo 2,1.

[12] Eclo 2,4-5.

[13] Jó 1,21.

[14] Jó 2,10.

[15] Jó 2,3.

[16] Tb 2,14.

[17] Tb 12,11-15.

[18] Nm 17,25.

[19] Sl 51(50),19.

[20] Dt 8,2-3.

[21] Dt 13,4.

[22] Cf. Gn 22,1-12.

[23] 2Cor 12,7-9.

[24] Eclo 27,5.

[25] Cf. Mt 25,7-12.

[26] Confessor e mártir são termos sinônimos. Ambos designam o que deu testemunho e, no nosso caso, o que deu testemunho de Cristo. A Igreja, posteriormente, reservou o nome de mártir para os que deram o testemunho até o sangue, ficando o de confessor para os demais santos. Para Cipriano, as palavras aparecem frequentemente como sinônimos. Outras vezes, o nome de confessor é atribuído, particularmente, aos que deram o testemunho público do Cristo, diante do governo, mas não sofreram a morte, seja porque ainda a esperem na prisão, seja porque tenham sido libertados a despeito de permanecerem no testemunho.

[27] Cf. Gn 4,3-7.

[28] Ap 2,23.

[29] Cf. Mt 6,10.

[30] 1Ts 4,13-14.

[31] Jo 11,25-26.

[32] Fl 3,20-21.

[33] Jo 17,24.

[34] Gn 5,24.

[35] Sb 4,11.14.

[36] Sl 84(83),2-3.

[37] 1Jo 11-17.

As boas obras e a esmola - Introdução

[*] A introdução – editada para esta coleção – e a tradução que a segue foram publicadas na Revista de Cultura *Ordem*, do Centro Dom Vital, RJ, edição 116, maio de 1942, p. 423[49]-449[75].

[1] Jo 7,39.

[2] Cf. “Notae editionis Oxoniensis”, *apud* PL 4,1295.

[3] 1Cor 12,12.27.

[4] *In Iohannis evangelium tractatus* 28,1 [CCL 36,277].

[5] Mt 25,40.

[6] 1Jo 4,20.

[7] Mt 22,37-39.

[8] Rm 13,10.

[9] 1Jo 4,8.16.

[10] Entendemos a palavra “sacramento” não no sentido técnico teológico em que designa os sete sacramentos, mas no sentido que tinha na Antiguidade Cristã.

[11] 1Jo 3, 17-18.

[12] 1Cor 13,3.

[13] 1Cor 1,23.

[14] 4,32.

As boas obras e a esmola - Texto

[*] Tradução realizada a partir da edição de W. Hartel (CSEL 3) e revisada a partir da mais recente edição crítica de M. Simonetti (CCL 3A,55-72).

[1] Cf. Jo 5,14.

[2] Pr 16,6.

[3] Eclo 3,33.

[4] Lc 11,40-41.

[5] Pr 20,9.

[6] 1Jo 1,8.

[7] Is 58,1.

[8] Is 58,7-9.

[9] Eclo 29,12.

[10] Pr 21,13.

[11] Sl 41(40),2.

[12] Dn 4,24.

[13] Tb 12,8.

[14] Cf. At 9,36-38.

[15] Cf. At 9,39.

[16] At 9,39-40.

[17] Cf. Jo 14,14.

[18] Is 12,33.

[19] Mt 6,19-21.

[20] Mt 19,21.

[21] Mt 13,45.

[22] Lc 19,8-9.

[23] Cf. Rm 4,3ss.

[24] Lc 11,12.

[25] Pr 28,27.

[26] 2Cor 9,10.

[27] 2Cor 9,12.

[28] Mt 6,31.

[29] 1Tm 6,7-10.

[30] Pr 10,3.

[31] Cf. 1Rs 17,6.

[32] Cf. Dn 14,31-38.

[33] Mt 6,26.

[34] Isto é, na Igreja.

- [35] Cf. Lc 16,9.
- [36] Lc 16,14.
- [37] Lc 12,10.
- [38] Ap 3,17-18.
- [39] Lc 21,3.
- [40] Mt 10,37.
- [41] Dt 33,9.
- [42] 1Jo 3,17.
- [43] Cf. 1Rs 17,7ss.
- [44] 1Rs 17,14.
- [45] Jó 1,2.5.
- [46] Sl 37(36),25-26.
- [47] Pr 20,7.
- [48] Tb 14,8.
- [49] Tb 4,5-11.
- [50] Mt 25,31-46.
- [51] Gl 6,10.9.
- [52] At 4,32.

O bem da paciência - Introdução

[*] A introdução – aqui editada – e a tradução que a segue foram publicadas na Revista de Cultura *Ordem* do Centro Dom Vital, RJ, edição 134, ano 24, vol. 31, janeiro/fevereiro de 1944, p. 120[122]-144[146].

[1] “A paciência é um suportar voluntária e constantemente tudo aquilo que é árduo e difícil” (*De inventionē* 2,163 [LCL 386,330]).

[2] Veja “Introdução Geral”, p. 28.

[3] 1Cor 15,54.

[4] Ef 1,22-23.

[5] Cl 2,20.

[6] Cl 3,1.

[7] Cl 2,7.

[8] Cf. Gl 3,27.

[9] Fl 1,21: “para mim, o viver é Cristo”.

[10] Cl 3,11.

[11] Cl 1,24.

[12] Rm 6,5.

[13] Rm 6,8.

[14] 2Cor 1,5.7.

[15] Fl 3,10-11.

[16] 1Pd 4,13.

[17] Mt 5,5.

[18] Cf. Lc 12,49.

O bem da paciência - Texto

[*] Realizada a partir da edição de W. Hartel (CSEL 3), esta tradução foi revisada conforme a mais recente edição crítica de C. Moreschini (CCL 3A,118-33).

[1] Is 29,14.

[2] Cl 2,8-9.

[3] 1Cor 3,18-20

[4] *Peito descoberto e seminu* referência a comum representação dos filósofos cínicos, particularmente de Diógenes de Sinope.

[5] Ez 33,11.

[6] Jl 2,13.

[7] Rm 2,4-6.

[8] Mt 5,43-48.

[9] 1Jo 2,6.

[10] 1Pd 2,21-23.

[11] Gn 3,17-19.

[12] Jo 16,33.

[13] Mt 10,22.

[14] Jo 8,31-32.

[15] Rm 8,24-25.

[16] Gl 6,10.9.

[17] Ez 33,12.

[18] Ap 3,11.

[19] 1Cor 13,4-7.

[20] Ef 4,3.2.

[21] Cf. Mt 5,34ss.

[22] Cf. Rm 12,14.

[23] Cf. Lc 6,29.

[24] Cf. Mt 18,22.

[25] Cf. Mt 5,44.

[26] At 7,58-59.

[27] At 7,60.

[28] Ef 4,30-31.

[29] Cf. 1Ts 5,15.

[30] Cf. 1Jo 3,15.

[31] Ecl 2,4-5.

[32] Cf. Jó 1-2.

[33] Cf. Gn 3,12.

[34] Cf. Tb 2,3-10.

[35] Cf. Tb 3,5-6.16-17.

[36] Cf. Gn 2,16-17; 3,1.6ss.

[37] Cf. Gn 4,3ss.

[38] Cf. Gn 25,29ss.

[39] Cf. Ex 32,1ss.

[40] Sf 3,8.

[41] Ap 22,10-12.

[42] Ap 6,9-11.

[43] Ml 3,19.

[44] Sl 50(49),3-6.

[45] Is 66,15.

[46] Is 42,13-14.

[47] Cf. Is 53,7.

[48] Cf. Is 42,2.

[49] Cf. Mc 15,15; 14,65.

[50] Cf. Mc 14,60-61; Mt 27,12-14.

[51] Ap 22,9.

Hildegarda de Bingen

Scivias

(Scito Vias Domini)
Conhece os caminhos do Senhor



Scivias

de Bingen, Hildegarda

9788534946025

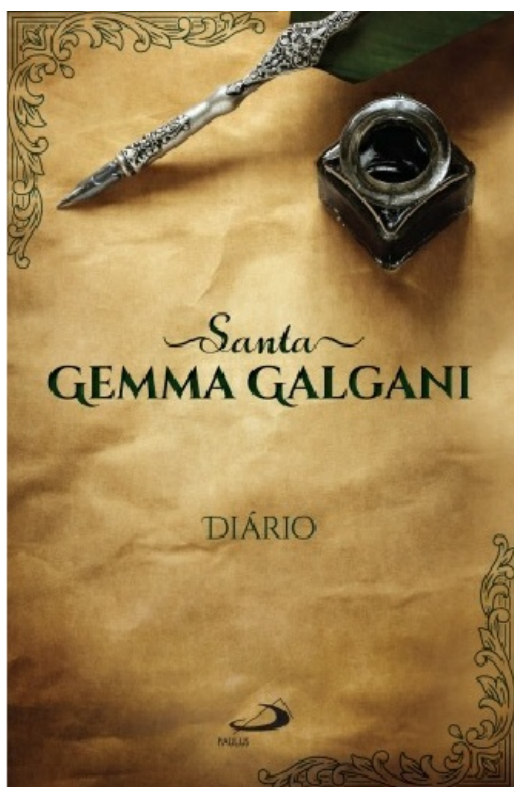
776 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No final de Scivias,

encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de *Ordo virtutum*, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

[Compre agora e leia](#)



Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente; 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

[Compre agora e leia](#)



DOCAT

Vv.Aa.

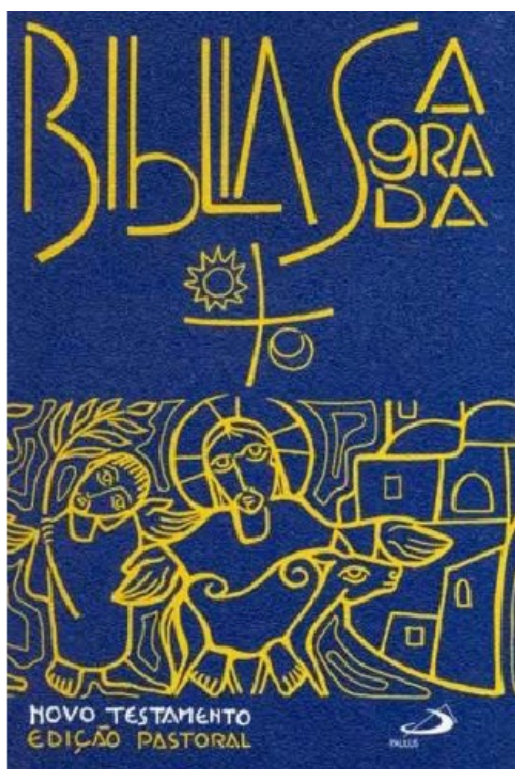
9788534945059

320 páginas

~~[Compre agora e leia](#)~~

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

[Compre agora e leia](#)



Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

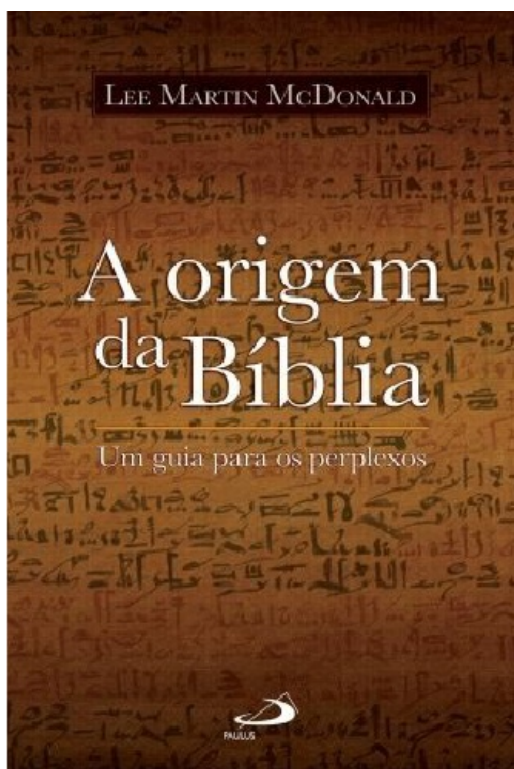
9788534945226

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

[Compre agora e leia](#)



A srcem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

~~[Compre agora e leia](#)~~

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

[Compre agora e leia](#)

Índice

Rosto	2
Apresentação	5
Dedicatória	8
Siglas e abreviações	10 ⁹
Cipriano de Cartago e Vida	14
Posteridade, obra e pensamento do Doutor suavíssimo	23
Conduta virgens	23
Introdução	23
Texto	27
lapso	42
Introdução	42
Texto	49
Unidade da Igreja Católica	72
Introdução	72
Texto	77
Ação do Senhor	95
Introdução	95
Texto	104
Mortalidade	127
Introdução	127
Texto	134
Alas e bras mola	145
Introdução	145
Texto	150
Comunidade	167
Introdução	167
Texto	173
Coleção Patrística	193
Ficha catalográfica	195
Notas	197

